

O QUE PENSO DA CONSCIENCIOLOGIA



FLÁVIO AMARAL

O que penso da conscienciologia

3ª edição ampliada

Flávio Amaral

2023

O que penso da conscienciologia

Autor: Flávio Amaral

1ª edição: 2015

2ª edição ampliada: 2020

3ª edição ampliada: 2023

[Esta edição é parte do esforço do autor para disponibilizar gratuitamente seus textos em plataformas como Archive.org e Research Gate. É livre sua distribuição e reprodução. Qualquer contribuição no sentido de divulgar ou disponibilizar o material em outros canais ou formatos é bem-vinda. Doações para este e futuros projetos podem ser feitas via PIX através das mesmas chaves que o leitor pode usar para entrar em contato com o autor: telefone (48)99105-3080 ou e-mail flavio.ferreira.amaral@gmail.com]

Sumário

Apresentação desta edição.....	32
A História da Conscienciologia revisitada.....	35
Para onde vai a Conscienciologia?.....	59
Pseudocientificidade em conscienciologia.....	65
Minha primeira experiência fora do corpo.....	95
Dentro dos muros de uma ideologia libertária.....	110
Somos semelhantes nas diferenças!.....	122
A missão multi-reencarnatória de Waldo Vieira.....	128
Resenha do livro <i>Zéfiro</i>	135
Apresentação da Segunda Edição.....	137
Capítulo 1.....	147
Capítulo 2.....	155
Capítulo 3.....	161
Capítulo 4.....	169
Capítulo 5.....	177
Capítulo 6.....	185
Capítulo 7.....	189
Capítulo 8.....	197
Capítulo 9.....	207
Capítulo 10.....	213
Capítulo 11.....	221
Capítulo 12.....	225
Capítulo 13.....	229
Capítulo 14.....	235
Capítulo 15.....	241
Capítulo 16.....	247
Capítulo 17.....	253
Capítulo 18.....	261
Capítulo 19.....	267
Capítulo 20.....	273
Capítulo 21.....	277
Capítulo 22.....	283
Capítulo 23.....	289
Capítulo 24.....	293
Capítulo 25.....	297

Capítulo 26.....	301
Capítulo 27.....	307
Posfácio da Segunda Edição.....	311
Anexo I: Pareceres da Editares ao livro Teáticas da Invexologia...316	
Anexo II: Cartas pós-acareação.....	323
Anexo III: Resposta a F. Colpo e I. Valente.....	339
Anexo IV: Comentários aos coordenadores da Assinvéxis.....	398
Anexo V: Comentários aos coordenadores gerais da OIC.....	409

Índice de assuntos do grupo de discussão [O que penso da conscienciologia](#) (2013-2015)

Discussões sobre as instituições de conscienciologia (129)

[Anais do I CIPRO](#) . 22/07/2014

[Artigo aprovado](#) . 15/12/2014

[Artigo em Anais](#) . 05/11/2014

[Assinvéxis](#) . 21/03/2015

[AVA](#) . 13/04/2014

[AVA](#) . 24/03/2015

[Baile retrocognitivo](#) . 18/03/2015

[Baile retrocognitivo](#) . 20/03/2015

[Banana Technique](#) . 02/05/2014

[Biografia de Waldo Vieira](#) . 02/02/2014

[Blog crítico](#) . 02/08/2014

[Blog curioso](#) . 01/06/2014

[Blog independente](#) . 12/01/2014

[Bolsa para cursos](#) . 08/04/2015

[Canal de Conscienciologia](#) . 12/01/2014

[Canal independente](#) . 22/11/2014

[Candidato a Prefeito](#) . 21/01/2015

[Carta de posicionamento](#) . 10/05/2014

[Caso Flávio Amaral](#) . 19/03/2014

[Cenários futuros](#) . 26/11/2013

[Cientificidade dos artigos](#) . 12/03/2014

[Comentário de curso](#) . 18/08/2014

[Comentários apagados](#) . 30/04/2014

[Comentários apagados](#) . 30/04/2014

[Comunicado da IAC](#) . 31/03/2014

[Congresso de Conscienciologia](#) . 29/12/2014

[Congresso de Conscienciologia](#) . 20/01/2015

[Conscienciocentrismo](#) . 13/01/2014

[Conscienciólogo independente](#) . 30/12/2014

[Conscienciólogos](#) . 10/01/2014

[Conscienciólogos](#) . 12/01/2014
[Conservadorismo](#) . 19/08/2014
[Convite](#) . 08/01/2014
[Crítica a Waldo Vieira](#) . 19/09/2014
[Críticas](#) . 20/04/2015
[Curso da IAC](#) . 13/08/2014
[Curso da IAC](#) . 02/10/2014
[Curso do IIPC](#) . 04/07/2014
[Curso online](#) . 05/08/2014
[Curso online](#) . 04/02/2015
[Cursos em geral](#) . 30/04/2014
[Debate](#) . 09/03/2015
[Democracia Pura](#) . 03/01/2014
[Depoimento](#) . 06/11/2013
[Depoimento](#) . 09/11/2013
[Depoimento](#) . 27/01/2014
[Depoimento](#) . 02/04/2014
[Depoimento](#) . 17/03/2014
[Depoimento](#) . 10/07/2014
[Depoimento](#) . 16/07/2014
[Depoimento](#) . 10/09/2014
[Depoimento](#) . 01/02/2015
[Depoimento](#) . 11/02/2015
[Depoimento](#) . 28/02/2015
[Depoimento](#) . 20/04/2015
[Depoimento](#) . 21/04/2015
[Depoimento](#) . 28/04/2015
[Desciclopédia](#) . 28/07/2014
[Desligamento da IAC](#) . 24/03/2014
[Direita política](#) . 20/03/2014
[Direita política](#) . 20/12/2014
[Direita política](#) . 30/12/2014
[Dissidentes](#) . 22/07/2014
[Encontro com serenona](#) . 17/03/2014

[Entrevista](#) . 06/09/2014
[Evento da IAC](#) . 08/05/2014
[Exclusão de amizade](#) . 23/07/2014
[Ex-prefeito de Foz do Iguaçu](#) . 19/01/2014
[Fotografia](#) . 15/06/2014
[Futuro da Conscienciologia](#) . 16/02/2014
[Frases da Conscienciologia](#) . 25/11/2014
[Google Trends](#) . 16/12/2013
[Graça Razera](#) . 12/02/2015
[Grupo Voadores](#) . 01/04/2015
[Grupos virtuais](#) . 09/03/2015
[Homossexuais](#) . 07/01/2014
[Hotel da Conscienciologia](#) . 24/11/2014
[Indústria hoteleira](#) . 17/01/2014
[Journal of Conscientiology](#) . 08/09/2014
[Livro](#) . 25/08/2014
[Livro](#) . 26/08/2014
[Livro de Conscienciologia](#) . 22/02/2015
[Livro sobre EV](#) . 22/02/2015
[Livros de voluntários](#) . 03/11/2014
[Livro Zéfiro](#) . 23/04/2015
[Matéria de Jornal](#) . 20/04/2015
[Medo de Waldo Vieira](#) . 07/08/2014
[Página humorística](#) . 02/12/2014
[Palestra da IAC](#) . 24/11/2013
[Personagem](#) . 05/03/2014
[Pesquisa fMRI](#) . 22/09/2014
[Pesquisa online](#) . 07/12/2014
[Pós-graduação](#) . 09/03/2014
[Preço de curso](#) . 21/06/2014
[Proéxis](#) . 19/07/2014
[Programa de TV](#) . 29/03/2015
[Publicações científicas](#) . 13/07/2014
[Receptividade a críticas](#) . 02/09/2014

[Resenha de livro](#) . 18/11/2013
[Revista Interparadigmas](#) . 09/12/2013
[Revista Interparadigmas](#) . 30/05/2014
[Ruptura com IAC](#) . 26/03/2014
[Ruptura com IAC](#) . 28/03/2014
[Sátira](#) . 29/05/2014
[Sátira de Waldo Vieira](#) . 31/12/2013
[Sátira de Waldo Vieira](#) . 29/07/2014
[Sátira de Waldo Vieira](#) . 07/08/2014
[Saulo Calderón](#) . 06/03/2014
[Substituto de Waldo Vieira](#) . 12/08/2014
[Teáticas da Invexologia](#) . 27/02/2015
[Tertúlia sobre cétricos](#) . 31/07/2014
[Tertúlia sobre Flávio](#) . 26/08/2014
[Tertuliarium](#) . 25/01/2015
[Tertuliarium vazio](#) . 16/12/2013
[Tertuliarium vazio](#) . 16/12/2013
[Transparência financeira](#) . 08/08/2014
[Tratados](#) . 02/05/2014
[Universalismo e Conscienciologia](#) . 24/10/2014
[Uniamérica](#) . 24/04/2015
[Verbetógrafos](#) . 04/02/2014
[Voluntariado](#) . 07/04/2014
[Voluntário](#) . 06/04/2014
[Voluntários](#) . 11/01/2014
[Wagner Borges](#) . 08/08/2014
[Waldo Vieira](#) . 09/02/2014
[Waldo Vieira](#) . 19/04/2015
[Waldo Vieira](#) . 22/02/2015
[Waldo Vieira](#) . 07/04/2015
[Waldo Vieira](#) . 22/04/2015
[Website falso](#) . 16/11/2014

Discussões sobre a doutrina (129)

[Antifisiologia](#) . 16/02/2014
[Arco-voltaico](#) . 12/01/2014
[Artigo sobre livro](#) . 21/07/2014
[Artigo sobre Conscienciologia](#) . 21/07/2014
[Automegaeuforização](#) . 22/04/2015
[Bagulho energético](#) . 30/01/2014
[Banana Technique](#) . 29/12/2014
[Banana Technique](#) . 06/02/2015
[Baratrosfera](#) . 26/06/2014
[Baratrosfera](#) . 25/04/2015
[Benefícios da Conscienciologia](#) . 30/04/2015
[Bibliotecas](#) . 11/08/2014
[Cachoeira](#) . 12/03/2014
[Chamada de trabalhos](#) . 15/10/2014
[Cientificidade da Conscienciologia](#) . 13/08/2014
[Comentário](#) . 11/08/2014
[Comunidade extrafísica](#) . 26/01/2014
[Conscienciologia](#) . 08/11/2013
[Conscienciologia](#) . 18/03/2014
[Conscienciologia](#) . 19/04/2015
[Conscienciologia](#) . 23/04/2015
[Conscienciologia](#) . 28/04/2015
[Conscienciologia é ciência?](#) . 26/11/2013
[Conscienciologia é religiosa?](#) . 18/12/2013
[Conscienciologismo](#) . 28/04/2015
[Constructos evitáveis](#) . 06/11/2013
[Cosmograma](#) . 16/06/2014
[Debate sobre Projeciologia](#) . 23/07/2014
[Definições](#) . 18/01/2014
[Desassédio](#) . 08/01/2014
[Dicionário de Argumentos](#) . 11/02/2015
[Discordância](#) . 09/01/2015
[Dupla evolutiva](#) . 27/02/2014

[Dupla evolutiva](#) . 25/02/2015
[Escala Evolutiva](#) . 04/02/2014
[Escopo da Conscienciologia](#) . 18/01/2014
[Estado vibracional](#) . 02/11/2013
[Estado vibracional](#) . 16/07/2014
[Frase favorita](#) . 12/12/2014
[Gurulatria](#) . 22/10/2014
[Histórico da Projeciologia](#) . 09/11/2013
[Imobilidade física](#) . 01/02/2014
[Intermissivista](#) . 06/01/2014
[Inversão existencial](#) . 13/05/2014
[Inversor existencial](#) . 29/12/2014
[Inversores](#) . 13/03/2014
[“Jota” Cristo](#) . 15/04/2015
[Livro independente](#) . 02/05/2014
[Livro independente](#) . 27/05/2014
[Livro Nossa Evolução](#) . 26/04/2015
[Livro sobre consciência](#) . 29/04/2014
[Livro sobre EV](#) . 27/11/2014
[Livro sobre sinalética](#) . 24/04/2015
[Livros](#) . 26/04/2015
[Ludopatía](#) . 22/02/2015
[Mais Um Ano de Vida](#) . 17/01/2014
[Manual dos Megapenses](#) . 06/09/2014
[Matematização da consciência](#) . 07/03/2014
[Megaeuforização](#) . 19/11/2013
[Método conscienciológico](#) . 06/07/2014
[Minidissidência](#) . 20/11/2013
[Monetização da Conscienciologia](#) . 28/11/2014
[Outras linhas](#) . 10/02/2014
[Paracérebro rompido](#) . 24/01/2015
[Paratecnologias](#) . 13/01/2014
[Pensatas](#) . 01/02/2014
[Pensene](#) . 04/11/2013

[Pensene](#) . 07/03/2014
[Perguntas](#) . 22/01/2014
[Pesquisa](#) . 07/07/2014
[Plano mental](#) . 22/02/2015
[Proéxis](#) . 07/04/2014
[Prova da Imagística](#) . 08/11/2013
[Resenha de livro](#) . 30/11/2013
[Resenha de livro](#) . 09/02/2015
[Roteiro evolutivo](#) . 30/04/2015
[Salvacionismo](#) . 20/07/2014
[Sátira de Serenão](#) . 23/10/2014
[Ser Desperto](#) . 15/01/2014
[Ser Desperto](#) . 17/04/2015
[Serenão](#) . 24/02/2014
[Serenona](#) . 21/11/2013
[Serenões](#) . 20/03/2014
[Serenões](#) . 18/03/2015
[Tarefa da consolação](#) . 13/03/2015
[Tares e tacon](#) . 11/10/2014
[Teáticas da Invexologia](#) . 19/06/2014
[Temas de estudo](#) . 10/01/2014
[Tenepes](#) . 24/01/2014
[Tenepes](#) . 04/02/2014
[Veículos de manifestação](#) . 05/11/2013
[Veículos de manifestação](#) . 08/03/2014
[Video independente](#) . 13/12/2014
[Video independente](#) . 30/12/2014
[Video independente](#) . 31/01/2015

Discussões diversas (242)

[Abravipre](#) . 28/02/2015
[Abravipre](#) . 02/04/2015
[Abravipre](#) . 09/04/2015
[Acolhimento](#) . 29/03/2014

[Albert Einstein](#) . 04/09/2014
[Alexander Moreira](#) . 05/02/2015
[Alienígenas](#) . 03/02/2014
[Ansiedade e relaxamento](#) . 11/01/2015
[Antifisiologia](#) . 24/02/2015
[Anti-semitismo](#) . 23/04/2014
[Aparições](#) . 25/02/2015
[Apolônio versus Jesus](#) . 07/07/2014
[Armadilhas do ego](#) . 12/02/2014
[Artes](#) . 11/03/2015
[Artes](#) . 21/04/2015
[Artigo científico](#) . 09/08/2014
[Assediador](#) . 28/04/2015
[Assistência](#) . 15/01/2014
[Assistência](#) . 21/06/2014
[Assistência](#) . 21/06/2014
[Ataque extrafísico](#) . 12/09/2014
[Ayahuasca](#) . 28/03/2015
[Bertrand Russel](#) . 01/08/2014
[Blog anônimo](#) . 30/04/2015
[Bruxaria](#) . 01/02/2014
[Canal virtual](#) . 20/02/2015
[Cantadas](#) . 12/06/2014
[Carnaval](#) . 03/03/2014
[Carne](#) . 14/07/2014
[Carta de Posicionamento](#) . 26/01/2014
[Catalepsia](#) . 19/06/2014
[Catalepsia](#) . 26/12/2014
[CD promocional](#) . 28/01/2015
[Cérebro](#) . 31/07/2014
[Cético](#) . 06/03/2015
[Chacras](#) . 10/02/2014
[Chico Xavier](#) . 10/04/2015
[Ciência](#) . 12/03/2015

[Ciência e espiritualidade](#) . 19/12/2013
[Ciência e espiritualidade](#) . 29/03/2015
[Ciência e Religião](#) . 24/07/2014
[Cientologia](#) . 31/03/2015
[Comercial](#) . 21/08/2014
[Computadores](#) . 26/06/2014
[Comunicação não violenta](#) . 15/04/2014
[Comunismo](#) . 18/07/2014
[Convívio](#) . 26/04/2015
[Conexão energética](#) . 23/04/2014
[Conflito](#) . 02/04/2015
[Conformidade](#) . 12/09/2014
[Conhecimento](#) . 13/04/201513/04/2015
[Consciência](#) . 05/04/2014
[Consciência](#) . 15/04/2014
[Consciência](#) . 10/08/2014
[Copa do Mundo](#) . 08/07/2014
[Credulidade](#) . 09/04/2015
[Crente](#) . 03/04/2014
[Criacionismo](#) . 04/02/2014
[CRP](#) . 18/07/2014
[Curso](#) . 17/05/2014
[Curso de Parapsicologia](#) . 08/12/2014
[Curso sobre cabala](#) . 08/09/2014
[Curso sobre projeção](#) . 05/09/2014
[Curta-metragem](#) . 14/05/2014
[Curta-metragem](#) . 28/05/2014
[Curta-metragem](#) . 29/06/2014
[Curta-metragem](#) . 25/07/2014
[Dalai Lama](#) . 22/09/2014
[Dança](#) . 23/08/2014
[Debate](#) . 12/04/2015
[Desejo](#) . 18/04/2015
[Desejo sexual](#) . 21/11/2014

[Deus](#) . 16/04/2015
[Deus](#) . 30/04/2015
[Discernimento, maturidade e lucidez](#) . 18/01/2014
[Dogma](#) . 26/02/2015
[Doutorado](#) . 31/05/2014
[Dualidade](#) . 08/03/2014
[Ecologia](#) . 08/03/2015
[Ego](#) . 18/04/2015
[Einstein e Deus](#) . 12/08/2014
[Eletricidade estática](#) . 02/07/2014
[EQM](#) . 02/03/2015
[Estado laico](#) . 22/10/2014
[Estresse positivo](#) . 10/12/2014
[Eutanásia](#) . 14/10/2014
[Evolução](#) . 17/01/2014
[Exorcismo](#) . 09/06/2014
[Experimentalismo](#) . 05/04/2014
[Experimento científico](#) . 10/09/2014
[Experimento de clarividência](#) . 10/01/2014
[Extraterrestres](#) . 31/01/2014
[Extraterrestres](#) . 18/05/2014
[Extraterrestres](#) . 26/06/2014
[Filme *Doador de Memórias*](#) . 14/09/2014
[Filme *Doador de Memórias*](#) . 16/09/2014
[Filme *Krabat*](#) . 07/01/2015
[Filme *Waking Life*](#) . 25/04/2015
[Filmes](#) . 01/04/2014
[Filosofia](#) . 21/07/2014
[Filosofia da Índia](#) . 25/04/2015
[Filosofia de bar](#) . 11/11/2013
[Flávio Duarte](#) . 12/08/2014
[Frase](#) . 18/04/2015
[Gasparettos](#) . 13/03/2014
[Guru](#) . 04/03/2015

[Habilidades parapsíquicas](#) . 17/08/2014
[Holografia](#) . 15/03/2015
[Homeopatia](#) . 15/04/2014
[Homossexualidade](#) . 01/03/2014
[Homossexualidade](#) . 08/04/2014
[Homossexualidade](#) . 12/05/2014
[Homossexualidade](#) . 20/12/2014
[Iconoclastia](#) . 30/09/2014
[Igreja Universal](#) . 30/12/2014
[Ilusão](#) . 26/07/2014
[Imaginação](#) . 14/01/2015
[Impeachment](#) . 18/03/2015
[Infidelidade](#) . 05/03/2015
[Influência cultural](#) . 06/03/2014
[Instituto Monroe](#) . 11/08/2014
[Interior e exterior](#) . 16/08/2014
[Investigações paranormais](#) . 26/02/2014
[Irmãos Koch](#) . 17/03/2015
[Israel](#) . 29/07/2014
[Jan Val Ellam](#) . 06/03/2014
[Jesus de Nazaré](#) . 13/02/2015
[João Goulart](#) . 05/04/2014
[Kant](#) . 21/03/2015
[Karl Popper](#) . 14/07/2014
[Karma](#) . 04/05/2014
[Karma](#) . 09/06/2014
[Livre-arbítrio](#) . 31/01/2014
[Livros](#) . 22/12/2014
[Livros sobre projeção](#) . 17/08/2014
[Lula \(ex-presidente\)](#) . 27/10/2014
[Maçonaria](#) . 23/02/2014
[Manifestação política](#) . 16/03/2015
[Manipulação mental](#) . 20/05/2014
[Masturbação](#) . 31/10/2014

[Materializações em Uberaba](#) . 08/03/2014
[Materializações em Uberaba](#) . 09/03/2014
[Medicina e espiritualidade](#) . 03/10/2014
[Meditação](#) . 23/01/2014
[Mediunidade](#) . 26/02/2014
[Mediunidade e loucura](#) . 21/03/2015
[Melvin Morse](#) . 25/11/2014
[Mensagem espírita](#) . 18/11/2013
[Milagre](#) . 20/04/2014
[Nerdologia](#) . 01/03/2014
[Nostradamus](#) . 02/01/2014
[Obesidade](#) . 02/07/2014
[Obsessores](#) . 22/07/2014
[Olavo de Carvalho](#) . 18/12/2014
[Olavo de Carvalho](#) . 21/03/2015
[Opiniões contrárias](#) . 12/05/2014
[Ordem dos Gregários](#) . 18/07/2014
[Paixão](#) . 01/03/2014
[Palestinos](#) . 14/07/2014
[Palestra](#) . 30/04/2015
[Paradigmas](#) . 09/02/2014
[Paradigmas](#) . 11/08/2014
[Parapsicologia](#) . 24/01/2014
[Parapsicologia](#) . 17/05/2014
[Parapsicologia](#) . 09/11/2014
[Pedagogia espírita](#) . 02/03/2015
[Percepção](#) . 20/03/2015
[Pesquisa](#) . 07/01/2014
[Pesquisa](#) . 10/06/2014
[Pesquisa de mediunidade](#) . 09/03/2015
[Pesquisa em Psiquiatria](#) . 07/03/2015
[Pesquisa parapsicológica](#) . 03/09/2014
[Pesquisa sobre EV](#) . 17/03/2014
[Pesquisador](#) . 08/09/2014

[Pesquisadores](#) . 18/04/2014
[Política](#) . 16/03/2015
[Política](#) . 27/12/2014
[Prejuízos evolutivos](#) . 19/01/2014
[Programa](#) . 02/11/2013
[Projeção antefinal](#) . 26/05/2014
[Projeção fora do corpo](#) . 09/01/2015
[Projeção fora do corpo](#) . 17/12/2013
[Projeto Vênus](#) . 18/03/2015
[Pseudociência](#) . 10/03/2014
[Pseudociência](#) . 29/11/2013
[Psicocinese](#) . 04/11/2014
[Psicocracia](#) . 07/07/2014
[Psicologia das massas](#) . 23/02/2014
[Psicopatas](#) . 24/04/2015
[Psicopatia](#) . 27/02/2015
[Psicopatologia](#) . 30/04/2014
[Psicossomática reichiana](#) . 07/11/2014
[Reality show paranormal](#) . 29/09/2014
[Reencarnação](#) . 11/02/2014
[Reencarnação](#) . 12/02/2015
[Reencarnação](#) . 13/02/2015
[Reencarnação](#) . 13/02/2015
[Reencarnação](#) . 23/03/2015
[Reiki](#) . 05/11/2013
[Relacionamentos](#) . 02/03/2015
[Religião](#) . 26/01/2014
[Religião](#) . 20/09/2014
[Religiões](#) . 06/11/2014
[Religiões](#) . 03/03/2015
[Religiões](#) . 18/03/2015
[Retrocognição](#) . 26/09/2014
[Richard Dawkins](#) . 16/05/2014
[Ritual sufi](#) . 11/09/2014

[Robert Monroe](#) . 12/12/2014
[Rosa Luxemburgo](#) . 09/03/2014
[Saída do corpo](#) . 25/07/2014
[Santo Daime](#) . 04/03/2015
[Santo Daime](#) . 24/03/2015
[Seitas](#) . 01/11/2013
[Seitas](#) . 17/04/2014
[Seitas](#) . 21/09/2014
[Seitas](#) . 06/04/2015
[Seitas](#) . 09/04/2015
[Sentimento de estrangeiro](#) . 24/01/2015
[Sexo](#) . 30/12/2014
[Sexo](#) . 23/03/2015
[Sonho lúcido](#) . 15/05/2014
[Stanislav Grof](#) . 23/08/2014
[Stanislav Grof](#) . 07/03/2015
[Sugestões de estudo](#) . 07/11/2013
[Suspensão de juízo](#) . 02/07/2014
[Swedenborg](#) . 08/08/2014
[Taxonomia](#) . 24/10/2014
[Técnica de clarividência](#) . 21/12/2013
[Teoria ator-rede](#) . 17/12/2013
[Terapias corporais](#) . 02/02/2015
[Testemunhas de Jeová](#) . 21/04/2015
[Tim Maia](#) . 04/11/2014
[Triatlon](#) . 09/03/2015
[Universo](#) . 22/06/2014
[Universo](#) . 24/09/2014
[Universo](#) . 11/03/2015
[Vacuidade](#) . 08/03/2014
[Vegetarianismo](#) . 09/03/2015
[Vida após a morte](#) . 09/09/2014
[Vidas passadas](#) . 07/02/2014
[Wagner Borges](#) . 07/08/2014

[Where's Waldo](#) . 30/04/2015

[Wikipedia](#) . 29/08/2014

[Yoga](#) . 25/04/2015

Relatos parapsíquicos (36)

[Assédio extrafísico](#) . 31/08/2014

[Benefícios das projeções](#) . 26/06/2014

[Cansaço físico](#) . 22/01/2015

[Desenvolvimento projetivo](#) . 10/03/2014

[Desenvolvimento psi](#) . 01/03/2014

[Experimento psi](#) . 15/09/2014

[Futebol fora do corpo](#) . 01/02/2015

[Habilidades](#) . 14/08/2014

[Livro](#) . 05/07/2014

[Lucidez](#) . 18/02/2015

[Multidimensionalidade](#) . 23/02/2015

[Percepções](#) . 09/03/2014

[Primeira projeção](#) . 01/09/2014

[Primeira projeção](#) . 04/05/2014

[Projeção](#) . 14/05/2014

[Projeção](#) . 17/08/2014

[Projeção](#) . 18/08/2014

[Projeção](#) . 21/08/2014

[Projeção](#) . 22/08/2014

[Projeção](#) . 24/08/2014

[Projeção](#) . 28/08/2014

[Projeção](#) . 30/08/2014

[Projeção](#) . 27/09/2014

[Projeção](#) . 27/04/2015

[Projeções](#) . 22/04/2014

[Projeções](#) . 15/06/2014

[Retrocognição](#) . 15/09/2014

[Retrocognições](#) . 10/06/2014

[Rolfing](#) . 31/05/2014

[Site de relatos](#) . 17/09/2014
[Sonho lúcido](#) . 20/05/2014
[Sonho sobre projeção](#) . 04/06/2014
[Técnica do espelho](#) . 19/02/2015
[Técnica parapsíquica](#) . 15/04/2015
[Tentativa projetiva](#) . 25/01/2015
[Visão de aura](#) . 04/03/2015

Assuntos Internos (41)

[Administrador](#) . 07/02/2014
[Administradores](#) . 29/08/2014
[Agradecimento](#) . 23/01/2014
[Agradecimento](#) . 05/09/2014
[Apresentação](#) . 01/11/2013
[Arte gráfica](#) . 23/07/2014
[Boas-vindas](#) . 01/11/2013
[Carta de princípios](#) . 07/09/2014
[Citação em blog](#) . 27/11/2013
[Comentário](#) . 16/08/2014
[Crítica ao grupo](#) . 22/03/2014
[Debate político](#) . 16/03/2015
[Dúvida](#) . 05/02/2015
[E-book do grupo](#) . 09/08/2014
[Encostonildo](#) . 13/09/2014
[Exclusão de membro](#) . 19/02/2014
[Fechamento](#) . 10/02/2015
[Foco das discussões](#) . 18/03/2015
[Futuro do grupo](#) . 11/05/2014
[Hangout](#) . 22/01/2015
[Hangout](#) . 20/03/2015
[Hangout](#) . 22/03/2015
[Hangout](#) . 14/04/2015
[Hangout](#) . 27/04/2015
[Interação problemática](#) . 11/02/2014

[Membro](#) . 11/07/2014
[1.000 participantes](#) . 19/03/2015
[O que penso](#) . 28/07/2014
[Off-topic](#) . 22/12/2014
[Parabéns](#) . 28/12/2014
[Perfil do grupo](#) . 18/08/2014
[Perfil do grupo](#) . 03/02/2015
[Política](#) . 03/10/2014
[Pombo enxadrista](#) . 10/10/2014
[Posicionamentos](#) . 09/03/2015
[Psicologia](#) . 09/02/2015
[500 participantes](#) . 21/08/2014
[Remoção de post](#) . 25/07/2014
[Saúde de Waldo Vieira](#) . 12/09/2014
[Tertuliarium](#) . 11/09/2014
[Texto desaparecido](#) . 12/09/2014

Imagens (10)

[Charlie Brown](#) (8)
[Diversos](#) (12)
[Evoluir é...](#) (11)
[Fanático Detected](#) (18)
[Osvaldinho](#) (10)
[Pombo Enxadrista](#) (3)
[Quem Somos...](#) (6)
[Snoopy](#) (2)
[Snoopy & Schroeder](#) (8)
[Torre de Marfim](#) (10)

Arquivos (23)

[Autoortoabsolutismologia](#) . 11/02/2015
[Belicismo](#) . 12/09/2014
[Budismo](#) . 08/03/2014
[Carta de Posicionamento](#) . 10/05/2015

[Chamada de Trabalhos](#) . 15/10/2014
[Conscienciologia](#) . 20/02/2014
[Desligamento IAC](#) . 24/03/2014
[E-mails IAC](#) . 31/03/2014
[Indian Philosophy](#) . 25/04/2015
[Insonia](#) . 18/08/2014
[Jornal Espírita](#) . 08/11/2013
[Karma](#) . 09/06/2014
[L'illusione Religiosa](#) . 26/04/2015
[Materialização](#) . 09/03/2014
[My First OBE](#) . 01/12/2013
[Nossa Evolução](#) . 26/04/2015
[O que eu penso...](#) . 20/05/2014
[Projeciologia](#) . 08/06/2014
[Resenha: Projeciologia](#) . 22/07/2014
[Ruptura da IAC](#) . 28/03/2014
[Texto perdido](#) . 12/09/2014
[Tortura](#) . 30/04/2014
[Yoga Sutras](#) . 25/04/2015

Divulgações (259)

[Abravipre](#) . 19/04/2015
[Acidente](#) . 17/07/2014
[Alexander Moreira](#) . 26/04/2014
[Alexander Moreira](#) . 11/05/2014
[Antropologia da consciência](#) . 30/11/2013
[Antroposofia](#) . 26/04/2014
[Arquétipo](#) . 05/09/2014
[Artigo acadêmico](#) . 26/04/2015
[Artigo sobre autoexperimento](#) . 18/11/2013
[Artigo sobre EFC](#) . 01/12/2013
[Assédios](#) . 26/01/2014
[Assombrações](#) . 03/04/2015
[Astral Man](#) . 03/01/2014

[Audio binaural](#) . 01/04/2015
[Aulas sobre projeção](#) . 02/10/2014
[Autopesquisa](#) . 07/04/2014
[Avaaz.org](#) . 06/03/2015
[Biocentrismo](#) . 20/09/2014
[Blog](#) . 06/04/2015
[Brenda Dunne](#) . 04/10/2014
[Brenda Dunne](#) . 23/09/2014
[Bruneleschi](#) . 26/02/2015
[Buda](#) . 21/02/2014
[Budismo](#) . 20/03/2015
[Budismo](#) . 21/11/2013
[Caio Fabio](#) . 25/01/2015
[Campus USA](#) . 25/04/2015
[Canal virtual](#) . 15/08/2014
[Câncer](#) . 13/03/2014
[Candidata](#) . 18/09/2014
[Capacidade cerebral](#) . 04/04/2014
[Carl Sagan](#) . 11/03/2015
[Carl Sagan](#) . 14/12/2013
[Carnaval](#) . 04/03/2014
[Catalepsia](#) . 07/12/2014
[Ceticismo](#) . 08/04/2014
[Cético](#) . 10/11/2014
[Chamada de trabalhos](#) . 21/08/2014
[Charge](#) . 06/01/2014
[Ciência e crença](#) . 29/08/2014
[Ciência e espiritualidade](#) . 25/03/2014
[Ciência e espiritualidade](#) . 20/02/2015
[Cientologia](#) . 26/01/2015
[Citação](#) . 18/04/2015
[Clonagem de órgãos](#) . 05/03/2014
[Comunicação não-violenta](#) . 10/09/2014
[Comunista](#) . 12/12/2013

[Congresso de Conscienciologia](#) . 29/04/2014
[Congresso de Conscienciologia](#) . 01/06/2014
[Congresso de Conscienciologia](#) . 09/08/2014
[Congresso de Conscienciologia](#) . 27/12/2014
[Congresso de Conscienciologia](#) . 17/01/2015
[Congresso de Conscienciologia](#) . 08/03/2015
[Congresso de Conscienciologia](#) . 14/04/2015
[Congresso de Conscienciologia](#) . 17/04/2015
[Congresso de Projeciologia](#) . 23/10/2014
[Consciência](#) . 14/04/2014
[Consciência cósmica](#) . 13/02/2014
[Conscienciologia na mídia](#) . 27/11/2013
[Contatos alienígenas](#) . 23/08/2014
[Convite](#) . 22/07/2014
[Cosmoética](#) . 19/11/2014
[Curso](#) . 02/03/2014
[Curso](#) . 04/06/2014
[Curso](#) . 15/06/2014
[Curso de EV](#) . 24/11/2014
[Curso de extensão](#) . 12/04/2015
[Curso de Parapsicologia](#) . 02/11/2014
[Curso de projeção](#) . 14/11/2014
[Curso de projeção](#) . 29/01/2015
[Curso de psicologia anomalística](#) . 11/09/2014
[Curso do IIPC](#) . 13/01/2015
[Curso sobre projeção](#) . 09/09/2014
[Curta-metragem](#) . 30/07/2014
[Curta-metragem](#) . 27/08/2014
[Curta-metragem](#) . 07/10/2014
[Curta-metragem](#) . 23/12/2014
[Curta-metragem](#) . 05/03/2015
[Curta-metragem](#) . 05/03/2015
[Dean Radin](#) . 02/12/2013
[Debate](#) . 09/02/2014

[Debate](#) . 07/05/2014
[Debate](#) . 22/10/2014
[Debates](#) . 16/05/2014
[Desejos](#) . 06/05/2014
[Desejos](#) . 30/07/2014
[Desenho animado](#) . 11/08/2014
[Divulgação de livros](#) . 01/12/2013
[Divulgação de website](#) . 04/12/2013
[Documentário EM](#) . 28/08/2014
[Documentário sobre rezadeira](#) . 21/11/2013
[Documentário Waldo Vieira](#) . 19/04/2015
[Documentários](#) . 15/10/2014
[E-books](#) . 29/01/2014
[Economia comportamental](#) . 31/01/2014
[Educação](#) . 31/01/2014
[Efeito Dunning-Kruger](#) . 05/11/2014
[Ego](#) . 25/04/2015
[Elogio](#) . 22/01/2014
[Emerson Muzeli](#) . 22/02/2015
[Empatia](#) . 17/09/2014
[Eneas Carneiro](#) . 27/02/2014
[Ensaio](#) . 14/12/2013
[Entrevista com Fernando Peregrino](#) . 15/11/2014
[Entrevista com John McMoneagle](#) . 19/02/2014
[Entrevista com Raymond Moody](#) . 06/11/2013
[Entrevista com Rogério Rocco](#) . 05/11/2014
[Entrevista sobre Cientologia](#) . 21/11/2013
[Entrevista sobre Cosmoética](#) . 21/05/2014
[Entrevista sobre fenômenos](#) . 22/01/2015
[EQM](#) . 14/04/2014
[EQM](#) . 18/03/2015
[Equilíbrio](#) . 07/03/2015
[Espionagem](#) . 30/03/2015
[Estado Mundial](#) . 13/01/2014

[Estados alterados](#) . 15/07/2014
[Estudo da EQM](#) . 10/10/2014
[Evento](#) . 06/05/2014
[Evento](#) . 21/11/2014
[Exoprojeção](#) . 07/05/2014
[Experimento científico](#) . 30/09/2014
[Experimento projetivo](#) . 01/06/2014
[Extracons](#) . 07/04/2014
[Extraterrestres](#) . 31/08/2014
[Farsas](#) . 29/07/2014
[Feng Shuei](#) . 31/12/2013
[Fenômeno projetivo](#) . 02/12/2013
[Filme Além da Luz](#) . 25/04/2015
[Filme Cruel & Usual](#) . 01/06/2014
[Filme Eu Maior](#) . 17/09/2014
[Filme Thrive](#) . 11/08/2014
[Filme Transcendence](#) . 29/04/2014
[Filmes](#) . 18/10/2014
[Filosofia da mente](#) . 08/05/2014
[Foz do Iguaçu](#) . 07/02/2014
[Frontiers in Psychology](#) . 28/03/2014
[Futebol filosófico](#) . 14/02/2014
[Galileu](#) . 09/08/2014
[Genealogia da Moral](#) . 24/12/2014
[Globo Repórter](#) . 27/11/2013
[Holocoscologia](#) . 18/07/2014
[Humor em latim](#) . 09/03/2014
[Ian Stevenson](#) . 29/12/2013
[Ingo Swann](#) . 27/04/2015
[Ilusão de ótica](#) . 15/02/2014
[Ilustração](#) . 28/01/2015
[Impactoterapia](#) . 18/04/2015
[Inri Cristo](#) . 10/01/2014
[Inri Cristo](#) . 17/12/2013

[Insônia](#) . 18/08/2014
[Instituição dogmática](#) . 20/05/2014
[Instituto Monroe](#) . 06/12/2013
[Insuficiência renal](#) . 04/04/2015
[Jim Kennedy](#) . 29/04/2014
[Jornalismo científico](#) . 18/12/2013
[Journal of Conscientiology](#) . 22/02/2015
[Karma](#) . 12/04/2014
[Leo Tolstoy](#) . 09/09/2014
[Leonel Brizola](#) . 06/03/2015
[Lexicografia](#) . 17/11/2013
[Link crítico](#) . 21/07/2014
[Link crítico](#) . 21/07/2014
[Link crítico](#) . 21/07/2014
[Lista de websites](#) . 07/06/2014
[Livro Dr. Wickland](#) . 26/06/2014
[Livro Karma](#) . 11/07/2014
[Livro Projeziologia](#) . 08/06/2014
[Livro sobre projeção](#) . 20/08/2014
[Livro Viagem Astral](#) . 20/08/2014
[Livros sobre projeção](#) . 10/04/2015
[Logias](#) . 13/05/2014
[Meditação](#) . 22/01/2014
[Megalomaníacos](#) . 25/01/2015
[Melvin Morse](#) . 30/11/2014
[Mensagem](#) . 26/01/2015
[Mente](#) . 22/03/2015
[Minidissidente](#) . 05/04/2014
[Monografia](#) . 22/05/2014
[Mudança](#) . 25/04/2015
[Noergologia](#) . 17/08/2014
[Noergologia](#) . 26/01/2015
[Notícia](#) . 20/01/2014
[Novela Pantanal](#) . 15/12/2013

[Página](#) . 04/06/2014
[Parapsicologia](#) . 29/01/2015
[Parapsychology Association](#) . 26/11/2013
[Pensamento de rebanho](#) . 20/02/2015
[Pensar](#) . 30/11/2013
[Personagem](#) . 20/01/2014
[Pesquisa](#) . 04/06/2014
[Pesquisa](#) . 13/06/2014
[Pesquisa](#) . 20/04/2015
[Pesquisa online](#) . 04/02/2015
[Pesquisa online](#) . 10/12/2014
[Pesquisa online](#) . 19/03/2015
[Pesquisa online](#) . 20/10/2014
[Pesquisa online](#) . 22/03/2015
[Pesquisa online](#) . 28/02/2015
[PNL](#) . 16/06/2014
[PNL](#) . 18/06/2014
[Programa de rádio](#) . 21/02/2014
[Programa de TV](#) . 07/04/2015
[Programa de TV](#) . 31/01/2014
[Projeção](#) . 15/03/2014
[Pseudociência](#) . 20/07/2014
[Psicocinese](#) . 31/01/2015
[Psicocinese e animais](#) . 06/04/2015
[Psicologia do sagrado](#) . 17/10/2014
[Recomendação de aplicativo](#) . 31/12/2013
[Reduccionismo biológico](#) . 08/01/2014
[Reencarnação](#) . 05/08/2014
[Reflexão](#) . 25/06/2014
[Relação perversa](#) . 02/03/2015
[Revista Consciencia](#) . 17/07/2014
[Revista Paranthropology](#) . 19/11/2013
[Rock progressivo](#) . 25/07/2014
[Saída do corpo](#) . 24/07/2014

[Sátira](#) . 11/12/2014
[Sátira de Waldo Vieira](#) . 07/07/2014
[Saulo Calderón](#) . 18/12/2013
[Saulo Calderón](#) . 24/04/2015
[Síndrome do Estrangeiro](#) . 28/06/2014
[Site Academia.edu](#) . 09/02/2014
[Sociedade dos Poetas Mortos](#) . 12/08/2014
[Sonhos](#) . 21/07/2014
[Sonhos lúcidos](#) . 23/03/2015
[Steve Jobs](#) . 02/01/2014
[Superpoderes](#) . 10/06/2014
[Teáticas da Invexologia](#) . 15/02/2014
[Terceirização](#) . 12/04/2015
[Tertúlias](#) . 29/06/2014
[Texto](#) . 13/09/2014
[Thomas Paine](#) . 29/09/2014
[Tirinha](#) . 09/03/2015
[Tirinha](#) . 13/12/2013
[Tirinha](#) . 15/03/2014
[Tirinha](#) . 27/03/2014
[Transmissão de energias](#) . 21/12/2014
[Transmissão de energias](#) . 27/09/2014
[UFO](#) . 05/10/2014
[Universidade de Virginia](#) . 26/12/2013
[Universo](#) . 29/12/2014
[Valdo O DesmistifiCão](#) . 08/01/2014
[Verdade](#) . 04/12/2014
[Vidas passadas](#) . 17/11/2013
[Video](#) . 31/03/2014
[Video](#) . 12/08/2014
[Video de Flávio Duarte](#) . 29/12/2014
[Video de Mario Cortella](#) . 19/09/2014
[Video sobre Conscienciologia](#) . 21/10/2014
[Video sobre Conscienciologia](#) . 30/11/2014

[Video sobre projeção](#) . 18/12/2014
[Waldo Vieira](#) . 03/01/2014
[Waldo Vieira](#) . 11/03/2015
[Waldo Vieira](#) . 18/12/2013
[Website de Parapsicologia](#) . 17/09/2014
[William Buhlman](#) . 23/08/2014
[Zeitgeist](#) . 22/02/2015
[Zona de conforto](#) . 11/02/2014



Apresentação desta edição

Esta edição é uma versão ampliada e gratuita da 2ª edição, que disponibilizei à venda em formato digital e impresso.

A primeira edição foi um esforço para facilitar a consulta às discussões produzidas no grupo virtual *O que penso da conscienciologia*, na plataforma Facebook (<https://www.facebook.com/groups/conscienciologialivre>). Cabe lembrar que, até aquele momento, era praticamente inexistente a discussão de conscienciologia fora dos ambientes institucionais. As discussões se perdiam devido ao modo como o Facebook é organizado. Por esse motivo, elaborei um índice remissivo com *links* acessíveis ao toque, para permitir que esses tópicos fossem encontrados no futuro. Trata-se do índice incluído logo após o sumário desta edição.

Na sequência, você encontrará uma série de artigos escritos por mim sobre conscienciologia a partir de 2012, ou seja, após minha expulsão. Os dois primeiros artigos, *A história da conscienciologia revisitada* e *Para onde vai a conscienciologia?* faziam parte da 1ª edição. Os artigos seguintes foram publicados em páginas dispersas pela internet, motivo pelo qual resolvi condensá-los aqui.

A terceira parte do livro é uma escrita relativamente livre na qual reflito sobre minha experiência na comunidade conscienciológica. É o conteúdo que produzi para a edição anterior, e que mantenho idêntico, sem revisões, de maneira proposital.

Nela estão condensados os artigos que puimpressa contém uma modificação em relação à edição eletrônica, publicada há alguns dias. O índice para o grupo virtual *O que penso da conscienciologia* foi suprimido, por se tratarem de links, cuja praticidade era justamente poder clicar diretamente no texto e ser direcionado a discussões do grupo virtual entre 2013 e 2015, que atualmente são muito difíceis de serem encontradas. Mas trata-se de um índice que, aqui, resultaria volume adicional de 80 páginas, sem maior utilidade.

Portanto, para o leitor interessado em voltar em registros históricos e acessar as discussões daquela época, será necessário adquirir a versão eletrônica ou fazer uma busca manual e trabalhosa por palavra-chaves na própria ferramenta de pesquisa do Facebook.

Relutei em fazer esta edição por duvidar de seu potencial de mercado mas a experiência recente com meu outro livro, *Seitas e grupos manipuladores*, resultou em três vezes mais vendas do exemplar físico em relação ao equivalente eletrônico. Muito embora o preço final chegue a ser três ou quatro vezes mais caro, além do tempo de entrega pelo correio.

A segunda edição representou acréscimo de aproximadamente 180 páginas, e que forma a parte mais importante do livro. Trata-se de um texto iniciado de maneira espontânea, não planejada, que seguiu o livro fluxo de pensamento e um esforço de escuta psicanalítica do que resultava escrito. Por isso as quebras de raciocínio, divagações, incongruências na formatação e até mesmo não-correção de certos "erros" gramaticais, que também são significantes no ato de escuta.

O que o leitor verá aqui é uma batalha permanente para quebrar certas intervenções do super-eu, que se colocavam no caminho para evitar que pensamentos pré-conscientes viessem à tona.



A História da Conscienciologia revisitada

Junho de 2015

INTRODUÇÃO

A investigação histórica não observa “fatos” ou “fenômenos puros”, e sim versões, documentos, registros, pistas, fontes secundárias. Isto não a torna menos válida. Se o historiador não é capaz de trazer de volta o passado ou observá-lo como “realmente” aconteceu, é contudo capaz de alterar a noção que temos sobre o mesmo. E embora possa ser questionável se as coisas têm, de fato, uma história, é bem sabido que a todo momento procuramos dar uma história às coisas, na tentativa de atribuir-lhes determinada valoração. Neste sentido, *mudar o discurso histórico é mudar a maneira como vemos o presente*.

Este artigo procura oferecer visões alternativas sobre a História da Conscienciologia. A mesma tende a ser contada do ponto de vista de algumas poucas instituições. Como é próprio das organizações, estas precisam se manter, e o fazem procurando dar à Conscienciologia uma boa reputação. Neste sentido, sua versão da história acaba sendo mediada por tais interesses.

Acredito que todo discurso tenha interesses, e que não seja este o problema. Minha preocupação é com o predomínio de um interesse apenas, versão única da história, espécie de monopólio ideológico, este sim prejudicial, devido à ausência de versões alternativas. A percepção unidirecional sobre determinada coisa não me interessa, e acredito que só interesse a quem queira formar um público dirigido. Não deve ser esta a intenção de quem estuda Conscienciologia.

Quod abundat non nocet. A fartura de perspectivas não prejudica. Por isso ofereço aqui minha modesta perspectiva sobre a História da Conscienciologia, a partir das poucas evidências que me foram possíveis coletar.

Reconheço algumas limitações minhas. Não tenho formação como historiador. Não sou profissional do ramo; dedico-me a este trabalho no tempo livre, como free lancer. Fui expulso da comunidade conscienciológica, o que não apenas influencia meu viés ideológico como também limita minha relação com os voluntários e instituições, dificultando a coleta de dados, documentos e depoimentos. Portanto, nunca é demais lembrar tratar-se de um estudo inicial, exploratório, preliminar, parcial, em boa parte especulativo.

Apesar disso, os dados aqui levantados sugerem que a história contada sobre a Conscienciologia merece ser revista. Por esta mesma razão, asseguro direito de resposta a qualquer parte citada neste texto que sinta necessidade de apresentar sua versão, bastando que solicite por email (flavio.ferreira.amaral@gmail.com), sendo que a resposta será publicada o quanto antes em versão revisada do mesmo.

Ao leitor com pretensões de pesquisa no tema, recomendo a leitura dos trabalhos acadêmicos feitos sobre Conscienciologia, dentre os quais a obra *O Self Perfeito e a Nova Era* (Loyola, 2000) e o artigo *Niche Globalization of Conscientiology*, ambos do antropólogo Anthony D'Andrea; a dissertação de mestrado *Da Projeciologia à Conscienciologia: a dinâmica das tensões entre espiritualidade e ciência no movimento nova era* (UFJF, 2003), de Sheila dos Mares Guia, e o artigo *L'Illusione Religiosa in un Movimento Parareligioso del Brasile*, do pesquisador João Edênio Reis Valle.

Ao leitor neófito, acredito cumprir, neste artigo, meu pequeno papel de plantar a semente do questionamento. Enquanto tais questionamentos existirem, o questionador será presença desconfortável em instituições menos simpáticas ao pensamento livre, que terão menos interesse em recrutá-lo. Considero isso importante pois, não raro, o voluntário novo ingressa no grupo com expectativas idealizadas sobre o que irá encontrar, mas antes que possa desfazer-se das mesmas, já está inserido, dependente e as promovendo.

A que custo? O custo de reduzir cada vez mais seus relacionamentos sociais externos; o custo de formar uma imagem errônea sobre ciência, religião, filosofia, perdendo interesse naquilo que não confirme a nova doutrina aprendida; o custo de espalhar ideias preconceituosas sobre outras doutrinas e fechar-se ao diálogo com estas; o custo de transformar-se para emular o líder e poder ser admirado pelo grupo, perdendo contato com sua personalidade autêntica; o custo de investir a própria vida em vínculos que, de uma hora para outra, podem ser cortados, por decreto, pelo mínimo desagrado que produza ao líder ou algum dos superiores.

Agradeço ao *Correio Fraterno do ABC*, à *Federação Espírita do Estado de São Paulo*, à *Folha Espírita* e a *Paulo Demétrios* por disponibilizarem acervo de valor inestimável, bem como aos participantes do grupo virtual *O que penso da Conscienciologia* e demais pessoas que ofereceram depoimentos, pistas e reflexões para esta investigação.

POR QUE ESTUDAR WALDO VIEIRA?

É relevante estudarmos o propositor da Conscienciologia para compreendermos a doutrina? É comum voluntários responderem que não. Conscienciólogos tendem a ver esta disciplina como algo que existe num estado puro e além do universo humano, que está sendo codificado ou “recuperado” na atualidade, para este plano material. Waldo Vieira seria um simples aglutinador de pessoas, empreendido que deu início a esta tarefa.

Felizmente os argumentos pelo não perdem legitimidade com dois lançamentos, no ano de 2014, de instituições conscienciológicas “oficiais”: o livro *Zéfiro: a paraidentidade intermissiva de Waldo Vieira* (Editares), de Mabel Teles, e o documentário *Waldo Vieira Vida e Obra: a história do homem que criou uma nova ciência*, dirigido por Kíria Meurer e produzido pela Comunicons. Caso alguém alegue não ser legítimo estudar a vida desse personagem, precisa dizer o mesmo sobre a produção destas duas biografias, para não cair em contradição.

Tanto as publicações sobre Conscienciologia quanto as organizações e comunidades construídas em torno dela evidenciam a centralidade política e ideológica de Vieira. É por este caminho que seguirei, procurando mostrar, quando possível, características do temperamento vieiriano que permeiam a obra do início ao fim. Um outro motivo para estudar Waldo Vieira é procurar desfazer alguns mitos que parecem ser criados em torno deste. Acredito que mesmo os voluntários concordarão comigo sobre a existência de alguns deles, normalmente o colocando em posição muito superior a de qualquer outro ser humano conhecido. Isso faz com que a palavra de Vieira receba um valor quase incontestável e nada do que tenha dito nestes últimos 30 anos foi efetivamente refutado por seus colaboradores até a atualidade. Isso faz, também, com que eles normalmente procurem (e/ou precisem) da validação de Vieira para tomar iniciativas ou levar adiante seus projetos.

INFÂNCIA POBRE

Vieira não raro impressiona o aluno através das menções sobre sua infância e juventude. São comuns algumas afirmações do tipo “era uma pobreza danada”, “eu trabalhava, entregava marmita”, “passei fome”, “catava jornal no lixo para ler”, “na escola eu ajudava os colegas a estudarem em troca de comida”, “trabalhei no internato para pagar os estudos”, “crescia demais e não tinha dinheiro para comprar calças novas”. A informação é transmitida sem maiores detalhes, de modo que é fácil formar a imagem de um Vieira jovem superando dificuldades sobre-humanas, diferentes daquelas experimentadas pelo seu público mais comum - de classe média.

O primeiro problema é que algumas informações trazidas por Vieira contradizem a si mesmas. É difícil acreditar que o filho de um dentista e professora vivessem na pobreza. A não ser que falemos de pobreza num sentido muito flexível, que praticamente englobaria toda a população do Interior brasileiro.

Seu pai foi fundador do primeiro centro espírita da pequena Monte Carmelo (MG), ainda na década de 1930. Dificilmente um Sr.

Armante Vieira pobre doaria dinheiro para pessoas necessitadas, algo que Vieira usa como expressão da assistencialidade do pai. Por fim, uma família que passasse fome não conseguiria contratar Vicente Lopes Perez para ser professor particular do pequeno Vieira por quase 2 anos.

Com a publicação de Zéfiro, algumas fotografias tampouco deixam dúvida sobre Vieira ter nascido em situação mais favorecida que a maior parte das crianças do Interior mineiro. Tirar fotos, nas décadas de 1930 e 1940, já não era algo acessível a famílias de poucos recursos. As peças de vestuário utilizadas, sapatos, brinquedos, também indicam tratar-se de uma família que poderia ser chamada de “classe média-alta”, condizente com a profissão liberal de seus pais. Se a família de Vieira não fazia parte da aristocracia rural, tampouco eram camponeses ou proletários.

Parece que Vieira pinça informações para construir uma visão idealizada de si mesmo. Qualquer cidade interiorana da Primeira República pode ser considerada “pobre”, erroneamente, quando vista pela ótica de um cidadão do Século XXI. Tratava-se de uma época e local com pouco acesso a bens e serviços. Boa parte da atividade econômica não era mediada pelo dinheiro. Vieira “entregava marmita”, não como empregado de algum restaurante, como os entregadores da atualidade, mas colaborando com uma atividade da família, cuja produção alimentar permitia a distribuição de excedentes. Aliás, é difícil supor que uma criança passaria fome enquanto houvesse marmitas para entregar.

A fome que Vieira passou parece ter sido um evento pontual em seu primeiro ano de internato em Uberaba, a 150km de distância da cidade natal, quando, durante as férias, foi o único a não retornar para casa, residindo sozinho na escola. Naturalmente Vieira não teria reservas monetárias, tendo passado um ano inteiro longe de casa. Ele dependia dos estoques de alimento disponíveis na escola, talvez insuficientes para atender a fome de um rapaz alto em idade de crescimento. Era II Guerra Mundial e o Brasil também sofria de racionamento e inflação, já que o Governo mobilizava recursos para

abastecer a guerra. Igualmente, Vieira não teria como comprar calças para acompanhar seu crescimento.

DISSIDÊNCIA ESPÍRITA

Vieira menciona que, logo ao encontrar Chico Xavier, no início da vida adulta, já informava que trabalharia com ele “apenas por um tempo”. A informação solta pode causar a impressão, em seus admiradores, de Vieira ser possuidor de alguma faculdade especial clarividente que o permitisse saber os detalhes do próprio destino ou, mais ainda, que já sabia ser o Espiritismo apenas uma ponte para sua “programação existencial” na Conscienciologia. Entretanto, é comum ao iniciarmos um empreendimento, termos consciência de que ficaremos ali apenas por algum tempo, sem que isso signifique uma espécie de presciência sobrenatural ou extraordinária do futuro.

Vieira informa ter sido um (“maxi”) dissidente espírita, ao afastar-se da Comunhão Espírita Cristã (CEC) criada por ele, em Uberaba. Entretanto, o termo dissidente não condiz com os registros sobre aquela época. Dissidência não é termo adequado para descrever qualquer tipo de afastamento. Deixar uma atividade não constitui, por si, uma dissidência. A existência de discordâncias tampouco é suficiente para configurar uma dissidência. É necessário configurar-se um movimento paralelo e com diferenças ideológicas sobre um mesmo conjunto de questões. Não há vestígios de uma “dissidência” de Vieira, a não ser em meados da década de 1980. Se o mesmo afastou-se do movimento espírita uberabense com este ou aquele estado íntimo, por si só, não basta para configurar uma dissidência.

O que se observa na década de 1960 é um Vieira bastante produtivo e ajustado ao trabalho junto a Chico Xavier e à CEC. Nada menos que 17 livros foram publicados na parceria entre ambos, e 8 de autoria própria, dos quais, muitos são considerados verdadeiras obras-primas, reimpressos até hoje pelas principais editoras espíritas.

Além da admiração espírita por seu trabalho psicografado, Vieira também parece ter sido apoiado em suas iniciativas de “fazer

pesquisa” – algo que ele afirma sempre ter tido interesse e ser tolhido. Exemplo disso é a estrutura organizada por ele e seus amigos, médicos espíritas, para as sessões conhecidas com “materializações de Uberaba” (ver *Materializações de Uberaba*, de Jorge Rizzini). Independente de terem sido fraudulentas ou autênticas, a organização deste trabalho mostra o quanto Vieira estava integrado com o movimento espírita local, e não reprimido em seus esforços. Não obstante, parece ter ocorrido, segundo Vieira, algum desentendimento acerca da “Exposição Espírita Permanente” da CEC. Talvez a instituição não tenha recebido apoio material para tal iniciativa. Talvez Vieira estivesse, além disso, desgastado com a campanha publicitária sensacionalista da Revista Cruzeiro sobre as “materializações”. Talvez – recém-formado e com contatos influentes – quisesse investir na carreira profissional, aceitando o apoio para fazer cursos nos EUA e pós-graduação no Japão. Talvez Vieira ambicionasse o Rio de Janeiro desde cedo, motivo pelo qual afirmara a Chico Xavier que colaboraria apenas por algum tempo.

Cerca de 15 anos se passaram, nos quais Vieira dedicou-se aos estudos e ao consultório médico, casou, teve um filho, e trabalhou para empresas ligadas à Cia. Antarctica Paulista, da família de sua primeira esposa. Sem dissidência, apenas saída para abrir outros empreendimentos. E quando Vieira retorna publicamente ao trabalho espiritualista, o faz dentro do seio do movimento espírita paulista e carioca. Sua reaparição no Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, em novembro de 1979, no Rio de Janeiro, é noticiada pelo Jornal Espírita (set/82) com entusiasmo. Sua boa-nova, a “Projeciologia”, é vista com interesse e lhe abre muito espaço em periódicos da área. Vieira publica *Projeções da Consciência* pela Livraria Allan Kardec Editora (LAKE) em 1981, amplamente divulgado na mídia espírita, reimpresso no ano seguinte. Carlos Imbassahy concede-lhe entrevista na renomada Revista Internacional do Espiritismo (RIE). Ao menos 91 artigos são publicados por Vieira em periódicos espíritas àquela década. Nada ainda que configure uma dissidência. Muito menos, algo que

configure uma censura à proposta científica que Vieira traz à pesquisa espiritualista.

Mesmo após o episódio da *Carta Aberta aos Espíritas*, em 1983 (que tratarei na próxima seção), Vieira continua, ao menos em público, a apresentar-se como um aliado defensor do Espiritismo. Ele continuaria a publicar, mensalmente, no Jornal Espírita paulistano, até 1990. Em seu calhamaço, *Projeciologia*, de 1986 (reimpresso em 1989 e 1990), ele se refere a esta nova especialidade, dedicada ao estudo das experiências fora do corpo, como “subcampo da Parapsicologia [e] estruturalmente vinculada, em definitivo, ao campo vasto da Conscienciologia (Egologia, Espiritologia, ou Espiritismo).” Parece haver uma ambiguidade entre a dissidência e a aliança, onde Vieira subsume a Projeciologia ao Espiritismo, embora já procure dar-lhe um novo nome, diferente e ainda obscuro, “Conscienciologia”.

É possível que nas reuniões internas do Centro da Consciência Contínua (CCC) – grupo informal coordenado por Vieira ao longo da década de 80 – o tom fosse outro, com Vieira livre para desancar críticas ao Espiritismo e formar em torno de si um grupo que pensasse parecido. Possivelmente ali estivessem brotando os germes da dissidência, que só seria apresentada publicamente por escrito a partir dos *700 Experimentos da Conscienciologia* (1994), portanto, não em 1965.

CARTA ABERTA AOS ESPÍRITAS

O episódio da Carta Aberta aos Espíritas, em 1983, é citado por Vieira, eventualmente, como uma espécie de gota d’água, onde se viu forçado a tomar atitude, publicando na imprensa espírita seu posicionamento acerca do “patrulhamento ideológico” que sofria naquele movimento. (ver por exemplo https://www.youtube.com/watch?v=aGR_QN_tuxQ e a [cronologia projeciológica](#) apresentada por ele na reedição de 1999 do *Projeciologia*, p. 89). O fato é que poucos, na atualidade, conhecem o conteúdo da carta, o contexto na qual fora escrita, e menos ainda são

aqueles que presenciaram os eventos ligados ao caso. Procurarei seguir os rastros encontrados na mídia espírita para tentar lançar alguma luz sobre o assunto.

Em maio de 1983, o editorial do *Jornal Espírita*, anuncia a palestra ministrada por Vieira no mês anterior, na sede do Instituto Espírita de Educação em São Paulo, a meia centena de escritores e diretores do movimento espírita, a convite da jornalista Lucia Amaral Kfoury. O jornal destaca a “profissão de fé” de Vieira a favor do Espiritismo, com frases a exemplo de “nunca fui tão espírita como sou agora” e “o Espiritismo são os Estatutos do Universo”. A palestra teria como assunto central a “Projeciologia” recém-proposta por ele. O editorial encerra, sem entrar em detalhes, com a seguinte afirmação: “houve muitos momentos de discussão acirrada, mas a palestra atingiu seu fim com perguntas e respostas de alto nível, tanto da parte do médium como dos confrades presentes.”

Outros veículos da imprensa espírita não foram tão abonadores. Para o editorial de *O Semeador*, do mesmo mês, “a intenção inicial [de apresentar a Projeciologia] foi totalmente desviada”, com Vieira fazendo afirmações de que “a obra de Kardec está cheia de besteiras”, sem no entanto explicar que besteiras seriam essas. Informa: “Ao final do encontro (...) pouco havia sido esclarecido sobre seu método, devido à ‘troca de caminhos’ efetuada pelo próprio Waldo”.

Contestações assim também foram feitas por dois articulistas – Eduardo Carvalho Monteiro d’*O Semeador*, e Fernando Wurm da *Folha Espírita*. Para o primeiro: “[Vieira] diz que aceita e deseja críticas, mas ao ser criticado levanta a voz, interrompe o pensamento do interlocutor e tudo o que diz, o diz com ares de superioridade e de dono da verdade”; “utiliza-se do tempo em que deveria falar do tema proposto – projeções da consciência – para desancar a falar mal do Espiritismo (...) vendo erros no Evangelho – embora não cite nenhum”. Wurm, de Porto Alegre, não conseguindo comparecer à palestra, evita afirmações, pedindo esclarecimentos de Vieira acerca das alegações.

Nenhum dos dois conhecia Vieira pessoalmente, tampouco sabiam de antemão sobre seus trabalhos “projeciográficos” recentes. Ambos expressam admiração pelos textos vieirianos que conheciam até o momento, ou seja, aqueles psicografados na década de 60. Nada que se pareça com um “patrulhamento ideológico”.

A convicção de que estas reclamações parecem ser autênticas aumenta quando lemos uma resposta da Redação do *Jornal Espírita* (jun/83), em defesa de Waldo Vieira. Em nenhum momento nega-se o ocorrido; do contrário, confirma-se. Seu principal argumento era: “nada, porém, do que ocorresse ali, pelo menos algum aspecto negativo, menos equilibrado – *nada deveria ser passado ao público* (...) eram todos espíritas, conscientes e capazes de resistir muito bem a certos pronunciamentos do convidado” (p. 3, grifos meus). O argumento é no mínimo curioso, para não dizer suspeito, uma vez que foi este próprio jornal o primeiro a publicar reportagem sobre a palestra. Portanto, foi este o jornal que tomou a iniciativa de “passar ao público” a informação sobre o evento, mas fica claro que seu desejo era controlar o que deveria ser passado.

Dois meses depois, o jornal repete o mesmo argumento, ao responder uma crítica na seção de cartas dos leitores: “O eminente pesquisador dr. Waldo Vieira fora convidado a expressar-se com franqueza e em linguagem informal para um público espírita, em regime de exclusividade. Suas expressões simples, tão mal recebidas, divulgaram-se por descuido inicial de um dos órgãos da imprensa espírita.” (p. 2)

Portanto, o que se observa ainda na década de 1980, é que Vieira tem portas abertas para palestrar aos principais formadores de opinião espírita, publica em veículos espíritas, é apoiado e recebido por curiosidade neste meio, e tem ainda um veículo de comunicação que procura amenizar e acalmar as críticas que apareçam contra o autor.

Em agosto, Vieira publica a Carta Aberta aos Espíritas, na *Folha Espírita*, republicada em setembro no *Jornal Espírita*. Trata-se de uma resposta de 30 parágrafos, onde o autor não desmente as

acusações, mas tenta explicá-las de maneira bastante evasiva. A carta inicia em um tom dramático:

*“Venho publicamente agradecer aos Senhores Fernando Worm, Eduardo Carvalho Monteiro, e outros **patrulheiros ideológicos** do movimento espírita, que desejam colocar-me, talvez com a mais pura das intenções, numa posição até honrosa, porém que, sinceramente, não mereço, seja como vítima ou verdugo, credor ou devedor, hereje ou apóstata, ímpio ou infiel, etc. Mesmo neste ano em que procuram reabilitar, tardiamente, a memória de Galileu, sempre pensara que a época dos herejes, inquisições, cruzadas, caças às bruxas, fogueiras purificadoras, autos de fé, criadores do index, excomunhões, ambientes medievais, havia passado. Parece, no entanto, que não. Isso sem falar no que está acontecendo no Irã, na Irlanda do Norte, etc.”* (p. 6, grifos no original)

A carta deixa claro que Vieira confunde crítica com patrulhamento ideológico. Por várias vezes enfatiza seu direito de dizer o que pensa – algo que não foi contestado pelos críticos. O autor, que fora recebido com as portas abertas pelo movimento espírita, compara-se a um “Galileu perseguido” frente às mínimas contestações que, pelo teor, parecem ter sido justas. Lembremos que Galileu foi condenado por escrever observações astronômicas, jamais tendo adentrado alguma reunião do clero romano para dizer que a Bíblia estava cheia de besteiras. E a condenação desse italiano não foi uma mera coluna crítica de jornal, mas a proibição de publicar, a queima de seus livros e o banimento da cidade, tendo morrido em sua residência rural, pouco tempo depois.

Nos 7 parágrafos seguintes o autor basicamente fala de si, com frases de efeito, evidenciando o quanto sentiu-se pessoalmente

atacado pelas críticas. Em toda a carta, apenas 1 parágrafo é utilizado para falar sobre a Projeciologia, mostrando o quanto não fora o real alvo das controvérsias. Muito mais espaço é utilizado para Vieira defender suas posições sobre Jesus Cristo, as obras de Allan Kardec, o Roustanguismo e até sobre o idioma Esperanto. E Vieira *tampouco se mostra um opositor ou dissidente espírita, mas um aliado, admirador*, que procura trazer propostas:

“Quem conhece, de fato, o Espiritismo jamais deixará de ser seu defensor. Isso, no entanto, não inibe o Espírito de evoluir em seus pontos de vista, libertar-se da ortodoxia segregacionista, das visões acanhadas, das prisões telúricas, da miopia extrafísica, de novos dogmas do poder temporal. E nem significa que o indivíduo deixou de ser espírita. Pessoalmente, sinto-me mais espírita do que nunca, mas espírita raciocinador (...) Igualmente, sendo evolucionário e progressista, o Espiritismo, Estatutos do Universo, sobreexistirá além deste século, do próximo milênio, das instituições efêmeras e dos impérios econômicos, da falibilidade de nós, homens, e das deficiências terrenas. Na verdade, nenhuma opinião individual ou escola tendenciosa conseguirá paralisar a marcha ou fossilizar a estrutura do Espiritismo, a Doutrina dos Espíritos, realidade universal que extrapola os microcosmos de uma consciência, um planeta ou um sistema solar (...) Venho fornecendo uma hipótese de trabalho neste sentido [de atualizar o Espiritismo] (...) Uma equipe de estudiosos do Espiritismo comporia uma antologia de ensaios, Bases do Espiritismo, atualizando de modo consensual o texto de ‘O Livro dos Espíritos’ (...) Não será isso de imensa utilidade para todos? Julgo que hoje ou no futuro próximo isso virá a ser feito.” (p. 6, grifos meus)

Conforme Vieira comenta na atualidade, a carta serviu para silenciar seus opositores. Parece-nos, no entanto, que a carta foi mais um desgaste em uma parceria que poderia ter sido civilizada e produtiva. Após o episódio, não vemos mais os frequentes artigos de Vieira em jornais espíritas como *A Aurora* (RJ) e a *Folha Espírita* (SP). Única exceção é feita ao *Jornal Espírita* (SP), órgão que pertencia à LAKE, mesma editora do livro *Projeções da Consciência*. Talvez tenha ficado aparente para os espíritas que Vieira queria falar o que bem pensasse sem ser contestado. As entidades espíritas – que Vieira denomina, hoje, “[vaticaninhos](#)” – continuariam a reeditar seus livros até a atualidade. Os grupos espiritualistas continuariam a admirar os trabalhos vieirianos relacionados à experiência fora do corpo, até a atualidade. Mas parece que, entre os espíritas, foi-se perdendo as esperanças de dialogar com o autor.

PROJECIOLOGIA

A Projeciologia é tida, nos meios conscienciológicos, como a “parte prática” da Conscienciologia, tendo sido a primeira grande disciplina trazida por Vieira. No entanto, ela parece mais um chamariz do que necessariamente um assunto que acompanha a história desta última.

O assim chamado “tratado” sobre as experiências fora do corpo (EFCs) é apresentado como uma obra produzida por Vieira ao longo de 19 anos. Por não termos registros do andamento deste trabalho, tomaremos esta versão como ponto de partida. A primeira questão que nos chama atenção é a completa ausência de publicações vieirianas, quer em revistas da área, quer em livros menores. A publicação é o registro da interação de um pesquisador com outros de seu meio.

Nas décadas de 60 e 70 há uma escalada sem precedente de trabalhos acadêmicos e populares sobre o experiência fora do corpo. É a “Era de Ouro” da Parapsicologia, e a popularização e ecletização dos temas orientalistas no Ocidente. Por que o incansável escritor Vieira não apresentou sequer um parágrafo de suas pesquisas ao

longo 14 anos? Nenhuma carta a editores, nenhum *paper*, nenhuma entrevista, nenhuma resenha, nenhum estudo preliminar, nenhum artigo, nenhum livro menor, algo bastante atípico para um autor que chegaria com um calhamaço de quase mil páginas e duas mil referências bibliográficas. Dá a entender tratar-se de trabalho que vinha sendo feito numa espécie de isolamento.

Em 1979, Vieira começa a aparecer mais em público. Publicaria duas edições consecutivas do seu diário de experiências extracorpóreas, largamente divulgadas na mídia espírita, sendo um relativo sucesso. A partir das reuniões informais em seu apartamento fundaria, em 1981, o *Centro da Consciência Contínua*. Passa a aparecer frequentemente em jornais espíritas, com entrevistas e artigos próprios. Vieira é claramente um personagem influente, e aglutina colaboradores em torno de si e de seu trabalho.

Em novembro de 1982, Vieira oferece um balanço de seu trabalho, em entrevista à Revista Internacional do Espiritismo. São 418 capítulos e aproximadamente 200 referências bibliográficas. Algo chama atenção neste ponto. O autor já tinha quase 90% dos 472 capítulos que totalizam a edição de 1986 do Projeciologia, mas pouco mais de 10% da bibliografia. Naquele ponto já haviam decorrido 16 dos alegados 19 anos de estudos projeciológicos.

Conhecendo o estilo de trabalho vieiriano, bem como observando o resultado, a impressão é que não houve uma revisão ou pesquisa minuciosa da maior parte dos 1.907 itens bibliográficos constantes naquele livro. Talvez tenham sido incluídos a toque de caixa, para fazer volume bibliográfico ao final, e transmitir ao grupo uma impressão de dominarem o assunto. A própria organização bibliográfica do livro não permite identificar em que ponto o autor dialoga com quais obras, se discorda ou concorda, e por quê. E como apontou Carlos Alvarado em correspondência ao *Journal of the Society for Psychical Research* (jan/87, p. 78-82), há referências a obras que apresentam conclusões contrárias ao capítulo onde elas aparecem, além de faltarem menções a modelos explicativos diversificados que também constam nos itens bibliográficos.

Vieira apresenta uma bibliografia que dá ao leitor impressão de ser uma obra compreensiva sobre as experiências fora do corpo, mas acaba escrevendo de acordo com suas opiniões pessoais e omitindo conclusões diferentes produzidas pelos pesquisadores que cita.

CONSCIENCIOLOGIA

É com a Conscienciologia que podemos observar, de fato, um discurso de dissidência ao Espiritismo. Ainda que tal dissidência já estivesse presente no grupo íntimo ao *Centro da Consciência Contínua*, o mesmo não havia sido alardeado ao público.

A primeira publicação propriamente conscienciológica não foram os *700 Experimentos da Conscienciologia*, mas o Miniglossário da Conscienciologia (1992). É curioso uma “ciência” ser iniciada com a publicação de um novo vocabulário. E sua grande característica é demarcar uma diferenciação do Espiritismo através da substituição de termos espíritas e espiritualistas, rotulados por Vieira como “anacrônicos”, bem como transmitir uma falsa oficialização da nomenclatura, como se tivesse sido fruto de extensas discussões científicas independentes, quando de fato sua validação dependeu tão-somente de Vieira e do grupo capitaneado por ele.

Na publicação seguinte, os *700 Experimentos da Conscienciologia* (1994), Vieira parece de fato abrir o jogo sobre suas diferenças com o Espiritismo, colocando-o como instituição “pré-maternal”. Por sinal, todas as instituições, até mesmo o próprio Centro da Consciência Contínua, são citadas como “menos evoluídas” do que o recém-criado *Instituto Internacional de Projeciologia* (IIP) (p. 313). Eis que surge o tom do discurso que se faz presente nos trabalhos do grupo vieirista até hoje.

O “700” traz uma pomposa bibliografia de 5.116 itens a qual, supostamente, fundamentaria a “neociência” Conscienciologia. Porém, de maneira muito mais gritante do que no livro Projeciologia, não mais do que 3% dos itens bibliográficos são devidamente referenciados ao longo do texto, sendo a esmagadora maioria, os

artigos do próprio Vieira publicados na década anterior nos periódicos espíritas.

As obras vieiranas seguintes – livros de menor volume – abandonarão por completo a necessidade de referências bibliográficas. Se o *Projeciologia* era, sem dúvida, um livro que girava em torno da experiência fora do corpo, os 700 Experimentos da *Conscienciologia* não permitem a identificação de um foco central. A primeira constatação é que não se tratam de experimentos. A segunda, é que não se constrói um raciocínio linear sobre o que é a *Conscienciologia*, seus fundamentos e como estudar seu suposto objeto – “a consciência”. Esta última é uma palavra emprestada controvertidamente por algumas linhas espiritualistas para significar espírito, alma, psyche ou a essência do ser. O livro é um conjunto de prescrições e reflexões valorativas de Vieira sobre todo e qualquer assunto.

Uma mudança equivalente também se observa com respeito às publicações dos colaboradores do grupo, como descreverei na próxima seção.

COLABORADORES À PESQUISA

A primeira publicação dos colaboradores de Vieira são os *Anais do 1º CIPRO* – Congresso Internacional de *Projeciologia* (1991). Os temas giram em torno da experiência fora do corpo, experiências de quase-morte e as assim chamadas “bioenergias”. Chama atenção, também, a participação de pesquisadores internacionais, extrainstitucionais, desvinculados do IIP, a exemplo de Scott Rogo, Helion Póvoa Filho e Janet Lee Mitchell. Na sequência do 1º CIPRO são organizados eventos regionais sobre a EFC, anualmente, até 1996.

Contudo, a partir dessa época (concomitante à publicação dos “700 Experimentos” e à red denominação do IIP para IIPC), esse tipo de evento é deixado de lado e substituído por encontros de outras categorias, “conscienciológicos”. São congressos, jornadas, fóruns sobre assuntos tão diversificados quanto: “administração

conscienciológica”, “autopesquisa”, “consciencioterapia”, “grupocarmologia”, “intermissivistas”, “inversão existencial”, “paraciência”, “parapedagogia”, “proéxis”, “tenepes”, “verponologia” (ver [Conscienciopedia](#)).

Entre os primeiros autores de livros do IIP, predominava a temática da experiência fora do corpo, em forma de relatos pessoais: *Despertar para Nova Dimensão* (Francisco de Biaso, 1995), *Ensaio Extracorpóreo* (Luiz Araújo, 1997), *Vivendo em Múltiplas Dimensões* (Glória Thiago, 1999); além de um sobre pesquisa de vidas passadas (*Retrocognições*, de Wagner Alegretti, em 1998). Mas com a Conscienciologia, ganham força publicações de um cunho bastante diferente: *A Ciência Conscienciologia e as Ciências Convencionais* (Sônia Cerato, 1998), *Evolução em Cadeia* (Claudio Costa, 1998), *Mudar ou Mudar* (Flávia Guzzi, 1998), *Síndrome do Estrangeiro* (Málu Balona, 2000), *Coragem para Evoluir* (Luciano Vicenzi, 2001), *Hiperatividade Eficaz* (Graça Razera, 2001), *Autocura através da Reconciliação* (Málu Balona, 2003) etc.

Revela-se um pouco da tendência do grupo, mesmo que não proposital. O primeiro livro citado busca legitimar a Conscienciologia como ciência. Em seguida, livros sobre a inadaptação à vida e estratégias de mudança, que parece também expressar angústias das pessoas que vinham parar nos cursos de Projeciologia. Eram pessoas que se sentiam diferentes no mundo, para as quais o IIP ofereceria respostas. Um dos títulos até sugere a necessidade imperativa da mudança. A seguir, a problemática da coragem e uso dos talentos – questões motivacionais para os alunos que tivessem dificuldade de “mudar” – e também maneiras de conviver e “reconciliar-se” com os demais.

O padrão dos livros atuais de voluntários tem muito desta dinâmica, por assim dizer, confessional, onde o autor sente a necessidade de ressignificar sua vida como um “antes” (os conflitos e estranhamentos perante o mundo), “durante” (o encontro com as ideias libertárias da Conscienciologia e enfrentamentos decorrentes deste), e “depois” (as mudanças devidas à adesão à mesma).

Efeito semelhante aparece nos grupos de pesquisa dos voluntários. A equipe que produziu a primeira coletânea chamava-se grupo de pesquisas da consciência (GPC). “Mais tarde, outras categorias de grupos foram criadas, surgindo então a necessidade de uma denominação que explicitasse mais a proposta do grupo” (Gestações Conscienciais Vol. 1). Surgiram GPCs voltados a diversos assuntos: “conscienciometria”, “consciencioterapia”, informática, “inversão existencial”, “reciclagem existencial”, “socin conscienciológica”, “tenepes”.

Curiosamente, não se tem registro de GPC sobre experiência extracorpórea, ou sobre o tema consciência discutido multidisciplinarmente e dialogando com as Ciências da Mente. Ou seja, há muitos grupos de pesquisa, mas nenhum diretamente ligado aos dois focos supostamente principais do grupo. E neste passo, o foco do grupo ligado a Vieira vai se reconfigurando, com a EFC perdendo espaço para uma cornucópia de temas surgindo compulsivamente e captando interesses gerais e momentosos.

Os GPCs foram o início de um processo de multi-institucionalização do IIPC. Por exemplo: do GPC-Socin Conscienciológica nasceria o CEAEC; do GPC-Consciencioterapia surgiria a OIC; do GPC-Grinvex nasceria a ASSINVÉXIS; do GPC-Grupon Conscienciograma viria a Conscius. Outras instituições seriam fundadas a partir de departamentos: a Reaprendentia, a partir de voluntários ligados à pedagogia e didática; a Reconscientia, com os voluntários ligados aos departamentos técnico-científicos; a Uniescon, reunindo escritores conscienciológicos, e assim por diante. Todas elas devidamente encabeçadas por uma associação colegiada denominada UNICIN – União das Instituições Conscienciocêntricas Internacionais. A Conscienciologia Conscienciologia parece ter sido não uma decorrência ou continuidade da Projeciologia, que foi deixada em segundo plano, mas do contrário, uma reconfiguração do grupo.

Além do declínio dos congressos sobre a experiência fora do corpo, é curioso também como a Conscienciologia parece fugir, constantemente, de discutir seu suposto objeto, consciência, tema

negligenciado e secundário, por exemplo, na Enciclopédia da Conscienciologia. À exceção de poucos artigos veiculados no *Journal of Conscientiology*, da IAC (que trataremos na seção seguinte, e curiosamente tratada como instituição dissidente na atualidade), *a natureza da consciência é tida como dada, e os artigos passam a discorrer sobre quaisquer assuntos que possam ser ressignificados para um modelo espiritual e moral trazido por Vieira*, cujas raízes espíritas são bem evidentes, mescladas com visões de mundo comuns à classe média brasileira contemporânea urbana e espiritualizada.

EXPANSÃO DO TRABALHO

Com a transição do Centro da Consciência Contínua – grupo informal de estudos e discussões, na década de 80 – para o Instituto Internacional de Projeciologia – estrutura administrativa voltada ao oferecimento de cursos e publicações, a partir da década de 90 – salta aos olhos como os colaboradores originais logo se afastariam (ou foram afastados, pois desconheço os detalhes). É o caso dos 22 colaboradores mencionados na primeira edição do Projeciologia.

O mesmo ocorreu com os autores dos primeiros livros de temática mais “projeciológica” citados na seção anterior. Pelo grupo de Vieira passaram alguns dos principais nomes que hoje divulgam a viagem astral no cenário brasileiro, cujo exemplo mais notório é Wagner Borges, mas inclui também Cesar de Souza Machado, Dalton Campos Roque, Geraldo Medeiros Jr., Saulo Calderón, Vasco Vasconcellos, além de influenciar as ideias de projetores como Flávio Duarte e Moisés Esagui. Já ouvi todos estes fazerem elogios sobre o estudo projeciológico de Waldo Vieira, entretanto, infelizmente, não vemos um intercâmbio real das instituições vieirianas com estes.

Sob a denominação de “Projeciologia” encontramos diversos grupos virtuais informais não ligados à estrutura institucional e comunitária vieirista. Este público parece não ter problema com o Espiritismo, com as religiões, com a Parapsicologia, com as espiritualidades e outras visões de mundo. Afinal, a experiência fora

do corpo e fenômenos/experiências paranormais são apropriados por diversas culturas e campos do saber, de maneiras distintas. Ao contrário do que Vieira gosta de afirmar, não foi um “desvio” daqueles voluntários, a abandonarem trabalhos “mais avançados” para se dedicarem a tarefas mais fáceis. Parece, do contrário, que é o grupo vieirista que passou a afastar-se gradativamente dos intentos iniciais de investigar a experiência fora do corpo e modelos explicativos da suposta essência espiritual do ser.

Um segundo motivo pode ser o estilo administrativo aplicado por Vieira aos seus voluntários. Na virada do Milênio, uma nova substituição de colaboradores se observa com a transferência das atividades do Rio de Janeiro para a área rural de Foz do Iguaçu. A versão institucional oficial comenta brevemente sobre uma mudança aparentemente formal na pessoa jurídica do CEAEC, até então uma cooperativa, tornando-se uma associação.

Uma cooperativa é uma entidade que pertence a seus cooperados, ou seja, àqueles que participam com o rateio do patrimônio. Trata-se dos conscienciólogos que investiram dinheiro na compra do terreno e das instalações. Eram voluntários do Sudeste e Sul brasileiro com algum recurso, mas que em sua maioria não faziam parte da cúpula administrativa do IIPC na matriz carioca. Vieira não poderia desejar algo melhor para o final de sua vida, mas viu na cooperativa um entrave. Não estão claros os detalhes, mas o fato é que a cooperativa “se tornou” uma associação (significando que aquele patrimônio foi vendido e ou transferido) e o quadro diretor foi modificado.

Os antigos cooperados se afastaram do núcleo conscienciológico. Alguns deixaram o grupo ou retornaram para suas cidades natais. Seguramente o movimento envolveu toda uma pressão política e a destituição de cargos e pessoas que até então vinham se dedicando ao trabalho lá. Antigos cooperados deram início à Aracê, que futuramente voltaria a integrar o complexo institucional. Um “estigma” ainda era eventualmente veiculado sobre os mesmos: “pensam em dinheiro”. É difícil saber por que, além disso, antigos

proprietários do terreno do CEAEC têm mágoas com relação à instituição, até hoje.

Do outro lado do Mundo, a China era uma espécie de menina dos olhos de Vieira. Sempre mencionando seus guias espirituais chineses, e sua convicção de que, na próxima vida, renasceria lá. Esperanças de expandir a Conscienciologia para esse país cresciam na década passada, a partir do trabalho de um casal de colaboradores, que estreitavam o contato com instituições chinesas. Uma versão do Projeciologia em Inglês com índice em Mandarim foi impressa e distribuída gratuitamente para bibliotecas e instituições. O casal apresentava artigos em conferências, fazia contato, e se sustentava economicamente com a promoção de viagens culturais de intercâmbio. Trata-se de outra história obscura, mas o fato é que, antes do final da década, o casal – que colaborava há décadas com Vieira – já não tinha mais vínculos com o grupo e passara a [trabalhar de maneira independente](#).

Ruptura também se observa na tentativa do grupo chegar ao Continente Africano. Graças à colaboração de um antigo voluntário Angolano que mantinha negócios no Brasil, o grupo conseguiu, aos poucos, explorar frentes a partir de Luanda. Entretanto, não tardou para que a parceria entre as instituições brasileiras e o pequeno grupo autóctone de voluntários se rompesse. Ao contrário da distante China – com enormes diferenças linguísticas e culturais – a Conscienciologia brasileira continua procurando expandir-se para Angola, porém sem a parceria dos voluntários da região, que tocam esforços em paralelo. Concomitante a isso, Waldo Vieira passou a anunciar que renascerá não mais na China, e sim na África.

Em 2014 foi a vez da IAC – *International Academy of Consciousness* – braço internacional do grupo, com atuação principalmente na América do Norte e Europa, ter seu desligamento do complexo institucional. Parte importante deste registro pode ser encontrada no índice de assuntos deste livro, que remete ao grupo de discussões virtuais *O que penso da Conscienciologia*.

Apesar de não ser possível uma análise exaustiva em poucas linhas, algumas diferenças podem ser observadas nessa instituição. Sua participação na organização dos Congressos Internacionais de Projeciologia foi essencial para imprimir aos eventos um padrão um pouco mais internacional e multi-institucional, ao contrário dos demais eventos conscienciológicos, cujo padrão é contar exclusivamente com conferencistas do próprio grupo. O mesmo diferencial se observa no *Journal of Conscientiology*, organizado por ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A esmagadora maioria das publicações conscienciológicas apresentam essa disciplina como espécie de lobo solitário, única a fazer investigação adequada dos fenômenos sobrenaturais e a ter um modelo apropriado do espírito, da Vida e do Universo, portanto aguardando a “conscientização” das pessoas para que venham a aderir à sua cosmovisão. Mas a própria bibliografia de 5.116 itens compilada até 1994 desmente isso.

Apesar das dificuldades, há sim bons estudos nos meios acadêmicos e populares acerca desses assuntos. Há, sim, ótimos trabalhos filosóficos. Há inúmeras pessoas dedicadas aos mesmos problemas e com alto grau de coerência em seus achados. E para além disso, há um universo vastíssimo de conhecimento válido e consistente, o qual os textos conscienciológicos parecem não dar atenção ao fazerem certas prescrições morais ou análises sintéticas das coisas.

O aparente isolamento unidisciplinar – que já procurei ilustrar nos “tratados” Projeciologia e 700 Experimentos – aparece também na Enciclopédia da Conscientiologia. À edição de 2010, aproximadamente 50% das referências bibliográficas são a trabalhos do próprio Vieira, 38% a recortes de periódicos de notícias e páginas da internet, 10% são referências a livros, 1% são referências a outros autores conscienciológicos, e 0,4% são referências a artigos de periódicos científicos.

Pesquisadores de áreas específicas facilmente percebem lacunas e poderiam fazer apontamentos enriquecedores para algumas das dezenas de milhares de páginas já publicadas por instituições conscienciológicas. Acredito que este campo teria muito mais força se aproveitasse melhor o vasto universo de conhecimento humano existente, através de interações reais com outras instituições e estudiosos independentes. Afirmarções como as que se observam naquela Enciclopédia (2010) só contribuem para manter o isolamento e alimentar a vaidade em quem se deixar levar por este discurso:

“É até falta de generosidade comparar a excelência prioritária dos princípios da Consciencilogia (...) com os trabalhos filosóficos dos filósofos, pensadores, cientistas, intelectuais, ph.Deuses e acadêmicos das Ciências, das Filosofias e das Religiões de todos os tempos.” (p. 1333)

O modelo administrativo ou cultura institucional que se formou em torno da Consciencilogia também parece não ser ideal para os propósitos que a mesma afirma defender. O grupo já está habituado a Vieira – embora sem nenhum cargo formal – nomeando e destituindo os diretores institucionais, “dando uma banana” para assembleias associativas que, ao final, apenas ratificam sua decisão. A tendência é perpetuarem-se os diretores que mantenham o estilo de liderança do mestre. Depoimentos sobre condutas arbitrárias são comuns entre ex-membros, inclusive com interferência sobre suas vidas particulares, moradia, trabalho, investimentos, muitas vezes usando como chantagem implícita a exclusão, ostracismo ou estigmatização no grupo. Se a situação se perpetuar, a tendência é afastar da comunidade conscienciológica pessoas com preferências mais democráticas, formando um grupo com hierarquia polarizada entre diretores absolutos e membros subalternos e dóceis que aceitem este padrão de liderança. É uma semente que, quando encontra terreno fértil para crescer, produz grupos fechados, radicais, potencialmente destrutivos para seus participantes e a sociedade no entorno.



Para onde vai a Conscienciologia?

Em meu último contato com a IAC – *International Academy of Consciousness* – durante o 1º Congresso Internacional de Conscienciologia, tive a impressão de que o grupo procura evitar o isolamento disciplinar ainda comum no meio conscienciológico, demonstrando interesse sincero em acertar e escutar opiniões e abordagens diferentes.

Ainda é cedo para especular sobre o futuro deste movimento, que há um ano desligou-se da matriz em Foz do Iguaçu. Mas é possível esperar, por indução lógica, que o grupo se depare com questões semelhantes às que a experiência histórica da Conscienciologia nos mostrou.

No campo disciplinar, a Conscienciologia, assim como qualquer outra área de estudo, sempre receberá pressões externas para se atualizar, reciclar, transformar. A resposta histórica para isso até hoje tem sido “endogâmica” – fechar-se, construindo um conhecimento intra-muros, tornando-se praticamente uma “espécie exótica” incapaz de intercambiar “material genético” com outras disciplinas. Este isolamento resulta na formação de um vocabulário próprio, com neologismos e palavras ressignificadas, que “protegem” a doutrina de ser “contaminada” por visões de mundo diferentes.

Conforme a IAC procure fazer o movimento inverso, abrindo a Conscienciologia para o intercâmbio com campos do saber externo, poderá perceber, por sua vez, uma pressão pela diluição, relativização ou até negação de postulados conscienciológicos hoje amplamente aceitos pelo grupo. E ideias não são simplesmente ideias, mas integram-se ao sistema. Logo, sua modificação produz repercussões em outros âmbitos do grupo, por exemplo, pedagógicos, econômicos e políticos.

Por exemplo, é possível que a Conscienciologia, ao se abrir, se veja forçada a rever (ou até abandonar) o assim chamado *paradigma consciencial*, pois o mesmo é oferecido como uma resposta ou solução quase dogmática a problemas complexos, embora não

contenha um lastro de pesquisas suficientes para sustentá-lo. A consequência disso seria colocar em dúvida a quase-totalidade da produção conscienciológica (as “verdades relativas de ponta”), uma vez que as mesmas tendem a ser hipóteses não testadas, já que são construídas sobre um paradigma que tampouco saiu da condição de hipótese não testada. Em última instância, a integração da Conscienciologia pode significar a sua desintegração, ao menos da forma como a conhecemos.

Mas se a integração pode ser muito destrutiva para o corpo de ideias, em si, ela pode não ser tão grave para outras facetas do trabalho daquela comunidade. Pessoalmente considero a Conscienciologia muito mais uma escola de desenvolvimento humano do que propriamente instituição de pesquisa. Não vejo qualquer demérito nisso, nem empecilho para que seus professores a transformem numa referência na área de treinamento de potencialidades humanas excepcionais e desenvolvimento *psi*. Da mesma forma que uma escola de idiomas, música ou academia desportiva, podem ser referências em suas áreas de treinamento, sem que signifique serem instituições de pesquisa, e sem que isso seja um empecilho para que seus membros publiquem e participem do debate científico, quando sintam necessidade.

Os alunos que procuram a Conscienciologia querem desenvolver habilidades, “conhecimentos tácitos”, assim como um aluno que procura um curso de idiomas. Eles procuram professores, instrutores, guias, e não pesquisadores e orientadores de teses. Formar-se e receber a proficiência na língua estrangeira não significa ter-se tornado um pesquisador da mesma, e sim um falante, um poliglota. Não há uma demarcação rígida entre estes dois campos, o científico – dos conhecimentos explícitos – e o técnico/artístico – dos conhecimentos tácitos. Mas igualar ambos é um grande erro.

O “conscienciólogo” que perceber isso entenderá que pode ser um excelente professor (instrutor, *coach*) se concentrar-se em auxiliar os alunos a desenvolverem suas potencialidades adormecidas. Isso pode acontecer mesmo que não exista ainda um

modelo teórico adequado para explicar os fenômenos e experiências sobrenaturais em questão. Da mesma forma que, por exemplo, podemos aprender muito sobre nós mesmos observando nossos sonhos e aprendendo a rememorá-los, ainda que até hoje o debate científico não tenha chegado a um consenso sobre o que são os sonhos, por que eles ocorrem e como funcionam. Ou da mesma forma que um navegador da Antiguidade guiava-se pelas estrelas, embora estivesse longe de conceber a Via Láctea como a conhecemos hoje, e mesmo poderia considerar que a Terra é plana ou fixa.

A procura de promover um paradigma explicativo para os fenômenos anômalos (“sobrenaturais”, parapsicológicos etc) talvez não seja a melhor alternativa do presente. É possível que ainda estejamos muito aquém da capacidade de explicá-los – assim como Aristarco de Samos, no Séc. III a.C., estava muito aquém de poder oferecer uma explicação consistente para sua hipótese de órbita terrestre heliocêntrica. O conhecimento humano não dá saltos, mas pequenos passos, e no estágio atual estamos longe de uma explicação mais definitivas e consensuais sobre os fenômenos psi, e de podermos considerar as hipóteses de sobrevivência como finalmente comprovadas ou falseadas.

O modelo de financiamento da Conscienciologia também é mais favorável à sua identidade de escola do que laboratório. Seus recursos vêm de alunos e leitores – que a buscam para desenvolvimento pessoal – e não propriamente de fundações, governos, empresas privadas e órgãos de fomento à pesquisa – tradicionais patrocinadores e beneficiários diretos da produção científica. Nada a impede de fazer ambos (ensino e pesquisa) como acontece nas universidades, mas para isso precisará de *know-how* que permita ao pesquisador alcançar os padrões mínimos exigidos por órgãos de fomento.

Por isso, o desafio do trabalho voluntário conscienciológico merece reflexões. Em primeiro lugar, trabalhar voluntariamente significa que o participante precisará buscar em outro lugar os

recursos para o próprio sustento. Há uma limitação natural de tempo para dedicar-se a uma ou outra atividade. Quanto mais quiser se dedicar ao trabalho voluntário, maior a pressão para reduzir o tempo disponível ao trabalho remunerado, e vice-versa. Isso pode provocar uma alta rotatividade dos colaboradores, dificultando os ganhos de escala auferidos por um período mais longo de dedicação (curva de aprendizagem). Isso pode também provocar a saída de um professor, ou pesquisador, ou autor, quando sentir necessidade de dedicar-se mais integralmente à matéria, passando a procurar, fora da instituição conscienciológica, uma alternativa remunerada para fazê-lo.

O trabalho voluntário, que por um lado é interessantíssimo do ponto de vista econômico e facilita a construção de ambientes de alto valor agregado, pode impor um teto muito baixo de desenvolvimento técnico, acima do qual seja difícil expandir a atividade de ensino e pesquisa. Pensar em modelos de trabalho remunerado pode ajudar a inverter este ciclo para que, quanto mais o colaborador se dedique às atividades, mais receba e, portanto, mais possa dedicar-se a elas.

Obviamente, sistemas de trabalho remunerado acarretam uma pressão enorme sobre os custos da instituição, que precisam ser confrontados com os ganhos de escala de ter-se colaboradores de dedicação mais exclusiva. Seria indicado comparar a sustentabilidade econômica (em curto e longo prazo) de ter um colaborador remunerado com dedicação integral (professor, autor, pesquisador, administrativo etc) ou, por exemplo, 5 voluntários que se dediquem 8 horas semanais cada um. A remuneração também pode abrir espaço para parcerias interinstitucionais e intercâmbio com professores visitantes, terapeutas holísticos e demais profissionais de áreas próximas.

A interdisciplinaridade é palavra preferida de 11 em cada 10 defensores da Ciência. Mas interdisciplinaridade não é tarefa de um homem só, nem de uma instituição só. Não apenas por ser empreitada grande demais para as possibilidades humanas individuais, mas também porque indivíduos e grupos formam inevitavelmente suas culturas e vieses, enquanto a

interdisciplinaridade pede a multiplicidade de vieses e visões de mundo. A interdisciplinaridade tem servido mais como um clichê para criticar-se a especialização do que propriamente uma meta a ser perseguida, o que é uma pena, pois um trabalho interdisciplinar precisa de especialistas. Deveríamos falar de “multi-inter-especialidade”.

Não há como abordarmos problemas humanos hoje, complexos, com a superficialidade de um ou poucos generalistas solitários. Além do mais, grupos criam as próprias disciplinas – no duplo sentido da palavra. Mas junto com a tradição, a defesa, a preservação e a tendência conservadora, é preciso cultivar também a insegurança da subversão, do risco e da indisciplina. Eis porque arrisco dizer que a interdisciplinaridade também precisa de uma boa dose de *indisciplinaridade*. Por isso acredito que se a Conscienciologia for capaz de ser produzida em um processo de cooperação entre instituições independentes e fora do controle ou monopólio de uma matriz, e se ela for capaz de transitar tanto na assepsia do laboratório e da sala de aula quanto no caos da praça pública e do espaço popular, estará mais perto de cumprir sua missão tão almejada de emancipação humana.



Pseudocientificidade em conscienciologia

(Publicado nos *International Congress of Conscientiology* – ICC – 22 de maio de 2015 – com o título *Preliminary study of evidences of pseudoscience in Conscientiology*)

RESUMO

Neste artigo analiso a conscienciologia enquanto comunidade cognitiva, sob a perspectiva de Mario Bunge no ensaio “*What is pseudoscience?*” (1984). São levantados traços preliminares sobre a produção cognitiva conscienciológica, acerca dos 12 itens propostos por Bunge para diferenciar ciência e pseudociência. Proponho, com isso, estimular a discussão epistemológica e sociológica sobre conscienciologia, e chamar atenção para problemas na sua construção teórica e dinâmica social. Concluo pela necessidade de maior atenção à questão científica nesta comunidade, evitando o isolamento em relação ao diálogo interdisciplinar e interinstitucional.

INTRODUÇÃO

“Conscienciologia não é pseudociência,” nas palavras de seu idealizador, Waldo Vieira (2013). Porém, tal afirmação não é consensual fora do meio institucional fundado por ele. A conscienciologia cativa algum interesse entre “espiritualistas”, principalmente brasileiros, observável por exemplo em listas de discussão virtuais. Entretanto, o debate junto à comunidade

científica é escasso. No âmbito internacional, por exemplo, nota-se certa iniciativa de publicar em outros grupos¹ e abrir diálogo interinstitucional². Entre acadêmicos brasileiros, a conscienciologia capta alguma atenção, não no campo da filosofia das ciências (enquanto área de conhecimento) mas nos estudos da religião (enquanto fenômeno sociológico)³.

Valle (2001), Stoll (2002) e Guia (2003) seguem os passos de D’Andrea (2000) no trato à conscienciologia como parte das novas manifestações de religiosidade e espiritualidade do “movimento *new age*”. Acertadamente, parece-me, preferem utilizar a noção de *paraciência* ou *pararreligião*, que expressa um fenômeno com discurso próprio, que busca diferenciação com as ciências e religiões. A denominação de *ciência* ou *religião* comprometeria o rigor da pesquisa fenomenológica, enquadrando *a priori* a conscienciologia em categorias das quais ela procura se distinguir.

Confrontados com o problema de considerarem-se científicos mas procurarem se diferenciar da ciência, conscienciólogos⁴ informam estarem lidando com uma ciência “não-convencional”, categoria aceita pelo grupo em contraposição às ciências “convencionais”⁵. Informalmente,

1 Abreu (2009), Abreu & Madurell & Perego (2013), Lindsay (2007).

2 IAC (2013) e ICGE (2012a, p. 149).

3 D’Andrea (2000; 2013), Guia (2003), Valle (2001).

4 O termo “conscienciólogo” será utilizado para fins de concisão, como sinônimo de voluntário de instituição conscienciológica.

5 Um livro conscienciológico procura tratar sobre esta diferenciação (Cerato, 1998). Mais recentemente, Vieira (2010, p. 2.273) trouxe o conceito da pessoa “eletrônica”, abrindo margem ampla para

alguns sugerem o termo “protociência” como para manter a validade *ex ante* de algo que “um dia será” ciência. Opiniões à parte, a literatura conscienciológica é praticamente unânime em classificar a si mesma como uma ciência, além de ser a única referida exaustivamente como “não convencional”, “mais madura”, “mais avançada”, “a ciência das ciências” etc.

Utilizarei o modelo comparativo de Mario Bunge (1984) que visa distinguir campos cognitivos científicos e pseudocientíficos. Bunge oferece 12 variáveis, que utilizarei para analisar a conscienciologia, vista como um campo cognitivo compartilhado e produzido por uma comunidade cognitiva.

O foco da análise aqui é o grupo mais expressivo na conscienciologia, organizado através das chamadas “instituições conscienciocêntricas”, cujo principal centro de decisões políticas e produção ideológica localiza-se em Foz do Iguaçu, Brasil, coordenado pela União das Instituições Conscienciocêntricas Internacionais (UNICIN) e fundamentado nas ideias e autoridade de Vieira.

Justifico a relevância deste estudo para esta *Academia* na interação com instituições independentes e interdisciplinares. O diálogo requer aceitação do outro à mesma altura, portanto o olhar crítico sobre a distinção entre ciência “convencional ou não convencional”, “mais madura ou menos madura”. Requer também a comunicação em bases comuns, não importando mais o que o conscienciólogo pensa sobre si, mas o quanto ele é capaz de intercambiar ideias em termos mutuamente inteligíveis com outros pesquisadores. Neste trabalho, procuro colocar a conscienciologia sob a

desqualificar cientistas como sendo “convencionais”, “deificadores do elétron”, entre outros.

perspectiva banguiana, e não sob a perspectiva conscienciológica. A predisposição em considerar o ponto de vista do outro “não conscienciológico” é indispensável aos diálogos interdisciplinares e interinstitucionais.

DESENVOLVIMENTO

As 12 características (e respectivas siglas) seguem classificação de Bunge (1984) em seu artigo *What is Pseudoscience?*

O levantamento é preliminar. Cada um dos 12 itens mereceria um ou mais trabalhos próprios, contendo metodologia específica e maior levantamento de dados, para permitir análises conclusivas. Nosso propósito é abrir uma discussão da conscienciologia na Filosofia das Ciências, longe de podermos encerrá-la. Importa ainda confrontar o modelo banguiano com outras definições de ciência e pseudociência, pois tal não é exatamente uma pesquisa empírica, mas um ensaio (*paper*). As afirmações sobre conscienciólogos (ou voluntários) não têm valor totalizante, sendo generalizações para fenômenos coletivos que parecem determinantes nesta comunidade cognitiva, merecedores de atenção.

1. Comunidade de pesquisadores (C)

Na distinção entre comunidade científica e pseudocientífica, aquela é formada por pessoas que receberam algum treinamento especializado, enquanto esta é uma

comunidade de “crentes” (*believers*), que não conduzem pesquisas ou dedicam-se a estudos deficientes para padrões científicos.

A escolaridade da comunidade conscienciológica é consideravelmente superior à média populacional⁶, mas inferior à da comunidade acadêmica⁷. Tal se reflete em suas publicações. Na Enciclopédia da Conscienciologia (Vieira, 2010) apenas 2 (dois) entre os 1821 verbetes são escritos por autor com doutorado. Em levantamento aos periódicos *Conscientia* e *Journal of Conscientiology* (JofC) encontramos 2% e 9% de doutores, respectivamente. Este valor tende a ser menor do que periódicos universitários de baixo impacto, embora caiba mencionar que o JofC recebe qualificação B1 (médio impacto) pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) brasileira.

Quanto à questão de ser uma comunidade de crentes (*believers*), embora não possa ser resolvida em poucos parágrafos, convém investigar a possibilidade de o vínculo entre conscienciólogos ser mantido por laços mais fortes do que propriamente o científico.

O ingresso na comunidade conscienciológica não se dá por mérito científico, mas pela adesão ao voluntariado em uma das instituições, através de entrevista onde não é esperada formação científica prévia. Nas “cognópoles” (bairros conscienciológicos), o colaborador desenvolve outros laços

6 As instituições informam haver 91% de voluntários com curso superior (ICGE, 2012b), claramente acima dos 9% na média populacional brasileira (IBGE, 2014).

7 A comunidade conscienciológica informa 13% de mestres e doutores (ICGE, 2012a), contra 68% no caso de instituições brasileiras do Ensino Superior (INEP, 2013).

sociais, por exemplo, de amizade, intimidade conjugal, negócios, vizinhança, nada relacionados ao seu trabalho científico, e que podem chegar a prevalecer sobre vínculos sociais anteriores, fazendo com que as esferas mais importantes da vida social dependam de sua aceitação comunitária por outros conscienciólogos.

Stark & Bainbridge (1980) encontraram evidências de os laços comunitários terem papel essencial na adoção das crenças compartilhadas por membros. Concluem: “*Indeed, the affective bonds that constitute social networks [are] direct rewards. Humans desire interpersonal bonds, and they will try to protect them from rupture even if that may mean accepting a new religious faith*” (p. 1394). A pessoa fortemente envolvida em laços comunitários tende a adotar e defender as ideias do grupo, ao invés de dedicar-se à pesquisá-las. A coesão grupal torna-se elemento de pressão à aceitação das crenças coletivas, contrária ao ideal de pesquisador-falseador de hipóteses e teorias.

2. Sociedade anfitriã (S)

A sociedade no entorno ou diretamente ligada à comunidade apoia, ou no mínimo tolera as atividades da comunidade científica de pesquisadores (C). No caso da pseudociência, este apoio pode existir por motivos práticos (por exemplo, estabelecimento de negócios), embora a comunidade permaneça externa à cultura oficial.

Para conhecer de que modo as sociedades anfitriãs relacionam-se com a conscienciologia, e se a mesma permanece “externa” à cultura oficial, seria necessário maior

levantamento de dados e considerações metodológicas específicas. Por ora, convém descrever a visão dos voluntários sobre o “não conscienciológico”. A sociedade, em si, é denominada *socin* (sociedade intrafísica). O termo era originalmente utilizado em contraposição a *sociex* (sociedade extrafísica), não-humana. Embora a comunidade conscienciológica seja “intrafísica”, humana, os voluntários acabaram por utilizar o termo *socin* para designar “o outro”, uma sociedade da qual se consideram diferentes.

A visão de setores sociais também é problemática. Além da postura com relação aos cientistas (“convencionais”) e o discurso de superioridade com relação ao mundo acadêmico⁸, assuntos religiosos adquirem caráter pejorativo⁹. Ex-religiosos, membros de instituições conscienciocêntricas, são “*maxidissidentes*”¹⁰.

É comum nessa comunidade a noção de “falar verdades antipáticas na cara”, “dar bananas” a quem não concordar, dar “soco na cara e fratura exposta” e “não estar nem aí para opiniões externas”. O pretexto de fazer “impactoterapia” dá ao conscienciólogo oportunidade para investir intelectualmente de modo agressivo contra qualquer pessoa. É difícil crer que tal postura estimule compreensão e aceitação social a favor da conscienciologia, podendo atrair para seus quadros pessoas com ímpeto agressivo e sem preparo científico nem terapêutico.

8 Ver por exemplo o verbete “Doutorado” à Enciclopédia da Conscienciologia (s.d.).

9 Por exemplo, o termo “religioso(a)” dá qualificação invariavelmente negativa (“nosográfica”) a verbetes da Enciclopédia da Conscienciologia (s.d.).

10 Luz (2005), Borges (2008).

Por padrão, isso parece não incomodar o grupo, que tem meios de encarar a rejeição como evidência de superioridade, resultado de serem “microminoria”, “elite do conhecimento”, incompreendida pela “massa impensante”. Não se pode ignorar o potencial de um discurso rico em autodefinições elogiosas e rótulos externos pejorativos para fomentar preconceitos e conflitos interculturais¹¹.

3. Domínio ou universo discursivo (D)

Na prática científica o domínio (D) lida com entidades *reais*, sejam elas assumidas como reais ou cuja realidade se procura. Já o domínio pseudocientífico é composto por entidades *irreais* ou ao menos cuja realidade não é certificável.

A prática conscienciológica é rica em exemplos nos quais uma afirmação é assumida como real com base em alegações, aceitas por critérios de autoridade, racionalizadas como sendo frutos de “experiências pessoais”. Exemplos notórios são as constantes menções de Vieira a entidades que o visitam, ou lembranças de vidas passadas, ouvidas com grande interesse pelos voluntários desejosos por notícias e orientações dos planos “extrafísicos”¹². As alegações são tratadas como dados reais e objetivos, a partir dos quais buscam-se mais dados confirmatórios¹³. Causas disso parecem estar atreladas às bases filosóficas conscienciológicas, discutidas a seguir.

11 Ver por exemplo a revisão bibliográfica feita por Woolf & Hulsizer (2004) sobre o que a literatura anglo-saxônica chama de *hate groups*.

12 ICGE (2014), Teles (2014).

13 Comunicons (2013a).

A suposta realidade de conceitos conscienciológicos básicos, como a existência de múltiplas dimensões, múltiplos corpos de manifestação do ser, a experiência da separação destes corpos, os fenômenos parapsicológicos (*psi*), múltiplas vidas sucessivas, o modelo de evolução, não são tratados em quaisquer texto da literatura como hipóteses para teste, mas sim como dados reais e confirmados, a partir dos quais se constroi o conhecimento. Numa distorção metodológica, denominam o que poderia ser uma hipótese de tentativa ou conjectura como sendo “verdade relativa de ponta”, a qual passa a figurar no campo das conclusões e resultados da pesquisa.

4. Visão geral (G)

A visão ou filosofia geral na prática científica é voltada para (a) assuntos que possam ser ontologicamente tratados como reais, traduzidos por leis causais concretas (observáveis, em oposição a conjecturas fantasmagóricas); (b) uma teoria realista do conhecimento, ao invés de idealista ou convencionalista; (c) valores que conservam clareza, exatidão, profundidade, consistência e veracidade; (d) *ethos* da livre pesquisa (em oposição a quesitos utilitários, consensuais ou dogmáticos).

A cosmovisão pseudocientífica é permeada por um ou mais dos seguintes elementos: (a) entidades imateriais¹⁴; (b) epistemologia sujeita a argumentos de autoridade ou modos de

14 A noção de imaterialidade no trabalho científico não possui a mesma aplicada ao sentido popular da palavra. Imaterial refere-se ao que não pode ser observado objetivamente, ainda que possa ser tratado no campo subjetivo ou discursivo. Pseudociências tendem a aceitar experiências subjetivas como evidenciadoras dos fenômenos objetivos

cognição acessíveis apenas a iniciados; (c) valores que não resguardam clareza, exatidão, profundidade, consistência ou veracidade; (d) um *ethos* que predispõe a defesa de dogmas, inclusive através do engano, se necessário.

A base da conscienciologia é o chamada “paradigma consciencial”, segundo o qual, em resumo, “a consciência” (essência do ser) é um dos 2 elementos do universo – consciência e energia – envolta ou manifestando-se por 4 corpos ou “veículos de manifestação” os quais, através da maior ou menor sutilidade, interagem com as múltiplas (infinitas) dimensões. Por fim, a realidade é aferida através da “autopesquisa”.

Conscienciólogos tomam estas afirmações como já satisfatoriamente comprovadas, não tendo desenvolvido, ao longo dos anos, metodologias para testá-las. Aceitam como metodologia termos vagos como “autopesquisa” ou “experiência pessoal”, os quais, se levados a cabo, invalidariam a própria existência das afirmações deste paradigma. Afinal, se a Conscienciologia tiver, como fonte primária, a experiência pessoal, ela não pode defender o uso de um modelo *a priori*. Se ela visa o *autoconhecimento*, o paradigma consciencial vai na contramão, ao procurar dar objetividade a fenômenos cuja vivência é subjetiva. Estas são algumas das incongruências que carecem de tratamento na bibliografia específica.

O que é considerado válido na comunidade conscienciológica são as experiências pessoais *confirmadoras* do paradigma. Para Almeida (2011), por exemplo, a conscienciologia promove “a revolução consciencial na Sociedade Humana ao colocar a consciência multidimensional no foco de investigação científica, divulgar seus achados no

que defendem.

formato de verdades relativas de ponta *verificáveis pela autoexperimentação*” (p. 20, grifos meus). Mas questiono se a experiência pessoal de viver uma vida somente material, ou de ter um encontro com Deus, ou ter 7 corpos ao invés de 4, seriam aceitas como autênticas, ou seriam consideradas patológicas, por não confirmarem a visão de mundo do grupo. Carvalho & Carvalho (2011) falam de uma “síndrome do conflito de paradigmas”, “estado mórbido caracterizado pelo quadro clínico no qual predomina o *distúrbio da autoexperimentação e autovivência do paradigma consciencial*, devido à falta de reciclagens íntimas (recins) essenciais ou prioritárias à evolução” (p. 82, grifos meus).

O que a conscienciologia trata como “experiência pessoal” acaba ganhando duas funções principais: (1) descartar a obrigação de fundamentar empiricamente os achados e (2) rogar a si própria uma autoridade sobre a pessoa do interlocutor (que fica desautorizado a julgar, pois não teve a mesma experiência).

Estes exemplos sugerem estar, a conscienciologia, desenvolvida sobre bases inverificáveis, a não ser de maneira iniciática, através de vivências supostamente autoconfirmadoras ou da autoridade atribuída ao pesquisador, contendo inconsistências lógicas internas e imprecisões metodológicas.

5. Fundamentação formal (F)

A base formal, ferramental lógico empregado na prática científica, é composta por teorias lógicas ou matemáticas atualizadas, ao invés de teorias obsoletas ou um vazio teórico.

Na prática pseudocientífica, esta base é modesta, onde nem sempre há respeito à lógica, e modelos matemáticos são raros ou inexistentes, não testáveis.

O vazio teórico-metodológico do paradigma consciencial se dá, antes de mais nada, pelo caráter tautológico do mesmo. Nos textos que o fundamentam há, basicamente, a construção do seguinte raciocínio: (A) a ciência falha em identificar a “consciência multidimensional” e demais afirmações com as quais concordamos *logo* (B) devemos utilizar um paradigma onde a consciência seja multidimensional e outras afirmações básicas com as quais concordamos sejam aceitas¹⁵. Ou seja, o que poderia ser tratado, legitimamente, como hipótese, é promovido como a base (o sustento, modelo ou paradigma) dessa disciplina.

O fenômeno que precisaria ser investigado (consciência), no paradigma consciencial é tido como respondido. Não por acaso, na imensa produção conscienciológica, é mínima a quantidade de trabalhos que procurem, como tema central, responder *o que é* a consciência ou como pesquisá-la¹⁶. Nos trabalhos existentes, esta resposta não é oferecida como fruto de pesquisa, mas sim como o ponto de partida sobre o qual o autor irá tecer novos raciocínios¹⁷.

15 Abreu & Madurell & Perego (2013), Cerato (1998), Musskopf (1998), Pitaguari (1998), Vieira (1994, pp. 72, 73, 77, 87, 90, 92, 100, 571), Vieira (1997), Vieira (1998, pp. 11-36).

16 Por exemplo, nos mais de 3 mil verbetes da *Enciclopédia da Conscienciologia* não há um, sequer, cujo título seja apenas “Consciência”. A questão “o que é a consciência” tampouco é abordada diretamente nos livros básicos, a exemplo de Cerato (1998) e Vieira (1994, 1996).

17 Bassanesi (2000), Vieira (1996).

Além do mais, não se trata de um paradigma, na acepção do Thomas Kuhn (1998), autor a consagrar o uso do termo no debate científico. Para que o fosse, seriam necessários testes de hipóteses exaustivos que resultassem confirmatórios, traduzindo-se em modelos e teorias que iriam se consagrando como as mais eficazes e, assim, adotados pela comunidade científica de modo gradual e consensual. Embora transmitam a imagem de que estão apenas “propondo” um paradigma, conscienciólogos utilizam amplamente as afirmações deste como já sendo corretas, e sobre elas tentam construir conhecimento. Parece que o termo *paradigma* está sendo utilizado mais como uma palavra de efeito para impressionar os leitores (Fulford, 1999).

Algumas instituições apresentam este paradigma em suas páginas institucionais, o que já é, por si, um viés anticientífico. O uso prescritivo de um paradigma vai no sentido contrário do seu sentido kuhniano, onde o mesmo é construído gradualmente, *nas Ciências Exatas*, quase um *mal necessário* a tornar os cientistas *resistentes* a mudanças e empenhados a submeter a realidade à tentativa de confirmar o paradigma. Ciências Humanas não se sujeitam a paradigmas, beneficiando-se da multiplicidade de modelos epistemológicos que podem ser aplicados a um mesmo fenômeno. Mesmo Boaventura Souza Santos (2008), em parte opondo-se a Kuhn (1998), defendendo a existência de uma crise científica paradigmática geral, não subsidia o uso de algo parecido como o paradigma consciencial, e vai até no sentido contrário da produção de um modelo da consciência, e da obstinação por traduzir tudo em “técnicas”, “leis”, “síndromes”, “binômios”, “neologismos” e outros constructos da ciência clássica.

Os pressupostos de paradigma consciencial são, na verdade, um resumo da visão de mundo compilada no tratado

Projeciologia (Vieira, 1986), permanecendo inexplicado por que, e como, ela seria a ferramenta para pesquisar o problema da consciência. De fato, as pesquisas conscienciológicas não narram de que modo suas conclusões foram resultantes da aplicação dos pressupostos do paradigma consciencial. Se observada a rigor, a aplicação do paradigma consciencial não se verifica, talvez, na totalidade dos trabalhos da comunidade.

6. Fundamentação específica (B)

A fundamentação específica científica obtida por outros campos de investigação relevantes ao grupo científico em questão utiliza-se de dados, hipóteses e teorias bem confirmadas (embora não sejam incorrigíveis). Na pseudociência esta fundamentação é pequena ou nula, com pouco ou nenhum aprendizado de outros campos cognitivos. Da mesma forma, ela contribui muito pouco para o desenvolvimento de outros campos cognitivos.

Nos 689 títulos de trabalhos publicados pelas revistas *Conscientia* e *Journal of Conscientiology*, encontramos respectivamente 9 menções a outras ciências independentes, como Biologia, Sociologia, Antropologia, Física. A título de comparação, na própria Parapsicologia, considerada por Bunge uma pseudociência, os *Encontros Psi* (2004; 2006; 2008; 2009; 2010; 2011) promovidos por parapsicólogos brasileiros apresentaram, ao longo de suas edições, do total de 162 trabalhos, 39 contendo menções às mais diversas ciências independentes, entre Antropologia, Biologia, Filosofia, Física, Neurologia, Psicologia, Sociologia e outras.

No mais antigo periódico da comunidade, a Conscientia (CEAEC, 2015), apenas 1% dos artigos fazem menção a revistas científicas externas. Em média, 2 livros não conscienciológicos são citados por artigo. Na Enciclopédia da Conscienciologia (Vieira, 2010), apenas 3 dos seus 1821 verbetes fazem menção a qualquer artigo da comunidade científica, e a média é de 0,2 livros não-conscienciológicos referenciados por verbete¹⁸.

A obra considerada basilar para a Conscienciologia (Vieira, 1994) impressiona pela extensa bibliografia: 5.116 itens. Essa bibliografia subsidiaria os fundamentos do paradigma consciencial. Entretanto, não é o que acontece. Apenas 3% (170 itens) da bibliografia são efetivamente citados no texto, dos quais, a metade são artigos do próprio Vieira, escritos para jornais espíritas da década anterior. Sobre as demais obras citadas, não há um diálogo sequer, mas referências a páginas específicas de livros que parecem confirmar afirmações pontuais deste ou daquele parágrafo. Não há indicação clara, na obra, que ela está efetivamente a dialogar ou subsidiar-se dos 97% restantes. Uma segunda contradição também fica evidente: a bibliografia apresenta milhares de livros e artigos publicados *pela comunidade científica*. Mesmo assim, o autor sustenta suas conclusões de que não há espaço ou interesse da ciência para pesquisar estes assuntos, sem qualquer evidência a partir da bibliografia. Parece preferir criar seu próprio paradigma e jamais voltar a citar estes “cientistas convencionais” novamente.

As produções conscienciológicas tampouco são representativas para os pesquisadores externos. Um

18 Na média de 1,8 itens bibliográficos por verbete escritos por Vieira (2010), 50% referenciam obras de sua própria autoria e 38% a recortes de jornais e revistas de notícias.

levantamento ao termo *conscienciologia* (e *conscientiology*) na ferramenta de busca *Google Acadêmico* (www.scholar.google.com) sugere que a mesma representa um subsídio praticamente inexistente aos trabalhos da comunidade científica. Foram encontrados apenas 2 artigos discutindo a conscienciologia em periódicos científicos externos, ambos de baixo impacto¹⁹.

7. Problemática (P)

Os problemas com os quais a comunidade científica encarrega-se são de cunho cognitivo e dizem respeito à natureza (em particular as leis) do que é englobado no domínio discursivo (D). Na pseudociência, os problemas dizem respeito a questões práticas da vida humana (particularmente como sentir-se melhor e influenciar pessoas), muito mais do que problemas cognitivos.

O problema conscienciológico básico ou primeiro não é o “(auto)conhecimento” ou a “(auto)pesquisa” do fenômeno conhecido como consciência. O objetivo primeiro é o desenvolvimento pessoal, a “evolução”, em torno da qual as demais metas são criadas.

Tomando a consciência por explicada pelo paradigma consciencial, permanecem com o problema da “evolução”, o qual não recebe uma abordagem científica (por exemplo, submissão a um método, testagem e resultados) nem filosófica (por exemplo, o questionamento sobre este conceito), mas uma abordagem técnica (procedimentos e atitudes). Uma vez que evolução é tratada como um valor (conscienciólogos querem

19 Lindsay (2007), Abreu & Madurell & Perego (2013).

ser “mais evoluídos”), os procedimentos conscienciológicos ganham estatuto de prescrições e a conscienciologia se torna um sistema moral²⁰ (um código de condutas e princípios).

8. Fundo cognitivo acumulado (K)

O conhecimento científico acumulado consiste em teorias, atualizadas, testáveis (obviamente não-definitivas), hipóteses e dados compatíveis com aqueles trazidos pela fundamentação específica (B). Na pseudociência, este acúmulo é praticamente estagnado, com hipóteses não testáveis em conflito com hipóteses científicas bem confirmadas. Não contém qualquer hipótese universal e exaustivamente testada.

A produção conscienciológica é incessante, mas produção cognitiva não significa produção *científica*. Ciência é o conhecimento *enquanto resultado de um processo*, e o primeiro dado perceptível na produção conscienciológica é a pouca preocupação com este processo.

A *Enciclopédia da Conscienciologia* (Vieira, 2010) é declaradamente voltada para a produção de verbetes *prescritivos* mas, ao mesmo tempo, *neológicos*. O ímpeto de criar algo novo faz com que o autor dê pouca atenção ao que já se produziu sobre o assunto. A própria estrutura do verbete não favorece a construção argumentativa, resultando num *bricolage* de ideias associadas – espécie de “dicionário de ideias afins” – extraído, principalmente, de dicionários e recortes da imprensa, seguidos por algumas determinações de cunho prescritivo ou moral.

20 Para a diferenciação entre ciência e moral em um livro conscienciológico ver D’Andrea (2011).

Os voluntários, em geral, dão muita importância à palavra de Vieira, acreditando conter algum sentido oculto a ser perscrutado através de interpretações hermenêuticas e exegéticas. Se os trabalhos anteriores de Vieira (1986; 1994; 2003; 2007) ainda exigiram vasta pesquisa bibliográfica ou, ao menos, desenvolvimento argumentativo, na *Enciclopédia*, mais recente, o caráter formal parece ganhar importância sobre o caráter dissertativo, e a pesquisa bibliográfica é posta em plano bastante secundário. No recentíssimo *Dicionário de Argumentos da Conscienciologia* (Vieira, 2014), não mais do que duas páginas com opiniões do autor são necessárias para literalmente *inventar uma nova ciência*²¹. Na atualidade, Vieira dedica-se às “ortopensatas”, neste caso, sentenças curtas²².

Parece que, no lugar do embasamento prévio e demonstração empírica ou lógica, a produção vieiriana seguiu o caminho formalista e semântico, para, finalmente, encerrar-se em máximas. Tais citações curtas, de grande apelo popular, por maior que seja o valor moral, literário, intelectual, não são produções científicas.

9. Metas ou objetivos (A) da comunidade

As metas e objetivos da comunidade científica incluem a descoberta ou uso de leis, sistematização de teorias, através

21 Ao invés de banheiro, fala-se em *banheirologia*, por exemplo. Uma listagem de algumas das milhares de “logias” pode ser encontrada em http://www.icge.org.br/wordpress/?page_id=1878.

22 Talvez, parafraseando a editora responsável, pela ideia de que “grandes filósofos acabam sendo conhecidos por suas grandes frases” (100 Fronteiras, 2014).

do teste de hipóteses, e refinamento dos métodos de pesquisa. Na comunidade pseudocientífica, em contrapartida, os objetivos são de ordem prática, conforme a problemática (P) supracitada.

Importa compreender a distinção entre ciências, artes e técnicas, ensino e moral. Estas esferas interagem entre si, mas ninguém afirmaria que uma academia desportiva ou um curso de idiomas, por exemplo, são instituições de pesquisa, embora os conhecimentos e técnicas aplicados por estas possam ser frutos de pesquisas científicas. Uma escola comum, por ensinar conteúdos produzidos ciência, não se transforma em uma instituição científica. Por melhores que as instituições conscienciocêntricas possam ser, quer na condição de escolas de ensino moral, desenvolvimento pessoal ou habilidades paranormais, quer como alternativa comunitária, isso não as torna, automaticamente, instituições científicas.

Essa distinção, obscurecida no senso comum, permite a conscienciólogos dizerem que “cientistas ignoram o autodesenvolvimento” ou “a ciência não tem ética”, no intuito de legitimarem prática de estudo alternativa, onde a cornucópia de técnicas de autodesenvolvimento e prescrições morais parecem criar a ilusão de serem pesquisas científicas. Vê-se tentativa de deslegitimar pesquisa ou questionamento filosófico autênticos como sendo “muito teóricos”, na conotação popular pejorativa que essa expressão recebe. Voluntários querem praticar as metas apresentadas pelo propositor para “evoluírem”, semelhante aos jogadores de um time, praticando para vencer o próximo campeonato. Por mais válido que seja o objetivo, não é científico, mas técnico.

A realização dos “objetivos evolutivos” do grupo passa a ser o ideal buscado. Os relatos autobiográficos, ao invés de subsidiarem pesquisas etnográficas, adquirem tom

confessional, onde vivências são interpretadas em termos de “antes e depois” da Conscienciologia. Desenvolveu-se até campanha promocional neste sentido: “Eu Conheci a Conscienciologia” (Comunicons, 2013b).

10. Métodos (M)

Métodos utilizados pela ciência consistem exclusivamente de procedimentos justificáveis (explicáveis) e perscrutáveis (verificáveis, analisáveis e criticáveis). Na pseudociência os métodos não são checáveis nem justificáveis a partir de teorias bem confirmadas. A crítica tampouco é bem-vinda por pseudocientistas.

Freire (2008), em carta à Conscientia, se manifesta sobre desideratos básicos do trabalho científico, a clareza em relação aos métodos, resultados e conclusões. Sintetiza com propriedade e simplicidade: “não basta dizer que foi uma experiência pessoal” (p. 320). A frase pode parecer trivial, mas as argumentações conscienciológicas a favor de um paradigma consciencial conduzem o leitor a acreditar que a “experiência pessoal” resolve a necessidade metodológica para seus estudos. Freire manifesta-se sobre metodologias já existentes e que consideram o pesquisador enquanto sujeito-objeto pesquisado, algo que o discurso “neoparadigmático” insinua inexistirem. Bazzi (2009) adiciona a relevância de uma “abordagem mais fenomenológica nos relatos, com menor precipitação interpretativa” (p. 243). Tais cartas apontam fragilidades percebidas por estes autores, e demonstram intenção sincera de ambos na qualificação metodológica da pesquisa conscienciológica, embora não tenham sido utilizadas em publicações posteriores de seus colegas.

Quanto às discordâncias, embora se digam a favor dos debates e abertos às críticas, a maneira mais comum de reagirem às críticas é rebater com ataques aos autores, os quais tentam, invariavelmente, qualificar como mal-intencionados e afastar do convívio comunitário. Os maiores debates publicados por conscienciólogos tomaram a forma de “cartas de esclarecimento” nas quais “alertam” a comunidade, rotulando e estigmatizando seus adversários²³. Nos textos escritos por Vieira diretamente sobre a conscienciologia e suas instituições, o autor não hesita em tratar eventuais críticos com rótulos negativos, por exemplo: acanhados, apartados, “aprioróticos”, aventureiros, dissidentes, exploradores, intrusores, incapazes de se relacionarem harmoniosamente etc.²⁴

11. Interdisciplinaridade

O campo que Bunge denominará *E*, encapsulando as variáveis supracitadas ($E=C,S,D,G,F,B,P,K,A,M$), faz parte de um campo cognitivo mais amplo, multidisciplinar, onde há uma ou algumas disciplinas contíguas, com entrecruzamento de cosmovisões, fundamentações, resultados, objetivos e métodos. Um domínio *E* acaba fazendo parte de outros domínios. Na pseudociência não há outro campo científico, a não ser, talvez, outra pseudociência, que a entrecruza e esteja em posição de controlá-la ou enriquecê-la. A pseudociência permanece praticamente isolada, não formando, sequer, um sistema de

23 Vieira (1983), Nonato e Colpo (2009), Colpo e Valente (2011).

24 Vieira (1994, p. 314; s.d.),

pseudociências caminhando em paralelo com o sistema de ciências existente.

Na Enciclopédia da Conscienciologia, por exemplo, predominam as opiniões desabonadoras e preconceituosas à comunidade científica²⁵. A mais paroxística:

“É até falta de generosidade comparar a excelência prioritária dos princípios da Conscienciologia (...) com os trabalhos filosóficos dos filósofos, pensadores, cientistas, intelectuais, ph.Deuses e acadêmicos das Ciências, das Filosofias e das Religiões de todos os tempos.” (Vieira, 2010, p. 1333)

Voluntários criaram revista cujo pré-requisito à publicação é ter titulação de doutorado. O propositor da ideia justifica: “precisa ser doutor, pois é isso que eles [os acadêmicos] entendem”. Enquanto o doutorado não é requisito para publicar nas “ciências convencionais”, esta revista parece crer que a titulação lhes dará ingresso para debate entre acadêmicos. A revista *Interparadigmas* teria o subtítulo “A Revista dos *Sábios* da Conscienciologia” mas, na sequência, preferiu-se “A Revista de Doutores da Conscienciologia” (Tertulianum, 2012). Não obstante o nome da revista sugerir intenção interdisciplinar, a mesma se define “sob a responsabilidade exclusiva dos doutores da Conscienciologia”, os quais “se autorreconhecem intermissivistas”, “tem por referência o paradigma consciencial” e partem de premissas estabelecidas por esse paradigma (Interparadigmas, 2014, pp. 121-122).

25 Uma diferença de 49 para 11 foi encontrada entre as manifestações de opiniões negativas e positivas a respeito dos cientistas nessa enciclopédia (Vieira, 2010).

O praticante de outra linha espiritualista, seja voluntário ou profissional, é constantemente intimado a “se posicionar”, entre uma *ou* outra. Fazer da conscienciologia trabalho remunerado é motivo praticamente certo para que o mesmo não seja aceito pelo grupo. Em casos de disciplinas próximas, um psicólogo que seja “consciencioterapeuta” não pode clinicar profissionalmente, sob o risco de “conflito de interesses”. Tais exigências criam uma espécie de “dedicação exclusiva às avessas”, onde o voluntário não pode desenvolver atividades semelhantes independentes, e a única atividade conscienciológica legítima é aquela feita *para* as instituições. Dificulta-se portanto a formação de estudos e pesquisadores independentes e paralelos, com os quais a comunidade poderia dialogar.

Epistemologicamente, a conscienciologia referencia-se “à consciência” (*the consciousness*), uma entidade, fugindo das acepções originais desta palavra. O termo *consciência* normalmente é usada para significar um fenômeno – talvez uma propriedade – do sujeito (consciência *de* algo), ou um conjunto de valores essenciais (por exemplo: “consciência negra”, “objeção de consciência”), ou ainda um estado de atenção (por exemplo: “retomar consciência”, “estado alterado de consciência”). Em síntese, Vieira tomou uma palavra já existente – *consciência* – e deu-lhe novo significado, o que dificulta o diálogo interdisciplinar sobre consciência.

12. Mudança

Os campos científicos transformam-se como resultado da investigação interna e nos campos com os quais interagem. Na pseudociência, tal mudança é rara e, quando ocorre, é em

aspectos mínimos, como resultado de controvérsias ou pressões externas, não através da pesquisa científica.

Embora os textos e discursos conscienciológicos clamem pelo senso crítico e dediquem-se a verdades *relativas*, muito raramente publicam-se revisões dos pares. A produção textual do grupo segue sem que novos trabalhos procurem revisar ou refutar os antigos. Apesar da afirmação “pouco do que este autor afirma hoje será correto daqui a uma década” no tratado *Projeciologia* (Vieira, 1998, p. 23), uma década e meia depois, na vastíssima produção dessa comunidade, não foram encontradas tentativas de refutar, nem aquela, nem outras obras de Vieira ou demais autores²⁶.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

O cenário encontrado por este levantamento preliminar aponta para a existência de características pseudocientíficas – na acepção de Mario Bunge – dentro do campo cognitivo mais representativo da conscienciologia, pedindo a necessidade de pesquisas específicas que permitam resultados mais conclusivos. Acredita-se ter cumprido o objetivo ao identificar a questão da pseudocientificidade como problema a não ser subestimado, sob o risco de uma deslegitimação crescente da conscienciologia frente a outras comunidades cognitivas, o isolamento deste campo epistemológico e gradual desqualificação de seus pesquisadores na solução de problemas científicos.

26 Com exceção de 1 debate travado entre os voluntários Zaslavsky & Cardoso André (2007) e Balona (2008). Outros textos que se aproximam de fazer refutações são duas resenhas escritas por não voluntários (D’Andrea, 2011; Mydiette, 2004) e a revisão terminológica de uma técnica (Trivellato, 2008).

REFERÊNCIAS

ABREU, Nelson (2009). *Out-of-body Experiences: An Exploration of Non-Local Filters*, in *Filters and Reflections: Perspectives on Reality*, Zachary Jones et al., ICRL, Princeton, NJ, pp. 163-176.

ABREU, Nelson, MADURELL, Alexandre, & PEREGO, Lucilla (2013). *The Consciential Paradigm: a consciousness-centered framework for expanding the study of reality through bioenergy, OBE, and allied phenomena*, Syntropy, Vol. 2, No. 2, pp. 127-144.

ALMEIDA, Roberto de (2011). *Transição Epistemologia-Paraepistemologia: Fundamentos da Verponogenia*, Conscientia, Foz do Iguaçu, Brazil, Vol. 15, No. 1, January-March, pp. 20-34.

BALONA, Málu (2008). *Programas Parassociais: Bases Teáticas para o Estado Mundial*, Conscientia, Foz do Iguaçu, Brazil, Vol. 12, No. 2, April-June, pp. 212-233.

BASSANESI, Maria Cristina (2000). *Evolução da Consciência: Teoria e Prática*, Conscientia, Foz do Iguaçu, Brazil, Vol. 4, No.1, January-March, pp. 50-58.

BAZZI, Munir (2009). *Contribuição à Reflexão Metodológica em Conscienciologia*, Conscientia, Foz do Iguaçu, Brazil, Vol. 13, No. 3, July-September, pp. 243-244.

BORGES, Karina Camillo (2008). *Maxidissidência e Inversão Existencial*, <http://www.arace.com.br/modules/smartsection/item.php?itemid=5>, website, accessed 05 January 2015.

BUNGE, Mario (1984). *What is Pseudoscience?*, The Skeptical Inquirer, Vol. 9, Fall, pp. 36-46.

CARVALHO, Juliana, & CARVALHO, Francisco (2011). *Síndrome do Conflito de Paradigmas: Proposição de Nova Patologia Consciencial*, Conscientia, Foz do Iguaçu, Brazil, Vol. 15, No. 1, January-March, pp. 80-91.

CEAEC (2015). *Revista Conscientia*, <http://www.ceaec.org.br/conscientia/index.php/conscientia>, accessed 05 January 2015.

100 Fronteiras (2014). *Papo Sérió com Sandra Tornieri (Editares)*, <https://www.youtube.com/watch?v=3ARFxcPjMkw#t=13m30s>, accessed 05 January 2015.

CERATO, Sonia (1998). *A Ciência Conscienciologia e as Ciências Convencionais*, IIPC, Rio de Janeiro, Brazil.

COLPO, Filipe, & VALENTE, Ivo (2011). *Carta de Esclarecimento à CCCI sobre o Livro Teáticas da Invexologia*, Conscientia, Foz do Iguaçu, Brazil, Vol. 15, No. 3, July-September, pp. 504-526.

Comunicons Cognópolis Foz (2013a). *Conversa sobre Zéfiro - Mabel Teles (Comunicons News #04)*, <https://www.youtube.com/watch?v=7xgzP09vX7E>, accessed 05 January 2015.

_____ (2013b); *Eu Conheci a Conscienciologia*, <https://www.youtube.com/user/ComuniconsVideos/search?query=%22eu+conheci+a+conscienciologia%22>, accessed 05 January 2015.

D'ANDREA, Anthony Albert Fischer (2000). *O Self Perfeito e a Nova Era: Individualismo e Reflexividade em Religiosidades Pós-tradicionais*, Loyola, São Paulo, Brazil.

_____ (2011). *Resenha Crítica: Separando Ciência e Moral no Manual da Proéxis de Waldo Vieira*, Conscientia, Foz do Iguaçu, Brazil, Vol. 14, No. 4, October-December, pp. 634-636.

_____ (2013). *The Niche Globalization of Projectiology: Cosmology and Internationalization of a Brazilian Parascience*, in *The Diaspora of Brazilian Religions*, Cristina Rocha, & Manuel A. Vásquez, Brill, Leiden, Netherlands, pp. 339-362.

Enciclopédia da Conscienciologia (2015). *Tertúlia Conscienciológica*, <http://www.tertuliaconscienciologia.org>, accessed 05 January 2015.

Faculdades Integradas Espírita (2004). *II Encontro Psi*, FIES, Curitiba, Brazil.

_____ (2006). *III Encontro Psi*, FIES, Curitiba, Brazil.

_____ (2008). *IV Encontro Psi*, FIES, Curitiba, Brazil.

_____ (2009). *V Encontro Psi*, FIES/IPPB, Curitiba, Brazil.

_____ (2010). *VI Encontro Psi*, FIES, Curitiba, Brazil.

_____ (2011). *VII Encontro Psi*, FIES/ISLIS, Curitiba, Brazil.

FREIRE, Ronald Bastos (2008). *Reflexão sobre Descrição de Metodologias em Experimentos Conscienciológicos*, Conscientia, Foz do Iguaçu, Brazil, Vol. 12, No. 3, July-September, pp. 319-321.

FULFORD, Robert (1999). *Robert Fulford's column about the word "paradigm"*, <http://www.robertfulford.com/Paradigm.html>, accessed 05 January 2015.

GUIA, Sheila dos Mares (2003). *Da Projeciologia à Conscienciologia: A Dinâmica das Tensões entre Espiritualidade e Ciência no Movimento Nova Era*, Dissertação de Mestrado, UFJF, Juiz de Fora, Brazil.

IAC (2013). *IAC Consciousness Radio – Podcasts*, <http://consciousnessradio.bandcamp.com/releases>, accessed 05 January 2015.

IBGE (2014). *Censo 2010*, <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008554604202012465027293569.xls>, accessed 05 January 2015.

ICGE (2012a). *Anuário da Conscienciologia*, Editares, Foz do Iguaçu, Brazil, p. 22.

_____ (2012b). *Conscienciologia em Números*, <http://www.icge.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2012/06/Quadros%C3%ADntese-2012.docx>, accessed 05 January 2015.

ICGE (2014). *Parelencologia*, http://www.icge.org.br/wordpress/?page_id=1677, accessed 05 January 2015.

INEP (2013). *Censo da Educação Superior 2011: Resumo Técnico*, INEP, Brasília, Brazil, April, p. 69.

INTERPARADIGMAS (2014). *Regulamentos ou Diretrizes de Trabalho*, <http://www.interparadigmas.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Interparadigmas-Regulamento-e-Diretrizes.pdf>, accessed 05 January 2015.

KUHN, Thomas S. (1998). *A Estrutura das Revoluções Científicas*, Perspectiva, São Paulo, Brazil.

LINDSAY, David (2007). *Out-of-body Experience: The Definitive Afterlife Research Tool for the 21st Century*, Journal of Spirituality & Paranormal Studies, Vol. 30, July, pp. 109.

LUZ, Marcelo da (2005). *Da Consolação ao Esclarecimento: Assistência do Ponto de Vista de um Maxidissidente*, Conscientia, Foz do Iguaçu, Brazil, Vol. 9, No. 1, January-March, pp. 53-58.

MIDYETTE, Debra A (2004). *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*, de Waldo Vieira, Conscientia, Foz do Iguaçu, Brazil, Vol. 8, No. 4; October-December, pp. 252-254.

MUSSKOPF, Tony (1998). *Consciential Paradigm: Leading Theory of Conscientiology*; Journal of Conscientiology, Florida, USA, Vol. 1, No. 1, July, pp. 53-57.

NONATO, Alexandre, & COLPO, Filipe (2009). *Carta de Esclarecimento à CCCI*, Conscientia, Foz do Iguaçu, Brazil, Vol. 13, No. 2, April-June, pp. 172-188.

OIC (2014). *Encaminhamento AVA n. 01/2014*, http://unicin.org/images/pareceres/encaminhamentoavaiac_01_2014.pdf, accessed 05 January 2015.

PITAGUARI, Antonio (1998). *A Paradigm for Consciousness*, Journal of Conscientiology, Florida, USA, Vol. 1, No. 2; October, pp. 113-128.

SANTOS, Boaventura de Souza (2008). *Um Discurso sobre as Ciências*, Cortez, São Paulo, Brazil.

STARK, Rodney, & BAINBRIDGE, William (1980). *Networks of Faith: Interpersonal Bonds and Recruitment to Cults and Sects*, American Journal of Sociology, Chicago, USA, Vol. 85, No. 6, May, pp. 1376-1395.

STOLL, Sandra Jacqueline (2002). *Religião, Ciência ou Autoajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil*, Revista de Antropologia, São Paulo, Brazil, Vol. 45, No. 2, pp. 361-402.

TELES, Mabel (2014). *Zéfiro: A Paraidentidade Intermittiva de Waldo Vieira*, Editares, Foz do Iguaçu, Brazil.

TERTULIARIUM (2012). *Tertúlia 2427 LOW RES - Aporte tenepessológico (Tenepessologia)*, <https://www.youtube.com/watch?v=8gCvBEDz5Cs#t=50m56s>, accessed 05 January 2015.

TRIVELLATO, Nanci (2008). *Measurable Attributes of the Vibrational State Technique*, Journal of Conscientiology, Evoramonte, Portugal, Vol. 11, No. 42, October, pp. 163-201.

VALLE, Edênio (2001). *L'illusione Religiosa in un Movimento Parareligioso del Brasile*, Revista de Estudos da Religião, São Paulo, Brazil, No. 1, pp. 73-90.

VIEIRA, Waldo (1983). *Carta Aberta aos Espíritas*, Folha Espírita, São Paulo, Brazil, August.

- _____ (1986). *Projeciologia*, Author, Rio de Janeiro, Brazil.
- _____ (1994). *700 Experimentos da Conscienciologia*, IIP, Rio de Janeiro, Brazil.
- _____ (1996). *Nossa Evolução*, IIPC, Rio de Janeiro, Brazil.
- _____ (1997). *200 Teáticas da Conscienciologia*, IIPC, Rio de Janeiro, Brazil, p. 151.
- _____ (1998). *Projeciologia*, IIPC, Rio de Janeiro, Brazil.
- _____ (2003). *Homo sapiens reurbanisatus*, CEAEC, Foz do Iguaçu, Brazil.
- _____ (2007). *Homo sapiens pacificus*, CEAEC/Editares, Foz do Iguaçu, Brazil.
- _____ (2010). *Enciclopédia da Conscienciologia Eletrônica*, Editares/CEAEC, Foz do Iguaçu, Brazil.
- _____ (2013). *Conscienciologia*, http://www.tertuliaconscienciologia.org/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2314&&Itemid=13; accessed 05 January 2015.
- _____ (2014). *Dicionário de Argumentos da Conscienciologia*, Editares, Foz do Iguaçu, Brazil.
- WOOLF, Linda M., & HULSIZER, Michael R. (2004). *Hate Groups for Dummies: How to Build a Successful Hate Group*, *Humanity and Society*, Vol. 28, No. 1, February, pp. 40-62.
- ZASLAVSKY, Alexandre & CARDOSO ANDRÉ, Tamara (2007). *Debatendo os Fundamentos Político-Pedagógicos do Programa Alianza Educación sin Fronteras*, *Conscientia*, Foz do Iguaçu, Brazil, Vol. 11, No.3, July-September, pp. 160-166.



Minha primeira experiência fora do corpo

(Tradução livre do artigo *My First Out-of-Body Experience*, publicado no *Journal of Exceptional Experience and Psychology*, Vol. 1, N. 2, Inverno de 2013, pp. 39-43. Disponível em: http://www.alipsi.com.ar/investigaciones/pdf/Journal_of_Exceptional_Experiences_and_Psychology_2013_Winter.pdf#page=39)

Neste artigo apresentarei minha primeira experiência fora do corpo (EFC), a qual também considero minha primeira experiência humana excepcional (EHE), conforme os estudos de Rhea White (1994). À análise desta vivência, farei referência em especial ao trabalho de Suzanne V. Brown, *The Exceptional Human Experience Process: A Preliminary Model with Exploratory Map* (2000).

Tal escolha não é resultado de um interesse puramente teórico. O artigo em questão alimentou em mim a curiosidade para revisitar o evento marcante, ocorrido em 1998, à procura de conhecimento adicional sobre mim mesmo. Alimentou esta curiosidade ao estimular-me um olhar novo e diferente sobre a mesma, portanto, modificando minha experiência daquela EFC, como um ingrediente o qual, uma vez acrescentado à fórmula, não pode ser removido.

O trabalho de Brown inspirou novos significados à experiência “original”, os quais pretendo explorar neste artigo. O “objeto” deste estudo não se presta a métodos tradicionais das ciências naturais. Não posso “dissecar” a experiência e compará-la com um modelo teórico, pois o que sei sobre aquela experiência é mediado por minha própria introspecção, já “condicionada” pelo referido modelo. Por isso não pretendo

“validar” ou “discutir” o modelo de Brown, objetivo que está longe do meu alcance.

Portanto deixo de lado ideais e propósitos mais relacionados às ciências positivas e aceito explorar um campo onde a teoria transforma a prática, o sujeito-pesquisador transforma o objeto pesquisado, e a introspecção toma o posto de ferramenta essencial da análise. Estes “problemas” que “contaminariam” um estudo tradicional são elementos indissociáveis para o que pretendo compreender aqui. Então, ao invés de modificar o objeto de estudo, escolho aceitar esta problemática e seguir em frente, procurando estar ciente de suas complexidades. O modelo de Brown me ajudou a encontrar (ou dar) novos significados para o fenômeno conhecido como experiência fora do corpo.

Minha primeira experiência “paranormal” ocorreu aos 18 anos de idade, em Janeiro de 1998. Até então, “transcendência” ou “espiritualidade” não faziam parte do meu cotidiano. Meus pais sempre encorajaram os filhos a confiarem na liberdade de pensar, sem convicções dogmáticas, nem religiosas, nem materialistas. Mas os assuntos “sobrenaturais” não chegavam a ser tópicos costumeiros em nossas conversas.

Meu pai estava divorciado há 4 anos, aposentado, com filhos já adultos. Ele buscava estudos que lhe ajudassem a descobrir ou dar novos significados à vida e, nesta procura, apresentou-me o tema da experiência fora do corpo, com abordagem a qual considerei sensata, sem apelos ao convencimento impositivo ou explicações mágicas. Reservei um dia para ler o livro que me emprestara, *Projeções da Consciência* (Vieira, 1997). À noite, após a leitura, tive a experiência ao cair no sono.

É normal sonharmos com assuntos vividos no dia anterior. Foi o que me aconteceu. Tive imagens oníricas e ideias sobre os tópicos que acabara de ler, durante o estado hipnagógico. Porém, ao invés de entrar em sono profundo, despertei, com uma vibração intensa em todo corpo e a sensação de estar sendo puxado em direção ao teto, por uma espécie de força antigravitacional. Procurei não oferecer resistência. Eu queria aquela experiência. Não sentia os braços, ou melhor, sentia os braços sem sentir o tato nem seu peso. A cabeça “não física” oferecia resistência para “desencaixar do corpo” e, à mínima tentativa de “decolagem”, produzia zumbido grave e intenso. O mais surpreendente, no entanto, ocorreu com as pernas. Senti nitidamente como se alguém as erguesse, uma após a outra, deixando-as levitar em ângulo de 45 graus com o solo. Naquele momento eu sentia minhas duas pernas físicas deitadas na cama, e duas pernas “não físicas” flutuando em uma posição de *trendelenburg*. Gradualmente as sensações não corporais cessaram e voltei a sentir meu corpo, deitado na cama normalmente. A experiência durou 1 ou 2 minutos.

Eu estava inteiramente desperto e absorvido pela experiência, sentindo grande bem-estar e disposição. Não havia como negar: acabava de passar por algo novo e altamente motivador. Ao longo daquele mês, tive mais 3 ou 4 vivências semelhantes, que apenas reforçaram o desejo por mais.

Podemos encontrar nesse episódio elementos descritos por Brown no *Estágio 1* (Evento/experiência inicial). Eu havia vivenciado algo que desconstruiu minha visão de mundo anterior. Estava diante de um “fato”, o qual acredito ter aplicado o devido juízo crítico, muito embora não negue que prefira esta explicação de mundo a outra regida pela noção da vida como um produto inteiramente biológico e

cultural. E se eu estivesse louco? Bom, se fosse este o caso, eu certamente desejava mais daquela loucura.

A ausência de parâmetros ou ideias prévias a respeito do assunto diminuiu a chance de encaixar a vivência em explicações já conhecidas. Eu não podia simplesmente “defender-me” através de minhas ideias prévias de mundo tradicionais, a para ser sincero, eu tampouco queria. Por que eu haveria de querer meu *status quo* anterior? Acredito que isto favoreceu a evolução do Estágio 1 para o *Estágio 2* (Procura por reconciliação).

A experiência estava deslocada com relação ao meu contexto social. Ora provocava mera curiosidade, ora perplexidade ou estranhamento. Logo aprendi a ser discreto com relação ao que pensava. De nada adiantaria ser uma pessoa exótica no meio onde vivia, ou na sociedade como um todo.

Nos meses seguintes, fiz da leitura a principal companhia para me aprofundar no assunto paranormais. Várias circunstâncias convergiram para me aproximar do grupo cujo livro desencadeou a projeção extracorpórea original. Meu pai, uma das poucas pessoas com quem abordava o assunto, também seguia o caminho, emprestava-me livros, apresentava-me pessoas. A abordagem daquela escola era do meu agrado. Os estudantes eram convidados a formar suas ideias através do juízo crítico, lógica e racionalidade, sem recurso a explicações místicas ou mágicas.

Graças àquela aproximação eu tinha um mundo inteiro e novo descortinado à minha frente. A projeção fora do corpo era apenas um entre diversos assuntos relacionados ao desenvolvimento das habilidades extrassensoriais, e este desenvolvimento era apenas uma parte do desenvolvimento

peçoal integral. Era como se a partir da descoberta de uma flor eu tivesse sido apresentado a um jardim inteiro. Da aceitação íntima de um evento, expandi meus interesses para o desenvolvimento de toda uma visão de mundo sobre o que é o Universo, a vida, conhecimento, ciência, ética e sociedade. Concomitante a esse estágio de “reconciliação” com a própria experiência, encontrava-me em momento de transformações pessoais em geral. Devido a um intercâmbio no Exterior, no ano anterior, eu estava mais afastado de antigos amigos. O período escolar se encerrara e eu tinha um ano pela frente para estudar para o vestibular, confiante que conseguiria passar sem grande dificuldade. Havia ficado um ano longe dos meus estudos de violão clássico, atividade a qual me dedicara muito, anteriormente, mas agora tendia a descartá-la como carreira profissional. Portanto, 1998 foi um ano de poucas exigências ou demandas que me conectassem à minha vida anterior. Em boa medida, eu podia começar uma “nova vida”, e foi ao longo daquele ano que cresceu em mim a ideia de ter, no novo círculo de convívio “parapsíquico”, o núcleo de referência principal dessa nova etapa.

Em 1999 ingressei no trabalho voluntário daquela entidade, fortalecendo meu vínculo com o grupo. Eu estava em paz com o fato de ser diferente, e grato de poder abraçar essa diferença com intensidade até maior do que muitos colegas, impedidos por exigências sociais, familiares ou profissionais. Dentro daquele grupo eu podia ter orgulho de mim mesmo. Eu entrava num meio onde poderia explorar a vivência em contexto mais amplo e promissor. A dificuldade de tratar do assunto na “sociedade lá fora” não era mais um fator preocupante, pois eu tinha a partir de agora um novo círculo com quem discutir.

O *Estágio 3* de Brown (Entre dois mundos) é onde se processa com mais intensidade a dissonância entre antigos e novos posicionamentos, dissonância a qual parecia ser problematizada naquele ponto da minha vida. Até então o assunto girava em torno de uma visão de mundo que comportasse a experiência sobrenatural. Mas daquele ponto em diante o problema era a própria construção da identidade pessoal. Quem era eu? Aonde pertencer? O que fazer?

Até então essa jornada parecia seguir na direção da potencialização descrita por Brown, mas algo paradoxal também se fazia sentir. Eu percebia o crescimento pessoal, tanto das capacidades extrassensoriais quanto nas faculdades cognitivas, introspecção, cultura geral entre outras. Por outro lado, as experiências semelhantes à EFC original escassearam. Se no primeiro mês elas ocorreram com frequência, a partir de então elas passaram a acontecer uma ou duas vezes por ano, ou menos. A questão era intrigante, mas normal de acordo com o grupo onde eu estava. Em tese, nossos “guias espirituais” davam uma ajuda de início, mas deixavam que o aprendiz se capacitasse para desenvolver o fenômeno por si, dali em diante. A explicação era plausível e condizente com a sensação de ter experiências sentidas como provocadas por agentes externos, não tanto por minha vontade própria, mas por minha passividade.

O problema da escassez de projeções parecia respondido. Era questão de persistir. Com o treino dedicado e prática eu seria capaz de desenvolver a habilidade. Entretanto, hoje, quando observo estas ideias e as comparo com o *Estágio 3*, de Brown, sou compelido a rever este problema e verificar se não deixei passar algum detalhe.

Eu estava integrando achados à minha nova visão de mundo e de self. Enxergava a EFC como uma habilidade a ser

desenvolvida. Mas ao pensar assim, não teria eu dado um significado novo à EFC, a qual não fazia parte da vivência inicial? As primeiras projeções (tanto quanto as seguintes) não foram exatamente resultados de um treinamento ou esforço. Do contrário, elas vieram a partir de um estado mental entusiasmado com possibilidades incríveis e jamais antes cogitadas. Estas possibilidades não se referiam à ambição pessoal de “ter poderes sobrenaturais”, mas de um espírito de deslumbramento e abertura para um universo que pode existir para além de nossas percepções e noções costumeiras.

Hoje me questiono sobre algo que, na época, considerei normal. Relatos e depoimentos sobre EFCs deixavam de me surpreender. Lembro-me de como as primeiras leituras sobre o assunto me empolgavam. Após ter “a explicação” e me familiarizar com os “mecanismos” e “conceitos”, atravessei uma espécie de “desencantamento” sobre o assunto. Ao admitir a possibilidade, tópicos ligados à EFC não mais me surpreendiam. Paranormalidade havia perdido o *status* de desconhecida. Mesmo obras que carregavam mensagens e ensinamentos extraídos das vivências extracorpóreas não tinham mais tanto poder de provocar-me aquela curiosidade que ajudou a desencadear os fenômenos iniciais. Parece que, a partir de então, experiências novas pudessem ser captadas pela cognição, sem necessitarem intermédio das percepções sensíveis.

Ao sentir-me em paz com a ideia de “ser diferente”, adotei uma nova visão de mundo e um novo modo de vida. Portanto, não penso que “integrei” o que era novo à antiga parte da minha vida. Ao invés disso, substituí um pelo outro (ainda que as coisas não possam ser reduzidas a simplificações do tipo um-ou-outro). Naquela época eu estava “deixando para trás” um mundo (ou “o” mundo?) para vivenciar um novo *self*,

mais do que “entrando” nele ou “agregando-lhe” algo. Não sei dizer, também, se havia outra alternativa concreta ao meu alcance. Talvez, como na piracema dos peixes ou na migração das aves, deslocamentos sejam parte necessária do amadurecimento.

Fiz daquele círculo institucional minha primeira comunidade. Lá eu dedicava a maior parte das minhas noites e fins de semana. Lá eu aprendia todo tipo de assunto relacionado ao trabalho em equipe. Lá eu escrevia artigos para discussão. Foi onde tive meu primeiro relacionamento afetivo mais longo e, também, meu primeiro casamento. Se nunca tivera grandes ambições profissionais, a partir de então levei a situação ao extremo. Usava meus horários extra-classe para o trabalho voluntário. Minha mãe não escondia a apreensão. Seu filho, aos 20 anos de idade, aproveitava a possibilidade de não precisar procurar um emprego durante o período da faculdade. Era uma preocupação que também se misturava com certa admiração. Logo eu me tornara professor, palestrante, autor de artigos e entrevistas, tinha razoável cultura geral e havia adquirido autoconfiança considerável por meio das diversas experiências de trabalho voluntário às quais éramos expostos na instituição. Como saber se eu estava melhor lá do que se arranjassemos uma profissão de meio período como estagiário em algum escritório, por exemplo?

Tão logo me formei em Economia, fiz as malas e me mudei para Foz do Iguaçu, a 900km de distância, longe de grandes centros urbanos, onde se construía o centro principal de estudos daquele grupo com o qual estava envolvido. Eu estava tão “desligado” de meu “antigo ego” que nem retornei para a cerimônia de formatura universitária. Doeí quase todos meus livros para a biblioteca do grupo. Eu sabia que sempre podia voltar para consultá-los, mas era como se os estudos

acadêmicos de até então não tivessem maior relevância para meu futuro. A cidade não era promissora em termos profissionais. Eu começava do zero, com espírito aventureiro, me sustentando através de “bicos” ao modo de aulas de inglês e outros. Por cerca de 3 anos me mantive assim, de maneira aparentemente despreocupada e inconsequente. Mas eu estava confiante e, portanto, realizado. Minha vida seguia em direção a um crescimento pessoal.

Identifico naquele período o que Brown descreve como a transição entre os Estágios 2 e 3. A “procura de significado” das experiências havia evoluído para uma “procura de si” (*search of self*). Eu procurava o ideal de *self-made man*, o qual era valorizado por nós. Aquilo significava construir minha carreira por meus próprios meios, sem depender dos antigos laços. Em 2007, por um aparente golpe de sorte, consegui um trabalho altamente improvável naquela cidade, como assistente na representação de uma empresa financeira pequena, multinacional europeia. Desnecessário dizer que aquilo serviu como mais uma “confirmação” de que eu estava “no caminho certo”. A partir de então, graças ao emprego fixo, eu tinha espaço mental para me preocupar mais inteiramente com a produção intelectual, as “autopesquisas” tão importantes naquela comunidade. Decidi escrever um livro.

Eu estava “grávido” de ideias (como costumamos falar) mas aos poucos ia percebendo que a iniciativa não era bem-vinda por algumas pessoas. Em 2011 conseguiram interromper o trabalho editorial em andamento na instituição. Eu já tinha capacidade e recursos para publicar por minha própria conta, e foi o que fiz. Eu era a mãe que sacrificaria qualquer coisa para não abortar o próprio filho. Mas isso rendeu minha expulsão sumária daquela comunidade. A partir de então eu seria desafiado a rever meus próprios conceitos acerca de tudo.

Passei aproximadamente 18 meses procurando dar novos sentido à minha nova condição. Os assuntos da “transcendência espiritual” continuavam a fazer parte das minhas predileções. Por outro lado, não fazia sentido continuar a abordá-los da maneira como fazia. Eu havia desenvolvido uma opinião crítica do que eu era e das linhas de pensamento que costumava adotar. Comecei a desenvolver interesse muito mais intenso pelo conhecimento autobiográfico. Mais do que nunca, passei a me interessar pelo meu passado. Se até então eu fizera uma jornada “progressista” me afastando do passado, agora o passado era a principal fonte onde eu poderia encontrar conhecimento a meu próprio respeito.

Se antes eu olharia uma foto da adolescência e sentiria embaraço, vontade de dizer “como eu era imaturo”, a partir de agora aquilo capturava em mim uma atenção especial. Eu queria voltar a lembrar o que se passava naquela mente, para entender como certas coisas tinham um sentido diferente. Quem eu era? Era como se eu tivesse algo para aprender com “alguém” que eu costumava ver como mais imaturo. Da mesma maneira, passei a perceber a família de maneira diferente. Até então, era a representação de um período no qual eu era filho, dependente, não um adulto inteiramente formado. Agora, era uma fonte onde eu podia encontrar minhas origens. Mesmo não intencionalmente, me percebia analisando neles as minhas próprias raízes. Tornei-me mais disposto a revisitar minha terra natal.

Esta revisitação não era apenas movida por uma curiosidade “arqueológica”. Eu tinha também um novo conceito de amizade. Antes eu acreditava estar rodeado de amigos, mas de repente me senti como uma peça descartável de uma instituição impessoal. Aquilo foi um choque. Eu havia construído uma vida em um ambiente privilegiado, onde era

possível desenvolver um sentido pessoal de transcendência mas, de repente, o que parecia um caminho de autonomia e realização mostrou sua face oposta. Eu era refém das decisões de meus superiores, e não havia nada para levar comigo ao sair. Nem os amigos, os quais alguns líderes afirmaram que eu não tinha. Foi na ausência que o valor das amizades provou sua importância, e na família eu sabia que contava com um núcleo que não me viraria as costas.

Minha trajetória de vida tinha sido motivada pelo sentido de independência, o que refletia não apenas nas relações sociais como também amorosas e profissionais. O trabalho voluntário representava a capacidade de desenvolver algo com independência. Isso possivelmente faz mais sentido no Brasil, onde o trabalho esteve muito associado à escravidão, em oposição a culturas tradicionalmente desenvolvidas sob valores de emancipação através do trabalho. Assim, trabalho voluntário significava “não dependo de pagamento de ninguém para fazer o que gosto”. Mas esta noção também se transformava em mim. Mesmo estando bem empregado, com um bom salário e boa qualidade de vida, não ambicionava continuar naquela carreira por muito tempo. Eu procurava oportunidades de negócios em áreas distintas quando, de repente, “do nada”, comecei a querer trabalhar profissionalmente com aquilo que já era meu trabalho favorito (algo que pareceu tão óbvio). Eu queria me profissionalizar nos estudos da mente, não apenas vista pela ótica biopsicológica, mas também no sentido parapsicológico e transcendente.

É curioso como o significado de algo muda completamente de tempos em tempos. Se antes, eu não poderia sujeitar a paranormalidade a uma fonte de renda, para poder estudá-la de maneira independente, agora eu me via motivado a

colocar este assunto no centro da minha ambição profissional, para poder me dedicar a ela integralmente. Assim passei a me perceber reintegrando diversos elementos do meu próprio ser ao outrora chamado “mundo lá fora”. O que antes se configurava como um movimento centrífugo em relação ao passado, às origens, à família, ao trabalho, à sociedade “convencional”, à ciência “convencional”, agora se tornava centrípeto.

Meu desafio de integrar a paranormalidade à vida é também um desafio de integrá-la à ciência. Neste ponto passei a me interessar por outros campos científicos que costumavam ser menosprezado por minhas antigas lentes paradigmáticas. Assim tomei contato com a fenomenologia e o estudo das EHEs, entre outros. Digno de nota como meu antigo “paradigma”, que outrora parecia tão “superior”, agora parecia tão limitado. Apenas isso já é material para uma nova pesquisa. A vida fora dos antigos muros era muito mais inteligente do que eu costumava pensar. Conforme disse, o modelo de Brown me motivou a retornar às raízes da primeira EHE. Há 15 anos, o deslumbramento com o “além” abriu-me a porta para uma experiência extrassensorial. Esta abertura foi o começo de uma longa trajetória onde coloquei em plano secundário as questões do mundo “normal”, em favor de questões “paranormais” ou “espirituais”. E agora eu trilhava tendência oposta, e as coisas deste “mundo físico” voltavam a me encantar. Faço uma pergunta crítica às minhas próprias ambições: qual a experiência paradigmática preciso agora, se é que preciso? Para fora deste corpo e deste mundo, ou para dentro deles? Será a transcendência entre mundo físico e extrafísico um caminho de mão dupla?

De um paradigma que prezava pela razão como espécie de redenção, e emoções como demonstração de fraqueza,

agora eu buscava entender a vida em todas suas formas e manifestações. O que a razão anteriormente chamava de “imperfeições” eu agora procurava entender como necessidades, em oposição às minhas noções preconcebidas do que seria ideal necessitar. Eu tinha curiosidade pela religião e o que ela poderia nos ensinar sobre as raízes do nosso conhecimento. Agora eu admirava a arte, pois reconhecia que a vida é uma experiência sensorial, muito antes de ser cognitiva. Eu estava motivado para exercer a liberdade em um novo patamar, mais compatível com as coisas mundanas, mais dialógico e menos exclusivo. Eu estava complacente com coisas contra as quais eu normalmente adotaria uma postura crítica. Eu queria encontrar, na compreensão do “outro diferente”, a maneira de transcender meu próprio entendimento das coisas e descobrir o que até então eu ignorava.

E a partir de agora? O que esperar? O que fazer?

Encontro-me em um ponto de nova definição ou sentido pessoal de ser, de estar com o mundo e com os outros. Destas duas variáveis devem surgir os elementos que acrescentem novos sentidos à EHE aqui analisada. Sinto-me tentado a relacionar minhas expectativas com as duas etapas seguintes de Brown, nas quais o foco da procura é por um *self* superior e, consecutivamente, um *self* universal. Após afastar-me e renunciar meu “antigo eu”, faço um retorno a ele e, assim espero, num nível mais elevado. Após renunciar o “antigo mundo”, também retorno a ele em um sentido “mais universal”. Do resultado destes movimentos, sucessos e frustrações, motivações e regressões, que poderei encontrar o que irei me tornar.

Preciso fazer uma observação neste ponto. Não pretendo estimular um entendimento das etapas mapeadas por Brown como se representassem etapas “desenvolvimentistas”

ou “evolutivas” em direção à transcendência, criando no leitor uma espécie de desejo por “subir degraus” neste modelo. O entendo como um modelo de análise, não necessariamente linear ou progressista. Vivemos impregnados por uma cultura de valores desenvolvimentistas, mas vejo cada momento da vida como possuidor, em si mesmo, dos elementos para realizar plenitude e felicidade, ou vazio e infelicidade. Não percebo mais o tempo como escada, mas como a sucessão de contextos que podem ser reconhecidos e vivenciados, cada um, na sua totalidade, se formos capazes.

Como parte do atual processo introspectivo, percebo a necessidade de revisitar as demais EFCs vivenciadas naquela época. Conforme mencionei, houve 3 ou 4 logo de início. Talvez as diferenças entre elas possam me auxiliar na procura de outros significados e conclusões. E então, preciso tornar a analisar as demais EFCs, vivenciadas posteriormente, em contextos diferentes. Estas últimas não posso chamar de experiências iniciais, fazem parte da minha vivência de viajante extracorpóreo. Haverá algo nelas que ainda não compreendi?

Referências

Brown, S. (2000). The Exceptional human experience process: A preliminary model with exploratory map. *International Journal of Parapsychology*, 11(1), 69-111.

Vieira, W. (1997). *Projections of the consciousness: A diary of out-of-body experiences*. Rio de Janeiro: IIPC.

White, R.A. (1994). *Exceptional human experience: Background papers I*. Dixhills, NY: The Exceptional Human Experience Network.



Dentro dos muros de uma ideologia libertária

(Tradução livre do artigo *Inside the walls of a libertarian ideology*, publicado na revista *ICSA Today*, Vol. 7, N. 2, 2016, pp. 6-9)

Envolvimento

Era 1998 quando, aos 18 anos de idade, fui apresentado a assuntos espiritualistas, por um parente que me mostrou o livro *Projeções da Consciência*, uma coletânea de experiências fora do corpo (EFCs) de Waldo Vieira. Enquanto lia, caí no sono e - para minha surpresa - senti que me separava do meu próprio corpo [1]. Senti a experiência de maneira tão real como se estivesse acordado. Embora cético e anti-religioso, eu precisava reconhecer que havia tido uma experiência "de êxtase" ou "mística" e interessei-me em aprender mais sobre ela. Comecei a assistir às palestras gratuitas do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC), entidade do próprio Vieira.

Em essência, o convite básico da Conscienciologia é para que você estude as manifestações sobrenaturais com um espírito científico, sem verdades inquestionáveis, e baseado em suas próprias conclusões e experiências, como um meio de autoconhecer-se e desenvolver-se. Era uma mensagem sedutora para um adolescente ávido por autodescobertas.

Pelas semanas seguintes após minha EFC, tive algum sucesso em repetir a experiência em casa, usando procedimentos tão simples quanto concentrar-me na experiência antes de dormir. De vez em quando assistia a algum curso do IIPC, nos quais os professores enfatizavam que

era necessário ter uma mente aberta mas manter o senso crítico. Minha participação nos cursos não era obrigatória para esse desenvolvimento, pois eu poderia tomar anos apenas para ler as volumosas publicações por conta própria e praticar as técnicas lá propostas. Mas eu poderia, mesmo? Foi assim que comecei a me envolver com o grupo.

O primeiro passo da Conscienciologia é introduzir ao visitante uma visão de mundo chamada de *paradigma consciencial*. É uma síntese das opiniões de Vieira, erroneamente apresentadas como um "consenso entre pesquisadores". É basicamente um modelo segundo o qual o ser humano é, na essência, uma *consciência* imaterial, envolvido por quatro corpos (físico, energético, emocional e mental). Esta consciência segue por uma série de reencarnações e interage em múltiplas dimensões. Conscienciólogos chamam isso de uma "verdade relativa de ponta" que deve ser verificada através da experiência pessoal.

Se você é espiritualista, pode ficar estimulado com o discurso cientificista que eles utilizam para explicar suas experiências. Se não for, você pode, ainda assim, dar-lhes o benefício da dúvida. E assim que as pessoas acabam aceitando essa visão de mundo. Minha crença de que eu saí do meu corpo, passei por paredes e flutuei por aí convenceu-me de que o IIPC estava certo. Eu não estava em um ambiente verdadeiramente científico, onde as afirmações precisam ser submetidas a processos de validação mais rigorosos. Então acabei seguindo a vida confortavelmente com meu novo senso de imortalidade e construindo meus estudos baseados no discurso conscienciológico. Logo em seguida, decidi me tornar um voluntário da organização.

Este processo é como a Conscienciologia me tornou "livre". Eu estava livre da necessidade de explorar outras

disciplinas. Embora todos concordássemos que as pessoas devem estudar de tudo, nós tomávamos como natural o fato de que as aulas de Conscienciologia são estruturadas em torno dos seus próprios livros e visão de mundo, com pouco ou nenhum diálogo com campos independentes. Portanto, não me preocupei com as "ciências convencionais" e acabei acreditando que minhas habilidades intelectuais e comunicativas eram conhecimento científico avançado. Era suficiente para impressionar novos estudantes, abrir espaço na mídia e, portanto, retroalimentar minha autoimagem distorcida.

É por tudo isso que comparo a Conscienciologia com um castelo. Eu e muitos outros estávamos impressionados pelo seu charme, sem perceber que seus muros eram fortificados e altamente segregadores. No princípio, me beneficieei do poder do castelo e não me senti constrangido. Eu estava impressionado pelo que pareciam ser experiências paranormais. Junto com outros estudantes, me senti persuadido, confortado e esclarecido por aquela mistura de psicologia popular e senso comum espiritualista.

Evolução da Conscienciologia

A Conscienciologia provavelmente seria inovensiva se fosse apenas uma escola de autodesenvolvimento. Embora as pretensões científicas da organização são ingênuas, os voluntários sinceramente acreditam em oferecer aos estudantes um meio de desenvolvimento pessoal. Mas a Conscienciologia não é apenas isso. Ela tem coisas para dizer sobre cada aspecto da sua vida! Algumas palavras sobre a história do grupo podem ajudar a clarificar como os seus princípios, originalmente progressistas e democráticos, deram lugar a práticas conservadoras e sectárias.

Vieira começou, em 1980, como líder de um pequeno grupo de entusiastas que gostariam de entender os fenômenos paranormais. Por direcionar-se a um campo de fronteira, sujeito a discriminações, Vieira e seus colegas desenvolveram uma relação de mútua proteção e admiração. Logo eles passaram a acreditar que estavam anunciando novos conhecimentos que resgatariam as pessoas da escuridão. Vieira, um especialista autodidata no campo das EFCs, passou a ser visto por seus colaboradores como um mestre espiritual, dando conselhos sobre tudo, desde saúde, lazer, educação, trabalho até casamento e vida sexual.

Em 1991, aquele grupo informal se transformou em uma organização sem fins de lucro. Com isso vieram as pressões normais de qualquer empreendimento econômico, mantido por voluntários, que agora precisavam ser motivados para cuidarem de novas funções de administração e vendas. A essência das publicações mostra como a organização mudou de um grupo de estudos independentes para uma escola de auto-ajuda - provavelmente uma atividade mais ampla e lucrativa [2]. A Conscienciologia, assim, tornou-se um sistema moral, que passou a enfatizar suas diferenças para atrair os estudantes. Naquele novo passo fortaleceu-se o separatismo.

Nos anos seguintes, o grupo se aprofundou no que hoje reconheço como uma dinâmica sectária. A configuração institucional mudou de escritórios espalhados em centros urbanos para uma comunidade em uma região rural interiorana. Uma organização parceira - o Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC) - adquiriu um lote de terras na cidade de Foz do Iguaçu, onde construíram-se salas de aula, laboratórios experimentais, uma biblioteca etc. Em 2002, Vieira mudou-se para lá, substituiu algumas das lideranças

locais e transformou o local na nova sede política e cultural do grupo.

Em 2004, após me graduar em Economia, eu também me mudei para Foz do Iguaçu, assim como outras 800 pessoas nos anos seguintes. Estávamos construindo um experimento social, com voluntários desempenhando todo o trabalho. Até onde me consta, nem mesmo Vieira auferia lucros daquela organização - e digo isso na condição de ex-diretor financeiro do grupo. Nós tínhamos nossos próprios trabalhos. O que financiava a instituição eram seus cursos pagos e publicações. Mas o grupo também teve outras ideias, como por exemplo o mercado imobiliário. A instituição comprava lotes rurais nas proximidades, loteava e revendia, principalmente aos próprios voluntários que se mudavam para lá e planejavam construir suas casas. O mercado imobiliário brasileiro e local estava em alta. Por alguns anos, aquele era um empreendimento rentável, tanto para os voluntários como para as instituições.

Acrescente a isso o fato de que Foz do Iguaçu era uma cidade nova para todos nós, acabamos tendo outros conscienciólogos como nosso único grupo social. Eram eles nossos vizinhos, amigos e colegas para atividades de lazer; familiares com quem dividíamos questões íntimas, paqueras, namoros, cônjuges; nossa rede de contatos profissionais e colegas de trabalho. Este cenário se construiu naturalmente. Nada precisou ser determinado ou imposto.

Na condição de voluntários, começamos a perceber que a "ciência convencional" e a "sociedade convencional" não era para nós. Por exemplo, namoros. Ao invés de interagir com pessoas das mais diversas, tendíamos a namorar os próprios membros, pois não-membros normalmente se entenderiam com nossa rotina, noites, horários de almoço e fins de semana ocupados com atividades da organização. Eles não entendiam

nossas conversas. Eles iriam querer atividades de lazer ao invés de "auto-análises conscienciais". Mesmo para voluntários de grandes cidades, as opções afetivas se reduziam a meia dúzia de pessoas. O mesmo acontecia com as amizades e opções de lazer. Mas como estávamos sob a influência de próprio grupo, não percebíamos que aquilo era uma barreira a nossa integração com a sociedade. Pelo contrário, nós nos sentíamos presenteados por ter essa opção de pessoas semelhantes, enquanto a sociedade só apresentava o caos.

O resultado desta dinâmica é que toda a vida do voluntário passa a ficar visível e sob os holofotes de outros voluntários. Os membros mudam sua vida inteira por uma causa, frequentemente ao custo de enfraquecer laços familiares, educacionais e profissionais. Todos pagaram um alto preço para começar uma nova vida em uma nova cidade, para estar entre pessoas que pensam como eles, mas também são estranhos. Retornar para seus lares de origem não seria fácil e, assim, todos permanecem comprometidos à convicção de que a causa vale o sacrifício.

Consequentemente, esse processo faz com que os conscienciólogos dentro de uma comunidade se tornem muito zelosos. Eles querem a sua ajuda no voluntariado mas se preocupam muito com qualquer coisa que você diga que possa manchar a imagem institucional. Membros passam a fazer parte, involuntariamente, de uma rede de vigilância dos próprios colegas, não apenas dentro dos limites institucionais mas em todos os lugares. A vida de todos passa a estar sujeita às discussões, julgamentos e pressões, conforme os interesses da organização.

Como resultado, membros aceitam a ideia de que todos são representantes da conscienciologia 24 horas por dia. A instituição passa a discutir como os membros devem se

comportar em seus ambientes profissionais, o que condomínios residenciais supostamente independentes deveriam decidir em suas assembleias [3], como os casais devem resolver seus conflitos, como negócios empresariais devem ser conduzidos, como professores e estudantes universitários devem se posicionar, quais atividades de lazer e locais tem boas ou más "energias" e todo tipo de assunto que diga respeito à vida de seus voluntários. Pessoas zelosas se tornam possessivas e invejosas. Pessoas preocupadas se tornam amedrontadas e raivosas. Apesar de toda retórica democrática, as pessoas passam a ficar paranoicas com a ideia de proteger a Conscienciologia a qualquer custo.

Não é apenas a dependência grupal que criou um ambiente altamente controlado mas, também, a história pessoal de Waldo Vieira. Ele era um cirurgião plástico aposentado no Rio de Janeiro, com laços familiares e comerciais com a antiga Companhia Antarctica Paulista (posteriormente fundida com a Brahma para formar a AmBev). No início da vida adulta, Vieira foi o braço direito de Chico Xavier, o espiritualista brasileiro mais famoso de todos os tempos. Após aposentar-se, Vieira decidiu aproximar o espiritualismo brasileiro da ciência. Ele provavelmente não enxergava sua falta de treinamento científico como uma barreira, tentando compensar através de uma rotina de estudos disciplinada, acrescida de um discurso crítico e libertário contra o "conservadorismo científico". Sua personalidade carismática e estilo comunicativo logo atraiu seguidores da classe média. Sem ter criado muito diálogo com grupos especializados, tais como a American Society for Psychical Research, Vieira construiu suas conexões predominantemente com pessoas leigas no assunto, autodidatas, a maioria ou todos menos preparados do que ele, formando seu próprio grupo de autodidatas.

Três décadas depois, lá estava Vieira em um subúrbio rural do interior brasileiro. Ele havia imposto a si próprio uma disciplina monástica de leitura, escrita e palestras. Mais do que nunca, Vieira tinha seguidores aonde quer que fosse, e mesmo dentro de sua pequena casa, construída no coração daquele complexo institucional. Ele dificilmente deixava a organização, não ser para ir ao centro da cidade visitar o filho ou ir ao shopping center - uma das poucas opções de lazer que Foz do Iguaçu tinha a oferecer a um senhor de idade. Sua esposa, em contrapartida, 40 anos mais jovem do que ele, tentava impulsionar sua carreira profissional como psicóloga e professora, viajando pelo Brasil a estudos e trabalho. Eles se divorciariam em 2014, e Vieira faleceria no ano seguinte por uma complicação cirúrgica, apesar de sua relativa boa saúde e seu anúncio público de que teria ainda outros 7 livros para escrever, que estavam sendo supervisionados por 40 espíritos altamente evoluídos,

Em resumo, Vieira abriu mão de tudo o que um senhor de idade rico poderia querer, para devotar-se a uma causa. Ele protegia seu grupo em uma torre de marfim distante e, em retorno, recebia o tratamento de um mestre espiritual. Considerando o tamanho do comprometimento psicológico e o senso de superioridade que era inflado em seus seguidores, não era surpresa Vieira e seu grupo oferecessem oposição agressiva e absoluta contra qualquer coisa que considerassem ser uma oposição.

O processo de tornar-se uma seita

Uma vez que os membros passam a tratar quase tudo como uma ameaça, começam as brigas constantes entre eles próprios. O grupo aprendeu com o estilo de Vieira. Quem tivesse poder para fazê-lo, sentia-se no dever de excluir os

rivais, normalmente espalhando rumores ao grupo contra a pessoa envolvida. Muitos membros eram facilmente convencidos por boatos falsos espalhados pelos superiores. Outros temiam contrariá-los e ficavam em silêncio, coniventes. Vi muitas pessoas maravilhosas e que dedicaram sua vida à Conscienciologia serem rotuladas de traidoras, doentes, traiçoeiras, megalomaníacas, sociopatas, ditatoriais etc. Quando isso ocorre, a pessoa rotulada é deixada por sua própria conta, afastada de atividades institucionais, à deriva em uma cidade estranha e com poucos vínculos sociais.

Os membros da organização aceitam posições de liderança em boa-fé. Mas na condição de diretores, eles precisam trabalhar mais duro e ficam com mais raiva dos voluntários "folgados", que nunca estão disponíveis quando são necessitados. Eles também percebem como os voluntários tem baixa autoestima, pouca experiência e alta admiração e dependência por eles. Nesse balaio de gato, qualquer pessoa boa pode se tornar autocrática.

No meu caso, tudo o que eu queria, e muitos conscienciólogos querem, era escrever um livro. Quando Vieira e outros voluntários originaram meus manuscritos, fiquei autoconfiante. Mas quando colegas invejosos, com o apoio paradoxal e autoritário de Vieira, interromperam o processo editorial, fiquei desapontado. Quando levei a situação um passo além, publicando por minha própria conta, fui imediatamente expulso do grupo, com o rótulo de psicopata. Meu mundo de 14 anos de investimento e idealização ruíram. As mesmas pessoas que me elogiavam por minha dedicação agora me consideravam egoísta e mau.

Em uma demonstração de bondade aparente, eles me ofereceram seus serviços terapêuticos [a "Consciencioterapia"], que logo mostrou-se ser limitada a "autodiagnósticos" de como

eu era responsável por tudo o que havia acontecido, e como eu deveria aceitar a situação que eu havia criado. A maneira de a instituição lavar suas mãos é racionalizando que eu havia provocado a situação e que a resposta deles era uma "oportunidade evolutiva" para a qual eu deveria ser grato.

A dor é mais forte quando infligida sem intenções abertamente hostis. Você não sabe contra quem ou contra quem reagir, tornando-se confuso, um "morto vivo" por algum tempo. Algumas pessoas não suportam e retornam para o grupo pedindo, de uma forma ou de outra, perdão aos seus agressores. Me ofereceram essa oportunidade, a qual considerei um tanto humilhante para aceitá-la.

Bancar meus princípios foi o motivo provável pelo qual deixar o grupo me trouxe mais alegrias do que dores. Sou grato por ter encontrado pessoas que passaram por processos parecidos e estenderam suas mãos a mim. Posteriormente, senti a necessidade de falar e encorajar outros a falarem, abrindo uma espécie de "observatório" sobre a Conscienciologia. Algumas cicatrizes podem permanecer para sempre, especialmente quando penso que fui ingênuo o bastante para dedicar meus melhores esforços a pessoas que não hesitaram em jogar meu trabalho na lata do lixo. Mas o esforço não foi totalmente em vão. Foi apenas direcionado a causa errada. Parafraseando uma ex-membra do Peoples Temple, Jeannie Mills [4], era uma causa que parecia muito boa para ser verdade, portanto, era muito boa para ser verdade!

Notas:

[1] Para um relato pessoal mais detalhado dessa experiência, ver o artigo "My First Out-of-Body Experience," *Journal of Exceptional Experiences and Psychology*, Winter 2013, disponível em issuu.com/exceptionalpsychology/docs/jeep__2013__winter_/39

[2] Ver, por exemplo, *O Self Perfeito e a Nova Era* (Loyola, 2000) do antropólogo Anthony D’Andrea, PhD, ou meu relato sobre a evolução daquele grupo no e-book *O que Penso da Conscienciologia* (2015).

[3] Em um documento institucional, a instituição foi chamada por alguns moradores para resolver um conflito entre condôminos a respeito de se eles deveriam ou não construir uma rua interna. Ver UNICIN (2014, January). Parecer 01/2014. Foz do Iguaçu. Disponível em unicin.org/images/pareceres/parecer_condominios-01_2014.pdf

[4] Mills, J. (1979). *Six Years with God: Life inside Reverend Jim Jones’s Peoples Temple*. New York, NY: A & W.



Somos semelhantes nas diferenças!

Homenagem ao Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa

(Publicado no site *EX-TJ.pt* em 21 de janeiro de 2016.

<https://www.desperta.net/reflexotildees/somos-semelhantes-nas-diferencas>)

Queridos irmãos,

Por 14 anos participei de uma congregação recheada de preconceitos. Eu mesmo reagiria negativamente a um texto que começasse com a frase “queridos irmãos”. Naquela época, lendo depoimentos de ex-religiosos desiludidos com suas igrejas, eu pensava: *“Como eles foram cair nesse conto de fadas?”*

Mas enquanto eu pensava isso, eu caía no meu próprio conto de fadas! Me envolvi com uma tal de “Conscienciologia”. Um grupo espiritualista de linha meio "New Age", com misturas de Espiritismo e Psicologia popular de auto-ajuda. Eu tinha concluído o Ensino Médio e estava buscando conhecer coisas novas. Passei a interessar-me por esse tal de “autoconhecimento” que não se via nas apostilas da escola. E acho que, apesar das diferenças, trilhei um caminho parecido com o dos relatos que leio aqui no site extj.net.

Fui muito bem recebido pelo grupo de "Conscienciologia". Quando viram que eu os escutava e entendia, passaram a tratar-me como uma pessoa com potencial. Um possível “escolhido”. Quando viram meu gosto pelos estudos, passaram a me ver de modo especial.

Para um jovem introvertido, meio *nerd*, não muito popular na escola, a sorte finalmente sorria para mim. Fui trilhando rapidamente os degraus do grupo e alcançando posições mais prestigiadas. No início eu distribuía panfletos e procurava trazer pessoas para as aulas, mas em pouco tempo já estava escrevendo textos, conduzindo pequenas reuniões, coordenando atividades de maior responsabilidade e dando aulas. Bem ajustado e elogiado pelo grupo, meu próximo passo era, naturalmente, me mudar da cidade de origem – Florianópolis (SC) – para Foz do Iguaçu (PR), onde estava a sede das atividades do grupo.

Naquela época, o “mundo lá fora” já quase não me interessava. Meu grupo não proíbe namoro com pessoas de fora, mas você acaba não querendo. Imaginem, eu sempre ocupado em reuniões e atividades de fins-de-semana, além de fazer minhas “meditações” diárias, já não gostando de sair à noite e achando as coisas mundanas muito se graça. É claro que procuraria namorar garotas da própria comunidade, que me entenderiam melhor. Sem falar nas diferenças de ideias, atitudes e linguagem. Dificilmente uma menina “normal” teria muita paciência para aguentar um “discípulo” que doou a vida para uma causa tão exótica que nem eu. O mesmo vale para os estudos e a profissão. Eu tinha que cuidar do meu trabalho para me sustentar. Mas cuidava o mínimo necessário. No resto do tempo, me dedicava à causa da Conscienciologia. Foi assim que, pelos anos mais importantes para a carreira de uma pessoa, negligenciei minha formação acadêmica e profissional.

Mas eu estava feliz, gostando do que fazia e seguindo minha “missão de vida”. Eu estava tão confiante que comecei a tomar iniciativas mais ousadas. Não tinha entendido que esperavam que eu fosse apenas uma “minipeça” (como eles falam), dentro do “mecanismo” do grupo. Passei a sair de

funções administrativas para poder estudar mais a doutrina. Isso irritou 2 ou 3 líderes. Em seguida, passei a procurar, por conta própria, programas de rádio, colunas de jornal e páginas da internet para divulgar meus estudos. Isso irritou ainda mais esses líderes, que gostariam de fazer o mesmo, mas estavam atolados com o trabalho burocrático. Em seguida, propus publicar um livro pela editora do grupo. E então, os líderes que estavam de fora, ficaram extremamente indignados. Impediram que a editora trabalhasse no livro, o que apenas me levou a publicá-lo de maneira independente. Mas foi minha sentença de morte para o grupo.

Eu sabia que isso desagradaria a estes poucos, apenas não imaginava que sua reação fosse tão desequilibrada e extremista e muito menos imaginava que o restante das centenas ou milhares de membros simplesmente assistissem e acatassem. Foi minha grande decepção. Me esforcei tanto, para acabar por descobrir que estava em um rebanho de ovelhas, que simplesmente seguem o pastor, não importa em qual direção.

Quem dera fosse apenas uma decepção! Em seguida foi a hora de sentir na pele o ostracismo social. Os colegas de negócios e clientes ligados ao grupo voltaram as costas (sou formado em Economia e também estava iniciando um pequeno negócio na área de construção ecológica). Infinitas graças a Deus que eu trabalhava para um escritório que não estava ligado a esse grupo, ou também estaria no olho da rua, sem nenhuma reserva financeira, numa cidade relativamente pequena, onde meus contatos não queriam mais se envolver comigo e difundiam maldades pela internet para seus colegas do Brasil inteiro.

Me surpreendeu esse estilo de punição do grupo. Silenciar, abandonar e eliminar o ex-membro de toda forma possível. Uma espécie de assassinato simbólico. Passei o ano

de 2012 ruminando todo tipo de sentimento a respeito disso. Foi quando, acidentalmente, lendo um artigo na internet, descobri que não estava sozinho. Encontrei um depoimento de um ex-Mórmon norte-americano relatando o mesmo. Navegando mais, encontrei as mesmas coisas faladas por ex-membros de outros grupos: Cientologia, Moonies, Hare Krishna... no Brasil, relatos de ex-pastores evangélicos, membros da Gnose e, por fim, os fóruns de ex-Testemunhas de Jeová.

Pensei que era único, só que não! Sou apenas um entre tantos semelhantes que se envolveram com grupos “oito ou oitenta”. “Oitenta” no exagero sobre a sua própria superioridade. “Oito” na forma como vêm os de fora. “Oitenta” na forma de inflarem o ego do simpatizante. “Oito” na forma ingrata de tratarem os que se afastam. É no extremismo que esses grupos se revelam intolerantes.

Qual a fábula em que caí? Não é a fábula das verdades do meu grupo! Se um grupo defende que a Terra é plana, quadrada ou redonda, isso pouco importa. Tudo isso pode ser corrigido se o grupo não estiver envolvido na “fábula da intolerância”.

Sim! É a fábula de quem, para se defender, se considera especial, acima dos “humanos comuns”, “apóstatas”, “ignorantes” e que não estão qualificados para o diálogo. É a mesma fábula que envolve namorados imaturos: enquanto estão juntos, são “tesouros”; após a separação, são “lixo”.

É a fábula do “bom ou mau”, de quem não tolera ver a complexidade das coisas, precisando encaixar tudo rapidamente em apenas duas categorias extremas: se está comigo, é bom; se não está mais, é mau. Em resumo, é um simplismo extremista e imediatista, que se defende do diferente, tentando destruí-lo.

É com estas palavras que encerro meu testemunho, minha “confissão”, de quem um dia se considerou tão diferente e hoje se considera tão semelhante. Eu pensava ser diferente por causa das minhas crenças, como quem pensa que é diferente por causa da roupa que veste.

Hoje me vejo muito semelhante, por causa da minha história em comum. Por isso bati à vossa porta para dizer que estou com vocês na luta contra a intolerância.

Pois se minhas crenças me fazem brigar com os outros, elas de nada servem!



A missão multi-reencarnatória de Waldo Vieira

Resenha crítica do livro *Zéfiro*

(Publicado em maio de 2010 no website *Con-ciência*, de Tony D'Andrea.

<https://espiritualismoeceticismo.files.wordpress.com/2010/05/resenha-livro-zefiro-por-flavio-amaral-2015.pdf>)

Zéfiro: a paraidentidade intermissiva de Waldo Vieira.

Autora: Mabel Teles.

Foz do Iguaçu, Editares, 2014.

ISBN 978-85-98966-93-9; 240 p.

Como contribuição inegável ao entendimento da vida de Waldo Veira, *Zéfiro* é o primeiro livro dedicado a registrar a biografia do líder da Conscienciologia, tecida através de uma perspectiva reencarnatória. O livro ajuda a situar datas, nomes e lugares que o biografado menciona de modo menos preciso em suas conversas, e também traz fotografias de valor histórico. *Zéfiro* é o nome pelo qual Vieira é conhecido em outras esferas, há milênios.

O livro é dividido em três seções, sendo a primeira voltada a discutir as vidas pretéritas de Vieira (no Egito, China, Grécia, Gália, Itália, Inglaterra, Espanha) e a atual. A segunda seção descreve os períodos entre-vidas, espirituais, de *Zéfiro*, com destaque aos seus aparecimentos e comunicações com personalidades do porte de Emanuel Swedenborg, Honoré de Balzac, Allan Kardec e Chico Xavier, bem como seu papel

central em comunidades extrafísicas “avançadas”. Na terceira seção a autora procura analisar as qualidades do biografado.

Uma resenha não substituirá a leitura do trabalho original, tanto pela riqueza de detalhes apresentados quanto pela chance de ler citações diretas e raras do biografado sobre si próprio.

A obra escrita pela jornalista Mabel Teles faz parte de um projeto capitaneado por organizações oficiais da Conscienciologia, sediadas em Foz do Iguaçu. Em 2011 são realizadas entrevistas coletivas, fechadas, com o intuito de produzir publicações acerca de 3 assuntos: a biografia vieiriana, “EM” ou o extraterrestre que o acompanhou no plano espiritual por algumas décadas, e Zéfiro, identidade multimilenar de Vieira no plano espiritual.

Conforme a autora, voluntaria no círculo próximo a Vieira, foi “oportunidade de adentrar nos bastidores extrafísicos da Evoluciologia, apreendendo alguns dos pilares norteadores do Maximecanismo Multidimensional Interassistencial, do qual ele participa de modo lúcido.” (p. 9, grifos da autora).

Embora muito pouco seja novidade às pessoas que convivem diariamente com Waldo Vieira, o grande público pode agora ter contato com a narrativa autobiográfica longa e encadeada do mesmo, que impressiona por suas fantasias de grandiosidade. Por “fantasias” não me refiro a ter ou não vivido em determinado período – tal julgamento está aquém de minha capacidade –, mas pela análise inflada que faz sobre seus feitos e experiências.

O livro se desenvolve neste espírito promotor. A autora adverte o leitor para que “não acredite em nada e tenha suas próprias experiências”, embora não demonstre o que exatamente ela “não acreditou” ou quais “experiências

próprias” estão inseridas, para poder afirmar o que afirmou. Teles parece subscrever de maneira irrestrita às versões vieirianas, sem considerar eventuais indícios em contrário.

A autora parece prever esse tipo de crítica ao informar que o leitor não deve esperar dela “total isenção”, tendo sido “a mais sincera e franca possível [e] expressando livremente os [seus] pontos de vista” (p. 14). Contudo, parcialidade, sinceridade e liberdade não deveriam servir de pretexto para não ter aplicado maior senso crítico aos achados e colocado as convicções pessoais em perspectiva.

Desde clássicos como *Des Indes à la Planète Mars* (T. Flournouy, 1900), pesquisadores têm entrevistado médiuns acerca de seus relatos e alegados poderes, sem intenção de desmenti-los ou confirmá-los. Em *O Self Perfeito e a Nova Era*, o antropólogo Anthony D’Andrea descreve qualidades parapsíquicas de Vieira sem entrar no mérito de sua veracidade, mais preocupado com aspectos socioculturais da Conscienciologia. Por outro lado, *O Averso de Um Balzac Contemporâneo* (Ramos Filho, 1995) apresenta indícios impressionantes sobre as capacidades extraordinárias de Vieira, que tornam justificável sua investigação.

Contudo, aceitar de modo irrestrito os “parafatos” mais fabulosos informados pelo biografado aproxima o conteúdo do livro com o gênero de contos (estória), ao invés de qualificá-lo como trabalho biográfico (história).

Entretanto, mesmo dentro da ótica conscienciológica, há ausências muito estranhas nesta biografia reencarnatória. Por exemplo, o erudito espanhol Vincencio Juan de Lastanosa (1607-1681), sobre o qual Waldo Veira discorria constantemente, como se houvesse participado dos círculos sociais desse pensador. Vieira mesmo avisa aos voluntários que, se fosse o próprio Lastanosa, não teria tocado no assunto.

Outra lacuna inacreditável é omitir Michel de Nostradamus (1503-1561). Vieira fazia várias insinuações de ter sido o próprio. As vidas na França, onde foi alquimista e também escultor, tendo inclusive esculpido gárgolas que continuam de pé, e trabalhado com plantas psicoativas, e a familiaridade com que discorre sobre Nostradamus, não aparecem no livro.

Apesar de mencionar os espíritos que participam atualmente do panteão conscienciológico, o livro não menciona outros que também trabalharam com Vieira – André Luiz, José Grosso, Aura Celeste, Tao Mao, Maria Clara (além do próprio Emmanuel). Estas entidades receberam, inclusive, agradecimento do próprio Waldo Vieira em *Projeções da Consciência*. Seriam elas “muito espíritas” para figurarem na atual biografia?

Além destas lacunas reencarnatórias, o livro omite claras discrepâncias entre a versão vieiriana e os dados empíricos reais. As fotografias ajudam a colocar por terra a versão de “menino pobre” que o biografado cria sobre si mesmo, uma versão já duvidosa para um filho de professora e dentista que teve Vicente Lopes Perez como preceptor.

A obra tampouco analisa a ruptura de Waldo Vieira com o Espiritismo, aceitando a versão de que a mesma ocorreu em 1966. Vieira busca caracterizar o movimento espírita como repressor e conservador, enquanto as realizações daquela época indicam o contrário – ajustamento, sinergia e colaboração mútua. Exemplos disso são as narrativas sobre Vieira em *Materializações de Uberaba* (Jorge Rizzini, 1964) e *As Vidas de Chico Xavier* (Marcel Souto Maior, 2003), e a vasta literatura psicografada de sua autoria que continua a ser publicada pelas editoras espíritas.

O que Vieira rotula como sua “(maxi)dissidência”, em 1966, parece ser mais um afastamento pessoal dos trabalhos psicográficos e assistenciais em Uberaba. Em 1979 ele retornou ao seio do movimento espírita carioca e paulista, publicando *Projeções da Consciência* (1981 e 1982), nacionalmente divulgados e aclamados naquele meio, além de ter artigos, entrevistas e uma coluna mensal própria na mídia espírita, até 1990.

Por fim, o livro tece inúmeros elogios ao caráter “aglutinador” de Zéfiro, e sua capacidade notável de trabalho em equipe. Os fatos não são tão abonadores, pois Vieira parece deixar amplo rastro de desafetos por onde passa. Por exemplo, os 20 colaboradores que figuram nos agradecimentos da sua obra-prima Projeciologia (1986), paulatinamente se afastam do mesmo e não recebem reconhecimento pela atual administração da rede conscienciológica.

Ao longo das últimas três décadas, colaboradores supostamente “multimilenares” não apenas deixaram esta comunidade, mas mantêm evidente má impressão da mesma. O mais comum, entre ex-voluntários, é um sentimento de frustração e rejeição como efeitos de relações desgastantes dentro do grupo. Como isso encaixa em um discurso onde Zéfiro seria um grande aglutinador de personalidades geniais e revolucionárias?

O livro é fonte importante para estudos psicobiográficos sobre Vieira. É contínua a avaliação engrandecida que faz de seus trabalhos “assistenciais” contrastada com a avaliação desabonadora que aplica sobre os próprios seres “assistidos”. Somados à hostilização das críticas e a maneira insistente de considerar-se um incompreendido, entre outros, instigam a pesquisa quanto a eventuais traços de personalidade narcisista ou de perfil grandioso delirante do biografado.

Em suma, “Zéfiro” apresenta uma coletânea interessante de histórias centradas na trajetória de Waldo Vieira, compreendendo a sua vida atual e relatos do mesmo sobre suas vidas passadas mais marcantes. Por outro lado, o livro apresenta lacunas estranhas ao omitir vidas pretéritas reconhecidamente marcantes no discurso vieiriano, além de reproduzir ingenuamente algumas de suas declarações sobre a vida atual, particularmente a sua infância, o seu relacionamento com Chico Xavier e o movimento espírita. Leitura interessante, mas com ressalvas.



Resenha do livro *Zéfiro*

(Publicado no *Jornal de Estudos Espíritas*, Vol. 3, em 22 de março de 2015.

https://espiritualidades.com.br/Artigos/A_autores/AMARAL_Flavio_tit_Resenha_do_livro_Zefiro_et_A_Paraidentidade_Intermissiva_d_e_Waldo_Vieira_de_Mabel_Teles.htm)

Zéfiro é o guia espiritual que o médium ex-espírita Waldo Vieira alega ter sido - “paraidentidade” que possui há milênios. Refiro-me ao mesmo Zéfiro citado por Kardec em suas *Obras Póstumas* (KARDEC, 2005) e por Canuto Abreu em *O Livro dos Espíritos e sua Tradição Histórica e Lendária* (ABREU, 2012); Espírito que acompanhava a família Baudin nas sessões que motivariam Denizard Rivail a adotar o pseudônimo Allan Kardec e fundamentar a Doutrina Espírita.

O livro (TELES, 2014) é o primeiro voltado a biografar Vieira, ex-colaborador de Chico Xavier em Uberaba, na década de 1960. Ajuda a situar datas, nomes e lugares, e traz fotografias de valor histórico. Além disso, procura descrever a biografia multi-reencarnatória de Vieira. Por esses motivos, a obra traz elementos de interesse espírita e revela (talvez sem querer) um pouco da psicologia desse que participou da história do Espiritismo. O maior problema do livro, no entanto, é permanecer fiel à versão do próprio biografado, sem tecer reflexões mais críticas sobre determinadas questões.

O texto é dividido em três seções, sendo a primeira voltada a discutir as vidas pretéritas de Vieira e a atual. A segunda seção descreve períodos entre-vidas, espirituais, de Zéfiro, com destaque aos seus aparecimentos e comunicações com personalidades do porte de Emanuel Swedenborg, Honoré

de Balzac, Chico Xavier e o próprio Kardec. Na terceira seção a autora analisa as qualidades do biografado.

Embora Waldo Vieira dê a impressão de possuir uma supermemória quanto às suas vidas passadas, e capacidade inata de desdobramento e clarividência (que o fazem dispensar a necessidade de médiuns de incorporação), o biografado “conscientizou-se” de ser Zéfiro na adolescência através de mensagem psicografada por uma “conhecida médium”. Não se sabe por que o livro omite seu nome, embora permita especular que tenha sido Maria Leite de Paiva, antiga conhecida da família.

Logo nesse início o livro já dá indícios do que parece estar latente na personalidade de Vieira ao longo da vida. O menino, acreditando ser nada menos do que um dos cicerones de Denizard Rivail ao universo espiritual, estimulado pelos pais a manter a informação em segredo, pois as pessoas “não teriam maturidade para compreendê-lo”, possivelmente trilhou o movimento espírita com o peso de grandes responsabilidades incutidas, autoimagem engrandecida e fantasias ilimitadas de incompreensão sobre sua pretensa “superioridade”. Um exemplo de misturas explosivas que cresciam nesse rapaz, que teria um infarto aos 28 anos e uma ruptura agressiva com o Espiritismo quase três décadas mais tarde.

Na década de 1960 Vieira colhia realizações junto à Comunhão Espírita Cristã uberabense. Quase duas dezenas de livros psicografados (individuais e em parceria com Chico Xavier), viagens e trabalhos direcionados à pesquisa, trabalhos de caridade, conforme narrados em *Materializações de Uberaba* (RIZZINI, 1997) e *As Vidas de Chico Xavier* (SOUTO MAIOR, 2003), são evidências disso. Mas, em Zéfiro (TELES, 2014), Mabel prefere manter o discurso vieiriano atual, segundo o qual o biografado era um

“maxidissidente” do Espiritismo, retratado como algo repressor, conservador e avesso à intelectualidade.

Em 1966 Vieira se desligou dos trabalhos espíritas em Uberaba para dedicar-se a uma pós-graduação no Japão, à abertura de consultório no Rio de Janeiro e à direção de empresas ligadas à Cia. Antarctica Paulista, da família de sua então esposa. Não há vestígios históricos de uma “dissidência”. Muito pelo contrário, em 1979 ele retornaria aos círculos espíritas cariocas e paulistas, publicando *Projeções da Consciência* (1981 e 1982), nacionalmente divulgado e aclamado naquele meio, além de ter artigos, entrevistas e uma coluna mensal própria na imprensa espírita, até 1990.

A ruptura parece ocorrer neste período (anos 90), conforme o autor funda o próprio grupo o qual lidera de maneira unânime e incontestável, passando a criticar praticamente todas as áreas e instituições que não sejam suas próprias “neociências” (Projeciologia e Conscienciologia). O distanciamento não ocorre apenas com os espíritas, mas com todos os estudiosos que não queiram se submeter a ele (alguns registros deste conflito podem ser encontrados na bibliografia, ao final).

O livro não menciona (ou o faz apenas de passagem) os guias espirituais que auxiliaram Vieira em décadas anteriores - André Luiz, José Grosso, Aura Celeste, Tao Mao, Maria Clara, Eurípedes Barsanulfo e o próprio Emmanuel. Ao invés disso, enfatiza outros recentes, conhecidos e identificados apenas por Vieira, que supostamente amparam o grupo dedicado à Conscienciologia, liderado por ele, em Foz do Iguaçu. Mas é problemática essa omissão numa biografia, como se fossem esquecidos amigos mais antigos em privilégio dos recém-conhecidos.

Há também omissões curiosas nas seções que relatam as reencarnações pretéritas de Vieira. Embora Vieira afirme lembrar-se de vidas na África sub-saariana, no Egito Antigo, na China, Grécia, Gália, Império Romano, Cornuália e Espanha, a autora não levanta o assunto sobre diversas personalidades históricas que Vieira mais abertamente diz ter sido (ou conhecido). Com exceção do filósofo Zisi (ca. 481-203 a.C., neto de Confúcio) e do jurista Aemilius Papinianus (142-212 a.C.), nada se comenta sobre outras personalidades mais recentes. Um deles seria Vincencio Juan de Lastanosa (1607-1681), supostamente membro do círculo social próximo de Vieira em uma de suas vidas espanholas. Outro é Michel de Nostradamus (1503-1566), personagem que Vieira “admite” ter sido, quando conversa com seus colaboradores mais próximos. Ainda no período espírita, Vieira parece ter afirmado que fora o poeta Robert Browning (1812-1889), cujo pai era o Espírito pretérito de Herminio C. Miranda. Memórias destes personagens marcantes poderiam contribuir muito, tanto para os estudos da sobrevivência do espírito quanto para investigações historiográficas. Por outro lado, tais memórias, no mínimo, levantariam o questionamento de estudiosos independentes e, talvez, fossem até refutadas, colocando em cheque o *status* inquestionável que Vieira detém junto aos seus colaboradores.

O livro faz parte de estratégia mais ampla de promover a Conscienciologia através do seu grande representante, criando quase um mito em torno dessa figura pública. Participei da compilação das entrevistas citadas pela autora à introdução. Os outros trabalhos são o documentário *Waldo Vieira: Vida e Obra* (Kíria Meurer), *E. M. Mentor Extraterrestre* (Comunicons; em elaboração) e possivelmente um filme baseado no livro *Cristo*

Espera por Ti (1964), grande sucesso vieiriano consagrado por Osmar Ramos Filho.

Em suma, Zéiro apresenta relatos interessantes centrados na trajetória de Waldo Vieira, compreendendo sua vida atual e supostas vidas passadas. Por outro lado, o livro omite vidas pretéritas marcantes no discurso vieiriano e reproduz fielmente declarações controvertidas sobre sua vida atual. Leitura interessante, mas com ressalvas.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. *O Livro dos Espíritos e sua tradição histórica e lendária*. Liv. Espírita Katie King, São Paulo, 2012.

CARVALHO, U. de S. “Dos leitores”, *Jornal Espírita* 98, 2 (1983).

KARDEC, A. *Obras póstumas*, FEB, Rio de Janeiro, 2005.

TELES, M. *Zéiro: a paraidentidade intermissiva de Waldo Vieira*. Editares, Foz do Iguaçu, 2014.

MONTEIRO, E. C. “A suspeita posição de um “ex-médium””, *Correio Fraterno do ABC* maio, 5 (1983).

EDITORIAL. “Posições de Waldo Vieira contestadas em São Paulo”, *O Semeador* 466, 10 (1983).

RAMOS FILHO, O. *O avesso de um Balzac contemporâneo: arqueologia de um pasticho*. Lachatre, Niteroi, 1995.

RIZZINI, J. *Materializações de Uberaba*, LivroFácil-NovaLuz, São Paulo, 1997.

SOUTO MAIOR, M. *As vidas de Chico Xavier*, Planeta, 2a. Edição, São Paulo, 2003.

VIEIRA, W. “Carta aberta aos espíritas”, *Folha Espírita* 113, 6 (1983).



Apresentação da Segunda Edição

Filhos da puuuuta. Foi o que pensei quando um leitor me alertou que meu livro estava fora do ar na plataforma da Amazon. Não naquele exato momento mas, posteriormente, ao verificar que ela havia removido o livro alegando que o conteúdo não condizia com o título. *Porra! O que eles querem, cacete!* Parem de encher o saco e deixem o livro lá.

Aliás, eu nem me importava mais com aquele conteúdo. *Porcaria que não vende!* Era eu amaldiçoando a mim mesmo. Me esforcei para produzir um livro sobre Conscienciologia e deixei-o parado. *Já vi essa história... imbecil que não faz nada direito...* Anos de reflexão, leitura, e uma aventura extra no mundo da programação de dados, mas na hora de divulgar, promover, projetar meu trabalho, já estava interessado em outras coisas, já estava pensando no próximo livro e no próximo do próximo. Ou estaria dando razão para as vozes que dizem para esquecer, deixar para trás, mover em frente, virar a página?

Foda-se o livro! Eu tinha mil projetos mais interessantes para tocar e mil coisas mais importantes para cuidar. *Esquece isso!* Afinal, este era justamente o conselho de alguns amigos e a súplica de muitos inimigos. Foi a ordem que dei para mim mesmo, só para desobedecê-la no dia seguinte.

Sempre senti o assunto *conscienciologia* como algo inconcluído no meu íntimo. Um ano depois de ter sido expulso da comunidade conscienciológica iguaçuense, meu projeto era escrever “A Conscienciologia sob a ótica de um ex-voluntário”. E parecia algo simples! Bastaria dizer o que eu pensava. Treze anos de voluntariado, somado ao contato com ex-voluntários e algumas histórias únicas e marcantes para contar. Seria impossível que um livro como este não se concretizasse. Mas não se concretizou; era muito menos simples do que parecia.

Quem vai se interessar pela opinião conscienciológica de um ex-voluntário? *Viação!* Quem não se interessa por conscienciologia

vai continuar desinteressado. Sobram apenas os alunos e voluntários. Mas estes se interessam menos ainda. Aliás, não se interessam sequer pelo que eles próprios escrevem.

A não ser que o mestre deles (agora falecido) recomende. Se falar que manga é uma fruta que ajuda a sair do corpo, no dia seguinte o estoque de mangas do supermercado estará esgotado, e teremos inclusive voluntários com dermatites de tanto comer a fruta. Fora isso, eles se comportam igual a qualquer membro de seita: com um profundo desinteresse em tudo que possa destoar de sua visão de mundo. *Para que diabos vou estruturar um texto para discutir o “paradigma conscienciológico” se ninguém quer discutir essa porra!* Nem fora, nem dentro da conscienciologia.

Além disso, ainda vou ter que aturar os *trolls* e *haters* que vêm encher o saco nas redes sociais, baixar a nota do e-book na plataforma, espalhar mais mentiras e começar com *mimimis*. *Haja saco!*

.

.

.

Se bem que...

.

.

.

... esses *trolls* não parecem má ideia!

.

.

.

Não mesmo!

Quer mobilizar leitores de conscienciologia? Critique a doutrina. Eles reagem como se estivessem diante de uma ameaça mortal. Principalmente os mais convictos e agressivos do grupo, que não passam de uma minoria. Mas são a ponta do *iceberg* de outros tantos que não respondem mas criam o burburinho, a conversa de

corredor, e ajudam os mais questionadores a ficar com a pulga atrás da orelha.

Grupos altamente controlados são hiper-reativos, pois sempre estão sob ameaça. O discurso interno é altamente controlado, reflexo de uma hierarquia rígida. Pequenas críticas costumam ser abafadas e ignoradas, enquanto se tenta demonizar e isolar a fonte da crítica. A maioria dos discípulos se mantém razoavelmente alienada a respeito desses movimentos, mas que fazem parte de um trabalho constantemente mantido pelos superiores hierárquicos.

Quando uma crítica chega ao conhecimento de um número geral de voluntários, ela tem um potencial desestabilizador muito grande. Por isso, a direção precisa tomar iniciativa, que normalmente envolve intimidação ou isolamento do crítico, além de promover sua demonização no grupo. Essa resposta rígida e dogmática faz com que a maioria dos ex-discípulos de seitas prefiram *deixar o assunto para trás*. O conflito é emocionalmente desgastante, já que falamos de um grupo que, até o momento, se apresentava como a “família verdadeira”, o “grupo evolutivo”, suas “amizades intermissivistas” etc.

Mas eu não sou que nem a maioria! Vaidade é meu defeito e minha qualidade. E assim me pus a procurar o arquivo da primeira edição. Sim, eu iria escrever, agora sim, o que penso da Conscienciologia!

Na primeira edição esclareci que o título do livro se referia ao nome do grupo virtual. O livro era um índice para poder navegar de maneira prática entre mais ou menos duzentas postagens daquele grupo. Ao final, havia um artigo sobre a história revisitada da Conscienciologia, e um posfácio com reflexões para o futuro. Esse conteúdo permanece nesta edição, obviamente. Na verdade, eu achava que o livro havia sido bloqueado pela Amazon por que esta configuração dava margem à controvérsia sobre o conteúdo não condizer com o título. Mas não foi este o motivo, e já chegaremos lá.

O que eu escreveria agora era um novo artigo, que se tornaria a parte principal desta edição, onde responderia realmente à pergunta *o que penso da Conscienciologia*.

“*Realmente?*” Como sou presunçoso! Não poderia ter cometido ato falho mais preciso.

A dificuldade não estava em escrever sobre Conscienciologia. Um esforço laborioso, não há dúvida, e que poderia ser mais ou menos genial, conforme a dedicação e a capacidade do autor. E como a palavra denuncia, quero pensar que isso não é uma “dificuldade”. Quero pensar que é fácil. Pois pensar que é fácil é pensar que já se domina o tema. E eu não dominei a Conscienciologia. Ela me expulsou. Fui lançado à própria sorte como um peão que acaba de cair do touro indomável.

Como você pode ver, a dificuldade é falar *o que penso*. Por isso que Darwin escreveu *Sobre a origem das espécies* e não *O que penso sobre a origem das espécies*. Mesmo Freud, em suas engenhosas empreitadas introspectivas, não cometeria a gafe de escrever *O que penso sobre o mal-estar na civilização*, *O que penso sobre a interpretação dos sonhos*, *O que penso sobre totem e tabu* etc. Pretender que se escreve fielmente o que se pensa é praticamente um autoengano.

Mas de autoengano em autoengano escarafunchamos nosso interior atrás de autodescobertas. Por exemplo, no parágrafo acima, eu deveria “corrigir” a oração “a dificuldade é falar o que penso” para “a dificuldade é *escrever* o que penso” já que este é um livro, portanto escrito, não falado. Mas o ato espontâneo parece mais autêntico, por ser mais revelador. Sim, sou obrigado a reconhecer a verdade. A dificuldade é *falar* o que penso. Entretanto, deixar o livre fluxo de consciência tomar conta do texto, analisá-lo, e escrever um livro, *tudo ao mesmo tempo*, parece impossível.

[Minutos se passaram. Esta aparente descoberta de que a dificuldade é *falar o que penso* me deixou com dificuldade para pensar e para escrever.]

Fritz Perls tentou colocar no papel o livre fluxo de sua consciência e encerrou, após centenas de páginas, com a pergunta “*quando aprenderei a confiar em mim mesmo?*” Desinteressou-se em continuar a aventura escrita e passou a se dedicar ao seu *kibbutz*. Também não dava muita ênfase a seus outros poucos livros escritos. O manuscrito foi publicado após a morte do mestre, por discípulos que ficaram com seus apontamentos. Não sem alguma hesitação.

Destino semelhante foi o dos enigmáticos *seminários* de Jacques Lacan, *falados* – e a dificuldade está em falar o que penso – mas não pensados para publicação escrita. Foi por insistência de seus alunos que as notas estenografadas foram publicadas. Mas aquele *xamã incompreensível* queria falar, não escrever! Mas me perturba saber que este, que é um dos pais da psicanálise, não tinha um analista, pois considerava que seus seminários eram sua análise. Nem sei se esta é a verdadeira história de Lacan, mas é como ressoa em mim.

E dos filósofos gregos, aquele celebrado como “sábio” foi justamente o que não escrevia, mas *dialogava*. Sócrates. *Ele* era o maior sábio da Grécia, segundo o Oráculo! Sócrates escutava e respondia. Há algo de genial numa ação que parece tão simples como essa. Platão e Aristóteles seriam grandes filósofos, mas espécie de “acadêmicos” quando comparados ao mestre da maiêutica. Mas se sabemos algo a respeito de Sócrates, é graças a discípulos que escreveram sobre ele.

Aliás, caminho muito semelhante foi trilhado por outros sábios, como Jesus de Nazaré e Sidarta Gautama. Independente da busca por uma verdade histórica objetiva sobre ambos, permanece o mito, que fala a verdade sobre todo um povo. O mito daquele que caminha e fala com as pessoas. E a dificuldade está em falar o que penso. Enquanto escrevo, não caminho, nem falo.

Para o líder da conscienciologia, Sócrates era um suicida, Jesus era suicida e meninão, Buda era materialista, Freud era tabagista e consumidor de cocaína. Todos eles foram imortalizados por explorarem o poder da fala. W também falava. Adorava falar.

Nos últimos anos de vida, mostrou o quanto gostava de falar sobre os primeiros – a infância do menino pobre do Interior Mineiro e detentor de capacidades clarividentes e sobrenaturais. Ele estava “abrindo o jogo”.

Vou chamá-lo de W, assim como chamarei as demais pessoas por alguma vogal. As leis brasileiras sobre autoria, biografia não-autorizada e liberdade de expressão são confusas. Ambíguas, cheias de ramificações. As ramificações aumentam ao infinito ao serem "interpretadas" pela autoridade jurídica. O que quero fazer aqui é expor pensamentos e situações, com as quais o leitor pode se identificar e refletir. As pessoas envolvidas em si são irrelevantes. Cada uma que vista a carapuça, se servir.

É óbvio que diversas delas se expuseram publicamente, ou foram expostas, por vontade própria, então fica difícil manter o anonimato. E muitas se expuseram com a intenção dolosa de me expor, conferindo-me, portanto, direito de resposta e legítima defesa. Tudo isso a Lei garante, em teoria.

Mas meu problema é contar acontecimentos que podem se passar e frequentemente se passam em outras situações, outros grupos, com outras pessoas, e mostrar ao leitor seu funcionamento, suas consequências e as estratégias que agora sigo para aplacar o sofrimento que ainda me acompanha em alguma medida.

Nós, discípulos da conscienciologia, gostávamos de pensar na ideia de ter um mestre que estava trazendo revelações. Nos sentíamos detentores de algum conhecimento especial e quase exclusivo, desconhecido pela Humanidade, embora acessível e público. Desconhecido por culpa da própria Humanidade, que está muito ocupada sendo Humanidade e pouco preocupada em evoluir e transcender sua condição humana.

Não demorou para que aqueles *tertúlias* diárias com W começassem a ficar repetitivas, maçantes e incômodas. O mestre interrompia os debatedores, não recebia bem os questionamentos, sendo muitas vezes maleducado e arrogante. Para os mais devotos, ele estava respondendo não à pessoa que perguntou, mas aos

espíritos obsessores que estavam em torno dela, e que precisavam ser tratados com aspereza, dureza, *impactoterapia*. Parei de frequentar as tertúlias, continuando a me interessar pelo trabalho escrito de W. Seu estilo literário organizado e detalhista me fascinava.

Mas W parecia não escutar mais, embora falasse muito. A fragilidade da sua lógica ficava cada vez mais exposta. Seu dogmatismo e a certeza de ser portador de toda a verdade aumentavam. A criatividade da sua obra ficou precarizada e seus *verbetes enciclopédicos* diários, cada vez mais repetitivos. Aquilo me desapontava mas não chegava a perturbar pois, nessa época, eu já estava com a atenção voltada para meu primeiro livro solo, *Teáticas da invexologia: otimizações e evitações à técnica da inversão existencial*. Um livro que procurei moldar ao estilo do mestre. Esta foi minha façanha e meu pecado.

Eu me espelhava no mestre. Aquele estilo estritamente controlado, revisões minuciosas, geométricas, sintáticas, sintéticas, exaustivas, encriptadas e enigmáticas. Era o oposto do livre fluxo do pensamento... ou será que meu pensamento já funcionava assim? Certo que não! Certo?

W sempre falou com orgulho que nunca precisara de psicólogo. Um bom psicólogo fala coisas precisas. Um excelente psicólogo faz o paciente escutar a si mesmo. E quanto mais a idade avançava, mais ele mostrava seu esforço para controlar; para mostrar seu domínio absoluto sobre a palavra escrita. Para falar tão precisamente como um relógio atômico, com hora exata para iniciar e terminar, com padrões de apresentação e um vocabulário próprio. O lado oposto dessa moeda é interromper os interlocutores, que o fazem escutar-se. Estaria eu me espelhando no mestre?

Nada mais enganoso para quem se pretende um “autopesquisador” da própria consciência. Vamos por enquanto aceitar, como faz a Conscienciologia, que consciência é sinônimo de essência do ser. Essência é, portanto, sinônimo de consciência. É impossível não cair em contradições com esta equivalência, fato que obriga os espiritualistas a resignificarem a noção de consciência. E

quanto mais procuram ressignificá-la, menos consciência têm das mesmas contradições.

A experiência que tenho de estar consciente sobre o que escrevo neste exato instante oculta, abafa, desvia a atenção para longe dos fluxos infinitos de pensamento que se passam no meu íntimo durante este mesmo instante. O retorno a um parágrafo para revisar e apagar é um exemplo do ato (um superego?) dizendo: isso que você pensou naquele momento não estava certo, arrume. Mas é também este superego dizendo: isso que você pensou *não pode ser escrito*, apague. Escrever é uma performance, é um ato social, há um *outro* a quem queremos comunicar, e esse outro imaginário também determina como queremos nos apresentar.

A forma cada vez mais meticulosa dele escrever também é reflexo da forma cada vez mais meticulosa como ele queria se apresentar ao público. Essa meticulosidade leva-me a perguntar o *que ele possivelmente não queria apresentar*, que o fazia ser tão cuidadoso. Não é fácil falar em público durante duas horas consecutivas, diariamente, e ser capaz de controlar o próprio desempenho. Isso explica por que W precisaria ser duro e ameaçador com quem quisesse questioná-lo. Nada, absolutamente nada, poderia escapar da imagem e da narrativa informadas ao público.

Eu estava me espelhando no mestre? O que eu não queria escutar? O que eu pensava, e que não queria escutar enquanto escrevia? *Era difícil falar o que penso pois era difícil escutar o que penso*. Este fluxo contínuo de pensamentos, ou melhor dizendo, de *palavras*, que experimentamos como sendo nós mesmos, que chamamos de “eu”, o *daimon* socrático, os nossos demônios ou vozes interiores. Uma aproximação para o que a Conscienciologia chama de *consciência*.

Autoconhecer-se – como postula a Conscienciologia – é escutar a consciência. Mas para escutá-la é necessário deixá-la falar. E para que ela fale, é necessário haver um *outro*. Um outro que irá *refletir*, um espelho, uma imagem invertida mais ou menos distorcida mas que permite a reflexão. Escutar minha fala no outro. O mito que

perpassou os sábios de todos os séculos. É por isso que ainda não escrevi o livro que queria tanto escrever logo que saí da Conscienciologia – ou melhor – fui expulso. Escrever sobre Conscienciologia não parecia difícil, mas passou a parecer difícil, pois difícil era falar o que penso.



Capítulo 1

Eu estaria estruturando em capítulos os principais temas relativos à Conscienciologia. Mas a consciência não se organiza desta forma. Este primeiro capítulo indica simplesmente uma pausa no fluxo de pensamentos da seção anterior, e uma retomada, não sei se do ponto em que parei, mas a partir do desejo de voltar a escrever o que penso da Conscienciologia.

Uma afirmação e tanto a que encerrou o fluxo anterior: *saí da Conscienciologia – ou melhor – fui expulso*. Não era como eu planejava iniciar o Capítulo 1 mas, pelo jeito, era o que eu queria. Não é à toa que ela encerrou o trabalho prévio. É difícil falar sobre isso e, ao escutar-me falando isso, uma pausa, um silêncio e um afastamento foi o que consegui fazer na sequência.

É verdade que saí da Conscienciologia. (É mesmo verdade?) Também é verdade que fui expulso. Sobre esta última verdade, não apresento objeção. Do contrário, apresento uma anuência, uma ênfase, e me pergunto, *um desejo?* O que a expressão “ou melhor” está fazendo ali, tão espontaneamente? Ela está dizendo sim, foi melhor ter sido expulso do que apenas sair. A questão é entender por quê.

No meu livro maldito, branco, versos satânicos – é assim que me refiro jocosamente ao *Teáticas da invexologia* – escrevo algo que parece premonitório. “Excomunhão é bênção”. Mas não tem nada de sobrenatural ou precognitivo nisso. Talvez, nessa estapa da revisão, eu já tivesse passado pela primeira “reunião surpresa”, em junho de 2011, articulada para interromper a revisão do meu livro. Mas é possível que não. Para mim, antes disso, já era claro que *excomunhão é bênção*.

Ao consultar o livro, verifiquei que a expressão não estava lá. Provavelmente não encontrei espaço ou contexto para incluí-la. Curiosa memória. Eu tinha certeza que estaria num capítulo onde mandava recados indiretos para as direções das instituições conscienciológicas. Pois lá é assim. Dizem-se abertos a críticas mas

usam de todos os recursos para que você se sinta mal em apresentar alguma. Então tudo funciona na base das indiretas, da comunicação passivo-agressiva.

No capítulo 126 eu tratava de questões relacionadas à postura de *aceite ou saia*, que era observada em grupos controladores, caso o crítico não abrisse mão de sua posição, embora nada disso fizesse as instituições abrirem mão de se descreverem como democráticas e acolhedoras.

É curioso, mas tenho apenas poucas lembranças de reuniões desse tipo. Acredito que por algum bloqueio, já que participei de muitas reuniões, e minha sensação era de que o autoritarismo predominava nas mesmas. Mas lembro-me de que, para escrever o referido capítulo, repassei mentalmente algumas reuniões grandes, que costumavam ser especialmente autoritárias, talvez com Unicin e os conselhos diretores. É mais curioso ainda que, na imagem mental dessas reuniões, apareciam quase que invariavelmente duas pessoas, dois voluntários. R e "Max".

Certamente eu já participara de reuniões com eles, embora não faziam parte dos grupos nos quais eu estava mais envolvido. Não lembrava sobre o que eram estas reuniões, ou sobre algo pessoal em relação a eles. Eu realmente não tinha nada contra os mesmos, mas eram eles que apareciam na minha fantasia de reunião autoritária. Talvez por já terem ocupado cargos de liderança mais ampla dentro da Conscienciologia. R aparecia como tendo o papel de argumentar exaustivamente até que o crítico desistisse de sua posição. Max aparecia como o tomador de decisão, não tão empenhado em debater, fazendo mais um papel de “presidente da mesa”, encerrando e decidindo questões. Mas por que diabos a imagem de ambos em alguma reunião imaginária era a fonte de inspiração para escrever o capítulo 126?

Neste ponto do pensamento eu dormi no sofá com o notebook sobre o colo. Mas não encerro o capítulo. No dia seguinte, retomo, mas nada vêm a mente, a não ser essa maldita reunião imaginária.

...

Sim! Está claro! Reuniões. Malditas reuniões. Conscienciologia é uma sequência de reuniões sem fim, chatas, burocráticas, desmotivantes. Eu não tinha esta sensação quando era voluntário do IIPC em Florianópolis. Ali havia, sim, reuniões, obviamente. Não que eu adorasse participar delas. Não que eu não tivesse preguiça vez por outra. Mas até então elas pareciam fazer sentido. Não que elas fossem um modelo de eficiência. Éramos todos voluntários e nem todos com experiência no trabalho em equipe. Mas elas *faziam sentido*.

As reuniões administrativas na Conscienciologia em Foz do Iguaçu não faziam mais tanto sentido assim. A estrutura se burocratizou de tal maneira que era impossível tomar uma decisão sem passar pelo crivo de outras tantas instâncias. Na base de tudo estava a febre de fundar novas “instituições conscienciológicas”. Para W, isso era uma demonstração da multidisciplinaridade, da autonomia dos grupos, do crescimento. Mas não era nada disso. Já estávamos em cerca de uma dezena de instituições e W falava que o primeiro patamar a ser atingido era chegar a 56. Cinquenta e seis!

Irritado com as reuniões, chegue a inventar uma piada a seu respeito, que na verdade se inspirou num episódio verídico. Um bom tempo da reunião de coordenadores foi tomado para resolver o problema da troca da luminária queimada na sala. Daí surge a pergunta: quantos diretores conscienciológicos é necessário para trocar uma lâmpada? Você pode usar sua criatividade. Se todos estiverem no recinto, provavelmente todos. Em primeiro lugar, é claro, está o diretor geral, que precisa incluir o ponto na pauta. Então é preciso consultar o diretor financeiro sobre o orçamento, o administrativo para deliberar sobre procura de eletricitas, o de eventos para verificar disponibilidade do uso da sala, o de voluntários para definir se há alguém disponível para abrir a porta para o eletricista etc etc.

Realmente, estas doutrinas espiritualistas são a prova de que há um universo holográfico infinito num pequeno grão de areia, há múltiplas dimensões da consciência humana, e um ato tão simples

quanto trocar uma lâmpada têm repercussões explicadas pelo efeito-borboleta.

No princípio era apenas o IIPC. Sediado num escritório comercial na Zona Sul carioca, e com filiais em outras grandes cidades brasileiras. Mesmo quando W não presidia mais o IIPC, foi sempre ele a ter o poder de mando no grupo. Ele tinha o poder informal de instituir e destituir os cargos decisórios.

Uma iniciativa mais ou menos paralela de comprar um terreno em Foz do Iguaçu deu origem à cooperativa do CEAEC, uma segunda instituição conscienciológica, com administração de fato independente do IIPC. W não tinha tanto poder sobre a cooperativa, apenas era respeitado por eles, já que era o principal pesquisador dessa ciência.

Uma terceira instituição precisou ser criada por motivos legais. A IAC, que cuidaria das filiais internacionais do IIPC. E havia também o grupo de “consciencioterapeutas”, que prestava atendimento psicológico ao público. Principalmente de médicos, psiquiatras e psicólogos, prestando serviços um pouco diferentes do padrão do IIPC, e que também teriam motivos para querer se organizar de maneira independente. Esse grupo daria origem à OIC. Estou falando de finais da década de 1990, início dos anos 2000.

W tinha planos de se mudar para Foz do Iguaçu. Passava cada vez mais tempo no CEAEC, participava da fundação de laboratórios de pesquisa e doava sua biblioteca para eles. A autoestima da cooperativa estava de vento em popa. Estes que até então eram voluntários de filiais periféricas estavam conseguindo se destacar e cativar a atenção do grande líder, que até então “pertencia” à Sede Matriz do Rio de Janeiro. E alguns voluntários já começavam a se mudar para Foz do Iguaçu, e não mais para o Rio, como era a tendência anterior.

O IIPC também sofria de um feitiço que o deixou com múltiplas personalidades, múltiplas identidades. Na origem, era Instituto Internacional de *Projeciologia*. O foco estava claro. Estudar e desenvolver a *projeção*, isto é, a experiência fora do corpo (EFC),

viagem astral etc. Seus primeiros eventos, cursos, livros, eram sobre este assunto. Mas a partir da metade da década de 1990 começou um vale-tudo de temas, conhecido como conscienciologia. E os eventos e publicações sobre a EFC foram diminuindo. Quando chegou-se na virada do milênio, o IIPC não sabia mais qual era o seu foco.

O departamento do IIPC responsável por formar professores não sabia mais se o foco era formar professores em viagem astral, formar professores sobre qualquer assunto “conscienciológico”, ou especializar-se no próprio tema “ensino” (Pedagogia, "Parapedagogia" etc). O mesmo se passava com o departamento técnico-científico. Havia também a equipe que cuidava da EDL (editora, distribuidora e livraria). Eles também não sabiam se deveriam direcionar o foco na edição de livros sobre viagem astral, na edição de livros conscienciológicos, na consignação de livros diversos com outras editoras e, se sim, sobre quais temas, etc etc. Havia um grupo de “inversores”, termo cunhado por W para denominar os jovens que se dedicavam à Conscienciologia desde cedo.

Ou seja, conforme a Conscienciologia expandiu o grupo vieiriano para abranger todos os focos, ela o engessou, produzindo um grupo sem foco definido. Conforme a Conscienciologia, por meio do IIPC, procurava abraçar a todos como seus filhotes, ela os mantinha órfãos.

Na mesma época em que o centro atrator da Conscienciologia foi se deslocando para Foz do Iguaçu, começaram a pipocar novas instituições a partir daqueles departamentos. Os inversores queriam desenvolver seus cursos, mas a diretoria estava muito ocupada cuidando de todas as demandas, sem saber qual seria prioritária. Então os inversores passaram a querer criar sua própria instituição. O mesmo se passava com os outros departamentos. E W estimulava esta multi-institucionalização.

Em questão de poucos anos, foram fundadas Assinvéxis, Editares, Reaprendentia, Reconscientia, Conscius, Evolucin etc... Mas não se tratava de um crescimento proporcional ao número de

alunos e voluntários. Era uma tentativa de autonomia dos pequenos núcleos formados dentro do IIPC. Rapidamente, a partir de um mesmo conjunto de pessoas, e um mesmo grupo de alunos mais chegados, havia toda uma estrutura maior para sustentar. Custos fixos com contabilidade e trâmites legais, alugueis de espaços, manutenção, energia elétrica. E o voluntário, que já tinha tempo reduzido para se dedicar à conscienciologia, precisava agora dispendar mais tempo com esses trâmites da burocracia.

A palavra *burocracia* adquiriu sentido pejorativo e muitos se revoltam só de escutá-la, como se tratasse de um xingamento. Quando falo de burocracia, não me refiro a esta valoração moral dada pelo senso comum, mas ao conjunto de atividades e estruturas de uma organização que dizem respeito à manutenção da própria organização, e não diretamente ligadas aos fins da mesma. Numa analogia imperfeita, a burocracia são os órgãos que mantêm o ser humano vivo. Ela precisa operar para que a pessoa faça suas atividades, cumpra seus objetivos. Mas não são o foco, sentido da vida ou razão de existir para a pessoa.

No lugar de *um* organismo, com um cérebro, um coração, um estômago, dois pulmões etc, agora tínhamos vários filhotes. Eram várias bocas para alimentar, mas a fonte de alimentos não havia aumentado na mesma proporção. Eram vários pulmões para respirar, mas a disponibilidade de ar não havia aumentado na mesma proporção. Eram várias pessoas para tomar banho e fazer as necessidades, mas o número de banheiros não havia aumentado.

Cada nova instituição precisaria criar um número mínimo de cursos por ano para cobrir seus custos fixos. No ano 2000, o IIPC administrava uma agenda de cursos que captava demanda das principais cidades brasileiras. Eram potencialmente milhões de habitantes. Coisa de 5 a 10 anos depois, parte significativa do IIPC e dos voluntários mais experientes já tinham se mudado para Foz do Iguaçu, uma cidade com 300 mil habitantes, no interior paranaense, e haviam fundado novas instituições dentro do terreno do CEAEC.

Mais de mil quilômetros de distância agora separavam a Sede do IIPC e os alunos mais participativos da Conscienciologia. Eram várias instituições disputando os poucos feriados anuais para organizar grandes eventos e tentar atrair este público. Ou isso, ou chamar alunos da própria cidade, o que se mostrou bastante difícil. Eram bem poucos iguaçuenses que frequentavam nossos cursos.

Uma carga extra de trabalho administrativo e custos com viagens se fez sentir pelo grupo. Isso gerou seus efeitos. Para mim, foi frustrante. A ideia era mudar-me para Foz, arrumar algum emprego por lá e usar as horas vagas para desenvolver as faculdades paranormais, sair do corpo, estudar, dar aulas, escrever. Mas havia todo um trambolho de burocracias para carregar.

Para resolver esta contradição, o grupo explicava que *isso* era a evolução. Era como se fosse inevitável. Estavam certos *em parte*. Mas o fato é que era um saco.



Capítulo 2

Não está claro por que as reuniões eram um saco.

Em Florianópolis elas pareciam fazer sentido. Era preciso manter um escritório operando no Edifício Maxims.

Tem algo nessa fala. Por que associei o nome do edifício do escritório onde fazíamos as reuniões conscienciológicas com o *Max*, que eu associava com as reuniões conscienciológicas chatas e autoritárias? Não sei. Mas tem algo nessa fala.

O que havia nas reuniões de Florianópolis? Discussões sobre como organizar cursos. Divisões de tarefas. Distribuições de cartazes e listas de telemarketing. Às vezes eu estava mais motivado, às vezes menos, mas no geral pegava gosto pela atividade. Futuramente me tornei professor, já sabia melhor como falar ao público, fazia sentido divulgar e cuidar do escritório para ter a sala cheia de alunos e recebê-los bem.

Em Foz, me dispus a fundar a Assinvéxis, a instituição dos inversores, e fui convidado para ser o coordenador financeiro. Parecia razoável, já que estava formado em Economia. Mas a impressão é que não havia interesse para que eu fizesse mais nada. Era como se a partir de agora, bastasse eu ser um agente da burocracia, responsável por uma “atividade-meio”. Comecei a me perguntar o que eu estava fazendo ali.

Logo após escrever o parágrafo acima, recebi uma ligação intrigante. Era A, amiga da época do curso de Parapsicologia. Tenho dificuldade para defini-la. Em fim. Ficamos algumas vezes. Ela me perguntava muito sobre Conscienciologia e também sobre a Assinvéxis. Entre dezenas de colegas com quem eu conversava nos dias de curso, ela era a única – até onde sei – que havia visitado o CEAEC.

Há algo inconsciente e confuso sobre a situação. Quando penso nela, me remeto à ideia de que até o momento só tinha me relacionado com mulheres ligadas à Conscienciologia, o que é uma ideia falsa. E isso me remete automaticamente à ideia de ter tido uma

filha não planejada com uma mulher que conheci por intermédio da Conscienciologia. Aliás, ambas se interessaram por mim dentro de contextos em que eu falava sobre Conscienciologia, isso apesar de já ter “saído da Conscienciologia”. Que emaranhado!

Em fim, ela me telefonou. (Em fim?) Ficamos sem contato entre 2018 e 2019. Acho que eu não soube lidar com nossos flertes. Embora eu não quisesse namorar, também não queria vê-la triste quando me afastei. Nunca fez nada com maldade e isso é qualidade rara. Acho que me senti culpado pela forma como aconteceu nossa separação.

Não posso negar que estou carente. A “quarentena” já dura absurdos 150 dias. Minha forma contestatória de encarar a pandemia fez com que muitos contatos “de esquerda” passassem a me ver como “bolsonarista”. Além do mais, com uma filha bebê com quem fico de quinta a domingo tenho menos motivos para ir atrás de programas “de adultos”. Com a dificuldade de ter vida social, é claro que desejaria encontrá-la. Carência da porra, sem trepar faz uns 6 meses. Talvez por isso pensei “em fim ela me telefonou”, e depois, “em fim, ficamos”.

Mas em 2020 ela retomou o contato, mandado mensagem pelas redes sociais. Usava o novo sobrenome, de casada. Elogiou minha filha. Contou que se mudou para a Europa, com o marido europeu, e estava vivendo bem. Sentia falta da liberdade de trabalhar com terapias alternativas no Brasil. Queria saber se eu estava bem. Trocamos algumas palavras e renovamos a esperança de nos revermos. Isso foi há cerca de um mês.

Mas uma ligação dela era algo que não acontecia há anos. Os amigos perderam o hábito de se telefonarem. Eles mandam mensagem primeiro. Sempre têm tempo para responderem em texto, nunca para conversar por voz.

Justamente a pessoa que mais me perguntava sobre Conscienciologia e a única que perguntava sobre a tal “invéxis”. Justamente na semana em que eu desengavetava um livro sobre

Conscienciologia e no momento em que mencionei de passagem a Assinvéxis num parágrafo.

O cético vai explicar pela lei dos grandes números que isso não passa de uma ilusão que pode ser provada estatisticamente. Mas acredito que nenhum cético está lendo este livro, então não é preciso se ater a esse ponto aqui. Episódios sincrônicos como estes são de fato comuns quando começo a escrever sobre Conscienciologia, e para mim servem como sinalização de que se trata de um movimento importante da minha parte, e que é preciso insistir. Pois desistir nesta seara é muito fácil.

Conversamos e atualizamos as fofocas. Mostrou-me seu apartamento e seus trabalhos. Perguntei-lhe sobre as terapias que ela aplica. *Várias*, respondeu. *Quer que eu faça com você? Quer que eu tire um tarô para você?* Respondi que sim. *Então diz “pára” quando for para eu virar a carta.* Virou três cartas, nesta sequência: política, postergação, consciência.

Sim, havia dois pólos, dois lados opostos, política e consciência, e no meio a postergação.

Em 2016 eu posterguei minha dedicação à Parapsicologia conforme passei a me dedicar cada vez mais à política. Para mim, aquela era uma espécie de continuidade do que eu queria com a Conscienciologia. O mundo “sobrenatural”, as fronteiras da ciência, o atendimento terapêutico, o autoconhecimento. Eram questões que se tornavam cada vez mais desencorajadas na comunidade conscienciológica, conforme a burocracia e o controle rígido tomavam conta de tudo.

No último dia de aula do curso de Parapsicologia, voltava com uma colega para Florianópolis e resolvemos parar para comer. Na televisão, assisti perplexo à sessão do Congresso que aprovou a abertura do impeachment contra a presidenta Dilma Rousseff. Até então, eu não acompanhava muito o que estava acontecendo. A imprensa de esquerda dizia “não vai ter golpe”, dizia que a democracia brasileira era sólida, e eu acreditava. Mas algo me

perturbou muito daquele momento em diante. O centro das minhas atenções mudou para a política.

No meio de 2018, algo intenso ainda me incomodava. Eventualmente, pessoas me procuravam devido à Conscienciologia. Eu tinha escritos e materiais interessantes, engavetados, e sempre achei que seria um desperdício não publicar algo mais completo. Pensei em escrever o que chamava, na época, de uma “psicobiografia” do líder da comunidade conscienciológica. Chamarei-o de W. Abri um arquivo no computador, comecei a estruturar esse novo livro e, naquele mesmo instante, recebo uma mensagem de G.

Não consigo lembrar de seu ~~nome~~ sobrenome. Só consigo lembrar do sobrenome de outro homônimo, G Rahal, voluntário da Conscienciologia que não lembro bem quem era, e tinha um e-mail *grahal@* alguma coisa, que eu associava com o Santo Graal. Mas o G acima me mandava uma mensagem sobre um grupo de trabalho que iria coordenar num congresso aqui perto, na UFSC, dentro de um mês ou dois, e me perguntou se eu não poderia preparar uma apresentação sobre W. Respondi para ele que eu estava começando um livro sobre o assunto e não poderia recusar tamanha sincronicidade.

Logo após o congresso, não dei continuidade à empreitada. Foi novamente postergada. Fui convidado para compor a chapa das eleições estaduais pelo PCO, tomando-me tempo integral nos dois meses seguintes. Durante a campanha, minha ex-namorada descobriu uma gravidez e passamos alguns meses bastante instáveis. No ano seguinte, além das ocupações domésticas e profissionais, eu tinha uma filha para cuidar. Só voltei a mexer no livro um ano mais tarde, em paralelo ao início de um investimento na formação em psicanálise lacaniana.

A escrita da biografia de W ia muito bem até chegar justamente em Foz do Iguaçu. O duplo sentido não é mera coincidência. Escrever sobre a história do líder conscienciológico foi relativamente tranquilo até chegar nos anos em que ele se mudou

para Foz do Iguaçu. Simplesmente não sei como estruturar os próximos capítulos. Não sei exatamente o que faz parte de uma biografia de W e o que faria parte de uma história da comunidade conscienciológica. Logicamente não há fronteira rígida entre estes dois pontos, já que W e sua comunidade influenciam-se mutuamente. Mas não sei o que é relevante ou não incluir na biografia para não torná-la demasiadamente longa ou fugir do tema central. Talvez esta massaroca que estou escrevendo agora ajude a organizar a continuidade do livro.

Conforme a biografia empacava, a pandemia tomava conta da situação. Deixei o livro em espera e voltei meu foco total para a situação política nacional e internacional. Mas em agosto, precisei de uma pausa, para tomar um fôlego. *I can't breath*. Um jogador que foi para o banco de reservas descansar, é o que falei a meus companheiros.

O *espírito* não é mesmo o *sopro*, um suspiro, uma brisa, como Zéfiro? Hora de tomar esta brisa. Não sei se foi por acaso ou não, me aparece este rapaz no Whatsapp querendo trocar ideias sobre Conscienciologia, e dizendo que meu livro não estava mais na Amazon. Aliás, mais pessoas do que o comum têm vindo falar comigo estas últimas semanas sobre Conscienciologia, e pedindo para entrar no grupo *O que penso da Conscienciologia*. Parece que os ventos estão soprando nesta direção.

Política e consciência, postergação no meio das duas.



Capítulo 3

Política e consciência, postergação no meio das duas.

Política é a atividade de organizar as questões da *polis*. É a condução da vida social.

Consciência é a tomada de conhecimento, o resultado do ato de direcionar atenção para algo. Palavra ressignificada por linhas espiritualistas para significar espírito, essência, ser.

Em Florianópolis as reuniões não eram chatas. Elas tinham sentido. Em Florianópolis, nos dedicávamos à Conscienciologia. O problema foi chegar em Foz. *A escrita ia muito bem até chegar em Foz do Iguaçu*, como disse no capítulo anterior.

Na época da conscienciologia “pré-Foz”, se falava muito do “pesquisador independente”. Era uma espécie de ideal a ser alcançado. Significava que a pessoa havia chegado a um estágio superior de maturidade em sua atividade intelectual, na qual não dependia de ninguém para pensar, podia falar o que quisesse. Não tinha “rabo preso” com agências de fomento e financiadores.

Na conscienciologia “pós-Foz”, a figura do pesquisador independente sumiu das narrativas dominantes. A palavra de ordem agora era *interdependência*. A ênfase no *inter* significava que não mais o pesquisador seria realmente independente, e desenvolveria um novo “traço-força”, a “grupalidade”. As questões agora giravam em torno do “grupo evolutivo”.

Como isso se traduz de maneira prática? Com os argumentos para silenciar o pensamento divergente nas reuniões. Com a imagem da R repreendendo o questionador com argumentos de que ele “não sabe trabalhar em grupo”, “não sabe fazer concessões”. *Abrir mão* virou sinônimo de uma das atitudes mais nobres que alguém poderia fazer – em se tratando, é claro, de abrir mão da própria opinião diante do grupo. Mas “grupo” é um ente vago e, curiosamente, quando alguém discordava de um líder, sua opinião era tratada como não fazendo parte da opinião “do grupo”. O resultado é que, quem

tinha o poder de condução no grupo tinha o poder de definir quais opiniões eram “do grupo” e quais não eram.

Uma guinada de 180 graus no ideal de “pensador independente”, que não tem rabos presos com grupos, que fala o que pensa – novamente a dificuldade é falar o que penso. Em Foz não consigo falar o que penso. Não consegui mais escrever meu livro a partir do ponto em que a conscienciologia se mudou para Foz do Iguaçu. Não consegui ser pesquisador independente. Por que escrevi *pensador independente*?

Pensador é uma famosa estátua de mármore retratando um homem curvado, segurando a cabeça. A imagem é usada num dos álbuns de Gabriel, O Pensador. O homem curvado e o sustento à cabeça são duas imagens que aparecem com frequência na consulta com minha psicanalista. Que por sinal, estou postergando. (Por sinal?) Há cerca de um mês não compareci à última consulta e não voltei a reagendar atendimentos. Mas há uma série de assuntos que eu gostaria de levar para nossas análises e realmente estou postergando. Consciência, política e postergação, já disseram as cartas do tarô.

Curiosamente comecei a atender pacientes, a partir desse momento, num estilo muito inspirado ao da minha psicanalista, lacaniana. Toda essa imagem de estar finalmente *sendo* um psicanalista embora justamente no mês em que interrompi as análises me é perturbadora. Perturbadora como um Lacan fundando uma linha inteira de psicanalistas e não consultando com um psicanalista. Aqui estou acreditando seguir os passos de um mestre, perturbado. E aqui estou, escrevendo como se estivesse numa análise, para suprir minha postergação? Para subverter o tripé analítico? Para postergar minha inauguração como analista?

O homem curvado remete-me a meu pai. Ele tinha um caminhar curvado, o qual copieei inconscientemente. Minha mãe observava, com um certo tom de crítica, meu caminhar curvado e falava. Mas nunca me dissera qual era a forma correta de caminhar. Eu só tomava consciência de andar curvado nas raras oportunidades

em que via uma fotografia ou filmagem minha. Estamos falando de mais de uma década atrás, quando os smartphones não estavam popularizados. Em torno de 2010, consultando uma fisioterapeuta, passei a ganhar consciência de minha postura e exercitar uma postura melhor. Pouco tempo mais tarde, minha mãe já estava elogiando meu progresso.

O sustento à cabeça remete-me a minha mãe. Tanto meu pai quanto minha mãe foram fontes indispensáveis de desenvolvimento intelectual meu e dos meus irmãos (eu iria escrever, dos meus filhos, já cometi este ato falho algumas vezes, inclusive na análise, e sonhei com isso esta semana). Ocorre que meu pai, eventualmente, “perdia a cabeça” nas discussões. Embora ele não se alterasse num sentido violento, ele perdia a argumentação, perdia o fio condutor da lógica, desviava o assunto, caía em contradições e desconversava, ou saía do recinto. Ele perdia a argumentação *para minha mãe*. Obviamente, em discussões envolvendo alguma questão familiar, afetiva, significativa. Meu pai não tinha muita sustentação emocional, talvez por isso andasse curvado. E nas discussões emocionais, curvava-se a minha mãe, a meu ver, que era quem estava com a razão.

Para discussões teóricas, ao contrário, quem gostava de fazer exercícios sofisticados era minha mãe. Este é um hábito que nos últimos anos tomei mais consciência e parei de passar a evitar em mim, mas ainda percebo nos meus irmãos e em boa parte da família materna. Quando se reúnem, gostam de discutir questões desimportantes apenas pelo prazer de sustentar uma polêmica. É como ensaiar uma briga, talvez pelo prazer ou necessidade de treinar. Eu gostava disso, hoje não acho a menor graça. Acho que perdi qualquer paciência para discussões inúteis depois de me envolver com tanto afinho na política. Enquanto eles duelam com suas espadas de madeira, eu guardo forças para embates um pouco mais desgastantes.

Nas sessões de análise, eu sustentava a cabeça em situações nas quais falava sobre minha mãe. Havia uma associação com o sustento material, embora não lembro de associações com o sustento

à cabeça. Até meus 14 ou 15 anos, meus pais eram casados e, até onde sei, ambos contribuíam equitativamente com meu sustento. Após a separação, acredito que meu pai tenha se sentido como “expulso” da família, muito embora foi ele quem quis se separar. Mas ele se sentia – e hoje, sendo pai, consigo me colocar no lugar dele – sendo ludibriado com uma obrigação de dar pensão para minha mãe.

Realmente não sei como resolver estes embates. Aparentemente, meu pai resolveu que só cumpriria com suas obrigações legais. Não sei o que se passava na sua cabeça e nem eu tinha maturidade ou interesse em compreender estas coisas, mas o fato é que ele parecia, a partir daquele momento, não querer gastar mais nada com os filhos. E para que eu não me sentisse mendigando, também parei de pedir. Tínhamos bons momentos juntos, eventualmente ele me convidava para alguma atividade. Com frequência dormi no seu apartamento.

Ele não era mesquinho quando passávamos tempo juntos. Havia apenas esta refratariedade em dar algum dinheiro vivo. Eu entendo esta operação simbólica. Até onde sei, ele já dava, na forma de pensão e, para sua indignação, ia para a conta da minha mãe. Isso significava que ele já dava o dinheiro. Os defensores do pai se colocarão no lugar do pai, que está fazendo o que a lei os obriga. Os defensores da mãe se colocarão no lugar da mãe, que não se conforma pelo fato de o pai cumprir sua obrigação. Elas queriam um pai que cumprisse mais do que a obrigação que elas mesmas exigiram na justiça.

Emocionalmente, a partir dos meus 19 anos de idade, até perto dos 30, foi a melhor época da relação com meu pai. Dos 13 aos 17 anos eu não o tratava bem. Eu rivalizava com ele. Mas no início da vida adulta eu já havia entendido que era melhor não pedir nada para ele que tivesse algum custo, pois ele não sabia dizer não. Mas depois não cumpriria o acordo, além de mostrar uma irritação emocional que me fazia me sentir culpado. Tirando este detalhe, ele era uma pessoa maravilhosa.

Mas passei a associar o sustento à minha mãe. Afinal de contas, sei lá como funcionava a tal pensão, sei lá como funcionavam os acordos entre eles, só sei que quem aparecia com as compras do supermercado era minha mãe. Quem aparecia com a carteira e o dinheiro para dar aos filhos era ela. Se não me engano, ela mesma falou que meu pai tinha um patrimônio maior que o dela. Talvez tenha gasto mais na construção da casa onde morávamos.

O discurso dominante na sociedade é que o homem é automaticamente alguém que não quer saber dos filhos. Portanto, não importa o que um pai faça, será lembrado como alguém que “não fez mais do que a obrigação”. A contrapartida deste discurso é sempre considerar que a mulher saiu derrotada. Ela “fez mais do que a obrigação”. Ela foi prejudicada.

Felizmente, entre meus pais, nunca percebi esta trama, esses joguinhos de alienação parental, mas eu realmente passei a associar minha mãe como a sustentadora. Em parte por sentir o desgosto de meu pai em dar algo, a partir da separação. Um sustento que por vezes era incômodo. Minha mãe oferece alimento antes que eu possa sentir fome. Ela se adianta aos meus problemas para tentar resolvê-los. Se eu estivesse no carro com ela e precisasse comprar algo na farmácia, não o faria, só para não ter que ouvi-la perguntar o que eu precisei fazer na farmácia. Ela é muito ansiosa para resolver o problema dos filhos e isso me deixa ansioso. Me sufoca e não consigo respirar. *I can't breath.*

É o sustento da cabeça do “pensador”. Seria o pesquisador, independente, se sua cabeça não fosse sustentada pela mãe. É uma imagem incômoda. Há uma sincronia com a “ida para Foz”. *O problema foi chegar em Foz.* Minha ida para Foz foi também minha saída de casa. Foi o momento em que me determinei a me sustentar por conta própria. Eu queria isso. Não gostava de pedir para meu pai, para não me sentir mendigando. Não gostava de pedir para minha mãe, para não me sentir endividado. Ela se ofereceu para comprar o apartamento aonde eu moraria, a princípio, de aluguel. Aceitei. Não era uma kitnet, mas era um apartamento no *Edifício Grand Prix*

(alguma associação com o *Edifício Maxims*?) comprado a 8 mil reais. Meu primeiro patrimônio. Por que não aceitar? Eu tinha outros 8 mil reais na poupança. Me permitiria sustentar-me até encontrar um emprego. O ano era 2004.

Entre bicos e trabalhos de curta duração, de contra-cheque em contra-cheque, fui vivendo até 2007, quando consegui um emprego fixo que me permitia formar alguma economia. Não muita, pois a Conscienciologia envolvia gastos eventuais. Mas eu não percebi isso até sair de lá. Já estava casado e minha companheira era muito consciente, então isso facilitava na redução das despesas fixas para ambos.

O que eu seria sem uma mulher informada e bem articulada ao meu lado? Ela também descobriu que estavam abrindo turmas de mestrado em Ciudad del Este. Os discriminados “Mestrados do Paraguai”, como se um país que já foi a maior potência da América do Sul, destruído pelo imperialismo e seus aliados sulistas, não tivesse capacidade de formar profissionais de nível superior. Mente colonizada de brasileiros que admiram antros golpistas como Harvard e MIT. Admiram os *Chicago Boys* que arrebetam as instituições latino-americanas na base da picareta. E fazem troça das universidades latino-americanas. Bando de vira-latas.

Se os mestrados brasileiros são tão melhores do que os paraguaios, os “mestres” brasileiros deveriam fazer sua autocrítica de por que o IDH destes dois países não é tão diferente assim e, o que é pior, o que eles estão fazendo para ajudar o país vizinho. Desmoralizar um país mais pobre em nada contribui para o desenvolvimento daquele povo. Do contrário, só serve para mostrar que é possível ser “mestre” universitário e tirar nota zero em solidariedade entre vizinhos.

Em algum telefonema, contei para minha mãe que estava cursando mestrado e ela se ofereceu para ajudar. É claro que aceitei. Ela se sente bem em poder ajudar no meu desenvolvimento, por mais que não concordasse muito com minha dedicação tão empenhada à Conscienciologia. Talvez a ajuda fosse até em nome da preocupação

de não saber o que o filho estava fazendo da vida. Um mestrado, talvez o colocasse num caminho mais compreensível, mais convencional, mais garantido. Creio que eram 400 reais, a mensalidade.

Em algum momento, ela veio me visitar em Foz do Iguaçu. Conheceu minha companheira, o CEAEC etc. Quis me dar um presente. Pretendia comprar um carro novo e me deu o seu, usado. Era um Fiat Palio 1.0 azul, com a sugestiva placa MAE, não lembro os números. Era uma placa comum na cidade de Florianópolis, mas peculiar no Oeste paranaense. Os inversores eram muito generosos e falavam que o carro tinha um coração de mãe, já que nos apertávamos para organizar as caronas do nosso apartamento no *Mega Vila*, em direção ao CEAEC ou ao centro da cidade. Meu Palio foi apelidado de *Amaral Móvel*.

O Edifício de 8 mil foi vendido por 14. (O edifício????) Juntamos mais uma economia para comprar o primeiro terreno no Condomínio *Villa Conscientia*. Em fim, boa parte, dinheiro doado por ela. Em outro telefonema, contei sobre este investimento. Parecia um bom negócio. Um terreno de 300 e tantos metros quadrados a 20 mil reais, num condomínio residencial. Então ela doou mais 20 mil e compramos o segundo terreno. Um para mim, outro para minha mulher. Coisa de 2 anos depois, já separado, consegui vender meu terreno por cerca de 65 mil reais. Não sei quanto deve valer o dela, se vendeu, se construiu etc.

O ~~edifício~~ apartamento do ~~Maxims~~ do *Grand Prix*, comprado a 8 e vendido por 14, vale seguramente mais de 100 mil. Mas transformar 8 mil em 65 também não foi mau negócio. Quem come um filé de peixe não precisa chorar por não ter comido a cabeça e o rabo do peixe. Mas é claro que minha mãe permanece associada ao meu sustento. A mão que sustenta a cabeça do pensador. (Por que continuo chamando o apartamento de edifício?)



Capítulo 4

W é herdeiro da moral espírita e cristã, cujos valores dominantes são contraditórios, por serem conformistas e individualistas, enquanto Cristo e Kardec eram inconformistas natos. Sei que muitos espíritas e cristãos me condenarão por isso. Tanto espiritismo e cristianismo são caleidoscópios complexos e multifacetados. Me refiro, naturalmente, à moral dominante propagada por meio das cúpulas de poder nessas religiões.

Para estas, quem nasce na pobreza deve consolar-se e aceitar, inclusive agradecer, pois se trata de uma provação e de um resultado de suas próprias ações de vidas passadas. Quem nasce na fartura deve usá-la com responsabilidade e também aceitar que se tratam de méritos e provações que estão sob a supervisão dos espíritos evoluídos. Os que sofrem alimentam a esperança de serem compensados após a morte. Em fim, não existe privilégio, injustiça, exploração. Está tudo certo. Todos vivem no melhor dos mundos possíveis.

É uma moral conveniente para a parcela pequeno-burguesa dos espiritualistas. “Faço minha caridade, fora da qual não há salvação, sem me preocupar com questões estruturantes da desigualdade. Estas, deixo para os espíritos superiores”. Curiosamente, quando consulados em suas incorporações, estes espíritos superiores também discursam de maneira extremamente conformista e consoladora.

Mas o pensamento vieiriano procura extrapolar esse discurso e trilhar uma lógica que também encontramos na Teologia da Prosperidade. Prosperar financeiramente se tornou algo desejável! Não é à toa que estes movimentos cristãos dissidentes ganharam forte apelo em relação à bolorenta CNBB católica, ou mesmo à FEB, que haviam dado as costas para seus fieis mais pobres e esvaziado as igrejas tradicionais.

Como conciliar prosperidade econômica e moral cósmica? Aí é que entram os malabarismos intelectuais. Mas o melhor, obviamente, é não tocar muito no assunto. E W sempre foi muito

vago a respeito do seu patrimônio financeiro. Do contrário, complicaria a manutenção do mito do menino pobre de Monte Carmelo.

Numa sociedade altamente desigual e estratificada como a Brasileira, aparecer como recebedor de privilégios – que não deveriam ser privilégios, mas direitos básicos de todo o cidadão – quebra o apelo popular que certas lideranças procuram manter junto ao imaginário coletivo. Afinal de contas, ele conseguiu fazer isso *porque era rico*. Consequentemente, não tem moral para pregar suas fórmulas para o povão.

A riqueza precisa ser entendida como ela é, não como ela deveria ser, de acordo com um mundo ideal, que não existe e não ser na cabeça de seus idealizadores. Estou chamando de riqueza todo recurso material aplicado na manutenção da vida humana.

Tomemos, por exemplo, uma informação do próprio W, de ter multiplicado sua riqueza “investindo” na Bolsa de Valores. *Investindo* é uma palavra bonita com a qual se procura dar ênfase a diferentes estilos e tipos de aplicações com capital *financeiro*. É para fazer supor que existem investimentos “produtivos” enquanto outros seriam “especulativos”. Mas são ambas meras *transferências de riqueza*, não produção de riqueza. Resumidamente, trata-se de um tipo de trabalho improdutivo, pois é um trabalho que não produz riqueza, apenas interfere na sua distribuição.

Qual o significado de alguém “aplicar” 100 na compra de um papel e retirar 200 após certo período, sem tirar a bunda da cadeira? Significa que esta pessoa duplicou a capacidade de se apropriar das coisas, sem ter empregado qualquer trabalho. Assim como há o mundo mágico das fadas e duendes, há o mundo mágico de que números numa tela de computador, ou papeis pintados, produzem riqueza. No outro lado, alguém “aplicou” 200 e retirou 100 após certo período. Pois magicamente, talvez por carma, talvez por ira dos deuses, o mesmo esforço de colocar a bunda na cadeira e apertar alguns botões tanto produz como destrói riqueza, ao sabor do acaso.

Este movimento especulativo, este ciclo do capital financeiro, só é possível devido à desigualdade. O padeiro só trabalha para enriquecer o banqueiro que lhe emprestou dinheiro pois o padeiro não tinha os meios de produção para montar uma padaria, enquanto o banqueiro tinha, embora não entendesse nada de padaria, embora nunca tivesse sovado uma massa, mas simplesmente porque o banqueiro já era dono da riqueza. Sendo um rico em meio a milhões de pobres, pode obrigar os pobres a trabalhar para ele e torná-lo mais rico, ou passar fome. Esse é o mundo livre do capitalismo.

Distribuindo-se a terra e as habitações ociosas dos espaços urbanos, acaba a especulação de proprietários sobre seus inquilinos, sobre terrenos ociosos etc. O rentismo com alugueis e a especulação imobiliária se tornariam atividades raras, e não como é hoje, um padrão do que acontece com os imóveis. Ninguém se submeteria a condições desumanas de inquilinato se a moradia fosse realmente um direito na nossa sociedade. O mesmo se aplica à terra para atividade rural e reforma agrária.

A conscienciologia é produto de uma classe privilegiada. Mas isso não pode ser reconhecido amplamente sem pressionar mudanças e reconfigurações no corpo doutrinário. W era um privilegiado. Isso não é uma acusação ou uma crítica condenatória. É uma constatação. E não estou me referindo aos privilégios da aristocracia: deter imensas posses que lhes abonem de trabalhar, estar acima das leis, reservar para si o que melhor a sociedade produz em matéria de riqueza, tecnologia e bens culturais, ter círculos de favorecimento com governantes e poderosos etc. Me refiro a pequenos privilégios, ao privilégio de poder sobreviver, que na teoria é um direito, mas que não era acessível à massa da população brasileira, ainda durante o Estado Novo.

W era filho de profissionais liberais, portanto, com algum conhecimento da cultura do seu tempo, que facultaram ao filho razoável inclusão social. O pai era dentista prático. A mãe, professora. Ele teve um professor particular. Naquele contexto, era um privilégio, em relação à cidade, que não tinha escolas. Não é que

W não deveria ter tido professor particular. Não é o tipo de privilégio que deveria ser abolido. Este é um privilégio produtivo. Diferente do privilégio de manter residências e terrenos ociosos enquanto pessoas moram na rua, apenas para esperar o aumento de preço do imóvel. A vergonha, naquele caso, não está no privilégio de W, mas na situação de abandono na qual era deixada a população do Interior mineiro.

Além do mais, seus pais participaram ativamente da organização religiosa local, montando um centro espírita. W assistia de perto às sessões, cultos, recebia aulas de catequese, tinha contato com discussões de adultos, etc. Na verdade, todas as famílias deveriam ter acesso favorecido a uma vida comunitária, espiritual, religiosa, mas este não era o caso de Monte Carmelo. Naquela década, a única igreja da cidade estava desativada, motivo que levou até alguns fieis cristãos a se converterem ao Espiritismo.

O fato de conseguirem organizar o primeiro centro espírita da região, que futuramente seria frequentado por Chico Xavier, mostra o quanto eles não estavam em situação tão precária. Uma família miserável corre para a lavoura dos fazendeiros, para o garimpo etc, e não tem tempo para manter um centro espírita.

W tinha suas necessidades básicas supridas, notadamente alimentação e moradia, ao contrário do que faz-nos imaginar. Ele não era de família extremamente pobre, daquelas em que as crianças precisam trabalhar na lavoura de sol a sol, por exemplo. Havia tempo para estudar etc. Crianças famintas, filhas de agricultores, como era a classe trabalhadora local, não viviam em condições assim. Elas não tinham nem sapatos. Elas não tiravam fotos de família. Enquanto o pequeno W aparece em fotos de família, sempre com sapatos.

A posição permitiu que ele chegasse em primeiro lugar nos exames escolares, recebendo bolsa de estudos e, posteriormente, moradia estudantil e emprego. Em tese, W poderia ter sido negligente e desperdiçado estas oportunidades. Felizmente, não foi o que aconteceu. O rapaz era a pessoa certa no lugar certo, aproximando-se de um primeiro fenômeno político uberabense – Mário Palmério. Logo em seguida, aproximou-se de um segundo

fenômeno, agora religioso, Chico Xavier. Lembremos que foi a mãe do jovem que o apresentou à maçonaria e a Chico. Seria ilusão acreditar que destino como este era acessível às crianças realmente pobres do Interior Mineiro.

Como regra geral, os conscienciólogos também são mais ou menos privilegiados, como era W. Não poderia ser diferente. O reconhecimento deste fato até acontece eventualmente, mas não se chega a entrar a fundo nos desdobramentos disso.

Uma pessoa que passa no vestibular está enganando os demais se tenta fazer acreditar que esta é uma conquista acessível a todos. Passar no vestibular só seria possível a todos se houvesse vagas para todos. Se assim fosse, o próprio vestibular perderia sua razão de existir. A razão de existir do vestibular é barrar o acesso universitário à maioria. Todos os anos e semestres, milhares de estudantes secundaristas tentam entrar nas universidades, mas se impõe uma barreira à maioria. Esta barreira é o vestibular.

W é o aluno que passou em primeiro lugar no vestibular, tentando ensinar a todos que eles podem passar no vestibular e, inclusive, que eles podem passar em primeiro lugar. O nome desta religião é meritocracia. Matematicamente, ela é tão ou mais impossível do que a hipótese da Terra Plana. Esta religião prega que todos que quiserem e se esforçarem o suficiente conseguirão, não apenas entrar num ônibus com número limitado de vagas mas, além disso, sentar na primeira poltrona. Mais ou menos como a existência de um campeonato onde todos terminam com a medalha de ouro. Nunca aconteceu e nunca irá acontecer, mas a religião da meritocracia promete que é possível.

A moral espírita predominante diz que não se deve cobrar pelo dom gratuitamente recebido de Deus. A falácia é evidente, mas se evita questionar, já que parece fragilizar todo valor colocado sobre a importância da caridade. Os próprios centros espíritas têm cursos para o desenvolvimento da mediunidade. Se há um curso, presume-se que deva haver dedicação, e presume-se que haja professores, não sendo algo que "caiu do céu".

O que Kardec postula é que *fora da caridade, não há salvação*. Kardec não postula que é proibido não fazer caridade. O padeiro pode fazer caridade com seu dom de fazer o pão. Se ele distribui pão aos pobres, está fazendo caridade, será salvo. Mas não há obrigação para que ele faça apenas caridade. Isso seria impossível para alguém que precisa se sustentar com o próprio trabalho. Kardec não proíbe ninguém de cobrar pelo próprio dom, apenas deixa subentendido que não se trata mais de uma atividade divina.

W se vangloria de nunca ter cobrado por sua assistência parapsíquica. Sua conscienciologia postula que é preciso fazer assistência para evoluir. É uma tradução moderna do princípio de não haver salvação fora da caridade. Mas, da mesma forma como no Espiritismo contemporâneo, a apologia à caridade se transforma na desautorização da atividade comercial. Não deveria haver problema em trocarem-se serviços espíritas, ou serviços conscienciológicos, por dinheiro ou qualquer outro bem. Mas isso não é permitido nas instituições conscienciológicas vieirianas.

Lá vigora a obrigatoriedade do trabalho voluntário. Curioso voluntariado obrigatório. É obrigatório pois se você prestar, profissionalmente, algum serviço conscienciológico, eles não o aceitarão no seu quadro de voluntários e talvez o chamarão de "minidissidente".

Uma organização médica que recruta voluntários não ousaria dizer que o trabalho do médico remunerado é "minidissidente" etc. O voluntariado é reconhecido como uma necessidade emergencial, principalmente para atender a pessoas que não podem pagar. As instituições vieirianas, por sua vez, dão cursos para pessoas que *podem* pagar, e cobram por estes cursos. Mas elas não remuneram seus colaboradores.

O médico voluntário de uma ONG ou similar é voluntário de seu paciente. A instituição organiza médicos para atender e não pede nada em troca *aos pacientes*. Já o conscienciólogo é voluntário da instituição, mas a instituição não é voluntária de seus alunos. Ela cobra dos alunos. E ela cobra do conscienciólogo que este tampouco

faça trabalhos de conscienciologia fora dali. Seria como a ONG criticar, ou mesmo expulsar, o médico que exercesse medicina remunerada fora dali.

O resultado é que, diferente dos voluntariados reais, os voluntariados obrigatórios de grupos espiritualistas como a conscienciologia fazem com que o comando da atividade fique acessível apenas a um pequeno grupo, elitizado, que tem boa remuneração e, portanto, tempo livre para se dedicar à atividade. O trabalhador que bate ponto ou corre atrás de bicos, além de ter família para cuidar – ou seja, a maioria – fica marginalizada. Pois a alternativa de aplicar a conscienciologia como atividade profissional, e tida como incompatível. Já se usaram até termos sofisticados como a "monetização da conscienciologia" para dar uma roupagem científica a essa política corporativista.

Esta proibição funciona como desestímulo à atividade e ajuda a manter a conscienciologia nas mãos de poucos. Quem quiser trabalhar com isso não será aceito na comunidade conscienciológica e será taxado de “minidissidente”. Quem quiser se dedicar à conscienciologia na comunidade, precisará ganhar a vida de outras formas, em primeiro lugar, e usar o tempo que sobrar para algum tipo de pesquisa e trabalho, que acabam sendo superficiais e com baixo nível de qualificação.

Não é à toa que a rotatividade nas instituições conscienciológicas é altíssima, com a maioria dos voluntários não permanecendo por mais do que um ou dois anos. Esta rotatividade caminha junto com a manutenção de poucos bons professores e pesquisadores – aqueles que, além de talento, tiveram dinheiro e tempo livre para se qualificarem. Cria-se uma estrutura bastante hierarquizada, com uma cúpula mais estável e uma base rotativa. A cúpula também é voluntária, formalmente, mas recebe o prestígio social, o reconhecimento, o convívio comunitário, a troca de afeto e gratidão com alunos, e o privilégio de se desenvolver culturalmente numa área desafiadora.



Capítulo 5

A leitura deste fluxo de pensamentos pode gerar impaciência para muitos leitores. Por que não sintetizo tudo, guardo as tergiversações e deixo registradas apenas as conclusões?

Seria como levá-lo de helicóptero ao topo de uma montanha, mostrando a trilha de longe, para dar uma pequena ideia. É diferente de convidá-lo a seguir-me pela trilha. Sendo esta, por sinal, uma trilha bastante intuitiva. É uma trilha em boa parte desconhecida. Penso que, para chegar no objetivo final, devo seguir por tal fenda, por tal direção, giro em círculos, me perco, mas o que parecem erros, paradas, vacilações, recuos, são na verdade parte da trajetória.

Na conscienciologia isso talvez fosse rotulado como falta de objetividade, como “verborragia” e sabe-se lá quantos mil neologismos já existem para classificar tudo o que foge desses “ideais evolutivos”. Este *self perfeito*, título incompreendido do livro do meu amigo Tony D’Andrea. Ou o *discipling dilemma* apontado por meu xará Flavil Yeakley Jr. São muitos os ideais almejados pelo que a doutrina classifica como “perfeição” (sem usar esta palavra, para evitar as contradições inerentes a ela). E o discípulo permanece insatisfeito por não atingi-lo. E assim se torna impaciente para conhecer e trilhar estes fluxos mentais, que são próprios da consciência.

A conscienciologia gosta de se apresentar como uma ciência mais avançada, cujo paradigma compreende que não há separação entre sujeito e objeto de pesquisa. Eis-me aqui, não encontrando outra saída para desovar um livro empacado – dois talvez – a partir de um mergulho no meu íntimo, enquanto falo sobre um suposto tema central “objetivo”. Justamente encantado pela constatação de não haver separação entre o suposto “sujeito”, eu, e o meu suposto “objeto”, a conscienciologia. Não há separação entre “o que penso” e “da conscienciologia”.

Separá-los é fazer desaparecer o método, ou seja, o meio, o caminho. É chegar no alto da montanha mostrando apenas uma trilha

pelo helicóptero. O viajante não cansou, não cortou a mão no espinho, não precisou beber água de bica, não sentiu medo de jararaca, não pisou na lama, não passou frio, não desejou estar longe dali tomando um chocolate quente.

A conscienciologia fala muito de autoconhecimento, mas é tão preguiçosa quanto outras linhas de autoajuda. Querem as fórmulas prontinhas. “Perdoar é bom, ter raiva é ruim, faça esta oração e liberte-se dos pensamentos negativos”. Ou “faça tenepes para se desvencilhar dos rabos presos do passado”. Ou “faça Estado Vibracional para higienizar a psicosfera”. Nada mais longe de um autoconhecimento. Tudo “objetivo”, “cartesiano”, “cognitivo”, uma enciclopédia dizendo tudo o que se é, tudo o que se pode ser, tudo o que é positivo ou negativo. Onde está o “auto” desse “conhecimento”?

Não apenas o *autoconhecimento* da conscienciologia é completamente *hétero* (deve ter um duplo sentido nesse trocadilho) mas é completamente engessado. Algumas instituições conscienciológicas divulgam, no material institucional, a adesão ao “paradigma consciencial”. Os livros da Editares, que são os únicos reconhecidos pela Unicin como “conscienciológicos”, começam de maneira bem padronizada, com uma confissão do autor de adesão a este paradigma. Mas é estranho por que uma instituição que se diz de fomento a pesquisa precisa oficializar sua adesão a um paradigma.

Trata-se de um modelo organizado por W, herdado em boa parte de seu passado espírita, e promovido a partir de fins da década de 1990 como sendo um “consenso entre pesquisadores”. Basicamente, se você tiver qualquer percepção que contrarie este paradigma, significa que sua percepção não está boa o suficiente. Por exemplo, este paradigma fala que temos 4 veículos de manifestação ou corpos (físico, energético, emocional e mental), e que há uma ligação entre a nuca do corpo físico e o energético. Ele fala sobre quais são os chacras principais e suas posições. Mas ele fala também que a pessoa não deve acreditar, e deve ter “experiências pessoais.”

Mas o que acontece com quem tem experiências pessoais diferentes destas? O que destoar das verdades estabelecidas pelo paradigma consciencial – ou seja, por W – é sumariamente considerado como falta de experiência, ou irrelevante, ou hipótese não comprovada etc. Ou seja, a experiência pessoal, que deveria ser o caminho para se puxar o fio da meada do autoconhecimento, não é de interesse da conscienciologia – a não ser, os pequenos resquícios de experiência pessoal que confirmem verdades estabelecidas. Isso pode ser constatado nas publicações da comunidade conscienciológica. Se algo mudou, foi de poucos anos para cá, e não tomei conhecimento.

Eles falam tanto no lema "não acreditem nada", e os voluntários sempre dizem que "não acreditam em tudo que W fala", mas o fato é que nunca vi uma publicação de voluntário, seja formal ou informal, que diga expressamente "não acredito nisso e naquilo que o líder defende".

Eu falava da *mão* que sustenta a cabeça do *pensador*. Associação gritante com a *mãe* que me sustenta. E sustenta uma cabeça que está curvada. Este problema ainda não está totalmente claro. Mas há na conscienciologia todo um ideal imaginário a respeito do pesquisador independente, que seria um *self-made man*, cujo melhor exemplo seria o próprio W. Ele mistificou sua situação econômica, assunto que menciono em resenhas e na biografia que estou escrevendo. O rapaz era parte da pequena-burguesia do seu tempo, filho de profissionais liberais com alguma segurança econômica, embora não completamente, aliás vivendo num período economicamente difícil para o Brasil. Isso não desmerece as conquistas de W e sua genialidade em diversas áreas, mas tenta fazer dele um mito, num campo altamente mitológico da sociedade que é o da Economia Política.

Quanto menos a pequena-burguesia vive, efetivamente, do fruto do próprio trabalho, mais ela se acredita independente e motor da história. Não são capazes de produzir o próprio alimento, o próprio abrigo, as próprias roupas. Se deixados por conta própria em

contato com a natureza, morrem em questão de dias. Se sentem apreensivos se dirigirem por dois quarteirões sem cinto de segurança, ou pedalam sem capacete. Hoje têm medo de respirar sem máscaras.

A, pai de W, era dentista prático. Uma atividade sem dúvida progressista, principalmente para a época, onde a profissão já era perseguida pela classe médica. Uma profissão que não tornava ninguém rico mas que, mesmo em tempos de penúria, era altamente cotada. Afinal de contas, era um conhecimento que os poucos médicos brasileiros faziam questão de manter fechado. Com alta demanda e pouca oferta para esse serviço de saúde, de primeira necessidade, o serviço era caríssimo. Mesmo os mais pobres, sem dinheiro, presenteariam o dentista prático com galinhas, leitões ou uma dívida de gratidão.

Não foi por acaso que A ajudou a fundar o primeiro centro espírita da região. É o tipo de atividade para a qual uma família realmente pobre não encontra tempo para se mobilizar. A não era um camponês que trabalhava de sol a sol, nem um operário da ferrovia, nem um retirante sertanejo. Na condição de dentista, ele tinha algum tempo livre, tinha tempo para o “ócio” - palavra demonizada no imaginário daqueles que tempo para o ócio. Coisa que só quem não tem dá o devido valor.

A tinha tempo para ler. Tinha conexões com as principais figuras da cidade – que logicamente precisavam de um dentista. Essas conexões deram-no acesso a bibliotecas particulares e livros, com os quais educou o filho. Percebeu, de maneira muito astuta, que para se aproximar de círculos mais elitistas, precisava mostrar ter cultura. Seu primogênito foi batizado em homenagem a um escritor famoso de um povo em ascensão, *Ralph W Emerson*.

A mãe de W vinha de família da mesma classe social. Inclusive, não trocou seu nome de solteira pelo sobrenome de A. Possivelmente sua filiação tinha até mais *status* social na região do que usar o sobrenome do marido. Os dois primeiros prefeitos da

cidade tinham o mesmo sobrenome dela. Foi a mãe de W que lhe introduziu à maçonaria. Ora, se pobre teria acesso à maçonaria?

Apesar de falar que “passava fome” na juventude, W também menciona que seu pai fazia muita assistência, dando dinheiro para necessitados. Também menciona que sua irmã “cozinava para fora” e ele entregava as marmitas de bicicleta. Também se orgulha de que seus pais contrataram um professor particular para ensinar-lhe, durante quase dois anos, compensando a falta de escolas na região. Também menciona que sua mãe lhe deu uma estante chinesa de madeira e que ele tinha um pequeno quartinho para guardar seus livros. Também menciona que, ao falecimento de seu pai, em Monte Carmelo, amigos mandaram um avião monomotor ir buscá-lo em Uberaba.

Que família pobre deixaria um filho passando fome se tivesse dinheiro para doar aos necessitados? Que família pobre deixaria um filho passando fome se tivesse excedente produtivo para vender marmitas? Que família pobre dá estante chinesa de madeira, professor particular e livros para um filho que passa fome? Que família pobre tem condições para buscar o filho de avião em outra cidade quando o pai falece, enquanto o filho passa fome?

Sim, os pais de W se empenharam para que o menino tivesse uma boa formação, e isso resultou em sua aceitação na condição de bolsista em internato particular, em Uberaba. Faz parte de uma luta comum das classes subalternas por melhores condições de vida. A família foi bem-sucedida nestes esforços, como provavelmente outras também foram, e algumas nem tanto.

Em Uberaba, W recebeu o apoio do diretor da instituição escolar, passando a residir nas dependências da escola. Ao terminar o Ensino Fundamental, aos 15-16 anos, precisaria voltar para Monte Carmelo. Ele não teria renda para se manter, pagar aluguel e faculdade particular. Mas seu bom desempenho estudantil e boa relação com a direção lhe rendeu um emprego no raio-x da faculdade e, posteriormente, como secretário-geral, e a cessão de um pequeno espaço nas dependências da universidade, onde dormia.

Este diretor, Mário Palmério, rapidamente entraria para a vida política, tornando-se deputado federal e embaixador do Brasil no Paraguai. W o ajudou a vencer as eleições locais, sendo seu assessor. Ele era o braço-direito de Palmério, tanto que o acompanhou no pequeno avião que levou a missão diplomática a conhecer o General Alfredo Stroessner, ditador paraguaio de 1954 a 1989. W conta-nos que sobrevoou fronteiras secas entre o Paraguai e o atual Mato Grosso do Sul, onde se contrabandeava gado. Diz a lenda que Mário Palmério também tinha fazendas na região.

Esta atividade, de assessor de deputado federal, não declarada por W mas deduzida logicamente, é que permitiu a W um sustento adequado e uma flexibilidade de horários para trabalhar incansavelmente junto a Chico Xavier de fins da década de 1950 até cerca de 1965.

Esta etapa da vida profissional de W terminou em 1964, com a ditadura militar, a destituição de Palmério e a colocação do PTB na ilegalidade. Foi o fim da carreira política do primeiro e um golpe na militância espírita de Chico e W. Ambos haviam sofrido há menos de um ano a perseguição sensacionalista da maior revista brasileira – O Cruzeiro – do magnata Assis Chateaubriand. O Espiritismo estava crescendo muito e isso não era bem-vindo para poderosos da Igreja Católica, das aristocracias políticas e das corporações médicas. Foi também quando o cirurgião espírita mais famoso do Brasil, Zé Arigó, foi preso pela segunda vez. Agora, sem indulto.

Felizmente, W tinha conexões, que o ajudaram a cursar pós-graduação em Hollywood e no Japão, num momento que a popularização da televisão tornava as cirurgias plásticas e os implantes um produto altamente valorizado.

Mas W não trabalhou por muitos anos neste ramo. Seu mentor japonês morreria e alguns efeitos colaterais apareciam devido a excessos cometidos com implantes mamários em atrizes norte-americanas, no frenezi para impulsionar a carreira artística. Já vivendo no Rio de Janeiro, W casou-se com a herdeira da Cia. Antarctica Paulista, uma das maiores empresas brasileiras do

momento. Os donos da Antarctica tinham algum trabalho junto aos espíritas, através da fundação que administrava o patrimônio dos sócios falecidos. A Antarctica foi uma das patrocinadoras da inauguração de Brasília.

É difícil saber o que houve de fato mas W já conhecia sua futura mulher dessas viagens. Mesmo não sendo aristocrata, era um bom partido, braço-direito de Chico Xavier, liderança espírita local, agora cirurgião plástico. Os diretores da Antártica também não eram exatamente aristocratas. Foram sucessores de um destino que lhes bateu à porta. Os fundadores da empresa eram imigrantes alemães, que faleceram no Brasil e deixaram poucos herdeiros. O patrimônio ficou sob administração de um preposto. A Alemanha não conseguiu recuperar os bens, bagunçada pelo final da guerra mundial. Por se tratar de uma fundação, era preciso manter atividades filantrópicas.

W casou-se e passou a irigir algumas atividades ligadas ao grupo da Antarctica. Na primeira edição do Projeciologia figura um agradecimento à uma das proprietárias da empresa, Erna Belian Wernsdorf, que ajudou naquele empreendimento de impressão e distribuição gratuita de um livro volumoso. Hoje, só a impressão e distribuição de um livro daquele porte custaria talvez meio milhão de reais.

Não há nada de errado nestes apoios recebidos mas a moral pequeno-burguesa faz crer que sim. Quanto mais esta classe é beneficiária de um excedente produtivo da sociedade, mais ela se julga autônoma, autossuficiente, independente, e tenta ocultar seus recursos sob o manto de "fruto de trabalho duro". É uma forma de negar sua própria realidade.

Os conscienciólogos sofrem com estes valores contraditórios. Os inversores, mais ainda. Para eles, é algo “menos honroso”, receber aportes. Quando apontadas estas contradições, dirão que não. "É claro que não." Trata-se de um “mérito evolutivo”, algo que se recebe agora como recompensa pelo bem que se fez em outras vidas, ou algum aporte que é merecido para que a pessoa possa cumprir

com sua missão de vida. Mas há um ressentimento de não terem tido uma performance igual a de W.

W enche a boca para falar, por exemplo, que cursou faculdade particular, e que este é um feito superior, pois assim não cria “dívida cármica” com o Estado. Mas é uma curiosa dívida, já que o Estado, economicamente falando, é senão o saldo dos nossos impostos, portanto, algo que deve retornar à sociedade. E para complicar a fórmula, fato é que o jovem W recebeu uma bolsa de estudos.

Por que seria preferível ter uma “dívida cármica” com o dono de uma faculdade que lhe dá bolsa ao invés de com o Estado cujo orçamento vem dos nossos impostos? Tudo não depende do tamanho da dívida? E o que é mais correto, politicamente: cair na moral individualista de deixar o Estado fazer o que bem entender com os impostos da população, ou pressioná-lo a providenciar universidade gratuita para a população? Quanto mais estes nobres jovens idealistas se afastarem da universidade pública, sob o pretexto de "deixá-la para os outros", mais eles se alienarão de uma luta, que deve ser da universidade *para todos*.

É um tanto irreal que W, tendo recebido bolsa de estudo, moradia e emprego dentro da faculdade particular, pregar que o “ideal evolutivo” é o jovem fazer faculdade particular. A não ser, é claro, que as faculdades particulares estejam dispostas a oferecer bolsas de estudos, moradias e empregos suficientes para que isso seja uma alternativa realista. E assim a conscienciologia, signatária da ilusão meritocrática, vai vendendo seus ideais impossíveis.

Capítulo 6

Voltemos para a enigmática frase. *Política e consciência, postergação no meio das duas.*

Foz – o problema era chegar em Foz. Foz do Iguaçu foi resultado da aproximação da conscienciologia com a política.

Nos primórdios se falava sobre a *sociedade conscienciológica*. Era um grupo de voluntários ligados a W, inicialmente reunidos sob um interesse comum e específico – estudar a viagem astral. Mas o mestre já mostrava que seu objetivo era “mais amplo”, muito semelhante ao que desenvolvia no Espiritismo. Seu objetivo era professar uma doutrina – conscienciólogos e herdeiros do Iluminismo e da Modernidade têm horror a esta palavra, mas aqui alerto que não a utilizo com qualquer conotação pejorativa, como se costuma fazer. Doutrina têm a mesma raiz etimológica de docência, doutor, discípulo, disciplina, documento, condução. Trata-se do trabalho de ensinar, conduzir, orientar, encaminhar.

W queria melhorar o Espiritismo, professar um sistema de valores morais e éticos, ensinar princípios de condução de vida, dentro de uma visão que aceita a existência do mundo espiritual. Seus discípulos ou – para quem não gosta dessas palavras – alunos, voluntários, “compassageiros evolutivos” etc, também o queriam assim.

Trata-se de uma geração que recém experimentava a “abertura democrática”. A equipe do Centro da Consciência Contínua, por exemplo, não sabia o que era votar numa eleição presidencial, ou tinha vaga lembrança de ter votado há duas décadas atrás. Eles não tinham um referencial sobre liberdade de expressão. Muitos se sentiam abandonados pelas federações espíritas e principais lideranças, que capitulavam com os militares para não serem fechadas. Muitos tomaram asco de Chico Xavier, que elogiou a ditadura militar em rede televisiva nacional durante o *Pinga-fogo*. W apareceu como um polo aglutinador dessas vozes rebeldes que estavam ansiosas para se fazerem ouvir.

W não seria apenas um “pesquisador da viagem astral”, como Carlos Alvarado e tantos outros. Ele se apresentava como, e seus alunos igualmente desejavam que ele fosse, um mestre. Um modelo espiritual a ser seguido. Repito, muitos espíritas se sentiam órfãos do Espiritismo tradicional, outros sentiram o que o grupo denominava “síndrome do estrangeiro”, ou seja, eram estranhos no mundo. E isso é uma tendência nas espiritualidades, já que costumam ser linhas de conhecimento bastante discriminadas. Ou seja, havia muitos órfãos, e órfãos não procuram especialistas. Procuram pais.

W seria *a referência* para sanar as dúvidas existenciais desse grupo. Era para ele que recorriam para esclarecimentos sobre escolha profissional, para resolução de problemas afetivos, para questões a respeito da saúde, alimentação, atividade física, vida sexual etc. Sim, nosso subversivo autor fez sucesso, não tanto com cursos sobre a viagem astral, mas com cursos sobre sexualidade. Foi uma verdadeira febre nas décadas de 1980 e 1990. Um discurso subversivo e libertário a respeito do prazer e da vida a dois, para uma geração acostumada a ser oprimida e reprimida.

Foi neste passo que a conscienciologia – um guarda-chuva que abraçava qualquer tipo de assunto – tomou rapidamente a posição de destaque dentro do grupo de colaboradores, enquanto a projeciologia foi minguando.

Este grupo já tinha uma série de ideais. Não se tratava mais de pesquisar a viagem astral. Se tratava de revolucionar a própria vida de um modo completamente novo, diferente. Não menos importante, eles eram *voluntários*. Ou seja, não se admitia no grupo um modelo de autofinanciamento, uma forma do participante auferir remuneração com sua pesquisa, suas aulas, livros etc. Aqueles que queriam se dedicar integralmente ao tema foram se afastando e criando núcleos próprios, onde conseguissem alguma remuneração. A não ser que fossem aposentados ou muito ricos.

O voluntariado colocava um primeiro problema prático na mesa. Era preciso ter alguma atividade remunerada. E lá estava W lançando suas críticas contra o capitalismo “selvagem” (pobres dos

selvagens, levando a culpa por uma exploração que nunca cometeram). Como seja, o primeiro conjunto de eventos que recebeu muito engajamento na conscienciologia, conforme os eventos projeciológicos minguavam, eram os fóruns e congressos sobre “administração conscienciológica”, posteriormente também chamada de “empreendedorismo evolutivo”. Ou seja, eram os voluntários dizendo: precisamos discutir como administrar esse grupo e como resolver nossas vidas profissionais.

Estes ex-órfãos e ex-estrangeiros agora discutiam como criar uma sociedade baseada em seus ideais. Como seria um convívio entre vizinhos baseado na “cosmoética”? - pensava um enquanto lembrava das festas barulhentas e buzinas invadindo seu quarto durante as práticas parapsíquicas. Como seriam empresas de “conscienciólogos”, onde ninguém é explorado e todos operam a partir do “trinômio motivação-trabalho-lazer”? Como seria a organização urbana de uma sociedade baseada em “princípios evolutivos?” Os mananciais hídricos não seriam poluídos, a cultura seria incentivada, a produção seria orgânica. Começou-se a discutir a criação da “sociedade conscienciológica”. Um grupo encontrou terreno disponível na zona rural de Foz do Iguaçu onde resolveu iniciar o experimento.

A conscienciologia brotou da projeciologia, e logo o ramo se tornou maior do que a árvore. E a “socin conscienciológica” brotou da conscienciologia e logo se tornaria maior do que sua matriz. Estes processos teratológicos mostram que os movimentos coletivos não se desenvolvem conforme as idealizações e propósitos de seus idealizadores e propositores, mas conforme a coletividade vai encontrando meios de solucionar os problemas práticos colocados. Mas este deslocamento para Foz não viria sem repercussões políticas, inicialmente ligadas à política interna do grupo.

Já comentei sobre a questão da cooperativa em capítulo anterior. Sanado este “problema” que era a cooperativa, W podia se mudar tranquilamente para Foz, sabendo que não estaria num local que pertencia a seus cooperados, mas sim numa associação, portanto,

uma propriedade abstrata de associados. Ele tratou de colocar na direção do CEAEC pessoas de sua confiança, que já eram seus braços-direitos no Rio de Janeiro. Muitos cooperados foram estigmatizados e se afastaram do grupo. Não haveria mais o risco de W mandar fazer “x” e os cooperados decidirem legitimamente fazer “y”. A cooperativa do CEAEC era independente dele. A associação CEAEC, não.

Um pequeno movimento migratório passou a ocorrer a partir das filiais e da matriz do IIPC, nas principais capitais brasileiras, em direção a Foz do Iguaçu, até o ponto em que a própria matriz do IIPC mudou-se para lá. Foi um movimento razoável, que mobilizou entre 500 e 1.000 pessoas nos anos seguintes, fazendo-se notar naquela cidade de 300 mil habitantes. Muitos eram profissionais qualificados dos quais a cidade carecia. W se tornou amigo de prefeitos e vereadores. Posteriormente, conscienciólogos assumiriam postos em secretarias e repartições administrativas do município.

Capítulo 7

No prefácio comentei que eu estava enganado sobre o motivo de meu livro ter sido indisponibilizado pela Amazon. Dei a entender que logo explicaria o motivo real, mas não expliquei. Cerca de uma semana depois, conforme ressurgia o desejo de escrever, releio o livro e logo me deparo com o referido trecho, e a afirmação *já chegaremos lá*. Sim – pensei – é sobre isto que quero escrever.

Como falei, a Amazon havia interditado a primeira edição deste livro. Muito estranho. Desde quando? Como seja, lá fui eu procurar os arquivos do livro e revisá-lo. Mas para minha decepção, *não havia tal arquivo*. Talvez no notebook velho da empresa? Não. Talvez no meu notebook velho? Não. Quem sabe olhando melhor no HD externo? Também não. Nos pendrives? Também não! Nos chips de memória? Menos ainda! *Putá que o pariu*.

Logo eu, que cuidava dos *backups* e dos arquivos. Realmente odeio perder coisas, mas me impressionei com esta perda específica, pois não é do meu feitio. Perder o arquivo de um livro! Tenho arquivos guardados de trabalhos escolares. Arquivos do meu primeiro PC, um 386, há 20 anos. Tenho tudo que publiquei organizado em pastas e backups. Com exceção deste livro, do livro *O que penso da Conscienciologia*. Pois o difícil é falar o que penso...

Felizmente, o livro estava na plataforma da Amazon. Bastava entrar no painel de controle e fazer o download. *Sempre há um jeito* – pensei.

Eis que abro o arquivo e – mais uma surpresa desconcertante – era outro livro que estava lá. *Putá que o pariu*. Em algum momento eu fui à Amazon carregar uma versão atualizada de outro livro, *Seitas e grupos manipuladores*. Ao invés de carregar esta atualização no livro correto, carreguei em cima do livro de conscienciologia. *Que burro!* Ou seja, não apenas o meu livro sobre seitas não tinha sido atualizado, como o livro da conscienciologia estava com outro conteúdo, e por isso foi interditado pela Amazon. E foi por terra

minha esperança de recuperar o arquivo original. É realmente difícil falar o que penso...

Precisei abrir o *e-reader* da Kindle onde felizmente eu tinha meu livro salvo, antes da atualização, e copiar página por página para um novo arquivo de Word, e reconfigurar. Não seria tão trabalhoso exceto pelo fato do livro ter um índice com aproximadamente 800 hyperlinks, e cada um teve que ser copiado manualmente. Foram umas 15 horas de retrabalho por causa do meu lapso. Nem é tão desesperador, e algumas sincronicidades enquanto eu fazia o índice aconteceram, que me serviram de consolação para continuar.

De qualquer maneira, foi perturbador encarar o fato de não ter guardado qualquer arquivo ou pasta com o livro *O que penso da Conscienciologia*, e ainda ter sabotado o mesmo quando estava disponível para venda.

Os seis parágrafos acima sintetizaram uma experiência que estava condensada na expressão *já chegaremos lá*. Foi por isso que não chegamos lá quando foi necessário. Mas por que agora eu tinha o desejo de chegar lá?

A perda do arquivo me faz pensar sobre a organização e disciplina que eu tinha quando estava na conscienciologia, e que agora não tenho. Minha vida era bastante regrada (não era isso que eu queria dizer, mas foi isso que eu disse, talvez eu volte neste vacilo em algum momento). Minha rotina era bem estabelecida e organizada. (Tive mais um momento de lapso. Tem algo aí. Algo sobre falar da minha vida.)

Entre 2008 e 2010 (essas datas talvez não sejam tão precisas) eu trabalhava direto das 8:00 às 14:00, mesmo horário de minha companheira. Em torno das 5:30 da manhã, eu fazia a “tenepes”, uma espécie de passe para o escuro, diária, que dura cerca de 1 hora. Após o trabalho, almoçávamos. À tarde sempre havia algum afazer como supermercado, fisioterapia ou alguma tarefa rápida na Assinvéxis ou na Conscius, que eram no centro da cidade. Ao chegar em casa, eu tomava um banho e tirava uma sesta. Ao entardecer, fazíamos alguma caminhada ou exercício físico, ou escrevia.

À noite, eu tirava uma ou duas horas para esboçar meu livro. Na época eu o chamava de “Invéxis: otimizações e evitações”, se não me falha a memória. Minha mulher também tinha suas atividades de voluntariado conscienciológico e projetos com arquitetura. Ela era funcionária pública mas procurava investir na formação principal. Também tínhamos uma vida sexual ativa. Eu gostava. Foi o período da minha vida com maior atividade sexual, sem sombra de dúvida. Mas é curioso que eu não lembro tanto de como era o sexo naquela época, em comparação às parceiras recentes.

A conscienciologia enfatiza o apetite sexual, numa perspectiva prática e racional, como geralmente é do agrado dos homens. Eu e minha mulher tínhamos a idade em nosso favor, e nenhum problema mais grave, portanto conseguíamos praticar aquela atividade física com relativa facilidade. Eu tinha meus recalques e ela também, provavelmente, mas nada que impedisse a presença de carinho e respeito entre nós.

Sobre meus recalques, lembro, por exemplo, que antes dessa época, entre 2004 e 2006, eu passava por constantes preocupações profissionais, já que vivia fazendo bicos. Era uma vida profissional bastante improvisada. Eu ficava preocupado e tinha algumas vergonhas de falar a respeito. Estas preocupações me atrapalhavam na hora do sexo. Muitas vezes eu recorria a fantasias e desejos que fossem mais fortes, para não pensar nessas incomodações profissionais, e poder trepar.

Certa vez, na cama, preocupado, falei a ela o que me preocupava – algo relacionado com não estar conseguindo preparar boas aulas na escola de inglês. Ela me escutou e automaticamente me senti melhor. Acho que falou algo do tipo: está vendo como é bom falar as suas preocupações. Sim, *a dificuldade é falar o que penso*. Há um poder curativo na fala. Isso aumentou nossa intimidade e tivemos uma noite gratificante.

Naquela época, eu pensava muito nas últimas garotas com quem tinha ficado mas não tinha transado. Era o desejo de realizar um poder que nunca tive. E que não seria realizado, não com aquelas

garotas, já que eu agora morava bem longe e não cogitava ter relações extraconjugais. Ou talvez eu não cogitasse por reconhecer a impossibilidade, considerando minha rotina. De qualquer maneira, minhas antigas amigas estavam longe e já tinham outros interesses. Eu participava de um mundo peculiar, o mundo da conscienciologia, que era bem diferente do mundo das “pessoas normais”, das “pessoas convencionais” de Foz do Iguaçu. Em outras palavras, minha vida social era bem delimitada. Então eu precisaria sublimar minhas fantasias de poder masculino e me concentrar na minha “programação existencial”.

Na rotina e em certos hábitos disciplinados eu exercia o controle que não conseguia exercitar para ser um macho alfa da sociedade. Notadamente em meu projeto de livro. Eu havia encontrado um método interessante e intelectualmente estimulante. Como tudo (*como tudo?*) na conscienciologia, os objetos de estudo são muito difusos uma vez que o método permite associações infinitas, ilimitadas, indeterminadas. É quase um exercício de livre associação freudiana, se não fosse, em contrapartida, extremamente regrado.

Assim ocorria com meu plano de estudo da invéxis, ou inversão existencial. Em curtas palavras, a aplicação da conscienciologia de maneira consciente desde a juventude. Portanto, qualquer tema que pudesse ser associado a juventude e conscienciologia poderia fazer parte do livro. Havia temas “prioritários”, já esboçados por W. Mas o que fazer com os temas que vêm a seguida. Sobre quantos temas devo falar?

Resolvi estruturar o livro em dois grandes grupos: as evitações e as otimizações à inversão existencial. Ou seja, os temas que ajudam e os temas que atrapalham a prática da conscienciologia pelo jovem. A pergunta seguinte era: quantos temas? Afinal, qual o sentido em escrever 20, 19, 47? Qual o sentido em escrever um mesmo número de temas para cada grupo, ou um número diferente? Eu precisava ter uma resposta objetiva, uma resposta que evidenciasse meu controle,

meu domínio do assunto. O número definido foram 100 temas para cada grupo. Por quê?

Cem é o número de variáveis do “conscienciograma”, uma planilha de avaliação criada por W que avalia 100 aspectos principais da personalidade. O que fiz foi alinhar estes 100 aspectos numa matriz. Para cada aspecto, eu abria um capítulo sobre otimizações, e outro sobre evitações. Por exemplo, o primeiro aspecto do conscienciograma é “intrassomaticidade”. Para este aspecto, associei um capítulo sobre “androinvéxis” e outro capítulo sobre “anorexia”. Às vezes um aspecto vazio do conscienciograma me fazia pensar em capítulos ainda não escritos. Outras vezes, eu procurava montar o quebra-cabeças a partir de capítulos já escritos, ou que desejaria escrever, e tentava preencher o aspecto conscienciométrico mais aproximado. Obviamente não é uma tarefa exata, previsível, e envolve uma dose de subjetividade, mas era uma forma de procurar apresentar uma visão geral da invéxis abrangendo um pouco de cada área importante da vida humana.

A mesma questão se colocaria para o tamanho dos capítulos. Até quando escrever? Já que a possibilidade de associações é infinita. O que fazer a respeito dos tamanhos diferentes de cada capítulo, já que eu poderia dominar ou gostar de uns mais do que de outros. Procurei regular esse domínio e esse desejo para que ele fosse “equilibrado”, não maior ou menor a depender do assunto. É curiosa esta necessidade de regulação. Ao mesmo tempo que o autor quer falar sobre tudo, ele quer ter o domínio sobre o domínio que tem e que não tem, de tudo.

Eu escreveria um capítulo por página, ao estilo dos livros *700 experimentos da conscienciologia* e *200 teáticas da conscienciologia*. Eu estava me espelhando no mestre. Isso me faz lembrar de certas críticas e mostram como é forte o recalque intelectual dentro do grupo. Muito embora, paradoxalmente seja um grupo que promove discurso de estímulo extremo da intelectualidade. Ao publicar o livro fui criticado por quem reclamava que eu tentava “copiar W” e por quem reclamava que eu

estava “me opondo a W”. Em fim, como em toda seita, como em toda relação disfuncional, a dificuldade é falar o que se pensa, já que, não importa o que você fale, você sempre estará errado.

Emoldurar cada capítulo numa página era um exercício extremamente estimulante, intelectual e poético. Isso força o autor a condensar o máximo de ideias em frases sintéticas. Além disso, apliquei outro recurso vieiriano pouquíssimo falado, o qual, até hoje, não entendo por que não cativa o interesse dos autores. A associação de temas com variáveis, minivariáveis e especialidades analíticas. Trata-se de mais uma matriz associativa com tópicos diversos. Mais particularmente as 60 especialidades conscienciológicas. Por exemplo, se o leitor quisesse encontrar todas as associações feitas entre invéxis e a especialidade “cosmoética”, poderia achá-las no índice de especialidade. Esta também era uma maneira de eu procurar relacionar o assunto com especialidades que estivessem menos consideradas, e “equilibrar” o texto.

E assim por diante, diversos recursos, que envolviam catalogação bibliográfica, musicográfica, filmográfica, pesquisa de estrangeirismos, criação e pesquisa de neologismos específicos para a invéxis, me coloquei uma série de desafios intelectuais e organizei-os neste empreendimento.

Também era a realização do macho-alfa. A admiração, o prestígio, o reconhecimento que não tive na adolescência e no período em que o menino virava homem, eu teria a partir do livro. Afinal de contas, o livro apresentava um domínio sobre diversas habilidades intelectuais valorizadas pela conscienciologia. Assim eu pensava. Eu imaginava, inclusive, que com a projeção do livro, eu finalmente iria ser convidado a falar o que penso – sempre esta dificuldade. Mas agora aparece um convite aí. Interessante. E além de falar o que penso, eu me faria conhecido e seria interessante para mais mulheres.

(Mais uma longa pausa)

O que havia nessas mulheres? Eu estava casado. Acho que era interessante para ela. Interessante o suficiente. Ou talvez não?

Possivelmente não. Eu tinha recalques. Achava que era bom de cama, agora acho que não era tanto assim. Em que eu contribuía para ela? Sendo uma companhia, às vezes? Eu não entendia nada de arquitetura, nem de AutoCad. Será que ela queria alguém que fosse mais do que eu era? Quem não quer? Será que ela estava satisfeita com o que tinha? Coloco todas essas dúvidas para parecer mais humilde a meus leitores. Estou falando de mim mesmo. Eu tinha ambições, de que encontraria uma companheira ligada aos estudos da invéxis, que fosse uma debatedora voraz, uma rata de biblioteca. Essa pessoa era alguém com quem eu falava.

Falava o quê? Eu também falava com minha companheira. Falava? O quê? Acho que ela me achava chato como debatedor. Talvez com razão.



Capítulo 8

Falar o quê?

Sempre gostei de debater. Um hábito herdado de meus pais.

No IIPC havia fomento ao debate. C. foi um grande estimulador de atividades intelectuais, desde aquela época. Ele era uma importante liderança da conscienciologia, e que aprendera com W o que o mestre tinha de qualidades. Em Foz, C. se envolvia com atividades de expansão das instalações e terrenos. Era uma espécie de empreiteiro. Mas não abandonou o gosto intelectual e a importância que dava ao tema da invéxis. Ele tinha alguns hábitos de redação parecidos com os meus. Mostrei-lhe os rascunhos de meu livro e fui extremamente elogiado e incentivado.

Havia também os congressos. Sempre que podia, eu enviava meus artigos para as chamadas de trabalho. Apresentar uma conferência era uma oportunidade de discutir, polemizar, ser questionado etc. Após sair do voluntariado da Assinvéxis, acredito que no final de 2009, me envolvi com atividades onde me sentia intelectualmente mais estimulado. Passei a organizar as atividades de debates no CEAEC, aos domingos. Eram atividades pequenas, que contavam com poucos participantes. Convidava um debatedor ou me colocava nesta posição. Trazia alguma pergunta polêmica e discutíamos. Quem vinha, gostava. Eu não entendia por que o interesse não era maior, mas os voluntários também tinham inúmeras ocupações e as direções não se interessariam por atividades financeiramente improdutivas. Mas em suas tertúlias, W sempre divulgava e estimulava.

Também cuidei do espaço ExpoConscienciologia, no shopping center da cidade. O espaço ficava aberto nos sábados à tarde. E era conectado com uma coluna de artigos que nos foi cedida pelo jornal A Gazeta do Iguaçu, onde eu escrevia semanalmente. Além do mais, com mais tempo livre, sem tantas tarefas administrativas, passei a escrever também verbetes para a Enciclopédia da Conscienciologia e pude dar maior velocidade à produção do livro.

Naquele ano de 2010, senti algo como uma profunda irritação, muito vaga, difusa, uma espécie de mal estar, vinda de certas direções da Assinvéxis. Posteriormente essa irritação foi até externada em tertúlia pública. Uma pergunta reprobatória do então diretor: “o que você acha de ter saído da Assinvéxis e continuar escrevendo sobre invéxis?” Algo assim. Uma hora encontrarei em meus arquivos.

O fato é que o estímulo ao debate na Assinvéxis era muito pobre e funcionava de uma forma autoritária e repressiva. Não creio que, deliberadamente, quisessem que fosse assim, mas este era o resultado.

Na verdade a fundação da Assinvéxis e sua transferência do Rio de Janeiro para Foz do Iguaçu já foi problemática, embora eu não compreendesse isso na época. Sim, *o problema foi chegar em Foz, a escrita ia muito bem até chegar em Foz do Iguaçu*. Já falei isso antes.

Assinvéxis era um departamento do IIPC, sediado, naturalmente, no Rio de Janeiro. Em 2004, enquanto a sede se mudava para Foz, surgia a questão sobre a mudança, ou não, daquela. Os inversores mais envolvidos com a atividade eram do Rio de Janeiro. Havia um fórum de discussão bastante livre e ativo, e os coordenadores da época estimulavam o espírito questionador do grupo e de livre debate. Acredito que não tivessem planos de se mudar para Foz do Iguaçu, motivo pelo qual o presidente do IIPC foi procurar alguns inversores que se dispusessem e, assim, fosse consolidada a transferência e fundação da Assinvéxis na nova cidade.

Isso suscita algumas questões. Uma delas é que estávamos todos num movimento de massa em direção a Foz. E acostumados com as decisões de cima para baixo. A decisão foi colocada a toque de caixa. Não estávamos acostumados a discutir questões. Estavam estabelecidas algumas verdades, uma delas é que a instituição deveria ser fundada, a outra, é que deveria ser em Foz do Iguaçu e, creio que a terceira, a da equipe gestora, também veio pronta ao grupo.

Conta-nos F, que seria o coordenador geral da instituição, que estava fazendo as malas para se mudar de um país a outro da Europa - não recorro agora se Portugal para Espanha ou vice-versa - quando recebeu um chamado do então presidente do IIPC. O diálogo foi, resumidamente, mais ou menos esse:

- F, gostaria de saber se você está disposto a ser o coordenador geral a Assinvéxis em Foz do Iguaçu?

- Mas estou me mudando para a Espanha.

- Olha, sobre isso não posso opinar, mas a Assinvéxis será fundada em Foz do Iguaçu e gostaria de saber se você está disposto a se mudar para lá e coordenar a instituição.

- Sim.

Há um espírito de ousadia que por um lado é admirável. Estávamos todos autoconfiantes. Aonde quer que a conscienciologia - ou melhor dizendo, seu líder - vá, somos capazes de ir. Também foi mais ou menos nesse espírito que decidi ir para Foz. Mas institucionalmente algumas etapas acabam sendo puladas. Uma delas é ouvir adequadamente outros posicionamentos. Aquilo que, na teoria, todo mundo diz que é importante - debater, escutar as diferenças, ser democrático - mas que na prática fica em segundo plano, em detrimento de uma suposta necessidade de dinamismo, que pode ocultar também posturas autoritárias.

Até o momento, a Assinvéxis era uma organização informal dentro do IIPC, não tendo qualquer estatuto jurídico. Em termos legais, ela não existia, portanto, não estava obrigada a qualquer coisa, nem subordinada a qualquer pessoa. É fato que havia um movimento migratório relevante de conscienciólogos para Foz do Iguaçu. Mas qual a necessidade de decidir pela fundação de uma associação a toque de caixa? Creio que a maneira como a fundação foi feita gerou algumas consequências, sobre as quais não tenho maior clareza, mas que merecem discussão.

Uma grande força de trabalho foi alocada para atividades administrativas. A carga de trabalho e o modelo centralizado(r) numa cidade gerava uma pressão muito forte para que os inversores, até

então espalhados pelo Brasil e até outras países, fossem constantemente convidados a se mudarem para aquela pequena cidade do Oeste Paranaense. Em paralelo a isso, havia uma capacidade muito reduzida de delegação de tarefas colaboradores de outras cidades, e um espaço reduzido para tomada de iniciativa.

Como consequência, muitos colaboradores de outras cidades, que até então costumavam se envolver com a Assinvéxis, acabaram sendo abandonados e se alocaram em outras atividades conscienciológicas, junto ao IIPC.

Como hipótese, ao invés de uma fundação "para ontem", poderia ter sido experimentado um modelo mais participativo e descentralizado, que levasse em conta o Fórum de Discussão virtual que existia até então e dava voz a tantos colaboradores espalhados pelo país. É possível que assim houvesse tido tempo para que os problemas e necessidades fossem levantadas, e soluções fossem resolvida com maior participação de todos. Ao invés disso, seguimos o fluxo das demais instituições conscienciológicas: abrir CNPJ em Foz do Iguaçu e lutar para encher cursos e pagar custos fixos.

As decisões a toque de caixa, de cima para baixo, sem muita paciência para envolver a todos, é uma prática comum na conscienciologia. Praticamente todas as assembleias das quais participei tinham pouco debate e resultados de votação unânime. Isso leva-me a pensar num círculo vicioso onde o voluntário prefere não se dar ao trabalho ou correr os riscos de questionar, tornando-se cada vez mais alienado das decisões - uma "mão-de-obra impensante" - enquanto a cúpula acaba se tornando cada vez mais centralizada e centralizadora, querendo ou não. É assunto para um livro inteiro.

Não penso que a relação do IIPC com o debate e a pesquisa fosse um mar de rosas antes da Assinvéxis. Havia algo estranho. No ano anterior à minha mudança para Foz, dois cursos estavam sendo ministrados nas filiais da instituição e fazendo muito sucesso. Era um curso de formação do pesquisador e outro de invexologia. Não eram cursos expositivos. Havia trabalhos críticos com artigos de periódicos, dinâmicas de metodologia de pesquisa e dinâmicas de

debate. Foram os dois melhores cursos que eu já havia participado até então, e melhores que a maioria dos cursos que aconteceriam pela frente. Interativos e desafiadores. Os voluntários da Assinvéxis do Rio de Janeiro participaram da elaboração destes cursos. Estranhamente, os cursos foram rápida e sumariamente eliminados da grade curricular do IIPC.

Uma voluntária antiga que trabalhava com escrita e metodologia era Sonia Cerato, autora de *A ciência conscienciologia e as ciências convencionais*. Ajudei-a a organizar um curso em Blumenau e lembro que era um curso dinâmico, aberto ao imprevisível, fora do padrão expositivo que ocorre na conscienciologia. Sonia tinha uma boa relação com os inversores do Rio de Janeiro, inclusive alguns que já estavam se mudando para Foz do Iguaçu, e também foi sumariamente expulsa de Foz. Numa das reuniões pré-fundação da Assinvéxis, diretores traziam notícias de W sobre Sonia. Ela teria traços de “personalidade antissocial.” W teria investigado seu passado escolar e era extremamente problemático. Agora, com avançada idade, ela tentava manipular os jovens, para suprir suas carências, e chegaria quase ao ponto da sedução sexual. Os coordenadores procuravam informar *literalmente* quais tinham sido as palavras do mestre W. E tinha sido por isso que, no IIPC, o presidente tomara o cuidado de colocá-la numa mesa ao lado da sua, para que fosse vigiada de perto.

Em fim, foi isso o que ouvi sobre uma pessoa que eu conhecia superficialmente mas, até então, admirava. Só passei a desconfiar desta versão após minha própria expulsão. Por causa daquela longínqua reunião de 2004, onde Sonia Cerato foi devidamente demonizada, eu registrei uma recomendação de W: os inversores deveriam pesquisar o transtorno de personalidade antissocial, e na Holoteca havia um compêndio de psiquiatria que ajudaria, do Kaplan. Já que, até 2011, inversor nenhum tinha escrito nada sobre o assunto, escrevi no capítulo 184 de meu livro. Viram como sigo as recomendações do mestre?

Mas em 2004 eu ainda não entendia este problema das decisões tomadas de cima para baixo e até aceitaria, teoricamente, que esse estilo era necessário para fazer as coisas andarem. A fundação da Assinvéxis seguia de vento em popa. Eu estava envolvido com minha própria mudança, com a escrita do meu TCC e com as transferências e a gestão do caixa da instituição. Havia uma lista de discussão do tipo Yahoo Groups com a participação de todos os inversores. Era um processo horizontal e transparente de se veicularem as opiniões de um grupo que era pequeno e pulverizado por várias cidades.

Dois coordenadores principais da Assinvéxis passaram a explicar, nas reuniões, que precisávamos tomar cuidado com essa lista, pois havia pessoas “antagônicas”, a exemplo dos antigos coordenadores da Assinvéxis. Listas como a do Yahoo, que tinham uma estrutura de fórum horizontal para debates, passaram a ser consideradas “porta de assédio,” e a comunicação da Assinvéxis passou a funcionar através do MSN. Logo se criaria um portal virtual, que não era uma fórum de discussão, mas uma lista para organização de tarefas. Assim, assegurou-se que as discussões mais acirradas ficassem sob maior controle, acontecendo apenas dentro da nova sede da Assinvéxis. Parece que os principais diretores da Assinvéxis aprenderam rapidamente a replicar o estilo administrativo do mestre.

Os debates dentro do grupo também costumavam se desenvolver de maneira a tolher a discordância. Tanto que, em certo momento futuro, creio que em 2010, a Assinvéxis fez uma convocação aberta para que ex-voluntários falassem o que pensavam, visando melhorar a relação entre todos. Lembro que uma ex-voluntária que também foi voluntária em Florianópolis procurou explicar por que não se envolveu mais com a Assinvéxis depois desta mudança para Foz. Ela até chorou. O que entendi é que não se demonstrava um interesse para atuar à distância, apenas se fazia uma pressão para que a pessoa se mudasse para Foz. Ela estava no meio

do curso de Medicina. Outra ex-coordenadora falou na lata: “as reuniões eram longas e chatas.”

Eu falei o que pensava, ou melhor, falei o que pensava que devia falar. Não falei o que pensava lá no íntimo. Não achei que fosse importante. Poucos dias depois, talvez poucas horas depois do evento, me arrependi de não ter falado. Por que não fui natural e espontâneo como essas mulheres que falaram o que pensam? No lugar disso, teorizei conselhos para que a Assinvéxis se aproximasse dos jovens em geral, e outras chatices que eu achava geniais mas não eram. Era importante manter a imagem de alguém que sai sem mágoas, alguém que não reclama pois é superior a esses probleminhas, ou não reclama porque é compreensivo e entende a dificuldade dos outros. Mas vou escrever a seguir o que me arrependi de não ter falado naquela oportunidade.

Após a fundação da Assinvéxis, alguns coordenadores, inclusive eu, nos envolvemos na elaboração de um curso. Seria o carro-chefe, o curso básico da instituição. As discussões eram interessantes mas particularmente centralizadas nas opiniões de F e N. Além de mim, participaram C e Z, se não me falha a memória. C sabia enfatizar suas posições. Da minha parte, acho que se não tivesse participado, o curso teria sido elaborado exatamente igual. As reuniões de elaboração acabaram servindo, para mim, mais como um local de estudo, onde eu escutava e procurava aprender.

Algo muito semelhante ocorreu com a elaboração do livro *Inversão Existencial*. Lembro-me, inclusive, de dois capítulos que escrevi para o livro - independência financeira e voluntariado - por orientação de W. Estávamos já querendo concluir o livro. Tomei um tempo para escrever e levei o esboço para o grupo. N leu e respondeu em seguida: “não há nada aqui que se possa aproveitar”.

A frase acima ilustra como as reuniões de discussão do livro, entre outras, costumavam ser. Eu saía constantemente frustrado. Pensava: *se não há nada para aproveitar no que eu escrevo, também não dão nenhuma devolutiva sobre o que está errado ou pode ser melhorado*. Aproveitei os esboços para escrever os capítulos 82 e

100 do meu próprio livro. Aliás, talvez agora fique mais claro por que eu saí da Assinvéxis e continuei pesquisando a invéxis. Eu saí da Assinvéxis pois lá o ambiente era desestimulante para a pesquisa.

Havia sim intenção de estimular a atividade de pesquisa, mas eram intenções que morriam na praia, e pouco se estimulava a não ser a produção dos dois coordenadores principais. Lembro-me que em torno de 2007, a coordenação técnico-científica chamou a todos para uma reunião onde pediu para que todos preparassem seus cursos livres, e que o departamento estava à inteira disposição para dar suporte, pois isso seria importante para o desenvolvimento de uma massa crítica entre os voluntários e também para expandir a grade de cursos. Gostei do chamado, me senti estimulado, era fim de ano e dediquei minhas férias para escrever curso sobre *afetividade na juventude*. No início do ano seguinte, levei o material para a coordenação.

O curso ficou parado por semanas, sem qualquer resposta. O coordenador dizia que estava muito ocupado. Estas semanas se transformaram em meses, e devido a minha insistência, o responsável da área finalmente se desculpou e disse: fique à vontade para propor seu curso a outra instituição que consiga avaliá-lo. No caso, o IIPC tinha um processo seletivo bastante inclusivo e dinâmico. Em questão de alguns dias, me deram devolutivas, fiz ajustes, agendamos aulas-treino e logo o curso estava pronto para ser ministrado. Entrei para a grade de cursos do IIPC e, em algumas semanas, dei palestras e cursos por aí.

A coordenação técnico-científica da Assinvéxis, embora estivesse “muito ocupada”, colocou como prioridade absoluta o curso que foi definido pelos mesmos dois coordenadores, F e N, de “Invexometria”. Aquele pedido para que os voluntários preparassem seus cursos foi esquecido. Até onde sei, fui o único a propor algum curso até então. Mas eram os dois diretores que definiam quais seriam os cursos da instituição. Como se não bastasse, F reclamou numa carta pública, que está nos Anexos, sobre eu estar “ministrando cursos relacionados à invéxis por fora da Assinvéxis”. Ou seja, F, que

na época era coordenador da Assinvéxis, não acolheu minha iniciativa, para depois atacá-la publicamente quando foi acolhida pelo IIPC.

Ouvi *mimimi* desse tipo numa reunião onde F, N e a nova direção da Assinvéxis pressionaram a Editares para interromper a revisão de meu livro. F se referia a um episódio de 2010, onde pedi alguns minutos numa reunião da Assinvéxis para apresentar o rascunho de meu livro. Eu trouxe aproximadamente 20 cópias deste rascunho e disse que estava escrevendo um livro e gostaria de distribuir cópias a quem se interessasse em dar algum tipo de crítica ou devolutiva. Disse que dentro de algumas semanas procuraria marcar um evento para debatermos o trabalho.

A receptividade foi muito boa, com um dos voluntários falando alto “opa, eu quero dois” (iria levar uma cópia à sua companheira). F ficou em silêncio e de cara amarrada. Futuramente, me confirmara que tinha ficado muito puto com esta minha iniciativa. *Por que ficou puto* - pensei eu? Ele esperava o quê? Que eu o consultasse em segredo sobre meu livro? Que não divulgasse para ninguém? Ninguém além dos poucos que só respondiam o de sempre: “não há nada que se aproveitar”, “não temos tempo para avaliar” etc?

Alguns meses depois, convoquei um debate, que contou com boa participação, tomei nota de comentários e ouvi as devolutivas. Gostei muito do resultado, considerei que foi enriquecedor para estruturar meu livro, que naquele momento deveria ter 30% do conteúdo pretendido. Curiosa foi a intervenção de N, que chegou atrasado e ainda falou: “bem, só dei uma olhada no índice, mas acho que seu livro tem vários problemas”. Respondi imediatamente: “talvez o problema seja você só ter lido o índice.”

Eu já estava de saco cheio daquele estilo de abafar o trabalho intelectual. Já ouvira fofocas desconfortáveis sobre a postura do Conselho Editorial da editora "não ter sido assistencial" com outro livro, pouco semelhante ao meu, de J. Livro que F falara algumas vezes ter sido parecerista. J era outro inversor muito produtivo

intelectualmente e que talvez criasse esse desconforto, essa inveja, de ser um ex-participante dos grinvexes e que agora escrevia mais do que os inversores da Assinvéxis.

Comecei a desconfiar que alguns dos meus conhecidos colegas estivessem envolvidos nessas estranhas posturas que os próprios voluntários da editora chamavam, nas conversas de corredor, de "não assistenciais". Na época eu não sabia como funcionava o processo editorial em detalhe, mas alguns para mim estavam associados a estas funções de "pareceristas" e "conselho editorial".

Comecei a desconfiar que estivessem com inveja de livros como o meu e o de J. Depois de expulso, acho que até usei a palavra *Assinveja* para expressar minha indignação com a Assinvéxis. Conscienciólogos são bons em criar palavras novas. Não sei se são tão bons assim para usar as palavras velhas.

Capítulo 9

No início do Capítulo 7 expliquei que, ao reler o prefácio, tomei vontade de escrever sobre a expressão *já chegaremos lá*. Faltou falar sobre o momento no qual eu resolvera reler o prefácio.

Havia talvez uns 5 dias que eu não escrevia, envolvido com outras atividades, principalmente no que diz respeito a minha filha Aurora, com pouco mais de 1 ano de idade. Mas esta pausa no trabalho não me incomodava nem um pouco. Tenho uma relação diferente com este livro, sabendo que ele depende muito de fluxos imprevistos e espontâneos de pensamento, não sendo uma obra exatamente *objetiva* e sujeita a ritmos previsíveis de pesquisa. E qual foi o momento em que decidi retomar a escrita?

Foi imediatamente antes de sair de casa. Mas me permita explicar essa curiosa maneira de apresentar o assunto.

Há algumas semanas eu estava incomodado com minha rotina, ou melhor dizendo, com a falta de algumas atividades na minha rotina. Conforme fomos chegando no inverno, passei a fazer menos atividade física e sair menos com minha cachorra. Eu estava me deprimindo com a quarentena que, naquele ponto, já era uma absurda noventena em cárcere privado, ou sei lá como chamar. O parque que eu frequentava com minha filha e minha cachorra, e começava a conhecer pessoas, foi fechado aos fins de semana. O condomínio próximo, onde morava minha mãe, virou um lugar chato com pessoas histéricas. Eram poucos os amigos e amigas que se dispunham a alguma vida social. Eu estava de saco cheio e por minha própria conta e risco.

Com o terrorismo a respeito de multas para quem não saísse na rua com uma focinheira na cara, aumentou meu receio de sair, e comecei a adiar minhas caminhadas e corridas. Entretanto, agora já fazia bastante frio à noite, e eu acabava postergando até desistir.

Mas naquela noite, me caiu a ficha de que a pandemia não era o único motivo. Encontrei uma pessoa que me lembrou de 2016, quando eu também deixava para correr com minha cachorra após as

20h ou 21h, no inverno, e que isso não era o ideal. Para encurtar um raciocínio que envolve outros detalhes, o fato é que eu adiava essa atividade física e ficava me sentindo em falta com minha cachorra, também, já que era um dos poucos agrados diários que ela tinha.

Naquele dia, eu saí de casa mais cedo. Eu era obrigado a fazer isso. Eu havia determinado, marcado na agenda, imposto a mim mesmo. Eu precisava passar no caixa eletrônico, que fecha às 20:00. Em seguida, passaria na farmácia. Depois, compraria um lanche, deixaria tudo em casa, e seguiria para um parque onde posso deixar a cadela solta e fazer alguns exercícios físicos. Me senti satisfeito por ter tomado essa iniciativa e determinado a repeti-la.

Antes de sair de casa, em torno das 19:00, reli o prefácio e passei a pensar no que escreveria. Eu sabia que não era bem assim que as coisas funcionavam. Este aqui não é exatamente um livro que se prepara antes. É um livro que se produz *durante* a escrita. É um exercício de permitir maior fluência e espontaneidade. A preparação ocorre, assim como a preparação prévia de quem entra no consultório do analista. A análise é permanente. Mas também quebra parte da espontaneidade.

Eu sabia disso, mas algo me atraía para o antigo hábito, *intellectual*, não sei se é a maneira correta de definir. O hábito de elaborar e “melhorar” o pensamento, antes de colocá-lo no papel, para não colocar tudo o que se pensa, mas somente o que se julga “apresentável”. Somente escrever aquilo que as coisas “são”, *to de best of my knowledge*, e evitar olhar para como esses fluxos de pensamento operam dentro de mim, intimamente.

Então eu queria “preparar” o assunto antes de escrevê-lo. Por isso havia resolvido ler e definir o tema de escrita pouco antes de sair para dar uma volta. Sair é uma atividade que considero intelectualmente ociosa. Já que eu iria caminhar e fazer atividade por cerca de duas horas, por que não *aproveitar* esse tempo e preparar o livro mentalmente? Essa era minha forma tradicional de pensar e escrever. Era minha forma conscienciológica de fazer isso.

Entre 2010 e 2011, durante a elaboração do meu livro *Teáticas*, eu me sentia uma verdadeira máquina de pensar. É curioso como a palavra máquina é usada como uma qualidade, quando nos comparamos com ela, mas a palavra robô, que é uma máquina mais moderna, significa um defeito. A conscienciologia fala de robotização existencial, mas lá na comunidade funcionamos de maneira muito semelhante a robôs. Em fim...

Com as matrizes de trabalho que eu tinha preparado, explicadas em algum capítulo anterior, eu já tinha uma série de temas anotados sobre os quais pretendia escrever. Ao sair de casa para trabalhar, muitas vezes no próprio carro, eu já me concentrava na leitura de algo, durante aqueles 15 minutos. Acho que isso incomodava um pouco minha mulher, que preferiria conversar enquanto dirigia. Mas ela era compreensiva. Ela me apoiava em certos hábitos que copiavam o mestre, mesmo não morrendo de amores por isso, e até me deu de presente a coleção de DVDs do *Monk* e ensinou como baixar *Law & Order* e *Lie to Me*, três seriados que W sempre elogiava.

Eu levava uma folha em branco no bolso e a famosa caneta Futura, igual ao mestre, e tão logo descia do carro, fazia algumas anotações para o livro, antes de entrar no escritório. Nos horários vagos, de intervalo, ou de ida ao banco, algo que eu fazia com muita frequência, não me perturbava com filas ou esperas. Eu sempre tinha um livro à mão, um artigo, ou apenas meditava sobre os temas e ia enchendo aquelas folhas dobradas com ideias. O mesmo se passava no almoço. Até mesmo enquanto me exercitava na academia, eu tomava anotações. Certo dia a instrutora da academia me viu escrevendo e disse: “que chique, escrevendo poesia”. Rimos.

Ela não estava longe da verdade. O estilo vieiriano é mais poético do que propriamente científico. Eu já pensava assim naquela época. Mas o preconceito conscienciológico contra a arte não permite ver e admirar o quanto a conscienciologia tem de arte, o quanto ela é um movimento literário e estético.

Graças a esse meu hábito, muitas vezes eu chegava em casa com o esboço de um capítulo praticamente pronto. Bastava digitar e encaixá-lo no formato da folha. Nos primeiros nove meses de idealização do livro, eu ainda não tinha tempo e nem a concepção final do projeto para conseguir manter uma rotina de escrita diária. Mas a partir do nono mês, isso foi primeiro trimestre de 2010, já fui capaz de separar aproximadamente duas horas e meia diárias para ler ou escrever, e mais algumas horas nos fins de semana. Naquele ano já estávamos morando dentro do *Discernimentum*. No meio da tarde eu caminhava até o *Holoteca*, ficava lá até fechar, às 18:00. Com o passar do tempo, uma das coordenadoras do espaço me elogiou. Eu era uma das pessoas que mais aparecia por lá.

A partir daquele época, eu já imaginava que o livro ficaria pronto dentro de mais nove meses, ou seja, na passagem de 2010 para 2011. Era o tempo de concluir os cerca de 140 capítulos que faltavam, preparar os índices e seções avulsas. Foi exatamente isso que ocorreu.

Era este Flávio que eu estava reproduzindo ao ler o prefácio deste livro antes de ir ao banco – ou como escrevi – “antes de sair de casa”. Mas agora eu não usava tanto papel e caneta. Preferia um pequeno gravador de bolso. Pois era fácil para registrar ideias enquanto estava correndo, ou ocupado segurando a Satori pela coleira. Quando li o “já chegaremos lá” do prefácio, pensei - *preciso escrever sobre esse modo de produção intelectual conscienciológico*.

Peguei o gravador. *Vou pensar no capítulo*. Relutei. *Não é assim, não desta vez*. Coloquei o gravador de volta na caixa. Peguei-o novamente. *Leva, só por precaução*. Sim, é bom registrar as ideias, para que elas não fiquem incomodando dentro da cabeça. Incomodam quando não saem da cabeça mas também incomodam quando as esquecemos. Melhor mesmo é levar o gravador. Guardei-o no bolso. Com essa enrolação – sou enrolado para sair de casa – minha cachorra já estava impaciente, dando piruetas, latindo e chorando, tudo ao mesmo tempo. Ela sabe quando estou me preparando para sair.

Desci correndo a rua com ela. Ao virar a esquina, um estalo. *Que burro!* Era lógico que o gravador estava sem pilhas. Eu tinha costume de retirar as pilhas recarregáveis ao guardá-lo. Eu sabia disso. Intimamente eu sabia disso, e sempre colocava as pilhas antes de usá-lo. Mas isso não é burrice, eu acho. Meu inconsciente confirmava para mim: *não é assim que funciona*. Este livro é diferente. Caminhe com a Satori, corra, faça atividade física. Não precisa correr com seus pensamentos. Não considere isso uma atividade ociosa. *Você vai escrever o que você precisa escrever, quando sentar para escrever. Mas você não pode ficar sentado o dia todo. Você precisa se exercitar.*

No meio do caminho, passando ao lado da biblioteca da UFSC, completamente vazia devido ao lockdown, uma alma viva cruza meu caminho. Devidamente mascarada, essas pessoas nem mais olham nossa cara. Mas esta passou por mim e me chamou. Eu não me lembrava mais da sua voz mas imediatamente sabia quem era. Tentei lutar contra meu pensamento e fiz uma expressão de dúvida. “É C.”, disse ela. Fiz uma expressão de surpresa. *Não te reconheci... a máscara...* Minha expressão corporal se abriu um pouco, e ela: “É... distanciamento...” Como quem se justificava por não dar os tradicionais beijinhos no rosto, à brasileira, ou um abraço, ou como quem pedisse para não ser aproximada.

Ela tinha razão. Não era algo muito seguro a nossa aproximação. Não por causa dessa gripezinha de c@v!d. Mas por causa do nosso passado. Nos envolvemos, mas foi algo bastante agressivo. Eu é que não tenho noção desses limites.

Conversamos um pouco e ela me perguntou se poderia retomar contato comigo. Disse que sim. Ela pareceu querer conversar, mas perguntou-me se estava incomodando. Disse que não, mas disse que precisava ir ao banco antes que fechasse. Tínhamos 15 minutos. Conversamos um tanto e percebi que meu tempo estava se esgotando. Mas nessa hora ela parecia não querer mais parar de conversar. *Preciso ir, mesmo, mas me manda mensagem.* E saí correndo. Ao virar a esquina, o relógio marcava 20:00 em ponto.

Merda, vou perder a hora por causa dela. Mas ainda estava aberto quando cheguei. Deu tudo certo.

Eu havia conhecido C. num contexto muito parecido, praticamente no mesmo lugar em que nos encontramos. Ela estava com sua jaqueta preta, sua touca de inverno, carregando um notebook pesado, da mesma forma como estava naquele dia. Ela me abordou por que eu caminhava com a Satori, uma akita branca, bonita e chamativa. As pessoas me identificam à distância quando estou com minha cachorra, enquanto eu só as identifico de perto, devido ao astigmatismo.

Também era uma época fria e ela puxou minha orelha. Eu precisava tomar cuidado para não abusar do frio. O interesse de C nos dois momentos era sobre minha atividade de parapsicólogo. Tínhamos um amigo em comum – F – que também foi voluntário de conscienciologia, também saiu insatisfeito e crítico do assunto, também cursou parapsicologia. Mas a mensagem daquela noite estava clara. *Eu precisava correr, literalmente, com minha cachorra, e antes das 20:00.*

É uma espécie de sincronicidade. A maioria considera pura balela, invencionice, ou recurso que é fruto da capacidade infinita do intelecto para associar ideias. Talvez seja verdade. Sei que ao ler as palavras acima, elas não produzem em você o mesmo efeito que produzem em mim. Se trata de um simples resumo de uma vivência que condensa inúmeras experiências pregressas, memórias emocionais, significados etc. Mas é o tipo de sincronicidade que acontece quando me envolvo de corpo e alma com questões espiritualistas.

Essa é a maneira mágica que inspira minha arte. É tão irrelevante provar a objetividade de experiências pessoais como provar que uma pintura foi elaborada por inspiração de um sonho. O que importa é o resultado final.

Capítulo 10

O “nome” de G, do Capítulo 2... O nome é G. O que eu não conseguia me lembrar era do sobrenome. Mas o que escrevo é “não consigo lembrar o nome”.

O sobrenome é Chiesa. Claro. Que sobrenome fácil de lembrar. Como pude esquecê-lo. Eu sabia que era fácil. Fácil pois era o mesmo sobrenome de Franciele Chiesa, esposa de Paulo Ghiraldeli. Chiesa é igreja em italiano. Mas eu não conseguia associar G. a Franciele no momento. Só conseguia lembrar de G. Rahal. Este último, eu associava outras duas moças, sem lembrar ao certo qual teria sido sua namorada. Eram duas moças, amigas entre si, que eu achava meio fechadas. Elas não costumavam cumprimentar. Uma até conversava mais. Agora lembro de seu sotaque paulista. G. também era paulista. A outra me lembrava um estilo meio patricinha de Curitiba, daquelas pessoas que você cumprimenta só para se sentir um tonto. Por que cumprimentar alguém que não tem cumprimenta de volta?

Mas é o que venho fazendo na pandemia. As pessoas caminham abafadas em suas focinheiras e sequer olham para o lado. E faço questão de cumprimentar com meu sorriso livre. Se a pessoa não olha, meu sorriso se torna um sorriso de desprezo. Hoje eu me permito sentir desprezo pelas pessoas. O mesmo desprezo que acredito que sentiam por mim.

Franciele Chiesa, eu não conseguia lembrar dela. Esta sim era com certeza cobiçada. Inteligente, simpática, linda de doer, sexy, filósofa, e ainda provocava seus fãs com fotos sensuais. Ghiraldelli era um filósofo que eu admirava em certa época, e que fazia questão de publicar esses ensaios sensuais da Fran, como quem diz “olha a gostosa que eu arrumei.” Eu gostava muito de assistir à Hora da Coruja em 2013. Com o passar do tempo, fui percebendo que os posicionamentos deles eram ambíguos com relação à política. Aquela esquerda que, em momentos críticos, recua e vacila, se transforma em “nem esquerda, nem direita”. Acadêmicos, cuja tarefa é pensar.

Observam as dificuldades do mundo e usam isso para seu prazer estético, sensorial, emocional, que é pensar.

Me incomodava ver Paulo interrompendo Fran com bastante frequência durante o programa. *Ela deveria estar comigo*, pensava eu. *Seria bem tratada...*

Mas foi através deles que me interessei pela Fenomenologia. É uma área que se debruça sobre este interessante objeto de pesquisa que é a “consciência”. Foi assim que percebi como havia um mundo amplo de abordagens, “havia vida inteligente fora da conscienciologia”, como diziam alguns voluntários, na conversa de corredor. Inteligente e muito mais interessante.

Tento lembrar o nome da esposa de G. Chiesa. Esqueci do G. e de sua esposa... Que curioso...

Na noite anterior, quando comecei a escrever este capítulo, eu estava confuso. Após a menção deste último esquecimento, me sentia cansado. Fui dormir, e não eram nem 22:00. Tive vontade de procurar uma música no violão. November Rain. Mas estava sem internet. Peguei no sono. Acordei de madrugada, com muita sede. Bebi mais de meio litro de água de côco e me pus a praticar a música. Vi o dia nascer. Me sentia bem.

Saí desta experiência revigorado mas, também, impressionado. Eu estava extremamente desgostoso na noite anterior. Desanimado. Me voltava a sensação de ser um peixe fora d'água. A mesma que surgiu e persistiu nas consultas com a psicanalista. A mesma que eu sentia quando passei a me aproximar da conscienciologia. Integrado à conscienciologia, eu não me sentia como um peixe fora d'água. Antes, sim.

Sempre me perguntei por que, tendo mais ou menos a mesma idade e educação de meus irmãos, eu me interessei pela conscienciologia, e eles, não. Resumidamente, o resto da vida não me interessava muito. Eles parecem ter se adaptado à vida bem melhor do que eu. Quando criança, tinham mais amigos próximos. Eu era mais introvertido. Tinha mais namoradas. Eu era tímido. Eles tinham mais coragem para se defender numa briga, e eu era

mais medroso. Na música, todos nos desenvolvemos, em termos de habilidades, mas eles parecem ter seguido um caminho mais firme, um método consolidado, o início de uma carreira em orquestra. Eu abandonei tudo. Eles estavam seguros quanto a fazer uma faculdade de música. Eu escolhi economia.

Para minha mãe, eu tinha tomado a decisão mais sábia. Meus irmãos nem quiseram concluir o último ano da escola técnica. Não lhes interessava um diploma técnico em saneamento ou eletrotécnica. Eles queriam mesmo a música. Não demorou para que estivessem ganhando algum dinheiro tocando em casamentos, dando aulas etc. Eu não cheguei a fazer da Economia uma carreira. Nunca quis. E o assunto que mais me atraía, a Economia Política, era algo que não trouxe muito orgulho em casa. Marx. Hein?

Fui me tornando quieto em casa. O envolvimento na conscienciologia deixava minha mãe apreensiva. O gosto pelo marxismo também não lhe agradava. Ela sempre respeitou. Mas estava claro que não era exatamente o que ela sonharia para mim. Minha rotina era ficar no quarto estudando um desses dois assuntos, cuidar do jardim, ir para a faculdade, praticar algum esporte, voluntariar no IIPC. Encontrei meu lugar, inicialmente, na faculdade. No meio do curso, já assistia aos debates da pós-graduação. Vez por outra escrevia para o jornal do centro acadêmico, para depois ficar sabendo que algum professor conservador vinha reclamar para os meninos. “De onde vocês copiaram isso? Não foi aluno que escreveu isso!” Sim, eu tinha talento para escrever. Mas encontrei um lugar ainda mais aconchegante na conscienciologia.

Uma década depois, eu voltava para a casa onde cresci. E voltei a reviver sensações parecidas. Não foi uma volta exatamente planejada, mas parecia uma boa opção. Em 2013 eu morava em Maringá, sozinho, numa casa antiga e relativamente grande, onde podia separar meu escritório de trabalho, um quarto para a tenepes, uma sala para estudos, num bairro calmo, com serviço de ônibus e outras facilidades. Por um aluguel de R\$700. Meu irmão morava

com a esposa na casa de Florianópolis, mas ambos já passavam mais tempo em Curitiba do que na casa, por motivos profissionais.

Eu viajava uma vez por mês para Joinville, devido ao curso de Parapsicologia. Isso era um pouco cansativo. Chegava de madrugada, sentia sono na aula, além do custo das passagens. Mudar para Florianópolis pareceu uma boa ideia. Diminuiria em 8 horas o tempo de viagem para o curso. Não pagaria aluguel, embora aumentassem os custos com manutenção e também o custo de vida da cidade. Meu irmão poderia passar mais tempo em Curitiba, pois agora eu ficava cuidando dos gatos e cachorros da casa. Em menos de um ano, eles já estavam fazendo a mudança.

Com a mudança, aquela casa grande ficou bem vazia e sem decoração. Duas coisas que eu não sentia falta, pelo menos no momento. Demorei um pouco para me ajustar à rotina necessária de cuidar do jardim, da limpeza etc. Eu tinha uma cachorra e aboli o hábito de deixá-la para fora de casa. Em nome de quê? Não trazer pelos e um pouco de poeira? Em nome desses valores estéticos burgueses mesquinhos eu ia me distanciar da única companhia diária que tinha? Nem pensar! Obviamente, a casa não era mais a mesma. No senso comum, diriam que ela é um pouco mais “suja”, já que um cão acaba “sujando” a casa. E também pois minha demanda é de um ambiente funcional, não de uma casa da novela das oito.

E eu não tinha preferências por decoração. Eu estava há 10 anos imerso numa cultura *clean*, paredes branquinhas, com uma mentalidade que despreza a arte. Eu não tinha uma identidade definida. Tinha nascido novamente. Não sabia ainda como, ou por quê, deveria colocar impressões nas paredes, que não eram minhas. Somos homens da caverna. Fazemos inscrições nas paredes de nossas cavernas. Eu imaginava que isso aconteceria em algum momento, mas não tinha pressa.

Mas a mudança da casa causou desconforto em minha mãe. Um desconforto gritante, por ser silencioso. Minha mãe não é nada espontânea quando algo a desagrada. Do contrário, ela perde a sua espontaneidade natural, espontaneidade de quem já está aposentada e

com a vida resolvida. Ela fica muda, silenciosa, olhando para o ambiente, refletindo em como falar da maneira mais diplomática e indireta possível.

“Filho, quer uma ajuda para pagar um jardineiro?” “Eu sei, essas manutenções são caras, né?” “Casa grande dá trabalho, né?”, dizia ela para exercitar uma empatia não solicitada. “A faxineira está indo? Ontem falei com ela para deixar tudo bem arrumadinho pois, sabe com é, né, rapaz geralmente não olha certos detalhes...” “Comprei um biombo para a porta do quarto, pois fica tão exposto para quem sobe a escada, né?” Em aspectos como estes e em tantos outros, meu jeito de ser não lhe agrada, e então ela oferece suas “ajudas”, eventualmente seus “conselhos de mãe”. Foi assim que voltei a me sentir um peixe fora d’água.

Em Foz, eu me sentia curado de tudo isso. Não tinha ninguém tentando interferir no meu jeito de ser. Mas há alguma questão feminina no meio, e acredito que isso tenha a ver com os esquecimentos do início do capítulo. Minha mãe veio visitar-me em duas oportunidades em Foz. Lembro que, em ambas, não senti qualquer pressão. Não sei se o fato era eu estar casado. Havia uma mulher “cuidando de mim”. Eu me senti bem de mostrar o CEAEC para ela. Não foi o passeio dos sonhos para ela, mas parecia um encontro leve. Acho que eu devia tê-los deixado dormir no quarto do casal e ir para a sala. Acho que minha companheira sugeriu isso, mas o correto segundo a conscienciologia era manter “as energias” do quarto com o mínimo de interferência possível.

Logo que me divorciei, senti a intrusividade da minha mãe voltar. Me ligou preocupada. Posteriormente, mandou um e-mail. Lamento não ter guardado. Insistia em tentar “me ajudar”. Não lembro de suas palavras. Mas eu respondi que estava tudo bem e me sentia incomodado com a insistência. Lembro de ela ter dito que minha decisão de separação fora o maior erro da minha vida. Futuramente conversamos sobre isso. Ela não se recorda e considera impossível ter falado isso. Um ano e meio depois, quando me visitou novamente, em Maringá, eu sentia esse desconforto. Não estava à

vontade e falei que sentia que ela estava vindo “vistoriar” o local onde eu morava. Ela ficou magoada, mas também refletiu um pouco sobre o assunto.

Talvez o leitor esteja aborrecido com este capítulo. Não falo quase nada de conscienciologia. Fico remoendo mágoas da minha própria biografia. Mas vou explicar por que estas coisas aparecem.

Seu subconsciente, seu mundo subjetivo, está presente nas suas ações diárias. Fomos dotados de uma capacidade consciente e isso nos conferiu enorme vantagem adaptativa sobre outros seres. Foi assim que povoamos o Planeta inteiro. Uma façanha impossível para outros animais de grande porte. Mas para termos consciência, precisamos também de um mecanismo de descarte, de negação, de abafamento, de sublimação, de repressão, para que não sejamos permanentemente afogados com tudo o que nossa consciência registra. Porém, essas coisas submersas também interferem na vida.

Quando você está bem-adapado, não se sente mal, e vive bem com suas neuroses. Faz as pazes com seus sintomas. Mas quando você não se sente adaptado, se sente um peixe fora d’água, estas coisas submersas começam a ganhar vida. Elas vêm à tona. É sua consciência lhe trazendo lembranças, como quem diz, “procura aqui, vai que seu problema está aqui”. E normalmente está, mas nossa dificuldade é encontrá-lo. Às vezes, estes problemas emergem em sonhos, numa linguagem clara, uma linguagem de hieroglifos, tão clara quanto um agroglifo. Clara para a mente subconsciente. Às vezes eles emergem em fenômenos paranormais. E não por acaso a maior parte das experiências paranormais acontecem durante o sono. É quando o consciente relaxa.

Se estou me sinto mais ou menos desafiado e motivado tocando November Rain, o consciente pensa, está tudo bem. Aquilo me entretém. É setembro, e setembro chove. De lá olho um link. Don’t Cry. Ensaio um pouco. Olho outro link. Patience. Ensaio menos e canso. Tem algo na música. Na conscienciologia também tem, mas é preciso procurar. Não é o que a conscienciologia promete. Se você pensa que irá estudar as técnicas para sair do corpo e isso vai

fazer você sair do corpo, encontrar amparadores, fazer assistência, todas essas promessas, você está muito enganado.

Me senti relativamente bem adaptado na conscienciologia a maior parte do tempo. Mas havia um vazio permanente a respeito dessas promessas parapsíquicas. Eu me articulava bem com outros quesitos, como as habilidades intelectuais e de escrita. Mas havia este vazio. Este vazio não se busca com “técnicas”, mas com métodos, e são métodos introspectivos. Métodos que passam pela Fenomenologia do Paulo Ghiraldelli. Pela Antropologia do G. Chiesa. Não que eu esteja fazendo apologia por esta ou aquela disciplina. O ponto é o seguinte. Se você quer tocar música, toque música. Se quiser estudar biologia, estude biologia. Se quiser fazer uma tese acadêmica em alguma ciência humana, faça. Mas se quiser mergulhar nas entranhas do seu íntimo, que é a promessa da conscienciologia, e é uma porta para o parapsiquismo, sugiro fazer o que estou fazendo aqui. Tentar escutar essa coisa chata, penosa, subjetiva, arbitrária, incessante, excessiva, obsessiva, que são os pensamentos.



Capítulo 11

O outro nome que eu havia esquecido era *Patricia*. Esposa de Chiesa. *Esqueci a Patricia*. Curioso que ainda comparei a namorada do outro G. a uma “patricinha de Curitiba”, e ainda assim custou-me lembrar esse nome.

Patricia não é um nome incomum. Na verdade é o nome de uma ex-namorada. Além disso, é uma ex-namorada de quem lembro sempre que escuto o nome Patrícia. De onde veio esse pensamento que esqueci dela?

Foi um relacionamento rápido, em 2015, que começou um pouco depois do Carnaval e terminou um pouco antes do Dia dos Namorados. Muita coisa eu teria escrito aqui sobre ela se não estivesse ocupado preparando um almoço. O fato é que me coloquei a refletir sobre o que, exatamente, eu tinha esquecido, e que minha mente tentava me lembrar. Até que recordei o contexto em que nos conhecemos.

Um amigo, Moisés, sugeriu irmos na Guarda do Embaú. Em 23 anos de residência em Florianópolis, eu nunca havia ido nesta que é uma das praias mais bonitas e famosas da região. Chegando lá, é preciso atravessar um canal. Moisés atravessou as águas a pé. Eu fui de barco, levando nossas mochilas. Ao meu lado, sentaram-se duas mulheres jovens e bonitas. Começamos a conversar, trocamos contatos e assim por diante. Enquanto lembrava deste ocorrido, me dei conta de que conheci Moisés através da conscienciologia.

No Capítulo 2 falei de só ter me relacionado com mulheres ligadas à conscienciologia. Falei de meu estranhamento a essa ideia, que considerava falsa. Mas o fato é que nunca havia associado a Patrícia a isso. Sim, quando pensei nas mulheres com que me relacionei graças à conscienciologia, *me esqueci da Patrícia*.

Há um pensamento muito presente que é sobre o papel da conscienciologia na minha vida social. Foi a conscienciologia que me motivou a sair de casa. Graças a ela aprendi a morar sozinho e procurar emprego, negociar aluguel. Por meio da conscienciologia,

fiz uma rede de contatos e amigos bastante ampla. Foi por meio dela que fiquei “famosinho”, nas palavras de uma ex-namorada. Foi lá que tive experiências de professor, palestrante, conferencista, autor de livro. Foi onde aprendi a organizar e vender eventos, abrir empresas, gerir reuniões, conversar com contadores. Foi através desses contatos que consegui um emprego que me pagava bem e dava tempo livre. O único emprego fixo com carteira assinada que tive, na verdade. Foi graças à conscienciologia que consegui fazer um pequeno pé-de-meia, sem o qual estaria desesperado hoje, já que não tenho emprego e tenho uma filha bebê para cuidar. Aliás, meu bebê nasceu de um relacionamento também oriundo da conscienciologia. De fato, perdi minha virgindade com uma “consciencióloga”, também me casei com uma consciencióloga, e todas minhas namoradas foram contatos relacionados à conscienciologia. Eu não achava que isso era verdade até hoje, pois tinha me esquecido da Patrícia.

Na conscienciologia eu não me sentia um peixe fora d’água. Boa parte do tempo, em Florianópolis, eu me sentia e me sinto um peixe fora d’água. Com Patrícia não me sentia assim. Acho que, de todas as namoradas, por algum motivo, com ela eu me sentia aceito sendo quem sou. Ela me elogiava e dizia que finalmente havia conhecido um homem de verdade. Ela não se envolvia muito em meus gostos por espiritualidade ou política, mas tinha algo em seu olhar de me aceitar como eu era.

A família dela era crente. Testemunhas de Jeová. Eu denunciava abertamente o golpe que acabava de acontecer contra Dilma e a ascensão da extrema-direita. Ela poderia ser só mais uma a olhar com desconfiança o meu esquerdismo. Ela poderia ser mais uma a me dizer para não me envolver muito com isso. Mas pelo contrário, ela comentou, e foi apenas uma vez: "Você tem ideias boas sobre política. Poderia investir nisso." Eu me derreti. Aquilo valeu mais do que elogios acumulados por várias décadas. Não me lembro de outras duas frases que me fizeram tão bem como essas.

Ela adorava me acompanhar nos passeios que eu inventava para nós. Certa vez fomos andar de bicicleta e, justo na hora mais

quente do dia, estávamos subindo o morro mais íngreme. Estávamos exaustos. Num lugar onde muita gente estaria reclamando, ela dizia que faria tudo novamente comigo. Ainda me apresentou com carícias excitantes dentro da cachoeira gelada que encontramos.

Eu tentava retribuir. Mas necessidades práticas se impuseram. Ela conheceu alguém da mesma religião, que logo se declarou e a pediu em casamento. Então se separou de mim. Em menos de 6 meses, já estavam casados. Me ligou duas vezes depois disso. Numa, dizia que sentia saudades dos nossos passeios. Noutra, estava um pouco assustada pois o marido descobrira nossas conversas e tivera um ataque de ciúmes. De qualquer maneira, não tinha mais volta e os dois estão juntos até hoje.

Conheci Patrícia num barco. Com 13 anos, fiz aula de vela. Eu sabia velejar mas me intimidava com as regatas. Competitividade sempre me intimidou. Mas sempre tive a fantasia de passear de barco com uma garota. Levar meu amor para navegar. Uma vez, consegui fazer isso. Mas ela não dizia que me amava. Permanece esta não-realização. No barco, estou fora d'água. Fora d'água, não deve haver competitividade, deve haver amor. É o amor que motiva a navegar, fora d'água mas pela água, através da água, acima d'água. Com Patrícia, eu e meu amor estávamos no mesmo barco, e eu tinha me esquecido da Patrícia, tinha me esquecido de que ela era uma pessoa que conheci graças às minhas amizades com a conscienciologia.

Era esse esquecimento o que meu inconsciente queria me alertar. A experiência que eu tinha registrado como amor também tinha surgido através da conscienciologia.

Ainda não está claro o que é a conscienciologia, mas se eu não me sentia um peixe fora d'água na conscienciologia, a conscienciologia era a água. Enquanto fui voluntário da conscienciologia, não pensava nesta fantasia de andar de barco com meu amor. Era algo que tinha antes, e depois, quando vivia em Florianópolis. Florianópolis está fora d'água, cercada por água. É uma ilha. Na verdade, um arquipélago.

Enquanto escrevi associações mais ou menos livres nos últimos parágrafos, uma outra ideia pisca, vez por outra, em minha mente. *Política e consciência, postergação entre as duas*. Uma ideia que também é do capítulo 2. Literalmente, “política e consciência, no meio a postergação”.

Se a conscienciologia me deu todas as coisas acima, o que a política me deu? Nada? Só desgosto? Por que insisto em ouvir isso de mim mesmo? E ainda coloco um ponto de interrogação para disfarçar essas afirmações. Entretanto, e por isso, me comoveu tanto Patricia ter me estimulado a escrever sobre política.

Semana passada, uma amiga me falou do concurso para trainee da Ambev. Sabe que estou desempregado. Vontade, não tenho. Quero trabalhar com algo que me dê alguma autonomia, e que não me sinta um robô. Mas mesmo que quisesse, duvido que me contratariam, considerando que tenho um breve passado na militância de esquerda. Até parece que a Ambev vai querer contratar um esquerdista. Um comunista. Ambev, fusão da antiga Cia. Antarctica Paulista com outras do ramo de bebidas. A "Antartica", de cujo quadro diretor W participou.

Capítulo 12

Este arranjo onde conscienciologia me deu tudo e política só me trouxe desgosto é muito semelhante às associações que vieram nas sessões de análise sobre a relação com minha mãe.

Já associei minha mãe com meu sustento. Minha mãe me deu tudo o que preciso. Inclusive em excesso. Ou seja, ela tenta resolver meus problemas, inclusive onde eu não vejo problema. Assim, ela deixa claro que minha maneira de ser, em alguns aspectos, é um problema para ela. Acho que o ponto mais explícito é a política. Então, sem expressar diretamente, acaba ficando óbvio que muitas de minhas escolhas de vida dão desgosto para ela. Eu me vejo muito como alguém que só traz desgosto para a própria mãe. Sei que não é inteiramente verdade, mas é assim que me vejo.

Agora começa a cair a ficha sobre outras afirmações enigmáticas. A ideia de que eu não saí da conscienciologia, mas fui expulso. E de que sou enrolado para sair de casa. A conscienciologia tem total relação com minha saída de casa. Com a separação, a casa havia ficado para a mãe, portanto, a casa da mãe. Quando retornei a Florianópolis, voltei a morar na casa que era da mãe. Muito embora era verbalizado que a casa era dos filhos, e creio que meu pai colocou mais dinheiro na construção da casa e a mesma permaneceu em seu nome até recentemente, a associação forte é entre a casa e a mãe.

Portanto, não saí de casa, não saí da conscienciologia, e pode-se até dizer que continuo enrolado no processo de “sair da conscienciologia”. Há uma função materna pairando nesse mundo imaginário, que se desloca da casa para a conscienciologia, e de volta para a casa.

E quanto à segunda parte da colocação, não saí, *fui expulso*. Este processo de expulsão, o peixe expulso para fora da água. Desde muito cedo senti uma rejeição materna, ofuscada por uma superproteção e uma super-identificação por parte dela. Ela chega a admitir, por vezes, que sou o filho com o qual ela mais se identifica.

O que ela mais admira e com quem ela mais se preocupa. Da minha parte, sinto que ela tenta me colocar num papel que não é meu, e diz admirar qualidades minhas que, quando manifesto, lhe geram desgosto.

Minha mãe sempre fez questão de me elogiar por ser muito inteligente. Geralmente em contextos que envolviam a capacidade de articular raciocínio lógico. Com o tempo, passei a ter ojeriza deste elogio, pois ele surgia em contextos sociais, onde comecei a sentir que o elogio não vinha por alguma ideia minha que a tivesse surpreendido positivamente, mas era uma forma de autoafirmação dela mesma. O que ela queria dizer, na verdade, para quem estivesse perto, e para si mesma, é que ela tinha criado um filho inteligente. Passei a me sentir como um troféu, daqueles que se coloca na estante.

Minha mãe certa vez falou que sua própria mãe tendia a ser muito crítica com ela, e raramente a elogiava. É curioso que nunca observei essa dinâmica entre elas. Deve ser algo muito discreto e íntimo. Como as dinâmicas conflituosas que ocorrem entre eu e ela. Minha mãe jamais gosta de debater alguma discordância desse nível abertamente. Sempre chama para conversar. Abertamente, só gosta de mostrar que tudo corre em harmonia e, se há debates, são sobre coisas irrelevantes como a cor amarela ou verde de uma bola de tênis.

Por se identificar comigo, ela gosta de dizer que sou muito parecido com ela. Talvez seja uma forma de afirmar que eu me identifico com ela. Talvez seja uma forma de escutar uma homenagem, que ela nunca escutou da própria mãe. Mas esta identificação excessiva é impossível de se dar sem uma forte rejeição. A supervalorização do que é parecido revela uma rejeição do que não é parecido.

Por exemplo, ela gosta de dizer que seus filhos são muito parecidos por gostarem de debater. Por não fugirem de uma polêmica. Entretanto, quando eu debatia com ela, ela frequentemente ficava sem argumento e me chamava de chato, cricri, contrinha etc.

Então toda aquela admiração sobre o “filho inteligente” se tornava vazia se a inteligência não corroborasse a opinião da mãe.

Na adolescência eu já comecei a ficar mais calado, pois só sentia que era bem-vindo quando aparentasse ser algo que minha mãe gostasse. Minha mãe sente enorme dificuldade em ser contrariada. Ou faz uma cara fechada ou se entristece, o que me deixava numa posição extremamente delicada. Se eu discordasse dela, seria chato, ou seria o agressor a deixá-la triste. Até questões menores como uma correção gramatical são incômodo para ela.

Por exemplo, ela sempre gostou de me ajudar com exercícios de Português. Acho que na terceira série primária eu já sabia todos os detalhes sobre quando usar crase. Entretanto, certo dia estávamos lavando louça e ela falou algo do tipo “enxagôua”. Expliquei que a sílaba tônica deveria ser “xa”. Eu enxáguo, tu enxáguas, ele enxágua etc. Ela não respondeu “ah, interessante”. Ela não respondeu “ah, eu não sabia”. Ela respondeu “ah, esse é um verbo que as pessoas falam errado”.

De fato não lembro de um momento em que minha mãe tenha dito “concordo com você”. Se ela percebe que está errada em algum assunto, e não é um assunto que afete sua autoimagem, que vá deixá-la triste ou irritada, ela olha para baixo e fala “é”, num ar pensativo, como quem diz: “não consigo contrariar você, mas não vou dizer que concordo, e continuarei pensando em formas de duvidar de você”. Sempre considereei minha mãe muito cética a meu respeito.

O mais incrível é que isso me remete à maneira como a cúpula da Assinvéxis me retratou a W. Pelo menos foi assim que ele me contou. Aqui acredito começar uma história um pouco mais interessante para quem está cansado de minhas lamentações e ruminações psicológicas.

Após pressionarem a Editares a abortar a revisão de meu livro, confuso e inexperiente nessas manobras políticas sorrateiras que não são raras dentro da comunidade conscienciológica, ainda fui falar com W. Ele me disse: “A turma da Assinvéxis veio aqui reclamar de

você para mim. Eles me falaram que o Flávio não aceita críticas e se um dia o Flávio disser *concordo com você*, aconteceu um milagre.”

Aceitar críticas não é virtude nem defeito. Não aceitar críticas, idem. Depende de a crítica estar correta ou não. Mas uma coisa é certa. Pessoas autoritárias cobram de outras que elas aceitem tudo, inclusive críticas, principalmente críticas. E normalmente, não são críticas construtivas. São cala-bocas, reprovações, ironias etc.

Essa “turma” da Assinvéxis, suspeito que necessariamente envolvia F, que fora um dos pareceristas do meu livro, N, que não era mais voluntário da Assinvéxis mas fazia parte do Conselho Editorial da Editares. Ambos tinham algum respaldo de W por terem sido coordenadores da Assinvéxis há não muito tempo atrás. Além disso, era preciso que M e L, atuais coordenadores, estivessem presente, para dar o respaldo institucional. Ambos estiveram presentes na tertúlia em que fizeram minha caveira e na acareação onde a Editares foi instada a encerrar o processo editorial do livro.

No capítulo seguinte contarei essa história do começo. Mas o curioso é como esta representação de “Flávio não aceita críticas” e a mesma com que descrevo minha mãe.

Capítulo 13

No capítulo 7 contei um pouco sobre a experiência de escrever meu primeiro livro *solo*. Aqui irei discorrer sobre as movimentações para promovê-lo quando já estava mais adiantado, e as reações em contrário, que culminaram na tertúlia de 15.01.2012.

Saí do voluntariado da Assinvéxis ao final de 2008. Acabei de ler um documento que traz essa data correta. Eu acreditava que era final de 2009. Acho que isso surpreendeu os voluntários, já que a assembleia para eleger o novo quadro tinha acabado de acontecer. Pelo estatuto, ela ocorre de 4 em 4 anos. Acho que fui o único coordenador a continuar no mesmo departamento.

Eu não morria de amores pelo Departamento Financeiro mas era algo que sabia fazer, e sabia ser indispensável para o funcionamento de uma instituição. Não é uma atividade para a qual muitos se dispõem. No segundo mandato, uma voluntária começou a me ajudar. Mas ela era imigrante e possivelmente não poderia assumir um cargo de direção ou manejar conta bancária e contabilidade.

Eu estava cansado de posturas que desestimulavam minhas iniciativas de pesquisa. Mas não significa que saí revoltado com tudo e todos. Após ~~meu afastamento~~ me afastar (interessante ato falho) do voluntariado financeiro, continuei a assinar os cheques da Assinvéxis por quase um ano, até que surgisse um novo coordenador que pudesse assumir as funções legais e burocráticas. Ou seja, oficialmente, se qualquer coisa errada acontecesse com a conta bancária da instituição, eu continuava sendo o responsável. Procurei manter uma política de boa vizinhança e continuei participando de algumas atividades da Assinvéxis, eventualmente.

Na reunião de desligamento, me propuseram participar de algum outro setor. Mas eu não queria. O problema não era exatamente o setor financeiro. Eu estava saturado de trabalhar com F e N. Estava cansado do desencorajamento, das ironias, deboches. Era um clima pesado, o das reuniões chefiadas por eles. Lembro de

algumas onde F me expôs a respeito de questões do meu trabalho fora da Assinvéxis, as quais jamais tinha se dado ao luxo de conversar pessoalmente. Por alguns meses, trabalhamos juntos na confeitaria da mãe dele.

Eu fazia o trabalho de rua, conforme a necessidade do confeiteiro. F falou na frente dos coordenadores que eu havia gerado um prejuízo de vários milhares de reais para a confeitaria, isso algumas semanas depois que eu não trabalhava mais com eles. Por que não me chamou em particular para falar isso? Até hoje não sei de onde vieram esses números e por que culpar a mim sobre o prejuízo, já que basicamente eu era um office-boy e fazia o que me mandavam.

Em outro caso, ambos entrevistamos uma candidata a voluntariado. São reuniões que devem ser confidenciais. Ao final, os entrevistadores conversam entre si e trocam impressões. Ao invés disso, F preferiu aguardar uma reunião geral para criticar minha conduta na entrevista, dizendo que eu estava desatento a certas questões etc. Eu não sabia me defender, não sabia reagir, então ia sofrendo pequenas humilhações como essa, calado. Ou com alguma resposta inefetiva.

Tenho impressão que F tinha alguma necessidade de afirmação e competitividade a qual precisava descontar em alguém. Frequentemente debochava de mim com uma expressão aparentemente carinhosa, "esse é o Flávio". Uma forma de agressividade passiva. Em momentos informais, se tinha a oportunidade, fazia algum comentário demeritório, do tipo "conheci uma pessoa cabeça-dura igual o Flávio" etc. Em reuniões gerais, não tinha qualquer receio em dizer coisas como "o Flávio pode trabalhar mais".

Eu não sabia avaliar exatamente a situação, mas estava me fazendo mal. Em certo momento da reunião, alguém manifestou estranheza por eu estar saindo justamente numa época em que estava bastante produtivo em termos de pesquisa. Eles dizem que respondi que eu precisava sair da Assinvéxis para pesquisar sobre invéxis. Eu

não lembro de ter dito isso mas sentia ser verdadeiro. Era exatamente o que eu sentia. Naquela época, o estímulo que eu recebia para pesquisar vinha de fora. Da parte da coordenação central, estava acumulando um desestímulo atrás do outro.

Pessoalmente, eu tinha uma relação boa com a maioria dos voluntários. Abriram uma sessão de artigos no website institucional e, como eu estava escrevendo muito, acabei sendo o principal autor lá, pelo menos em número de artigo. Além disso, como eu tinha carro e flexibilidade de horário, e morava perto, conseguia ajudar nos mutirões do terreno onde estava sendo construído o *Campus de Invexologia*. Eu gostava de trabalhar pesado na roça, com meu pai. Plantamos muitas mudas para recuperar uma área de banhado e lavoura.

Em 07/02/2010 organizei no CEAEC o primeiro debate aberto sobre o livro, que na época se chamava *Invéxis: otimizações e evitações*, e estava com cerca de 30% do conteúdo final que eu pretendia colocar. Eu queria colher as impressões até o momento. Os temas também subsidiavam pequenos artigos que eu enviava para a coluna *Consciência em evolução*, no Jornal A Gazeta do Iguaçu. Era uma parceria entre o jornal e o IIPC. Entre eles: adolescência, afetividade na juventude, antiegoísmo, amor possessor, auto-organização, dupla evolutiva, drogas, família, inversão existencial, trote estudantil.

Para o website da Assinvéxis, escrevi sobre: agência de modelos, amizade, casamento, drogas, programação existencial, serviço militar, trote estudantil. Atualmente, os artigos foram todos removidos, afinal a Assinvéxis se colocou numa sinuca de bico. A partir da sua participação na minha execração, como ela poderia manter publicados artigos de alguém que colocava como *persona non grata*. Hoje ainda restam as digitalizações da *Invexoteca*. É uma seção da Conscienciopedia (portanto, uma ferramenta mais independente) onde eu vinha digitalizando o acervo de artigos pessoal e da Assinvéxis.

Procurei também os meios de comunicação, para agitar ideias e divulgar o trabalho. A Comunicons mantinha um pequeno estúdio

de gravação e consegui uma longa entrevista para a *TV Compléxis*, em julho de 2010. No ano seguinte, enquanto aguardava a revisão do livro, também fui entrevistado no programa de rádio que o IIPC mantinha em parceria com a CBN.

Fuçando meus arquivos, percebi que a cronologia de preparação do livro para entrar no processo editorial começou antes do que eu pensava. A entrada foi assinada no dia 19 de agosto. Ao longo da semana seguinte, a Editares solicitou um ou outro detalhe faltante, que foi resolvido no dia 30, quando oficialmente o livro estava pronto para ingressar no processo editorial. Também deixei uma cópia com W, o que é um costume comum entre os “autorandos”.

No dia 21 de agosto, W se manifestou publicamente durante uma [tertúlia](#), com diversos elogios ao livro. Disse estar impactado, que o livro é impressionante, calculado com as técnicas de escrita que ele tinha ensinado, “a melhor coisa que já foi escrita em matéria de invéxis” etc.

Eu havia sugerido a um dos membros do Conselho Editorial para organizar um evento, que seria o II Heterocrítica de Pré-Livro Conscienciológico. O primeiro, ao que me consta, foi sobre um outro pré-livro, *Paradoxos da Conscienciologia*, de Luiz Bonassi.

Nesse período, ficou acordado que a Editares manteria o livro em espera, caso eu quisesse fazer alguma mudança decorrente do evento em questão. A organização de evento é algo que toma tempo e requer participação de uma estrutura, além de concorrer por espaços na agenda interinstitucional, que é bem cheia. No final das contas, não consegui o número mínimo de alunos para o curso, e ele não ocorreu. O resultado é que a revisão editorial só iniciou a partir de fevereiro de 2011.

Não me perturbei com a ideia de ter atrasado em seis meses a revisão editorial. Nesse intervalo tive a experiência de como era promover um livro, organizar entrevistas etc. Também tinha a intenção de economizar dinheiro para financiar a publicação da obra em todo ou em parte. Livros autofinanciados acabam entrando

primeiro na fila de publicação pois, do contrário, a Editares precisa levantar recursos através de pré-vendas etc. E o próprio W sugeria aos autores que deixassem seus pré-livros “descansando” por alguns meses, para avaliar como era o efeito de lê-los após certo tempo. É uma forma de ler seu livro com “outra cabeça”.



Capítulo 14

O que passei a achar estranha foi a demora para receber qualquer devolutiva dos revisores da Editares. No final de março, minha “madrinha” editorial ligou se desculpando e pedindo mais um tempo. Em abril, maio, junho, a mesma coisa. Em julho, recebo um telefonema, onde me perguntam sobre a disponibilidade para ir a uma reunião que supostamente era entre Editares e Unicin, onde discutiriam sobre processos editoriais, e talvez fosse “de meu interesse” participar. Em fim, foi uma convocatória vaga. Como acreditava na boa intenção de todos, sem desconfiar dos processos institucionais que tramitam na surdina, disse que poderia. O que eu teria a esconder? Para mim, pessoas discutindo as ideias do livro eram sempre uma oportunidade. Além do mais, eu faria o que fosse necessário para desengavetar o livro e começar a revisão.

Recebi um e-mail do coordenador da UNICIN, com cópia para o Coordenador da Editares, do Conselho Editorial e da OIC, com os vagos dizeres: “No sábado, 9.7.2011, haverá uma reunião de conciliação que acredito ser de seu interesse”. Eu já tinha ouvido falar de reuniões malandras, de surpresa, marcadas com pouca antecedência e pauta obscura, mas não percebi que agora seria comigo. Já tinha até ouvido alguns voluntários experientes falarem que só participam de reunião com pauta clara, e se desconfiarem dos motivos, levam gravador. Mas eu era inexperiente em muita coisa e não desconfiei, nem gravei.

No dia marcado, aguardei em frente ao salão. Entre os que chegavam, N me cumprimentou com um sorriso aberto e um aperto de mão entusiástico que quase se confundiu com um abraço. Achei estranho. Não era do seu feitio. Ele sempre foi educado mas nunca o vi sendo caloroso. O salão foi aberto e as pessoas foram sentando. Era um grupo enorme de pessoas. Acreditei se tratar de uma reunião geral, na qual algum tópico diria respeito a livros. Jamais imaginei a necessidade de mobilizar tantas pessoas por causa de um livro que estava em revisão.

Estavam lá os pareceristas do livro – F, I, L, M e P –, pessoas que acredito serem membros do Conselho Editorial ou da Editares – C, D, S, U, Y –, representantes do AVA e da OIC – E e R –, os coordenadores da Assinvéxis – L e M – e ainda W e dois de seus usuais leões de chácara – J e D. O coordenador da UNICIN, Z, abriu e presidiu a reunião. Foi só então que ele usou a palavra “acareação”.

Foi aberta a palavra naquela reunião-de-conciliação-agora-denominada-acareação. Eu não tinha queixas. Estava apenas observando e aguardando a devolutiva da Editares. Então C, coordenador da Editares) e N (membro do conselho editorial) começaram a discutir. C se queixava de que N estava tentando interferir num livro cujo processo estava em revisão. Reclamava da ingerência deste último, já que cabia aos pareceristas trazerem suas observações ao autor e as diferenças seriam discutidas em reuniões próprias.

Os três pareceristas (F, I e L) tinham aprontado seus pareceres entre abril e maio. Por alguma insistência que não ficou clara, que aparentemente veio de N, a editora precisou buscar mais outros dois pareceristas. Acho que o tiro saiu pela culatra para quem não queria que o livro fosse publicado, pois estes últimos pareceres foram os mais encorajadores de todos. C achava descabido e precipitado chamar para acareação com várias instituições um autor que não tinha sequer recebido a devolutiva da editora até o momento.

Dava impressão que F e N tinham medo de que eu publicasse o livro, pois eram os únicos que se irritavam a respeito da minha iniciativa autoral. Foi assim que começaram a atravancar o processo, e parece que usaram suas influências na Assinvéxis e no Conselho Editorial para “envolver todo mundo”, assim legitimando uma decisão com a mão-de-ferro de W, já devidamente “assessorado” por eles a mandar abortar a obra. Essas coisas acontecem de maneira muito sorrateira, na surdina, em linguagem ambígua, portanto é muito fácil negar, dizer que “não foi assim”, e muito difícil apresentar provas. Mas só posso apresentar minha versão do

ocorrido, já que eles não se furtaram de me atacar publicamente com afirmações falsas.

A discussão entre C e N se arrastava e não evoluía. Me parecia muito clara a posição do coordenador da Editares. Esperem a editora dar a devolutiva para o autor, esperem o autor ler as devolutivas e revisar o livro. Não havia conflito entre eu e a Editares, nem motivos para acreditar que haveria. O que estava se dando ali era uma ingerência sobre o trabalho editorial.

Foi quando W interrompeu a discussão, levantou-se e desancou a falar de maneira autoritária. Segundo ele, o livro estava criando conflitos, portanto a editora deveria “devolver os originais para o autor, dizer que o livro não presta e mandar engavetar”. Também ameaçou, “se um livro desses for publicado, precisa ser queimado em praça pública.” Jogou sobre mim a culpa sobre aquele conflito. Deu um tapinha nas costas de N e disse, “você fez certo, e ainda te chamam de implicante.” Retirou-se imediatamente do recinto. Foi quando comecei a desconfiar de uma articulação na surdina.

Seus cães de guarda se encarregaram de manter o clima de pressão psicológica sobre a reunião. Quando aparentemente me passaram a palavra, fui interrompido a cada frase que tentava completar, por J, que gritava “seja breve”. A única frase que consegui completar foi “todos aqui falaram pelo tempo que quiseram, e agora me interrompem mandando ser breve”. Mas continuei sendo interrompido. R ameaçava com um tom passivo-agressivo: “Flávio, leva seu livro para casa, com calma... você tá vendo que não dá para publicar, então se insistir pode acontecer algum acidente de percurso...” São os medos que se inculcam nos grupos controladores. As ameaças do além, que às vezes não são de tão além assim.

A lógica do opressor é sempre inverter a responsabilidade e atribuir a culpa do ataque ao próprio oprimido. Mas o fato é que, se essas coisas paranormais existem de fato, os "assediadores" ou "magos negros" são eles próprios. R pode até insinuar que meu livro

está "assediado" mas a pergunta que se deve fazer é assediado por quem? Por ela e seus comparsas.

No exato momento em que esta reunião inquisitorial acontecia, uma das cachorras que abrigávamos ali naquele complexo resolveu atacar um cavalo, e o carroceiro se defendeu com um golpe de faca que matou a cachorra. No exato momento em que a tertúlia de 15.01.2012 aconteceu, também um gato de minha namorada morreu. Nenhum animal morreu em momentos importantes da elaboração do livro. Eles morreram em sincronia com esses linchamentos organizados pelas lideranças conscienciológicas. Eu assumo a responsabilidade de cada vírgula escrita em meu livro, de cada iniciativa tomada por mim. Mas enquanto eles não assumirem as responsabilidades por seus próprios atos, continuarão agindo como assediadores.

Chegou-se à conclusão de que havia “algum conflito” envolvendo a Assinvéxis, e assim deliberou-se que os voluntários da Assinvéxis ali presentes e eu faríamos sessões de consciencioterapia com a OIC. A outra deliberação era de que a Editares devolveria o livro e os pareceres para o autor mas não continuaria o processo editorial. A Editares protestou, num esforço para manter sua aparente autonomia, e disse que se reuniria apenas entre os pareceristas para dar a devolutiva. Mas o fato é que ocorreu conforme determinado nesta acareação.

No dia 16, recebi o parecer “oficial” da editora, dizendo explicitamente o seguinte: “Conforme reunião de acareação entre Editares, Assinvéxis, Unicin, OIC e autorando, com a participação de [W], entre outros interessados, ocorrida no dia 09 de julho de 2011, o Conselho Editorial da Editares devolve os originais ao autor, dinte da decisão conjuta da não publicação da obra em questão na atual versão. A título de contribuição para a qualificação autoral, entrega também os comentários dos pareceristas [F, I, L, M e P]. O Conselho Editorial ratifica ainda, conforme sugerido anteriormente, que os processos de relação entre autorando e outras pessoas relacionadas à Assinvéxis sejam trabalhados nas instâncias adequadas.”

Para bom entendedor, meia palavra basta. Havia “processos de relação entre autorando e outras pessoas relacionadas à Assinvéxis” que, ao invés de serem trabalhados “nas instâncias adequadas”, foram meter o bedelho no trabalho da editora, ferindo sua autonomia e pressionando o envolvimento de outras instituições para uma “decisão conjunta de não publicar a obra”. Ou seja, a Editares recrutou 5 pessoas, que deram seus pareceres e, conforme o trâmite normal, autor e pareceristas seguiriam discutindo o trabalho. Ao invés disso, predominou a decisão política, de quem se articulou com instâncias hierárquicas superiores, ordenando o abortamento do livro, ratificada por mais de 20 pessoas presentes na reunião, que na esmagadora maioria não haviam lido o livro.

Curiosa também era a posição absolutamente contraditória de W. Na tertúlia de 21 de agosto, o livro era impressionante, magnífico etc, mas na acareação, o mesmo livro, exatamente o mesmo, precisava ser queimado em praça pública.



Capítulo 15

Encerrada a reunião, eu estava em letargia, sem saber exatamente o que pensar do que havia acontecido. Mas, a princípio, não havia o que temer. A Editares tinha se posicionado que iria “se reunir com os pareceristas e decidir o que fazer”. A “turma da Assinvéxis” se aproximou e perguntou se sábado seria um dia bom para marcarmos a tal “consciencioterapia” com a OIC. Falei que sim. Foi quando F mencionou ter ficado “puto” com a reunião de 2009, onde mostrei o livro aos voluntários da Assinvéxis. Falei a todos, “nos vemos na OIC”, e me retirei.

Dias depois, N me responde que eles não viam mais motivo para a consciencioterapia. Não liguei as pontas na hora, mas depois ficou claro o motivo. A Editares já tinha encerrado o processo editorial, portanto, para que eles iriam querer fazer terapia de grupo com o autor? Tinham atingido o objetivo.

Procuro imaginar o que estava acontecendo na surdina, para que chamassem mais dois pareceristas além dos três usuais. Ainda mais, considerando-se que a devolutiva já estava demorando. Os três pareceres iniciais foram mais críticos. L pontua a maior quantidade de tópicos que, nos seus dizeres, “merecem atenção” ou “devem ser revistos”. F introduz o parecer com afirmação bem clara “ainda não se encontra no estágio de publicação”. I encerra o parecer grifando que eram necessárias “sérias revisões.” Ou seja, estava bem claro que os pareceristas estavam atentos, eram críticos, e não havia motivo para achar que a Editares publicaria algo que contivesse absurdos. Mesmo assim, parece que “alguém” continuava descontente e preocupado. Assim, a Editares chamou mais dois pareceristas. M e P.

Estes dois pareceres fazem mais elogios do que os primeiros, e isso deve ter sido um tapa na cara dos que queriam engavetar a obra. Coloquei em anexo os pareceres completos, para que o leitor possa ter uma ideia sobre como funcionava o processo de revisão.

Em casa, com o parecer negativo da Editares, esperei alguns dias para mexer no livro, até porque aquele ano estava mais atarefado

que o normal. Estávamos de vento em popa com os preparativos para fundar a Assipi. Eu seria o coordenador financeiro. Aceitei com prazer. O clima de trabalho era muito estimulante, eu vinha colaborando no grupo havia seis meses e voltava a sentir o desenvolvimento parapsíquico.

Dias depois, cruzei com P nos corredores:

- Cara, você tá bem? Que coisa louca...

- Pois é...

- Você não quis chamar sua companheira para a reunião?

- Eu não fazia ideia que era uma armação. Se não eu tinha levado é um gravador.

- O que você vai fazer agora?

- Sei lá.

- Seguinte... Acata... Acata o que te disserem para fazer.

Aquelas últimas palavras me fizeram cair uma ficha que até então eu me negava a ver. Eu sabia que a comunidade conscienciológica era obediente a W. Já tinha ouvido falar de politicagens como a que aconteceu comigo. Algo muito parecido aconteceu com minha companheira, quando um dos leões de chácara foi a uma reunião da instituição dela, não para discutir mas para entregar a mensagem: todos tinham sido destituídos de seus cargos de coordenação, que agora estavam provisoriamente sob a supervisão de outra pessoa, indicada por eles.

Há algum tempo ela também havia sido surpreendida com a destituição de cima para baixo de um antigo coordenador da Conscius. Os boatos de corredor eram que ele sofria de megalomania. Era uma pessoa que eu gostava muito e fiquei sentido por isso. Ele ficou algumas semanas meio afastado e depois retornou, para algum cargo sem poder decisório.

Mas era como se eu não quisesse dar importância para estas coisas. Sim. Eu tinha vindo para um grupo que se proclamava defensor de valores evoluídos, mas praticava os golpes mais baixos e sorrateiros. De pessoas que falam sobre transparência, acolhimento, “maxifraternismo”, conciliação, “interassistência”, mas articulam

tribunais semi-secretos autoritários, acusatórios, beligerantes, assediadores. De um grupo de instituições que se dizem independentes, mas agem na base da pressão, da ingerência umas nas outras, e servem como ferramentas para fazer valer a vontade de poucos líderes. De um líder que se apresenta como defensor da “democracia pura” mas é um completo autocrata. De um discurso a respeito de “não ter rabo preso”, “pensar livremente”, “seguir a própria consciência”, que esconde uma prática que é baseada na obediência ao arbítrio de poucos.

Acata? Aquilo não soou bem. Mas difícil é falar o que penso. Eu não sabia nem o que pensar.

Esqueci de mencionar um detalhe ocorrido na acareação. Os representantes da Assinvéxis começaram a reclamar também de um verbete, que eu havia publicado na Enciclopédia da Conscienciologia, chamado “cenati” ou “cenatin”, sigla para Centro de Atenção ao Inversor Existencial. Essa era uma ideia antiga, desde a época da fundação da Assinvéxis. Propus escrever o tema para a equipe da Enciclopédia, e fui aceito. Passei a escrever. É um processo que dura vários meses, entre a proposta inicial e a apresentação em tertúlia. Os coordenadores da instituição não viram isso como agitação de ideias, viram isso como “ingerência”.

É o mesmo comportamento que se repetia desde a fundação da instituição, quando fecharam a lista de discussões aberta e os temas se tornaram reservados às reuniões, para que se mantivesse sob o estreito controle dos coordenadores. E quando falo dos coordenadores, não me refiro a todos, mas a dois ou três que conseguem ter o verdadeiro poder de comando. Em fim, uma dinâmica tão controlada e fechada quanto a das corporações de ofício e sociedades secretas do Século XIV, ou das empresas convencionais e seus “sigilos industriais.” Assim funciona a bela e evoluída “instituição conscienciológica”.

Pensando sobre o verbete, na segunda-feira posterior à acareação, escrevi para a Enciclopédia: “Acredito que depois do ocorrido na acareação de sábado seja melhor deixar o verbete

Cenatin de fora da Enciclopédia (ou em stand-by, como preferir). Não quero continuar a colocar lenha nesta fogueira. Vamos segurar por agora. Se um dia o clima estiver favorável, nada impede que cheguemos à conclusão que ele pode ser publicado.”

Mais tarde você verá como eles não economizam maldade na hora de criticar alguém. Qualquer pessoa em sã consciência percebe que o parágrafo acima é uma tentativa de evitar novos episódios como aquele. Eu estava desgastado. Gostando ou não, estava “acatando”. Mas posteriormente, tanto W como outros voluntários distorceram até este episódio, nas suas tentativas desesperadas de retratar este autor como a pior pessoa do mundo. Passaram a falar que “Flávio é o *único* autor a ter um verbete removido da Enciclopédia.”

Mais tarde vamos falar um pouco sobre o fato de a equipe da Enciclopédia da Conscienciologia começar a remover verbetes de autores que não são mais voluntários da instituição.

Mas o que é preciso ficar claro aqui é o seguinte: não pense que você irá encontrar um grupo de “amizades evolutivas”. Sim, você pode fazer muitas amizades, pode aprender muita coisa, desenvolver muita coisa, não há dúvida. Mas apenas enquanto estiver disposto a obedecer o arbítrio das lideranças. E quando não andar na linha, você corre o risco de ser tratado como lixo. W não está mais vivo, mas deixou muitos discípulos que aprenderam a aplicar esse padrão de liderança. Pelo menos foi assim até 2012, na minha saída, e ouvi relatos de ocorrências semelhantes nos dois anos seguintes. Talvez tenham se corrigido. Tomara. Mas acredito que não.

Após o e-mail de segunda-feira, uma das revisoras da Enciclopédia veio falar comigo. Sugeriu que eu conversasse com W. Inclusive, parecia algo necessário, já que ele continuava sendo o organizador da Enciclopédia. Lá fui eu, na quarta-feira. Foi um ato curioso. Eu podia ter simplesmente pensado “danem-se, a Enciclopédia é deles, eles que tirem se acharem que precisam”. Mas não, lá fui eu, querendo mostrar que estava aberto ao diálogo. No fundo, fazia sentido. É uma forma de negar que fui tratado como

lixo. A esperança é a última que morre. Havia um pingô de esperança que tudo fosse apenas um mal-entendido, e de que eu não estivesse no reino de um déspota, mas numa associação organizada por pessoas sensatas.

- Falei para a equipe da Enciclopédia que eles podem tirar o meu verbete “cenati” , já que a Assinvéxis reclamou na reunião.

- Está certo. É melhor assim... Escuta, e como está o livro?

- Editares me devolveu e encerrou o processo.

- É bom. A turma da Assinvéxis tinha vindo aqui reclamar de você. Eles falaram que você não aceita opinião e que se um dia você concordar com alguém, aconteceu um milagre.

Foi quando caiu a ficha da politicagem. Feito crianças, eles vieram pedir socorro para o papai W. *Snif snif, Flávio está escrevendo um livro, não deixa! Não pode!* Como crianças que começam a brigar durante um jogo de bola. E o pai, superprotetor, supercontrolador, entra na birra feita pelos filhos, para mostrar que tem autoridade, e tira a bola. Acha que, assim, as crianças passarão a se entender. Ledo engano. Eu simplesmente fui atrás de outra bola.

Minhas ilusões a respeito de W se desfaziam de maneira acelerada. Como que ele havia elogiado imensamente o livro, após ler, e depois o condena como uma porcaria? Sempre extremista, tanto no elogio como na crítica. Autoritário. Caiu o mito de se tratar de um sábio com conhecimentos paranormais.



Capítulo 16

Algo aconteceu um mês depois da acareação. Me separei de minha companheira. Não vejo conexão entre o episódio do livro e a separação. Antes do ocorrido, já vínhamos nos distanciando. Creio que eu já tinha manifestado que não estava me sentindo bem com esse distanciamento. Não sei bem o que se passava com ela. Não sei dizer o quanto estava feliz comigo ou não. Éramos duas pessoas meio travadas na hora de falar sobre os sentimentos. Preferi causar o mínimo de impacto com minha decisão e sair da casa onde morávamos. Deixei o carro com ela provisoriamente, pois morava longe, e arrumei um apartamento pequeno mais próximo ao Centro. Que sequer tinha garagem. Isso é só para explicar que passei bastante tempo ocupado naquele mês de agosto.

Acredito que só voltei a revisitar o livro em meados de setembro. Também parei para olhar minuciosamente os pareceres. O processo editorial tinha sido abortado, mas ainda assim eram opiniões que não custaria ler. E relendo o livro, não tive dúvidas. Eu o publicaria! Todo aquele discurso negativo e assediador da acareação se desfez. Era um livro do qual eu me orgulhava. Agora eu entendia um sentido maior da expressão “gestação consciencial”.

Na verdade, a analogia entre gestar ideias e gestar filhos já vem de Sócrates, da *maiêutica*, mas W, literalmente um devorador de autores, não gosta de citar outros pensadores. Gosta de ser o único, então apresenta a analogia como se fosse invenção sua. Mas sim, aquilo era uma gestação. Era o meu filho. Ninguém ordena uma mãe a abortar, muito menos quando o filho está próximo a nascer. E ninguém poderia me ordenar a não publicar aquele livro.

Agora eu era a mãe e o livro era o filho. Isso faz-me pensar na maneira como me relaciono com meus livros hoje, e na maneira como a relação mãe-filho é representada no meu imaginário. Mas não vamos entrar nesse assunto por enquanto.

Para as pessoas mais próximas, passei a mostrar as próximas versões do livro (enigmática essa repetição da palavra *próximas*). Ou

seja, comecei a mexer no livro a partir dos pareceres. Se o leitor se interessar, pode comparar os pareceres com a versão final, ver o que foi atendido ou não.

Acredito que algumas das lideranças conscienciológicas não entendem o significado da liberdade autoral. Uma editora deve ser livre para publicar o que quiser. Um escritor deve ser livre para publicar o que quiser. Se editora e autor têm interesses em comum, fazem uma parceria e publicam o livro. Se as diferenças forem consideradas inaceitáveis, seja para o autor, seja para a editora, não haverá parceria, o que não significa que não haverá livro. O escritor pode contratar uma gráfica e imprimir sua obra.

Ao longo das primeiras semanas de reflexão, comecei a escrever uma carta para cada um dos envolvidos na acareação. Em meus arquivos, elas datam de final de agosto e início de setembro. Colocarei nos anexos para que o leitor tenha uma ideia do meu estado de ânimo. As três cartas têm conteúdos parecidos e repetidos, mas são para entidades diferentes, então as coloquei integralmente. A única carta que imprimi foi para a coordenadora da Assinvéxis. Eu teria me esquecido dessas cartas, se não tivesse guardado os arquivos digitais.

Hoje, relendo as cartas, tento entender por que não as entreguei. Acho que sei por quê. Não iria adiantar. Eu já tinha entendido a dinâmica. Eu já tinha percebido o nível de diálogo da acareação. Qualquer vírgula era usada contra mim. Que diferença as cartas poderiam fazer? Talvez só servisse para tentarem sabotar novamente o processo. Em fim, eu tinha ficado com medo, e quem tem medo, se esconde, disfarça, oculta, faz o que é possível para evitar o ataque.

A Assinvéxis não iria mudar de ideia sobre eu publicar meu livro. A Editares não teria independência para retomar o processo sem o aval de W. E o mestre não daria o aval sem o aval de F e N. O mais provável é que apenas usassem essas cartas como mais munição contra mim em alguma nova execração. Então desisti. Passei a

aceitar a ideia de que eu precisava decretar minha independência dessas pessoas.

Provavelmente algum sabido vai dizer “você devia ter entregado essas cartas”. É fácil ser engenheiro de obra pronta. São reações automáticas de quem acha que conhece certas armadilhas e assim acredita estar imune. Se o leitor já passou por algo assim, certamente ouviu, *a posteriori*, um milhão de conselhos sobre como devia ter agido. Normalmente de pessoas que nunca moveram uma palha sequer para ajudar, mas agora querem fazer de conta que se importam e que se importavam.

O fato é que eu já tinha presenciado conspiração suficiente para continuar dando munição pessoas como aquelas. Eu havia esperado um ano inteiro, com o livro parado na editora, devido a politicagens. Por quanto tempo mais iriam me enrolar? Longe de mim ficar com o livro parado por anos nas mãos da Editares. Não havia saída. Ou eu buscava uma gráfica e publicava por minha conta, ou veria meu livro abandonado.

Em novembro eu já tinha visto, revisto, passado e repassado o livro. Conhecia-o de cor e salteado. Já estava na hora de desovar. A desova do peixe... fora d'água? Em fim. Já estava caindo de maduro, passando da hora. Como o meu parto. Atrasado e com o cordão umbilical enrolado no pescoço. Enrolado para sair de casa. Interessante como essa digitação espontânea traz associações inusitadas.

A cronologia foi perfeita naqueles meses. Apesar do gasto com a mudança e mobília do novo apartamento, décimo terceiro salário, consegui guardar aproximadamente 5 mil reais até janeiro. Foi algo que me chocou. Em oito anos de Foz do Iguaçu, jamais conseguira guardar cinco mil reais, muito menos num intervalo de poucos meses. Geralmente alguma sobra eu usava com cursos e livros. Minha "ex" comprou meu carro por 10 mil. Pedi um empréstimo de outros 5 mil para meu irmão, com a promessa de pagá-lo 10 mil em um ou dois anos. Pronto, eu estava com 20 contos, que era o necessário para contratar uma gráfica.

Dei entrada na gráfica, pagando 50%. No início de dezembro eu tinha uma viagem marcada, a trabalho. Deixei com a ex um cheque nominal com o restante. *Se algo acontecer comigo, o livro chegará no seu endereço em algum momento de janeiro, e você deposita este cheque para eles.* Eu não queria que nada desse errado. O livro seria publicado mesmo que o meu avião caísse no oceano.

Vinte mil era bastante dinheiro. Menos da metade disso seria suficiente para fazer uma publicação barata, mas eu queria capa dura, tiragem de 1.500 exemplares, papel pólen de gramatura boa. Tinha chegado até aquele ponto, queria dar tudo para meu filho, meu bebê, primogênito como eu. Deixo para o leitor avaliar se foi uma boa escolha. Tenho sentimentos ambíguos sobre isso.

O livro chegou, numa sexta-feira, 13 de janeiro de 2012. Meu dia de sorte. Era uma pilha de caixas com 2 metros de altura. No dia seguinte, levei algumas caixas para a livraria do CEAEC, e deixei um exemplar com W. Como de costume, o início da tertúlia é um dos momentos em que os voluntários o procuram para dar algum material. Olhei-o nos olhos e disse, está aqui meu livro, publiquei de forma independente. Ele anunciou o livro no início da tertúlia e os participantes aplaudiram.

J, que sentava próxima a ele, olhou para onde eu estava, sorriu e me parabenizou. Pensei, que jogo de fingimentos esse. Ele não leu o livro mas, se W elogia, ele aplaude. Se W condena, ele esbraveja. Afinal, estamos numa comunidade científica, ou num grupo de pertencimento, onde o jogo todo é mostrar-se fiel e ser aceito por ele?

Naquela mesma tertúlia, W anunciou o livro, que foi aplaudido pelos presentes ([link](#)). Distribuí para quem quisesse, na livraria. A notícia se espalhou rápido e logo eu estava numa mesinha com uma pequena fila para autografar. Todo mundo gostava de um novo livro. Além do mais, em se tratando de distribuição gratuita.

Mais para o final da tertúlia, vi uma reunião ao lado de fora da livraria. Eram ou 5 ou 6 figurões, que também participaram da acareação, e estavam visivelmente irritadas. Muitas pessoas já saíam

da tertúlia, que encerra oficialmente às 14:30, e o movimento da livraria aumentou. Pouco depois das 15:00, o movimento já estava mais baixo e uma voluntária me traz o seguinte recado: “W disse para você vir na tertúlia de amanhã, pois ele vai destruir você e o seu livro.”

Realmente, se tratava de um feudo político, de pertencimento, de aceitação. W havia pego um livro de 500 páginas antes de iniciar uma aula. Ao final da aula, rodeado pelo mesmo grupo de dirigentes que organizou a acareação, numa conversa que não pode ter durado mais de 15 minutos, formou uma opinião completamente beligerante, a ponto de resolver “destruir autor e livro.” Muito antes de poder “ler com calma” a publicação, como disse que faria.

Quando voltei para casa, já tinha claro para mim que não iria à tertúlia do dia seguinte. Meu trabalho é para avaliação racional. Que interesse eu teria num convite para brigar? W parece não distinguir a diferença entre um debate racional e um duelo beligerante, e esse vício também é visto nas manifestações de seus admiradores. Duelo é quando os dois perdem. Debate é quando os dois ganham. Além do mais, quando me chamaram para uma “reunião de conciliação”, se tratava de um linchamento. Imagine o que estariam planejando quando me chamavam para ser destruído.



Capítulo 17

No dia seguinte, domingo, 15.01.2012, acompanhei a tertúlia pela internet enquanto almoçava. A própria equipe do Tertuliarium havia me ligado para saber se eu viria no linchamento. Uma ou outra pessoa, futuramente, falou que eu deveria ter ido. Houve até quem falasse: “se fosse comigo, ah, eu teria ido e botado a boca no trombone.”

Caro leitor, a coisa não funciona bem assim. Se você é do tipo que “bota a boca no trombone,” sua relação com a conscienciologia será diferente. Ou você fará parte da pequena diretoria, e “botará a boca no trombone” para dar ordens aos voluntários, ou você será tratado como “antagônico”, “assediado”, e sua relação com a comunidade será distante. Se você é do tipo que “bota a boca no trombone”, você possivelmente não é do tipo que busca acolhimento numa comunidade, que é mais ou menos o que eu buscava, e mais ou menos o que a comunidade conscienciológica promete.

Quando se busca acolhimento, se está disposto a estabelecer uma relação de trocas, o que a conscienciologia gosta de chamar, rebuscadamente, de *interassistência*. Eu não pretendia, nunca fui educado para, e inclusive temia, uma relação de confronto, que é o significado de “botar a boca no trombone”. É a disposição de falar mais alto. Para mim, sempre foi difícil falar o que penso. Sempre foi mais fácil escrever. Eu queria ser apenas livre para escrever o que penso. Nunca impedi os outros de escreverem o que pensam, e não aceitava ser impedido, como tentavam fazer.

É curioso como ainda é difícil saber como começar a relatar um episódio como o daquela tertúlia. É como se os primeiros 16 capítulos deste livro fosse apenas uma introdução ao que viria. Eu entendo perfeitamente por que líderes como W, e grupos como o dele, adotam reações desproporcionais contra o que acreditam lhes ameaçar. A prioridade é realmente aniquilar a pessoa. Matar implicaria um preço muito alto. Portanto, precisam concentrar todo esforço em silenciar. Para isso, investem o máximo em se mostrarem

ameaçadores, procurando intimidar a vítima e, assim, deixá-la na defensiva. E fazem o possível para colocar a comunidade inteira a seu favor e contra o alvo. Os que acreditarem na versão oficial se revoltarão contra a pessoa. Os que não acreditarem, terão medo de questionar e sofrerem retaliações semelhantes.

Oito anos e meio depois, vacilo a cada linha em que tento explicar o evento. Escrever é escutar vozes e as vozes que escuto são invariavelmente acusatórias. Se eu resumir a tertúlia, estarei simplificando demais, não me darão crédito, a história parecerá inacreditável demais para ser verdade, faltará contexto, dirão que sou injusto e que estou fazendo recortes. Se eu detalhar, serei repetitivo, reclamarão que já está entendido e que não há motivo para me delongar. Dirão que meu texto é chato e cansativo. Em resumo, escrever é escutar vozes, e as vozes que escuto quando tento escrever sobre a tertúlia me mandam ficar calado.

Nasce uma vontade de rever o vídeo do evento. Ele foi transmitido ao vivo pela internet, como é praxe das tertúlias. Não demorou para ser republicado por cerca de meia dúzia de canais. Coisa de um ano depois, os vídeos haviam sido removidos, não sei se por iniciativa do Youtube ou dos canais, ou de ambos. Pessoa do alto escalão da comunidade me comentou que o Youtube entrara em contato com o Tertuliarium questionando sobre o vídeo. Essas histórias não são claras mas qualquer youtuber está acostumado a receber e-mails do servidor questionando sobre vídeos considerados inapropriados, etc, portanto, é possível que os canais tenham recebido e-mails do servidor, seja solicitando a remoção, seja informando a remoção.

Após dois ou três anos, o jogo havia virado a meu favor, e o vídeo era um material compartilhado entre os espiritualistas independentes, como evidência do que era chamado o “suicídio moral” da conscienciologia. As pessoas estavam curiosas para assistir a esse tal “linchamento”. Eu já era conhecido e acessível facilmente nas redes sociais, e ninguém acreditava que o evoluído W

tivesse dedicado duas horas inteiras para me chamar de psicopata por causa da publicação de um livro.

Os curiosos já tinham lido meu livro e não encontraram nada dos aparentes absurdos que levaram W e outros voluntários à beira da histeria, tirando inclusive artigos “científicos” e notas públicas em nome de instituições, para me condenar. Parecia inacreditável. Pelo menos um internauta, até onde sei, republicou o vídeo, com o título “Publicação cosmoética tratada anticosmoeticamente” ou algo parecido. Não sei se ainda está disponível.

O mais marcante no vídeo foi W ter me chamado, por mais de 20 vezes, de psicopata. Junto com essa expressão, outras para aumentar a dramaticidade do seu teatro. “Só falta algemar”, “traidor”, “cascavel”, “precisa de camisa de força”, “precisa chamar a família dele e mandar internar”, “masoquista” entre outros.

Neste sentido, W replica erros que não são exclusivos da conscienciologia, mas cometidos por ela. O primeiro é tentar dar uma aparência científica para ideias erradas, falhas ou superficiais. Talvez eu fale mais sobre este assunto aqui. Também o menciono com mais detalhes na biografia de W, que estou escrevendo. A evolução de seus escritos aponta para isso, na forma cada vez mais rebuscada. Inobstante, é uma marca presente em W desde sua estreia como autor espírita, com Chico Xavier, no *Evolução em dois mundos*.

Psicopata é uma palavra. Seu significado se transforma conforme o uso, como deve ser com qualquer palavra. Longe de mim querer tornar certas palavras de uso exclusivo de alguma classe, como a de médicos ou psicólogos. Mas na condição de livres-pensadores, cabe a cada um de nós fazermos o melhor uso possível das palavras, dentro de nossa capacidade, visando a compreensão mais verdadeira das coisas.

Psicopata é uma palavra de poder, já que costumava ser bastante empregada por profissionais, tanto do ramo policial quanto médico-psicológico. Seu uso flexível é extremamente conveniente para perpetuar uma cultura criminalista e excludente na sociedade.

Após as revoluções burguesas e suas constituições, se tornou um pouco mais difícil condenar alguém sem crime. Pelo menos no papel, ninguém podia ser condenado por estar “possuído pelo demônio” ou coisa do gênero. A ciência inclusive desenvolveu a compreensão de que certos problemas comportamentais não se devem a uma falha moral, a um “demônio”, mas a distúrbios orgânicos, dos nervos ou de outros órgãos, as neuroses, os humores etc.

Como manter a população oprimida o suficiente para que não saia do controle? Este é um problema permanente colocado pelas classes dominantes. A partir do Século XIX, as mesmas desculpas anteriores não funcionavam mais. Era preciso criar novos precedentes de exclusão. Os manicômios se prestaram para este fim. Não quero dizer que fosse este o único fim dos manicômios, mas foi um dos seus principais usos. Por isso se tornaram instituições tão respeitadas e temidas durante décadas.

Não dava mais para torturar e matar alguém sob o pretexto de salvar sua alma. Mas pelo menos havia um precedente novo. Era possível encarcerar, torturar, usar como cobaia para pesquisas científicas, sob o pretexto de “tratamento mental”. Era possível, portanto, encarcerar indivíduos que não houvessem cometido crime algum, por não apresentarem um bom padrão de conformação à sociedade. Alguns deles seriam considerados “potencialmente perigosos,” os psicopatas.

A formação médica de W é da década de 50, herdando conhecimentos advindos dos anos áureos do psiquiatria manicomial. Sua pós-graduação foi em cosmética, área em que atuou brevemente, no início da década de 1970, inclusive para um mercado não muito humanizado e altamente competitivo, que era o dos implantes e cirurgias para atrizes e modelos, aprendido em Hollywood. A partir de então, a atividade profissional de W foi como administrador de empresas, e sua preferência pessoal estava ligada a estudos espiritualistas. Não há nada em seus escritos e sua conduta que mostre uma atualização maior a respeito da psicologia e da

psiquiatria. Sua forma de conduta ainda é muito pautada nesses paradigmas de “internar doente mental.”

A discussão do que seria a “psicopatia” se complexificou. Por um lado, se foi percebendo a aplicação estigmatizadora do conceito. Por outro, a discussão misturava questões distintas, como o problema do que é uma perturbação psíquica e o que é um comportamento socialmente destrutivo. São questões que permanecem em debate e deram origem a um novo conceito, o de “sociopatia.” As instituições oficiais procuram se distanciar destas associações entre transtornos psicológicos e marginalização social, fugindo das palavras “carregadas” e “contaminadas” pelo uso vulgar, e formulando conceitos próprios em torno dos quais possam estabelecer critérios. Assim, manuais diagnósticos como o CID e DSM falam do “transtorno de personalidade antissocial”, procurando sintetizar quais características precisam estar presentes para que este problema configure uma doença.

Apesar das críticas aos manuais mencionados acima, eles estabelecem um critério, razoavelmente estrito, para que se possa discutir o problema sem cair num vale-tudo. No outro extremo, figuram os livros sensacionalistas, que levam o leitor a concluir que está cercado de psicopatas por todos os lados. São livros normalmente promovidos pela grande imprensa, que se interessa em manter este clima de apreensão, desconfiança e medo entre a população, dando amplo destaque a trabalhos assim, enquanto publica, como nota de pé-de-página, as respostas equilibradas e críticas aos mesmos trabalhos.

Há diversos critérios que a comunidade médica procura estabelecer para determinar a partir de que ponto certas condutas de comportamento passam a figurar como uma disfunção que necessite tratamento psiquiátrico. Elas podem ser encontradas com certa facilidade, e procurarei sintetizar a seguir as que conheço.

Há os critérios do CID-10 para o Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS):

(a) indiferença insensível pelos sentimentos alheios; (b) atitude flagrante e persistente de irresponsabilidade e desrespeito por normas, regras e obrigações sociais; (c) incapacidade de manter relacionamentos, embora não haja dificuldade em estabelecê-los; (d) muito baixa tolerância à frustração e um baixo limiar para descarga de agressão, incluindo a violência; (e) incapacidade de experimentar culpa ou de aprender com e a experiência, particularmente punição; (f) propensão marcante para culpar os outros ou para oferecer racionalizações plausíveis para o comportamento que levou o paciente a conflito com a sociedade. Pode também haver irritabilidade persistente como um aspecto associado. Transtorno de conduta durante a infância e a adolescência, ainda que não invariavelmente presente...

O CID-10 parece dar bastante espaço para a subjetividade do avaliador no estabelecimento do diagnóstico. Por sua vez, o DSM estabeleceu critérios para o TPAS um pouco mais objetivos, mais baseados em comportamentos observáveis do que estados mentais:

Um padrão global de desrespeito e violação dos direitos alheios, desde os 15 anos, indicado por no mínimo 3 dos seguintes critérios: ... execução repetida de atos que constituem motivo de detenção; propensão para enganar, indicada por mentir repetidamente, usar nomes falsos ou ludibriar os outros ... ; impulsividade ou fracasso em fazer planos para o futuro; irritabilidade e agressividade, indicadas por repetidas lutas corporais ou agressões físicas; desrespeito irresponsável pela segurança própria ou alheia; ... repetido fracasso em manter comportamento laboral consistente ou honrar obrigações financeiras; ... indiferença ou racionalização por ter ferido, maltratado ou roubado alguém. (C) Existem evidência de Transtorno de Conduta com início antes dos 15 anos de idade...

Há o teste de psicopatia de Robert Hare, que se baseia nos transtornos de personalidade narcisista, de personalidade antissocial e de personalidade borderline, para estabelecer uma escala de verificação de maior ou menor presença desses transtornos nas

peessoas estudadas. É um teste que tenta prever possibilidade de reincidência, recuperação ou não em indivíduos presos ou em tratamento etc. Obviamente, o teste é aplicado através de uma ou mais entrevistas ou, na impossibilidade, através da consulta a fichas e registros. A folha do teste está disponível online, mas é preciso um estudo detalhado para compreender as questões trazidas, e não cair no impulso tentador de marcar palavras soltas como “egocentrismo”, “falta de afeto”, “irresponsabilidade”, e sair por aí rotulando pessoas.

Há também a escala de autoavaliação de psicopatia de Levenson, Kiehl e Fitzpatrick. Uma versão está disponível online em <https://openpsychometrics.org/tests/LSRP.php>.

Há a “escala do mal”, de Michael Stone, que apresenta 21 níveis de psicopatia. Para resumir, esta escala se baseia nos tipos de assassinato cometido pelos indivíduos estudados pelo pesquisador. Os homicídios provocados em função de autodefesa (nível 1) ficam de fora da escala. Entre os níveis 2 e 22 ficariam desde crimes passionais até torturadores que buscam satisfazer os próprios desejos sádicos. A partir do nível 11, os traços psicopáticos são mais evidentes.

Essa tertúlia marcou o fim de um ciclo que começou, curiosamente, com outro “diagnóstico psicopatológico”, que já comentei em algum capítulo inicial. E curiosamente, também envolvendo a Assinvéxis e os mesmos personagens principais. Logo que cheguei em Foz do Iguaçu, em abril de 2004, eu sequer tinha residência fixada. As primeiras reuniões da Assinvéxis aconteciam numa sala do CEAEC onde havia muitas caixas, lonas e livros estocados. Estavam todos de mudança.

Um dos assuntos de uma destas reuniões iniciais foi justamente Sonia Cerato. W tinha transmitido a F e N a notícia de que ela era psicopata e tinha o “transtorno de personalidade antissocial”. Aconselhou-nos a estudar o Compêndio de Psiquiatria de Kaplan. O livro estava no acervo da Holoteca. Graças a esta reunião, eu mudei completamente meu conceito a respeito desta senhora que, até então, admirava, e que sempre me tratou muito bem.

Quase oito anos depois, percebi que os voluntários tenderiam a cair no mesmo truque. Novamente, W demonizava alguém sob o mesmo argumento central de psicopatia, por acaso ou não, apoiado na contrariedade de F, N e da direção da Assinvéxis a meu respeito. Por causa disso, eu não demoraria a ir embora de Foz do Iguaçu, como fez Sonia.

Capítulo 18

W e sua turma precisaram contar muitas mentiras naquela tertúlia para justificar o diagnóstico psicopatológico a meu respeito. Chegarei nessas mentiras em breve. Por enquanto, quero discutir um outro transtorno psicológico que uma amiga me orientou a estudar. Ela já estava indignada por outros motivos e ficou revoltadíssima com a famigerada tertúlia. Procurou me consolar. Falou que tudo iria passar e que, no futuro, eu iria rir do fato. E me disse para olhar o transtorno de personalidade narcisista (TPN). “Eu acho que W tem esse transtorno aí”, falou.

Vale a pena ler na íntegra o que o DSM-V fala sobre esse transtorno. Alguns anos depois, eu voltaria a encontrá-lo em textos sobre relacionamento tóxico e abusivo, notadamente formado pelo binômio narcisista-codependente, e nas relações de grupos manipuladores. Resumidamente, o DSM-V exige que pelo menos 5 dos critérios abaixo sejam preenchidos para que se estabeleça um diagnóstico de TPN:

(1) sentimento grandioso da própria importância. (2) preocupação com fantasias de ilimitado sucesso, poder, inteligência, beleza ou amor ideal. (3) crença de ser "especial" e único e de que somente pode ser compreendido ou deve associar-se a outras pessoas (ou instituições) especiais ou de condição elevada. (4) exigência de admiração excessiva. (5) sentimento de intitulação, ou seja, possui expectativas irracionais de receber um tratamento especialmente favorável ou obediência automática às suas expectativas. (6) é explorador em relacionamentos interpessoais, isto é, tira vantagem de outros para atingir seus próprios objetivos. (7) ausência de empatia: reluta em reconhecer ou identificar-se com os sentimentos e necessidades alheias. (8) freqüentemente sente inveja de outras pessoas ou acredita ser alvo da inveja alheia. (9) comportamentos e atitudes arrogantes e insolentes.

Tantas coisas me vêm à mente quando leio estes nove critérios. W realmente acredita ter fundado uma ciência que está acima das

realizações das demais ciências e filosofias de todos os séculos. A biblioteca onde instalou seu local de trabalho, no CEAEC, chamada de *Holoteca*, é menor do que qualquer biblioteca de universidade mediana brasileira. Não que ela não tenha o seu valor, mas bibliotecas centenas de vezes maiores do que ela nem por isso precisam ser batizadas com nomes megalomaniacos. W se orgulha tanto de seu grupo que considera os colaboradores como parte de uma “microminoria minúscula lúcida”, algo como o que há de mais avançado e promissor da Humanidade.

W diz que projetou o Tertuliarium para ser o primeiro “argumentarium” do planeta. Ele diz que queria fazer um ambiente inspirado na configuração do programa Roda Viva, ou seja, no qual o entrevistado fica numa cadeira giratória, no centro, e abaixo dos entrevistadores. Mas ocorreu o oposto. No tertuliarium, é o coordenador do debate que fica no centro da mesa. O autor do verbete, a exceção de W, fica junto ao público, na plateia.

No Roda Viva, há uma diferenciação entre quem coordena o debate e quem é sabatinado. Isso ocorre no Tertuliarium com os voluntários, mas jamais com W. Em todos os anos de Tertuliarium, ele nunca aceitou participar de um debate no qual ele não estivesse no comando e no centro. Ou seja, o Tertuliarium não era um "Roda Viva", onde se revezavam, no centro, diferentes cabeças pensantes, mas sim uma arena para reforçar a centralidade de W sobre seu grupo.

W tem uma equipe própria de voluntários. Ele se orgulha de não atender telefonemas, mas tem voluntários que atendem seus chamados. Ele se orgulha de não responder cartas, mas tem voluntários que recebem e respondem em seu lugar. Ele se orgulha de não dirigir, mas tem voluntários que dirigem para ele. W figura como único autor do livro Projeciologia, sem dar o devido crédito a uma equipe inteira que lhe ajudou nesta empreitada. Segundo um voluntário antigo, até o “estado vibracional” foi idealização de uma voluntária, não dele.

Nesse ponto do texto passei extremamente mal. Tive enjôo e uma dor de cabeça leve como a que tivera pela manhã. Me alimentei quase totalmente de frutas, iogurte e granola durante o dia, e risoto no almoço. Mas também de um pernil caseiro feito por meu irmão, este sim com bastante sal e gordura. Eu me sentia satisfeito, sem ter comido em excesso, até poucos minutos antes, e o enjôo veio de repente, como se eu acabasse de me empanturrar com um banquete. A última vez que passei mal assim foi na época de Natal de 2018. A sensação física e emocional de ambas as situações era muito parecida.

Eu me entristecia por um hábito familiar de “comer até passar mal”. Refiro-me ao lado materno da família. Parece que se orgulham. E não têm receio de exagerar, já que, adultos, eram todos magros. Agora, os que chegaram à terceira idade engordaram um pouco, mas nada absurdo. No cotidiano, meus familiares se alimentam de maneira saudável. Mas os encontros de família são marcados por excessos. Eu não me sinto bem, mas tenho dificuldade para me controlar também.

Em 2018, durante a virada ano, foi preciso jogar bastante comida fora, pois estávamos de turismo no interior, não conhecíamos ninguém e não havia como armazenar e levar de volta as sobras. Na viagem de retorno, paramos num bufê. Uma das crianças serviu-se demais, apesar do aviso de seus pais, e acabou deixando comida no prato. Os adultos a criticaram. Intervi em sua defesa. “Vocês acabaram de jogar um monte de comida fora e estão a criticando por pegar mais comida do que consegue consumir.”

Empanturrar-se de comida é algo que associo muito fortemente a minha mãe. Não por que ela se empanturre, mas parece gostar de empanturrar os filhos. Em minhas visitas, tinha o hábito de oferecer comida a toda hora. Ela parece ansiosa em querer resolver minha fome antes mesmo que eu sinta fome. Comecei a expressar descontentamento com isso. Ela não gostava. Mas por minha insistência ela parou um pouco. Mas agora desconta suas ansiedades alimentares na neta. Não consegue ver a Aurora sem perguntar se ela

está com fome e oferecer-se para dar comida. Tenho sido um pouco liberal neste sentido mas acho que devo colocar um freio. Enquanto passava mal, ontem à noite, só conseguia pensar neste hábito decadente.

Parece algo obsessivo. Eu sinto como se não tivesse direito de sentir vontade. Quando estou sozinho, gosto de aguardar a fome vir. Gosto de ouvir meu corpo e perguntar o que ele deseja comer, quando deseja comer. Gosto de poder escolher entre não comer e ter um pouco de fome, se estou com vontade de fazer outra coisa. E também é este hábito que desenvolvo com minha filha.

A partir do início da adolescência, passei a ter alguns episódios do que posteriormente passei a entender como síndrome do intestino irritável. Naquela época, eu sentia que comia para aliviar ansiedade. E eventualmente tinha cólicas e prisão de ventre sem haver comido muito. Uma das coisas que costumava aliviar a dor, se ainda estivesse leve, era água com gás. Do contrário, eu precisava ir para o pronto-socorro. Achava um saco, pois médico nenhum conseguia diagnosticar o que acontecia. Apenas me davam soro com buscopan, dipirona etc. Uma perda de tempo. Eu queria entender e aprender com o que estava acontecendo. Foi uma experiência de decepção que tive com a medicina tradicional. Muitas vezes, apenas a movimentação até o hospital parece que me reanimava, e quando chegava o soro eu já estava me sentindo melhor.

Este problema me acompanhou em Foz do Iguaçu. Procurei fazer observações. Certa vez fui para a emergência do Hospital Municipal. O plantonista fez a anamnese e falou, não está com cara de ser apêndice, mas vou pedir um raio-x e qualquer coisa a gente já remove. Falei para ele que era um problema recorrente que eu tinha. Me encaminhou para a radiologia assim mesmo. Enquanto aguardava, olhei os corredores e encontrei um caminho que levava diretamente para o exterior. Fui embora do hospital. *Retirar meu apêndice uma ova*, pensei.

Procurei gastrologista, fiz alguns check-ups, pediram exames e não encontraram nada anômalo, nem indicação de que seria

necessário endoscopia. Um dos médicos recomendou que eu tomasse leite fermentado com alguma frequencia. Realmente foi o conselho que mais me ajudou. Até aquele momento, eu também sentia um pouco de acidez e refluxo, eventualmente. O leite fermentado fez diminuir estes dois sintomas. Passei a observar os sintomas e vi que eles também estavam relacionados com dias estressantes, desgaste físico ou emocional e alimentação irregular. Eu não poderia unir estresse e fome ao mesmo tempo, pois isso deixava meu intestino sensível. É por isso que, normalmente, quando essas cólicas vinham, eu vomitava apenas bile. O estômago estava vazio.

Minha companheira encomendou um livro sobre a síndrome do intestino irritável. Foi a primeira vez que ouvi falar disso. Me ajudou a ligar essas pontas. A partir daí, passei a comer com alguma regularidade e prestar atenção em certas combinações de alimento, etc. As crises se tornaram cada vez menos frequentes. Já em Maringá, sofri uma ou duas vezes, mas nessa época eu já havia descoberto que, ao sentir a dor se instalando, podia tomar um comprimido de buscopan. A dor passava e eu dormia um soninho gostoso.

Tive a felicidade de ajudar na loja de produtos naturais da menina que namorava na época. Um dos clientes frequentes, Fernando, me apresentou o kefir de leite. Posteriormente o kombuchá. Aquilo sim foi um verdadeiro milagre. A acidez no estômago desapareceu, minha digestão melhorou, os sintomas de intestino irritável praticamente desapareceram. Além disso, gripes, resfriados e febres se tornaram cada vez mais raras e suaves. Hoje cultivo kefir de água, de leite, kombuchá tradicional, jun e kombuchá do Himalaia. Aurora me acompanha nessa dieta desde as primeiras mamadeiras. Tem uma saúde de ferro.

O vômito de ontem não tinha qualquer dor estomacal. Apenas enjoão. E não parei até expelir o último grãozinho de sei-lá-o-quê. Escovei os dentes, bebi um pouco de água, e 10 minutos depois precisei vomitar novamente. Então dormi sem beber nada. Foi impressionante. Não havia acidez, não havia dor estomacal. Eu só

precisava colocar alguma coisa para fora. Dormi muito bem. Acordei me sentindo novo em folha.

As dores do intestino irritável eram acompanhadas de um sentimento de medo. Enfrentar alguns medos, incluindo o de publicar o livro e, posteriormente, de me manifestar a respeito da conscienciologia nas redes sociais, me ajudou a vencer estes medos, e coincidiu com a atenuação dos sintomas. Posso dizer que fui uma pessoa bastante medrosa ao longo da minha vida. E a superação dessa conduta medrosa teve relação com os últimos anos de conscienciologia, a insistência em ir às últimas consequências para publicar o livro, o início de uma carreira como terapeuta alternativo – um profissional liberal ao invés de um empregado – e o início da militância política.

Hoje, em se tratando de emoções dolorosas, não me identifico mais com uma pessoa medrosa. Hoje sinto mais é tristeza e nojo. É possível ver esta mudança de tom no que escrevo atualmente, em comparação com os textos do passado. Acho que a ausência de medo também se deve a uma redução do valor que sinto pela minha própria vida. Já pensei em suicídio muitas, e muitas, e muitas vezes, nos últimos 3 anos. Este pensamento deixou de ser uma novidade para mim. Por isso não faz mais muito sentido sentir medo. Tristeza e nojo, sim.

Capítulo 19

Senti o enjôo quando escrevi o parágrafo sobre o “estado vibracional”. Hoje me sinto bem. Acordei me sentindo leve. Sinto vontade de escrever sobre algo leve, ameno. Escrever o que penso sobre esse tal EV. Ver se ele é tão leve assim.

Antes que eu esqueça, em algum momento durante a noite de ontem e esta manhã, também recebi o pedido de amizade virtual de uma antiga voluntária da conscienciologia. Ela já tinha um ponto de vista crítico sobre a comunidade conscienciológica, pois era voluntária da IAC, um grupo que sofria bastante pressão. Dias depois da minha expulsão, mandou-me um recado de que a IAC não consentia com aquela atitude e que eu continuava sendo bem-vindo entre eles. Um ano depois, enviou-me a chamada de trabalhos e encorajou-me a escrever para o I Congresso de Conscienciologia, em Portugal, do qual efetivamente participei, em 2014, se não me engano.

Minha relação com a IAC sempre foi boa e se estreitava naqueles anos, mas fomos perdendo contato, conforme fui deixando de lado minhas atividades relacionadas à conscienciologia. Este reencontro surgiu como uma interessante sincronicidade, como as que sempre surgem em momentos cruciais da minha atividade de pesquisa. Eu nem sabia que ela havia desfeito a amizade no Facebook, mas não levo essas coisas para o lado pessoal. Nesses aplicativos, sempre assumo que estou lidando com outra pessoa, um avatar, e não os conecto à pessoa real.

Há muita confusão a respeito do estado vibracional. É criada uma mística em torno dele. Como se fosse verdadeira panaceia. Nunca o encarei assim. Após meus primeiros anos de conscienciologia, percebi que a ideia de “dominar o EV” tinha seus problemas e efeitos colaterais.

Vamos partir do princípio. O que o EV efetivamente é? Não é possível impor crenças como “movimentação de energias” sobre as pessoas. Há os que expliquem assim. Prefiro começar a construção do

raciocínio partindo de pontos de comum acordo. O que penso ser de comum acordo é que o EV é um exercício realizado a partir da atenção. Conforme se mantém a atenção no corpo e se procura imaginar estar sendo inundado por uma vibração intensa, essa vibração passa a ser sentida. Outras “manobras” também podem ser praticadas, como deslocar a atenção do alto da cabeça aos pés e vice-versa, continuamente. Os conscienciólogos não gostem da palavra imaginar, por associarem-na a algo fantasioso e irreal. Outros mais “técnicos” diriam que este não é um “verdadeiro EV”, mas um EV “imaginado”.

Quem precisar de um avalista para dar o certificado de autenticidade do próprio EV, fique à vontade para procurá-lo. A conscienciologia diz para confiarmos em nossa experiência pessoal e minha experiência pessoal diz que é possível, a partir da concentração mental, de diversas formas possíveis, sentir espontaneamente e/ou promover uma vibração muito forte no corpo. Essa vibração também surge, para mim, em momentos anteriores ou posteriores a uma experiência fora do corpo. Ela não parece ser acompanhada de tensão muscular ou movimentos físicos. A sensação é de que, realmente, o corpo está imóvel e extremamente relaxado.

Esta sensação é boa e, quando desencadeada, aumenta o bem-estar. Já tive oportunidades em que consegui fazer minhas narinas desentupirem ou fiz passar pequenas dores de estômago ou de cabeça durante o EV. Ao falar nisso, senti-me motivado a fazer o EV quando sentir sintomas de asma. De fato, meus exercícios de EV nunca foram muito bem-sucedidos durante episódios de asma, mas agora tenho vontade de fazer alguns experimentos.

Por outro lado, muitas pessoas adotam uma esperança inconsciente de que o EV pode livrá-las de problemas. Assim, transformam o EV numa técnica de embotamento psíquico. É curioso como é comum entre espiritualistas falarem em holismo, em tudo integrado, tudo conectado, tudo orgânico, mas na hora de pensarem nos próprios problemas, procuram fórmulas simplistas e indiretas,

panaceias e técnicas que não envolvam o enfrentamento direto do assunto.

A conscienciologia tem um clichê que caminha nesta direção. Falam que “tudo é energia,” embora o próprio paradigma consciencial diga que não, pois há também “consciências”, e normalmente as energias não são nada enquanto não forem impregnadas com a vontade dessas consciências.

Em bom português, se você tem um problema afetivo com alguém, precisa encontrar formas de resolver este problema. Se você é maltratado ou assediado por seu chefe, idem. Se você se alimenta mal, idem. Se não se protege do frio, idem. Se está comendo agrotóxicos, lá na frente pode dar algum problema. Se não dorme direito ou leva uma vida sedentária, idem. A vida é repleta de ações e reações, causas e consequências, de todas as ordens e sentidos. Os problemas se perpetuam pois mantemos hábitos ou nos falta forças para alterá-los. Achar que eles serão resolvidos “fazendo EV” é um mecanismo que funciona muitas vezes como fuga.

Meditar foi algo que sempre me ajudou. Meditar, para mim, nunca foi uma tentativa de “tirar os problemas da mente”, mas sim de concentrar-me neles, num clima de tranquilidade propiciado pela meditação, a deixar a intuição trazer soluções. Tive muitas dessas soluções espontâneas, nos breves intervalos entre estar acordado e dormir, durante as meditações. Veja bem, são soluções teóricas. Elas se tornavam soluções no momento em que colocava na prática estas ideias obtidas. Mas a meditação me servia como um motivador. Eu terminava a meditação animado, pois tinha encontrado uma possível solução para algo, e queria aplicá-la.

Espero que o leitor entenda, com o exemplo acima, que a meditação pode ser uma fuga, se é usada para tentar “se afastar” dos seus problemas. Todo afastamento deve ser entendido como uma medida de exceção, temporária, para mudar de ânimos, nunca uma solução definitiva.

Tanto a meditação como o EV podem servir como fuga dos problemas, tanto quanto podem ser usados para aproximação e

enfrentamento de problemas. Isso depende de uma disposição psicológica anterior. Ao longo da minha caminhada “parapsíquica” percebi que eu também embotava muitas coisas.

Enquanto acreditava que certas “técnicas energéticas” iriam “limpar” problemas, deixei de exercitar minhas percepções emocionais. Se eu tentava resolver estas dores e doenças só com “energias”, deixava de exercitar a atenção nos sentimentos que estavam presentes ali. A mesma coisa acontecia nas relações interpessoais, que são momentos onde há muitas emoções em jogo. Enquanto eu tentava “proteger”, “limpar”, “encapsular” etc, energeticamente, emoções minhas e/ou dos outros, deixava de senti-las e abordá-las mais detalhadamente.

O efeito disso é que as energias embotadas causam repercussões colaterais, estranhas, indescritíveis, confusas. Essas sensações esquisitas são chamadas, muitas vezes, de “assédio” ou de “sinalética”. Ou seja, a pessoa que não exercita e não educa seus sentidos para as emoções que sente, acaba manifestando esquisitices pelo corpo e tentando denominá-las para ensaiar algum controle, aliviar parcialmente a tensão de não saber o que se trata.

Quando comecei a observar, abraçar e compreender meus sentimentos, abandonando estes julgamentos comuns na conscienciologia e no senso comum, de que existem sentimentos “negativos”, sentimentos “ruins”, sentimentos “prejudiciais”, “coisa de psicossoma”, parei de sentir os “assédios energéticos” e as “sinaléticas ruins” das quais as pessoas tanto falam. Por um motivo óbvio. Ficava mais clara a fonte dos problemas, os efeitos, e como enfrentá-los.

Problemas existem ao longo da vida. Alguns persistem, outros se resolvem, outros surgem, outros reaparecem. Não necessariamente aumentam ou diminuem. Depende de muita coisa. Mas minha postura diante dos problemas se modificou. Conforme explicado acima. A partir dessa modificação, deixou de ser uma questão se tornar um “ser desperto”, ou seja, alguém livre de “assédios”. Pois percebi que a maneira como conscienciólogos usam a palavra

assédio é também um sintoma da maneira embotada como tentam se esquivar de sentimentos desagradáveis, ou se “encapsular” contra “energias ruins”.

Um problema não precisa ser batizado com um nome novo para ser enfrentado. Seu carro enguiçou no meio de uma viagem, conserte-o. Não encha sua cabeça de minhocas pensando na existência de “espíritos assediadores” querendo lhe fazer mal. É o tipo de racionalização, de “neura”, de “noia”, que vai te deixar procurando cabelo em ovo, procurando sarna para se coçar.

Certa vez, deitado, num estado meditativo, percebi que podia estar próximo de uma experiência fora do corpo. Deixei acontecer. Houve o início de uma saída. Senti uma presença desagradável entrando pela porta do quarto. O medo me fez retornar. Um espiritualista noiado ficaria preocupado com a tal presença na porta. Um cético diria que é tudo imaginação. O que eu fiz foi continuar, mentalmente, aquela cena.

Continuei, em imaginação, fora do corpo. Imaginei como seria o encontro com aquela presença. Como ela atacaria. Se ela tinha forma. Prestei atenção no que eu estava sentindo. Imediatamente me ocorreu a associação com uma ameaça que eu sentia naquela época em que estava vivendo, para a qual eu não estava prestando atenção. Principalmente, se tratava do medo que eu sentia disso.

Aquilo que um conscienciólogo chamaria de “experiência fora do corpo interrompida por culpa de medo”, ou “blindagem energética inadequada do quarto”, ou “oportunidade perdida de atender um espírito perturbado”, eu chamo de “experiência de contato com um medo para o qual eu não tinha prestado atenção antes”. Não foi uma experiência “interrompida”, foi uma experiência de esclarecimento. A interrupção foi parte da demonstração de um momento psíquico chave, onde há bloqueio. A partir daquele alerta, passei a encarar e reagir ao problema em questão de forma diferente. Imagine se eu ficasse noiado com a possível presença de um “espírito mal” na porta do meu quarto, para sempre.

Conheci muitos conscienciólogos que ficam noiados com essas coisas e não conseguem nem se masturbar direito. Ficam cheios de receios. Se pensarem no negão pirocudo ou na loira gostosona, ficam preocupados em “evocar espíritos”. Eu não estava nem aí. Adorava me masturbar. O espírito que quisesse, que aproveitasse, que seguisse o exemplo, que fosse bem-vindo. Uma das boas fontes de prazer que se pode ter sozinho. Não sou babá de espírito para julgar o que eles devem fazer ou não. Se estão curtindo, que sejam felizes. Esses recalques de uma espiritualidade limpinha e cheirosa não são para mim.

Assim como o EV, a experiência fora do corpo, a tenepes, a meditação, assim como a alimentação e qualquer atividade, meu termômetro de avaliação é como estou me sentindo, antes, durante e depois da atividade. Uso esses exercícios todos como ferramenta de autopercepção. Noções morais espiritualistas de que “espírito não deve ter vontade de sexo”, “tal lugar tem energia ruim”, “tais coisas não se devem pensar em casa para não evocar energia ruim” etc etc enchem o espiritualista de caraminhola e confusão. Fazem mais mal do que bem. Pois estabelecem regras morais de conduta carregadas de culpas, incertezas ou apreensões.

Capítulo 20

Voltei a passar mal no dia seguinte. Eu havia acordado bem disposto, sem muita fome. Apenas bebi água e me pus a escrever. Próximo ao meio dia, eu estava com um pouco de fome. Apenas comi um prato de iogurte com granola. Às 15:00 tinha treino de wingchun. Foi um treino leve, pois tanto eu quanto minha treinadora tínhamos perdido muito a prática. Ela parou de dar aulas quando iniciaram as política terrorista de isolamento social.

Durante o treino, senti um pouco de dor nas costas. Ao final do treino, estava com um pouco de fome e comi mais. Agora sim, feijão, arroz, lentilha. A dor aumentou. Permaneci inválido e incomodado durante o restante do dia.

Trata-se de uma dor que tem surgido com certa recorrência neste ano. Ela é sentida como se fosse muscular, nas costas, mas seus sintomas aparecem após uma refeição, principalmente um almoço, e é proporcional à quantidade de comida ingerida. É realmente um mistério para mim. Inicialmente eu associava estas dores com o fato de carregar minha filha bebê no colo. Realmente, era uma dor que costumava surgir depois de ficar dois ou três dias com ela. Em fins de semana que eu não a carregava tanto, essas dores não apareciam. Apesar de parecerem musculares, já tentei tomar remédio para dor muscular e não adiantou. Em certa ocasião, o remédio ainda provocou enjôo.

Conforme Aurora começou a caminhar, as dores foram embora. Tem sido praticamente desnecessário carregá-la atualmente. Foi muito intrigante a dor ter voltado, durante e após o treino, mas também essa associação com a alimentação.

Na psicanálise, surgiram associações com as costas, com curvar-me, com sustentar-me, e com sustentar Aurora. Sustentar Aurora me provoca dor. Almoçar é uma associação direta com o sustento materno. E já mencionei o quanto me incomoda uma dinâmica em que ela parece insistir em me empanturrar de comida, um orgulho familiar de comer até passar mal em encontros de

família, uma possível associação que está ligada com o meu sentimento de ser um peixe fora d'água na própria família.

Graças a dor nas costas, pedi uma carona a minha mãe. Eu havia combinado de ir até seu apartamento e pegar o carro. Precisava sair, caminhar, correr um pouco. Pretendia levar minha cachorra junto, para um passeio, já que ela estava sendentária há cinco dias. Mas fiquei impossibilitado pela dor nas costas. No carro, com minha mãe, ela demorou até saber de minha dor nas costas. Pois ela não costuma perguntar ou dar tempo para que eu abra algum tópico da conversa. Normalmente, ao encontrar-me, está ansiosa para acertar coisas que ela já vinha planejando mentalmente. Coisas que não são demandas minhas mas que ela cria para sentir que está cuidando de mim.

Me pergunta se a faxineira virá amanhã. Se está vindo direitinho. Sugere produtos para limpar tais e tais espaços. Tenho horror de como ela pensa que está sendo útil por “ver certos detalhes” que não me preocupam tanto. São coisas assim que me fazem sentir nojo. O mesmo nojo que me fez vomitar. É a expressão de uma rejeição ao sustento, ao alimento, em excesso, epurrado goela abaixo por ansiedade. É talvez o motivo que me faça um dia sair dessa casa, embora eu sei que isso não resolve o assunto. Evitar o problema não significa resolvê-lo. O que eu faria? Impediria minha mãe de entrar na futura casa, para que ela não ficasse supervisionando detalhes e dando sugestões que não são solicitadas? Seus famosos “conselhos de mãe”? E assim eu iria evitando tudo o que me aborrece até viver dentro de uma bolha? Uma bolha como a conscienciologia, que acabaria por me aborrecer igual?

Quando minha mãe tenta combinar comigo a administração da faxina, simplesmente abstraio. Tento abstrair, mas não existe tal coisa como “entrar por um ouvido e sair pelo outro.” Comecei até a gostar do fato de a faxineira não ser muito constante nos seus dias. A falta de creche e escola dificulta a rotina dela. Se ela falta, nem me incomoda. Qualquer coisa que seja oposta à essa ansiedade de arrumar a casa, que vem da minha mãe, é bem-vinda. Frase curiosa... Tem inclusive um erro de crase. Jamais pensei que eu

erraria uma crase. As famosas crases que minha mãe me ensinou a usar antes que eu aprendesse a engatinhar.



Capítulo 21

O leitor me perdoe abrir estes longos relatos que causaram uma quebra na linha de raciocínio que eu desenvolvia no capítulo 18. E que também adiam meu relato a respeito da famigerada tertúlia de 15.01.2020.

Eu avaliava W segundo o espectro do transtorno de personalidade narcisista (TPN). Mas tem sido um exercício didático para mim e, acredito, válido de apresentar, para transmitir uma noção de como um assunto aparentemente “objetivo”, ou seja, “falar de conscienciologia”, está na verdade profundamente emaranhado com questões profundas e complexas da minha vida sentimental.

Creio que não preciso continuar a exposição sobre o TPN. Já coloquei para fora muito mais do que eu imaginava. Se W tem realmente um “caso” para apresentar, de um rapaz que é psicopata pois publicou um livro contra a vontade de alguns diretores, acho que está bem claro que qualquer um tem um caso muito mais consistente para ser estudado, que é o possível transtorno de personalidade narcisista do fundador da conscienciologia.

Dito isso, quero deixar claro que não considero que transtornos de personalidade devam ser tratados como faltas morais, como “pecados” ou motivos de exclusão e ostracismo social, ou motivos de internação psiquiátrica, e muito menos sejam tratados como crimes. Seja ou não portador do TPN, W encontrou uma maneira mais ou menos funcional de viver, de formar um círculo social com quem conviver, alimentar suas necessidades de afeto e admiração (aqui uma associação espontânea minha entre alimentação e afeto), manter uma rotina condizente com seus valores e sonhos etc.

As pessoas frequentemente criticam a comunidade conscienciológica por ser uma seita. Psicopata, narcisista, seita, são típicas rotulações usadas na tentativa de se fazer a condenação moral de outrem. São formas de argumentação *ad hominem*. Por isso, as considero como formas erradas de conduzir uma crítica. Esta

tentativa de representar um “ser” - ser psicopata, ser narcisista, ser seita - costuma ser resultado da falta de argumentos a respeito das realizações, dos feitos, dos resultados.

Além de ofuscar uma avaliação científica e neutra sobre os fenômenos humanos, ela é uma forma politicamente arcaica de combate, na qual se procura determinar quais pessoas ou grupos têm maior ou menor direito a existência. Ou seja, há um raciocínio implícito nessas condenações de caráter moral, no seguinte sentido. “Flávio é psicopata” logo “não pode circular na comunidade conscienciológica”, “precisa ser internado” etc. “W é narcisista” logo “sua obra tem menos valor”, “as pessoas não devem acreditar nele” etc. “Conscienciologia é uma seita” logo “deve-se manter longe dela”, “deve ser proibida” etc.

Há uma dificuldade tremenda entre as pessoas em geral de compreensão entre a diferença de uma crítica e de um combate. Há diversos tipos de críticas. É preciso ter clareza sobre qual crítica deve ser feita, em função dos resultados que se pretende alcançar. Me refiro principalmente a pessoas oriundas da pequena-burguesia, como eu e provavelmente você (se você tem horror a essa denominação, provavelmente é porque ela se aplica a você mesmo). Pessoas que normalmente preferem ser chamadas de “classe média”, pois isso não evidencia a classe social da qual fazem parte. Justamente por ser uma classe que não costuma desenvolver um sentimento de classe.

A pequena-burguesia não liga muito para as consequências políticas das suas críticas. É dos tipos desta classe que normalmente saem as falas do tipo “sou independente”, “não defendo ninguém”, “é tudo bandido”, “é tudo igual”. É uma classe que tem uma vida relativamente assegurada e previsível. Desta forma, ela não se importa muito em criar modos de vida associativos, que exijam solidariedade e concessões. Em períodos de crise social, ela adquire inclusive um senso bastante desconfiado, defensivo, individualista, de convivência, fechando-se em pequenos núcleos familiares e microcomunitários.

A comunidade conscienciológica é uma formação associativa predominantemente pequeno-burguesa, e que ajuda a aplacar os sentimentos de solidão, as “síndromes do estrangeiro”, os “peixes fora d’água” que surgem entre esta classe. Notadamente os que querem cultivar algum contato com a transcendência. Já que a vida urbana tradicional de um pequeno-burguês, por mais que possa ter este ou aquele privilégio, com frequência é pobre de sentido, de significado, de senso de inclusão e pertencimento.

Portanto, não deve restar dúvidas que a comunidade conscienciológica, tanto quanto outras “seitas” do gênero, gnósticas, logosóficas etc, são experiências organizativas e fazem parte do progresso humano. Mesmo quando a maioria dos indivíduos em seu interior manifeste opiniões políticas reacionárias, a experiência de organização comunitária é um fator progressista. Haverá uma pressão social constante, advinda das classes dominantes, para que estes grupos evoluam num sentido reacionário ou se dissolvam. Isto será sempre assim, enquanto a sociedade for governada por poucos em detrimento da maioria. Mas a desorganização da pequena-burguesia, operando no individualismo, é mais reacionária do que a sua organização em comunidades intencionais.

Um pequeno-burguês individualizado, que não se identifica com essas “seitas”, diria “não estou nem aí.” Se tudo fosse para os ares, ele não está nem aí. Talvez até comemorasse, pois se incomodou com tal afirmação arrogante de tal líder, certo dia. Se batesse uma “operação da Polícia Federal” e fechasse tudo, ele diria “ainda bem,” “é tudo charlatanismo” etc. Se fosse decretada uma lei como na “democrática” França, proibindo a Conscienciologia, as Testemunhas de Jeová entre outros, ele diria “ainda bem.”

Isso é resultado da sua falta de consciência política, ou melhor, da sua consciência política individualista, que não compreende a dinâmica humana de associar-se em comunidades como forma de resolverem problemas humanos. Tendo o privilégio de poder ver tudo à distância, a partir da individualidade de seu apartamento, e dos pequenos privilégios que o permitem sobreviver mais ou menos

bem, o pequeno-burguês olha as organizações comunitárias com ceticismo. Para ele, aquilo só pode ser obra de algum manipulador que conseguiu arrebanhar seguidores, burros, dependentes, fieis. Este “rebanho” só pode ser burro por trocar o conforto da individualidade, por mais mesquinha e sem sentido, por uma vida comunitária que exige, portanto, colaborações e sacrifícios.

A pergunta que devemos fazer, diante de episódios de autoritarismo observado nestas comunidades é: se esta comunidade evaporasse, se desfizesse, se desorganizasse, as vidas destas pessoas e da sociedade no entorno melhoraria. No caso da conscienciologia, e inclusive de seitas amplamente divulgadas como destrutivas, o fato é que não melhoraria. Pioraria para alguns. Permaneceria igual, para outros.

Alguns grupos como a Cientologia, os Moonies, a Opus Dei, conseguiram desenvolver fortes esquemas com poderosos, juízes, políticos, grandes empresários, e assim têm uma boa proteção para desenvolverem dinâmicas de semi-escravidão dentro de suas paredes. Essas dinâmicas existem. Mas não devemos considerar *a priori* que toda comunidade intencional seja assim. Isso é um erro. Não devemos considerar, inclusive, que um núcleo onde haja exploração numa comunidade intencional, signifique que todas as relações lá estabelecidas sejam de exploração, ou que toda comunidade deva ser desfeita. E não devemos considerar a destruição da comunidade como a solução para problemas deste tipo, quando ocorrem. Muitas igrejas grandes, por exemplo, inclusive a católica, tem um alcance de milhões de pessoas. Há uma ampla gama de soluções e intervenções a serem feitas, que vão além do 8 ou 80, destrói tudo ou não faz nada.

É possível pensar em outras analogias. Uma empresa na qual se detecta trabalho escravo deve ser fechada? Não. Ela deve ter seus controladores punidos e, principalmente, substituídos, e ser acompanhada para que lá dentro se desenvolvam relações de trabalho dignas, principalmente melhorando a articulação e a capacidade de defesa dos trabalhadores contra esse tipo de abuso. Obviamente os

governos não fazem isso e, quando pegam algum dono de escravos, é para fazer alguma campanha midiática, melhorar a imagem de delegados e oficiais de justiça, e fechar e perseguir este ou aquele empresário concorrente. Os escravos não saem ganhando nada com tais operações e voltam para suas cidades, onde serão moradores de ruas, favelados, abrigados em asilos, e acabarão roubando algum pacote de bolacha e sendo presos.

O trabalho de crítica a uma comunidade intencional, como é o caso da conscienciológica, deve ser um trabalho de conscientização e formação política. É um trabalho de mostrar incoerências de seus líderes, ao invés de ficar fazendo ataques vazios à comunidade como um todo. Através disso, outros membros que estavam calados e intimidados até o momento também se sentem encorajados para se manifestarem. Com a pressão vinda de baixo, líderes pensam duas vezes na hora de cometer algum abuso.

O pequeno-burguês demora para entender isso, quando entende. Para ele, “não adianta”, “as pessoas não mudam”. É um reflexo do que pensa da própria vida, que costuma ser cheia de novidades superficiais mas, no fundo, é bastante previsível e imutável. Só acredita em mudanças quem precisa delas.

Não sei como a comunidade conscienciológica está hoje e faz mais ou menos uns cinco anos que não mexo mais no assunto, mas na experiência de ter montado uma comunidade virtual, escrito livros, discutido, dado aulas, vi muita mudança acontecer. Só vi mudanças. Não são as mudanças imediatistas e fenomenais, a chegada dos ETs na Terra, a volta de Jeová, um dilúvio, mas são mudanças. Formei relações e contatos e recebi dessas pessoas a gratidão por ajudar a esclarecê-las e encorajá-las a se manifestarem. Sou grato por não me deixar levar por conselhos derrotistas.



Capítulo 22

O argumento básico usado por W para me acusar de psicopata era que eu havia prometido fazer mudanças no livro, e não cumpri essa promessa. Este argumento é falso e, além do mais, se fosse verdadeiro, seria ridículo. É curioso como W argumenta com seus interlocutores como se eles fossem crianças de 11 anos de idade, e mais curioso ainda como eles aceitam.

Que tipo de dinâmica científica ou editorial é essa onde um “promete fazer mudanças em seu livro”? Logo W, autor de meia centena de livros, mostra que não dá importância para a praxe existente em qualquer editora, inclusive a Editares, da qual ele é sócio-fundador. Editorialmente não existe a figura de “acareação para que o autor prometa fazer mudanças”. Existe uma interlocução entre autor e revisores.

Se há um diálogo franco e respeitoso entre autor e editora, são dois os desfechos possíveis. Ou ambos irão trabalhar democraticamente no aperfeiçoamento do livro, ou chegarão em algum ponto de impasse onde concluirão que é melhor seguir caminhos separados. Não há qualquer etapa onde seja necessária uma promessa. Digamos que, ao longo da revisão, autor ou editor tenham uma ideia diferente do que estava combinado. Eles simplesmente se comunicarão e discutirão essa mudança.

A interlocução entre autor e editora foi interrompida por ordem de W, antes mesmo que ela pudesse começar. Como não podia admitir isso, inventou a desculpa da promessa. Mas ele mesmo fala que “disseram para não publicar”. Afinal, foi uma ordem para não publicar ou uma promessa de fazer mudanças no livro? A contradição talvez não tenha sido percebida pela maioria. Realmente gostaria que algum dos mais de 20 presentes naquela acareação – vários dos quais presentes na tertúlia – falasse ao público, olhando nos meus olhos, que eu “prometi fazer mudanças”. Que mudanças seriam essas? Sequer houve espaço para discussão civilizada naquele “reunião de conciliação da Unicin”.

Ou W tem consciência da mentira deslavada que divulgou na tertúlia, ou sofre de sérios delírios entre o que aconteceu e o que ele entendeu. Delírios que não o permitem perceber a maneira autoritária como age. Que maneira autoritária é essa? A de que o autor é sua propriedade, é um servo em seu feudo. Para escrever sobre conscienciologia, o autor precisa escrever o que ele aprovar. Numa relação assim, faz sentido imaginar uma "promessa". Ou seja, o "voluntário" é obrigado a escrever o que ele determina que pode ser escrito. O voluntariado é um pacto de fidelidade ideológica.

No dia anterior, W divulgou o livro, dizendo ser uma "publicação independente". Portanto, não fez objeções ao livro não ter sido publicado pela Editares. Sua objeção foi posterior a isso, a partir da reclamação dos diretores de que eu escrevia coisas que não estavam de acordo com o que eles pensavam.

Na acareação formou-se um bando, no qual quem não concordou com a ingerência foi conivente. Um grupo que não leu um livro de 500 páginas, à exceção dos pareceristas, retirou-o do processo editorial à força. E na tertúlia, este grupo tentou se apoiar na versão inconsistente, mentirosa, de que prometi fazer mudanças, as quais nem eles nem eu saberia especificar. Como que uma reunião de surpresa, constrangedora, beligerante, caótica, intimidatória, vai definir “mudanças” a um livro daquele tamanho?

A única coisa que aquela turma conseguiu estabelecer – ou perpetuar – foi uma jurisprudência arbitrária de editoração de livros, na qual atores externos ao processo editorial se arrogam no direito de perseguir trabalhos em elaboração, na base da intimidação, da ingerência e da pressão psicológica.

Não é preciso se delongar muito no restante da conduta de W durante aquela tertúlia. Ele basicamente age como um bebê chorão crescido, esperneando e xingando, inconformado por perceber que não teria em mim um súdito. Sua argumentação é histérica: de um lado, o autor, encarnação do mal absoluto, indescritível a não ser por palavras de efeito; do outro, ele e seus colegas, as vítimas de um engano, todos colaborando de boa-fé com o autor, todos puros e

imaculados. Histriônico, para tentar impressionar pessoas que ele também acredita, não são movidas por discussões racionais, mas por pressão psicológica, por atitudes agressivas e impressionistas, por emoções arraigadas de medo e raiva. Na sequência, pediu para seus comparsas fazerem uso da palavra.

A primeira pessoa que quero mencionar foi V. A única que tentou, com toda diplomacia, colocar algum questionamento, alguma dúvida, algum pensamento alternativo, àquele festival de argumentações absolutas e peremptórias. Merece uma estátua. Um dos poucos momentos que vemos alguém tentar discordar de W, dentro do Tertuliarium, que supostamente é o “primeiro *argumentarium* do Planeta.” Foi recebida por W com insolência e ironia.

Em seguida, J. Não leu o livro mas, na tertúlia, quis fingir ser um leitor atento e argumentar em cima do texto. Portanto, recorreu à leitura de um parágrafo do epílogo, para concluir que aquilo era mentira. Ao longo da minha vida em Foz, nos bastidores, nunca ouvi pessoas o elogiando. Parece que ninguém gosta dele, embora o mesmo sempre figure em posições de comando. Sua proximidade com W é antiga. Tem bastante poder mas aparentemente nenhum prestígio. Há diversas lideranças na comunidade conscienciológica que são admiradas e elogiadas mas não tenho certeza que ele seja uma delas.

J sempre participou e organizou cursos chamados “heterocrítica de obra útil”, onde se escolhia um livro e exercitava todo tipo de avaliação, de conteúdo e de forma. Além do mais, ele fazia propaganda de seu curso pessoal, sobre pensamento crítico. Dá cursos e palestras sobre liberdade de pensamento e coisas do gênero.

Eventualmente eu recebia suas divulgações por e-mail, e ele se esquecia de colocar os destinatários em cópia oculta. Eram cerca de 300 endereços de e-mail que ficavam à disposição para qualquer um copiar. Uma postura não muito aconselhável pela “netiqueta” da época. Pelos endereços, dava para ver que eram de membros da comunidade conscienciológica.

Não há nada exatamente errado nisso, a não ser pelo fato de que justamente foi J quem me acusou de estar roubando bases de dados das instituições para divulgar meu livro pelo e-mail. Apenas por que eu também tinha uma agenda de contatos grande, normal para quem voluntaria por mais de 10 anos num grupo de instituições. Este "grande professor" de pensamento crítico não se deu ao trabalho de verificar que, na Assinvéxis, eu era coordenador financeiro, e em outras instituições, tinha cargos bastante secundários, portanto, nunca tive usuário nos sistemas digitais com acesso à base de e-mails de qualquer instituição. J, por sua vez, foi secretário-geral do CEAEC e da Apex. Ele sim, teoricamente, tinha acesso à base de dados. Será que isso explica suas malas-diretas a centenas de voluntários, constantemente, para divulgar curso pessoal e pago? Será que ele esconde sua postura falaciosa por trás dessas fachadas de “curso de pensamento crítico”, assim como muitos pecadores se escondem atrás da Bíblia?

Com tanta experiência em "heterocrítica de obra útil," ele ignora que, na capa e no ficheiro do livro, está informado que é uma edição *do autor*. Do contrário, ele diz que o livro usa formatação parecida com a da Editares e apresenta endereços de instituições conscienciológicas, o que prova que tento fazer o livro se passar por uma publicação da Editares. Ele deve pensar que os voluntários têm idade mental de crianças do primário. Talvez por isso poucos gostem dele. Pois é preciso ser muito desatento e inexperiente para olhar o livro que publiquei e concluir que ele foi editado pela Editares. Nem mesmo a Editares se aventurou em sustentar um argumento ridículo desses, que se fosse verdadeiro, configuraria uma espécie de falsidade ideológica de minha parte.

Outro que se posicionou para dar “respaldo institucional” à condenação foi M., secretário-geral da Unicin. Qual foi o argumento de M.? O de que ele já me conhecia há muito tempo, pois eu me hospedara em seu apartamento por 2 ou 3 dias em minha primeira ida a Foz, em 2001. Foi isso que usou para explicar que desde aquela

época eu “não aceitava” o que as pessoas diziam. Realmente não está claro a que episódio M. se referia.

De 2001 até 2012, me relacionei com M. em diversas oportunidades. Em nenhuma delas manifestou esse suposto descontentamento, que agora ele parecia querer desabafar na tertúlia. Fomos painelistas e moderadores de mesas em congressos. Sentamos à mesma mesa em festas e eventos. Realmente se eu era problemático como ele diz, ele conseguiu ser falso o suficiente para não manifestar nada ao longo de uma década inteira. Por algumas semanas ele foi o voluntário com quem eu mais trabalhei, num assunto bastante delicado, que era a transferência financeira do IIPC para a Assinvéxis, do saldo acumulado desta última enquanto ainda era um departamento da primeira. M era da Controladoria do IIPC e eu, Financeiro da Assinvéxis.

No meu entender, foi um trabalho que correu muito bem. Requeria confiança, discrição, acordos. Não percebi descontentamento, nem por parte do IIPC, nem por parte da Assinvéxis. A evidência disso é que M continuou (fingindo ser?) meu amigo e eu continuei sendo o Financeiro da Assinvéxis. Que eu saiba, um psicopata age destrutivamente com as pessoas e não tem capacidade mínima de manter organização e compromissos financeiros. Não só meu trabalho foi satisfatório como fui chamado para ser o Financeiro da Assipi e votado por unanimidade para o cargo de primeiro síndico do Condomínio Villa Consciência, com mais de 300 lotes residenciais.

A forma como M tentou me retratar é tão inconsistente, que poderíamos perguntar por que, se ele via em mim uma pessoa tão complicada, aceitou uma proposta para me entrevistar na CBN de Foz do Iguaçu, durante meia hora, a respeito do mesmo livro que agora ele condenava? A entrevista está disponível na pasta pública neste link: <https://cutt.ly/rfCNh0M>.

M serve para exemplificado um tipo de relação humana comum em comunidades intencionais e grupos “de pertencimento.” Ao ingressar no grupo, você será considerado especial. Você pensa que é por suas qualidades, por sua pessoa, mas não é. Você é

considerado especial simplesmente por pertencer ao grupo. Por isso mesmo que é tão comum se escutar fofocas e manifestações de desafetos nas “conversas de corredor”. Por isso se fala tão bem das pessoas pela frente e tão mal pelas costas, em grupos deste tipo. Pois não são exatamente “amigos”, na acepção comum da palavra. São recrutadores de membros. E a admiração que manifestam por você pertencer ao grupo é diretamente proporcional ao desprezo que manifestarão quando você deixar de fazer parte.

“Grupo especial / meio externo desprezível” são dois lados da mesma moeda. Inclusive, eles replicam de maneira muito similar o tratamento relatado por quem convive com personalidades narcisistas. O narcisista elogia de maneira exagerada aqueles com quem convive, de maneira que parece falsa, bajuladora, galanteadora. Ele faz isso em momentos que necessita de autoafirmação, de plateia. Ele necessita afirmar a si mesmo que é importante, e faz isso por tabela, exagerando a importância daqueles que o rodeiam.

Em contrapartida, como reação à autoestima frágil, o narcisista ataca, também exageradamente, aquilo que o desagrada. Acha feio o que não é espelho. E a mesma pessoa que uma hora é príncipe encantado, noutro momento é sapo ou monstro. Muitas pessoas se afastam do narcisista mas outras, por motivos ligados também a uma autoestima frágil, continuam na relação, pagando o preço de se sentirem confusas. São personalidades codependentes, e que precisam de alguém com aparência superconfiante, que serve de projeção para a autoconfiança das quais carecem.

W faz muito esse jogo, e pode dizer numa mesma frase que seus ouvintes são gênios, mas que isso não serve para nada. Ele próprio se coloca neste jogo de exageros, afirmando suas façanhas, suas realizações evoluídas, os espíritos superiores com quem conversa, para em seguida dizer que é um qualquer, irrelevante etc. Ou em suas descrições a respeito das coisas. Pode chamar algo, por exemplo, a religião, ao mesmo tempo, de uma maravilha e uma droga.

Capítulo 23

Outra voluntária que se manifestou foi B. Perdeu a chance de ficar calada. B. não acompanhou uma etapa sequer da publicação. Tínhamos um contato muito raro. Mas é o tipo de acontecimento do qual ela não consegue se manter isenta. Ela precisa mostrar que ainda é uma das principais figuras intelectuais da conscienciologia. Então intervém. De uma maneira teórica, abstrata, que é muito típica da linguagem passivo-agressiva usada em grupos como a .

É a linguagem das indiretas, dos recadinhos “a quem interessar possa”. Não é uma particularidade de B. Longe disso. É a forma como a cultura interna do grupo se permite veicular algumas críticas. Acabam sendo críticas superficiais, obviamente, pois não há diálogos, apenas uma espécie de guerra-fria na qual as partes discordantes procuram ganhar posições e aliados. Para isso, intelectualizam a explicação, como se estivessem tratando de um assunto abstrato, mas com sutilezas que permitem deixar claro sobre quem estão tratando, além de levantar a curiosidade dos demais, que irão procurar se informar “melhor” do que se trata o babado, através de fofocas e conversas de corredor.

B. faz intervenções desse tipo na tertúlia com certa frequência. Sua articulação intelectual é muito boa. Seus alunos e admiradores passam a acreditar que ela está “por dentro dos bastidores” do que acontece na comunidade. Jogos assim dão créditos para quem participa diante dos incautos. Quando isso envolve W, também é uma demonstração de lealdade. O jogo político para conseguir espaços melhores e apoio comunitário na comunidade conscienciológica é muito intenso, e depende muito do apoio do mestre. Dependia, pois agora está falecido. Mas o fato é que participar ativamente de atividades tão críticas como um linchamento é tarefa praticamente obrigatória para quem quiser manter um certo status de “assistente de W”.

B. teria feito melhor se continuasse a se concentrar nos seus trabalhos junto ao livro *Cristo Espera Por Ti*. Ela se envolvia com a

produção de um filme a respeito desta obra psicografada por W. Há uma movimentação ocorrendo atualmente, mas não sei em que pé se encontra, se está evoluindo ou minguando. Realmente espero que vá para frente. O “Cristo” é uma obra que não recebeu a devida atenção do movimento espírita nem da comunidade conscienciológica. Mas é o livro que considero a verdadeira obra-prima de W. Digo isso do ponto de vista de quem se interessa pelas questões espiritualistas e parapsicológicas.

Esse é o único livro de W cuja produção é realmente inexplicável, de um ponto de vista objetivo. Os melhores pastichadores não chegaram nem perto de reproduzir uma página ao estilo do grande gênio da literatura francês, Honoré de Balzac. W não era um literato, nem um homem de letras, nem um romancista, nem mesmo um escritor genial, quando escreveu aquele texto, que impressiona especialistas em Balzac. Na biografia que estou elaborando a seu respeito, explico melhor a questão.

São coisas como esta que me refiro quando digo que não se deve simplesmente ficar criticando por criticar, para destruir. Trouxe o caso de B como mais um exemplo do que, obviamente, não deve ser feito. Além disso, é uma forma de desmistificar certos “monstros sagrados” da conscienciologia, a começar pelo próprio W, mas passando também pelos professores “veteranos.” Quando os alunos começam a desconfiar de certos erros do professor e se manifestarem, fazem um favor ao professor e a si mesmos.

Ao mesmo tempo, faço questão de ressaltar a importância que vejo na promoção do Cristo Espera Por Ti, da qual B. é uma peça fundamental. É óbvio que se simplesmente eu tentasse destruí-la, censurá-la, ridicularizá-la, ostracizá-la, como fizeram comigo, com a colaboração dela, eu estaria fazendo um desfavor a uma psicografia extremamente importante. Estaria indo contra algo que eu sou favorável. A crítica à conscienciologia e a tudo precisa ser assim. Apontar os erros mas entender o que há de progresso no movimento, e apoiá-lo.

Em seguida, trago outro exemplo de alguém que perdeu a oportunidade de ficar calada. Alguém que não tinha qualquer interesse no desfecho do assunto, que não tinha posições de poder a ganhar ou perder, mas queria colaborar, acreditando que qualquer colaboração com o líder conscienciológico lhe renderia "pontos evolutivos". G, havia recém-chegado da aula do mestrado em psicologia, onde estudaram o assunto "psicopatia." Então, para contribuir com o "debate", leu um trecho que descreve o psicopata, "pessoa que manipula, mente, não leva os sentimentos das pessoas em consideração etc."

Deve ter tomado um susto quando recebeu minha denúncia ao Conselho Regional de Psicologia, tanto que contratou advogada para sua defesa. Mas isso é assunto para o futuro.



Capítulo 24

Outra peça importante para dar respaldo ao lichamento foi a OIC, a instituição de consciencioterapia. Como já mencionei, a OIC já estava participando desde o primeiro episódio, o da “acareação”. Qual é a implicação disso?

Teoricamente, estamos falando de instituições autônomas. Porém, na prática, uma instituição cuja missão é se preocupar com a assim chamada consciencioterapia acredita que deve intervir num conflito para a qual é chamada por outra instituição. Esse é o nível de conflito de interesses e ingerências que os conscienciólogos acreditam se tratar de “interdependência”.

Na sociedade “normal”, é como se você levasse um livro para uma editora e, de repente, membros de determinada associação que têm relação com o assunto tratado no seu livro comesçassem a pressionar a editora para mexer no conteúdo do livro. Até o ponto em que as reclamações chegam na associação comercial da cidade. A associação comercial convocar uma reunião, chama o autor, e ainda chama determinada entidade terapeutica para participar da reunião. Logicamente, se eu estivesse atento a esses problemas, não teria participado, mas participei.

Talvez não esteja tão claro como as instituições se consideram no direito ou na função de intervir na vida pessoal das pessoas da comunidade. Instituições não têm vontade própria. O fato fica mais claro se entendermos que, na verdade, são pessoas que têm papel de liderança em determinadas instituições, usam essas instituições para dar um peso maior à intervenção que querem fazer nas vidas alheias. Resumidamente, são pessoas de uma comunidade tentando controlar outras. Aí o mistério fica mais claro.

Ao usarem as instituições para seus fins particulares, subvertem e desmoralizam essas associações, que são regidas por regras estatutárias e supostamente devem representar a vontade democrática de seus associados. A OIC foi usada neste sentido.

Qual era o “conflito” a ser resolvido. Eu deixei meu livro na editora e fiquei aguardando por quase um ano. Não pressionei a editora para que corresse. Não manifestei objeção ao processo editorial. Estava me ocupando de uma série de outras coisas, principalmente obras num condomínio residencial de vários hectares. Portanto, o conflito era entre outras pessoas. Como ficou exposto pelo coordenador da editora, o conflito era com um membro específico do Conselho Editorial. Não era com o conselho editorial inteiro.

Não sei se o conselho editorial é um órgão da editora ou da Unicin. Se for um órgão da editora, é um assunto interno seu. Se for um órgão da Unicin, a editora deveria mandar o descontente pastar, e só se comunicar pelos meios institucionais que existam entre ela e o conselho. Ou seja, jamais a editora deveria ter assumido que um problema pessoal de um conselheiro era um conflito entre instâncias institucionais. É assim que se legitima o hábito de lideranças usarem instituições para suas preferências pessoais.

Se a editora e o conselheiro descontentes quiserem fazer terapia de grupo, etc, é um direito deles. Ninguém tem nada que ver com isso. Mas, ao invés disso, aceitando levar conflitos individuais para o âmbito institucional, essas duas instâncias – editora e conselho editorial – se tornaram equivalentes a crianças briguentas, onde uma não consegue se desvencilhar das provocações de outra, e tudo acaba caindo nas mãos do papai superprotetor – no caso, a Unicin.

Neste ponto, uma ou duas dessas crianças briguentas já conseguiu dois aliados. Como estes aliados são coordenadores de outra instituição, resolvem envolvê-la junto, para dar força à demanda. O papai superprotetor, para não tomar partido sozinho, chamar outra instituição, a de consciencioterapeutas e, particularmente o AVA. Em seguida falaremos desse AVA.

Ou seja, a instituição Unicin, que supostamente serviria para mediar e resolver conflitos institucionais, sem perceber, passa intervir em conflitos pessoais. Chamar a consciencioterapia mostra exatamente essa mistura que não está bem clara na comunidade. O

que tínhamos ali era equivalente a uma briga de família ou de vizinhos, na qual a Unicin foi colocada como juiz de “conciliação”, e aceitou este papel que não lhe cabe. Chamou os “psiquiatras” do grupo. E de maneira pouco transparente, me chamou, sabe-se lá se com qual intenção prévia. Pergunto, já pensou se a Unicin resolve se meter em todo tipo de brigas pessoais entre quem concorda e quem discorda de um livro? E ainda chama o autor e terapeutas pra participar?

O brigão e seus amigos, experientes na arte da política comunitária, foram influenciar W que, na posição de pai superprotetor de todos os outros, foi à reunião e bateu o martelo, para afirmar seu poder absoluto e absolutista. Ou na linguagem do DSM-IV, suas “expectativas de obediência automática” (F60.8). Mostrando que esse monte de instituição, inclusive a Unicin, tem quase nenhuma autonomia, e colocam o rabinho entre as pernas diante de uma ordem de W. A autonomia institucional se mostrou uma fábula.

Na tertúlia, R., coordenadora da OIC, afirma concordar com o que estava sendo dito – isso após ouvir W me chamar publicamente de psicopata durante meia hora para toda internet. Qual profissional da saúde – R. é médica – se permite, em sã consciência, cooperar com uma atividade como essa, onde um médico aposentado chama uma pessoa constantemente de psicopata e coisas piores?

Todos os códigos de ética profissionais da saúde incluem o respeito à pessoa humana, repudiam divulgações de diagnóstico. Ao se posicionar, inclusive sendo coordenadora da OIC, mostra que o código de ética médica profissional não foi aprendido como um valor de vida, mas sim como uma conduta para “dentro do consultório”. Fora do consultório, segue uma “cosmoética” superior, que parece considerar “assistenciais” atividades de linchamento moral.

Não surpreende num grupo onde W sempre se gabou de fazer “impactoterapia”, que é um subterfúgio para desrespeitar as pessoas acreditando estar lhes ajudando. Será a impactoterapia a demonstração da “ausência de empatia e relutância em reconhecer ou

identificar-se com os sentimentos alheios”, apresentadas no mesmo DSM-IV?

R. faz algo ainda pior. Além de concordar com tudo, explica que a OIC estava “acompanhando o caso há cerca de um ano e meio”. Até hoje estou curioso para saber como eles “acompanharam o caso”. Um ano e meio foi mais ou menos a época em que eu chamei os voluntários para o primeiro debate sobre o livro. O que levou a OIC a “acompanhar o caso”? Será que N e F já estavam reclamando desde então? Não seria o caso de a OIC acompanhar os descontentes? Que tipo de instituição que se diz terapêutica “acompanha o caso” de alguém sem chamá-lo para uma conversa. Na minha terra, o nome disso é espionagem.

Até entendo que um pesquisador faça espionagem para pesquisar um assassino extremamente perigoso, onde a tentativa de contato ou aproximação podem lhe custar a vida. Mas este não é o meu caso. Eu morava a 500 metros da sede da OIC, durante todo aquele ano e meio em que eles “acompanharam o caso”. Em vez de conversarem comigo, formal ou informalmente, parece que preferiram me espionar. Até hoje tenho curiosidade de saber se tenho um “arquivo” deste “ano e meio” guardado na OIC. Arquivos são o meio como terapeutas registram os seus “casos”. Eticamente os profissionais não podem se opor a mostrar as fichas dos seus “casos” à própria pessoa. Eticamente... Mas na ética cosmoética da OIC, pode ser que funcione diferente.

Capítulo 25

O último uso impróprio de atribuição institucional que desejo destacar durante aquela tertúlia foi o da Assinvéxis. L, por ser coordenadora, foi a escolhida para a função. Sua intervenção breve, formal, institucional, para mim é indicativa de que ela não estava muito convicta de que aquele linchamento era necessário. É como se ela pensasse: “- Que merda eles estão fazendo? Bom, mas já que a pressão está muito grande, não vou me aventurar a criar polêmica, só vou passar o recado institucional que é minha função.” De todos os que se manifestaram, L parecia não querer se envolver tanto com aquilo.

Eu realmente a tinha por amiga e ela, a mim. Lamento que tenha se exposto desse jeito. Infelizmente, sendo psicóloga, foi mais uma que denunciei ao Conselho de Psicologia, posteriormente. Infelizmente, sendo coordenadora da Assinvéxis, também se juntou aos demais na escrita de uma nota pública de repúdio. Posteriormente relatarei esses dois episódios.

A intervenção formal e lacônica da coordenadora institucional foi: “a Assinvéxis não reconhece o livro Teáticas da Invexologia como obra de referência sobre inversão existencial.”

Poucas palavras, mas que revelam muito.

Na ciência, não é assim que uma obra se torna referência. Se um trabalho é publicado por uma instituição que já é referência, obviamente, a referência será a instituição. Por exemplo, se a Sociedade Brasileira de Psicologia publica um livro, o nome desta instituição funcionará como referência para os que confiam nela. Hipoteticamente, é possível que existam psicólogos que não gostem da SBP e, por isso, ao ver suas publicações, não as dêem muito valor.

Mas obviamente seria bastante arrogante, da parte da SBP, lançar um livro, ou ver um livro lançado por terceiro, e declarar oficialmente “esta obra é referência de Psicologia”. Isso seria uma conduta estranha, religiosa, avalizadora, sobre a qual poderíamos suspeitar um corporativismo. As sociedades de fomento a pesquisa

devem cooperar entre si, e reconhecer seu papel horizontal diante de outras entidades e pesquisadores independentes, ao invés de se colocarem no papel de cúpula central de determinada ciência.

A Assinvéxis não reconhece pois não cabe a ela reconhecer. Cabe a ela fomentar o avanço deste campo de estudo. A não ser que ela pretenda se colocar na posição de uma Igreja Católica do Século V, dizendo o que é cristianismo e o que não é.

Além disso, um autor leva a referência do seu próprio nome e, como todos sabem, não apenas a inversão existencial é um tema recente como as publicações na área ainda são muito poucas. O autor serve como referência para o livro. Isso acontece naturalmente, em todos os livros. Autor novo, antigo, experiente, famoso, polêmico, superficial, profundo etc. No caso de autores iniciantes, como eu, numa área iniciante, seria fantasioso esperar ser “referência” em alguma coisa, no dia do lançamento do livro. Livros de autores iniciantes dificilmente se tornam referências, e quanto isso acontece, é apenas algum tempo depois de sua publicação. No início, não é raro que obras clássicas sejam recebidas com ceticismo. Seu autor pode até ser condenado. Pode inclusive não chegar a conhecer a relevância que o livro ganhou, algumas gerações mais tarde.

Logo no início da fundação da Assinvéxis, em 2004, L. havia participado de um curso ECP-2, onde se tem a oportunidade de fazer perguntas ao professor que incorpora uma entidade extrafísica. Ela havia perguntado se o espírito amparador tinha alguma recomendação a fazer a respeito da Assinvéxis. O conselho, resumidamente, era tomar cuidado com a precipitação. Ela enviou ao grupo um e-mail informando isso, no dia 15.11.2004 e, lá estava ela, em 15.01.2012, em nome da Assinvéxis, querendo discutir se um livro de 500 páginas, lançado há 24 horas, seria ou não referência sobre determinado assunto.

Junto com a Assinvéxis se manifestaram F e N que, embora não fossem mais voluntários da instituição, ainda tinham relativa liderança sobre a mesma. Não há muito o que comentar, já que trato deles em outros momentos. N passou a ser odiado pela minha

família. Em torno de 2008, ele fez mestrado na UFSC e se hospedou, por todo aquele tempo, na casa de minha família. Receberam-no de braços abertos. Hoje o consideram um traíra.

Ele e F não têm obrigação de gostar do livro. Mas foram capazes de conviver comigo por vários anos, me encontrarem várias vezes por semana, participarem em várias atividades em conjunto comigo, inclusive na elaboração de um livro, para depois colocarem lenha na fogueira onde o assunto principal é me acusar de psicopata para o mundo inteiro?

Eu insisto muito nesse ponto para que o leitor não se impressione com supostos fenômenos de loucura coletiva. Pessoas normais se tornam coniventes com demonstrações coletivas de barbárie muito facilmente. Engana-se quem pensa que, se estivesse integrado à conscienciologia, se portaria diferente da maneira como se portam os que participaram daquela tertúlia. Todos nós replicamos inúmeros comportamentos coletivos, de manada. Não dizemos que são irracionais pois, estando integrados à respectiva cultura, adotamos uma racionalidade que os explica.

Nas palavras de N, eles me chamaram para vários debates. Um cretinismo absoluto, já que quem convidava para debates era eu. N participou apenas de um, chegando atrasado, confessando não ter lido o livro e, mesmo assim, insistindo em que o mesmo estava repleto de problemas.

F apenas manifestava sua surpresa, esta sim franca. Acho que esta foi o único momento de franqueza daquela tertúlia. F parecia não acreditar que, apesar de nós trabalharmos em escritórios próximos e nos cruzarmos na rua durante a semana com bastante frequência, inclusive às vésperas do meu livro chegar, eu não ter contado para ele que publicaria de maneira independente.

Essa sinceridade mostra que F não tinha consciência de seus atos. Ele realmente acreditava que estava fazendo um bem, chamando instituições para acareação, envolvendo grupos inteiros, intervindo num processo editorial, colocando W para me intimidar, entre outras coisas. Ele acreditava que, após isso tudo, eu ainda o

veria como uma referência, uma pessoa com quem eu compartilharia meus textos, uma pessoa que eu convidaria para o lançamento de um livro etc. Ele imaginava que eu o procuraria, talvez para avisar: “estou publicando o livro por conta própria, convoque sua camarilha para me censurar novamente.”

Capítulo 26

Após cerca de uma semana sem mexer nestes escritos, uma força me empurra a ~~escrevê-los~~ escrever. Curiosamente eu tinha todo um roteiro em mente mas houve um vacilo após a vírgula, produzindo esta enigmática imagem. “Me empurra a escrevê-los.” É uma imagem de subjugação. Ser empurrado, pelas costas, cair de joelhos no chão e começar a escrever. Quem empurra não tem forma. É como se fosse um Deus, um espírito. Quem é empurrado tem forma humanoide mas não tem rosto.

Me senti empurrado ontem. Estava motivado. Havia recebido o contato de uma pessoa que encontrou minha divulgação nas redes sociais e procurava atendimento terapeutico para tratar da sua vivência por anos entre testemunhas de jeová. Isso me motivou a divulgar mais. Até que um bostinha, desses merdas que não têm o que fazer, veio dizer que eu não podia estar anunciando meus serviços se não fosse psicólogo. Babaca, gordo de cabelo lambido e barba de nerd metaleiro. Filho duma puta.

A lavagem cerebral é tão grande que idiotas que sofreram com manipulação dentro de seitas agora servem ao corporativismo dos conselhos de classe, e tentam coibir a liberdade de atividade econômica das pessoas. Na cabeça dessas antas, deve-se proibir “preventivamente” pessoas de oferecerem um serviço que pode ser basicamente de escuta e diálogo. Animais condicionados ao cativeiro têm mais fome de liberdade do que eles.

Esta proibição também é a proibição do público escolher seus terapeutas, analistas etc. Ou seja, eu e você não temos o direito de procurar qualquer pessoa, conversarmos com ela, nos sentirmos bem, pagarmos o valor algum valor pelo serviço que seja considerado justo. Somos obrigados a escolher “psicólogos” e “psiquiatras”, devidamente credenciados, que não raro cobram um preço tabelado altíssimo. Na página do nerdzinho de merda, uma postagem apoiando projetos de Lei desses senadores oligárquicos, representantes de

coroneis e currais eleitorais, que mandam no Brasil desde o Império. Especificamente projetos que proibiam a atividade de “coach”.

Entendo na teoria que esta situação deve ser combatida com uma campanha persistente, longa, cansativa, gradual, de esclarecimento e de organização popular. Só assim o povo sairá da defensiva, sairá da situação de baixa autoestima por não ter um curso superior, por não falar o português oficial e “correto”, por não ter um consultório arrumadinho e roupas passadas, e recobrará o orgulho de suas próprias estratégias e organizações alternativas de cura. Se os aristocratas, as corporações da elite, os conselhos de classe estão tão preocupados com a qualidade desses serviços, que venham para oferecer ajuda, não para proibir. Hipócritas!

O leitor pode perceber que a barbárie tomou conta de mim, pelo menos em parte. Não se combate barbárie com barbárie. Mas não se combate barbárie com bom-mocismo tampouco. Recentemente sinto minha oscilação de um bom-mocismo estéril para uma barbárie destrutiva. Se for para escolher a menos pior, escolho a última. Mas nenhuma das duas é condição adequada para transformar e fazer evoluir a sociedade.

Nessa barbárie eu me imagino enforcando com um arame o nerd babaca. Que diferença fará ele morto? Nenhuma. Para mudar o estado das coisas, nenhuma. Uma mudança revolucionária não se fará com nerds mortos. Esse aí logo será morto pelas classes dominantes que hoje ele defende ingenuamente. A ação revolucionária depende de cidadãos organizados, conscientes e vivos.

Tento me manter consciente mas o fato é que estou alienado da vida política da classe trabalhadora. Não há consciência política fora da luta política. Minha consciência é de um ser acuado, individualista, portanto indefeso, incapaz, impotente. É esta fraqueza que sinto hoje. Desorganizado. Vivo apenas por um capricho da natureza. Sinto que vou perdendo o apego à vida.

É curioso que, no dia em que passei mal, eu havia jogado fora uma cartela de comprimidos de paracetamol. De raiva, pois achei que eles aplacariam meu enjôo e dor de cabeça, mas só os fizeram piorar.

Não tenho apreço por remédios em geral. Não guardo remedinhos de primeiros-socorros para as pequenas enfermidades. Mas eu guardava estes paracetamois há uns dois anos. Achava que poderiam ser úteis.

Há uma questão subjacente. Me falaram que uma dose de 20 desses comprimidos é letal. Causa falência hepática. Uma morte dolorosa mas quase garantida. Não sei se acredito, mas já pensei que minha morte seria assim.

Eu não me mataria numa situação em que minha cachorra não pudesse estar por perto. Por exemplo, não me jogaria de uma ponte ou de um prédio. Não suportaria pensar que Satori não presenciou minha morte. Não suportaria pensar que ela acha que a abandonei. Hipocrisia da minha parte, já que qualquer suicídio seria um abandono. Mas não suportaria pensar que ela acha que fui embora. Nossa! Muito curioso como não consigo articular a ideia. Em fim, queria que ela soubesse que estou morto, que não voltarei, portanto, que não fique esperando por mim. A visão da minha morte é tomando overdose de algum comprimido no quarto, na companhia dela.

Já tive outras fantasias suicidas também mas o fato é que jogar fora aqueles comprimidos estava associado, para mim, como uma pulsão de vida se renovando, uma remotivação, uma esperança de que havia esperança na vida. Mas ontem, após este bostinha ajudar a evocar meus fantasmas de perseguição, a pulsão de morte disse "oi" novamente. À noite, enquanto passeava com a cachorra, olhava para a coleira dela. É uma coleira grossa com enforcador. Eu nunca havia pensado nisso antes, mas me vi usando a coleira para me enforcar. Fácil, rápido, basta pendurar em qualquer gancho, subir num banquinho e derrubá-lo.

Por que resolvo escrever isso no livro sobre conscienciologia? Pois para mim, conscienciologia é isso. Essa é pelo menos a promessa que nos fazem nos cursos. Autoconhecimento. Alguém pode fazer objeção sobre estar falando pouco de "parapsiquismo". É um dos argumentos que os fiscaizinhos de texto, os inquisidores do vaticaninho conscienciológico, usam para desmerecer, censurar, desencorajar determinados escritos e autores.

Ora, se o lema fundamental da conscienciologia é "não acredite em nada, nem no que ouvir em um curso de conscienciologia, tenha suas experiências pessoais", precisamos acatar o fato de que alguém escrevendo sobre experiências pessoais está sendo mais fiel à conscienciologia do que um desses fiscais com seus parâmetros sobre qual seria o nível de parapsiquismo mínimo para uma publicação ser considerada conscienciológica.

Isso me remete ao parecer de F, que reflete uma boa parte dos "nãos" que eu escutava dele ao tentar escrever e produzir cursos na Assinvéxis. F batia muito na tecla de que existia algo muito próprio da invéxis, que era o "maxiplanejamento". É o que diferenciava o "inversor" de um mero "jovem na conscienciologia". Invéxis não era simplesmente, segundo ele, um conjunto de "boas práticas conscienciológicas para jovens". Ainda que não esteja clara essa diferença.

F também procurava afirmar seu nível de parapsiquismo que, não sendo extraordinário, seria supostamente superior ao dos voluntários em média da Assinvéxis. Os inversores da Assinvéxis eram normalmente bons na "intelectualidade" mas ainda faltava "parapsiquismo" e "comunicabilidade." Esta última, F associava com a "liderança". Pelo menos é o que eu entendia.

Essas categorias não são claras. Há muita coisa imaginária e confusa nelas. Mas basicamente essa diferenciação tinha a função demarcar fronteiras, *boundary-work*, ou seja, dar carteiradas sobre quais trabalhos eram legítimos e ilegítimos na invexologia. No parecer de F sobre meu livro, havia muita ênfase na "intelectualidade" em detrimento dos atributos "comunicabilidade" e "parapsiquismo". E se for verdade, qual o problema? Em momento nenhum o livro pretendeu ser um compêndio definitivo e universal sobre invéxis, mas realmente um conjunto de ideias e experiências do autor, portanto, uma idiografia relacionada ao tema. Qual o problema?

Igualmente, F coloca seus postulados arbitrários de que o livro fala mais sobre "boas práticas" do que "planejamento invexológico". Curiosas são essas nomenclaturas utilizadas para delimitar que o livro não é sobre invéxis. Realmente, hoje me pergunto, e seu eu

chutasse o balde e abraçasse o argumento? *Ok, Editares, vou mudar a descrição do livro. Será "boas práticas do jovem na conscienciologia."* Por acaso ele perderia parte do seu valor? Provavelmente não. Talvez aumentaria. Se tornaria acessível. Se despiria de parte da roupagem arrogante e aristocrática de quem acha que está "estabelecendo as bases para uma nova ciência." Mas realmente eu não tinha como entender isso naquela época.

É como se eu quisesse montar uma holoteca, juntasse meu acervo, chamasse de holoteca, e alguém disesse, ah, isso não é holoteca, isso é apenas uma biblioteca. Hoje vemos como essas demarcações são falhas e isolam o pesquisador na torre de marfim de sua própria arrogância. Sem tirar os méritos da holoteca, que merece ser cada vez mais enriquecida, mas que a verdade seja dita: qualquer biblioteca de uma grande cidade coloca a holoteca do CEAEC no bolso. É curioso que a menor delas tem o nome mais pomposo, enquanto que acervos gigantescos no mundo inteiro levam o nome modesto de "biblioteca nacional".

Quando olhamos as publicações da Assinvéxis na atualidade, ou seja, uma década depois destas supostas preocupações preciosistas de F sobre manter o "alto nível" da ciência, vemos como essa postura é infrutífera. Basta navegar pela seção de artigos públicos do website da Assinvéxis para verificar isso. São textos que se encaixariam muito bem nessa categoria de "boas práticas do jovem na conscienciologia". E que também mostram um privilégio absoluto sobre temas relacionados à "intelectualidade" e "comunicabilidade", e quase nada de "parapsiquismo."

Ou seja, enquanto ninguém proibia F de escrever sobre o "maxiplanejamento", o que quer que isso signifique, F tentava evitar que se escrevesse sobre o que não era "maxiplanejamento", já que sem este ingrediente, na cabeça dele, não se trata de um assunto da invexologia. Por acaso esta honrosa preocupação transformou a Assinvéxis num pólo de excelência sobre "maxiplanejamento". Não. Ela continua publicando assuntos que estão no nível dos seus voluntários. Que bem fez isso para a Assinvéxis? Nenhum. Apenas

envolveu a instituição num episódio que seus voluntários procuram esquecer, tentando apagar esta mácula da história institucional, um episódio de censura, de corporativismo.

(Uma pausa me faz olhar para esta curiosa palavra "maxiplanejamento". Que também surgiu no início do livro através de outras imagens persistentes. A do *Max* da reunião, e do Edifício *Maxims*. Tem massarocas mentais a serem desenroladas em próximas análises. Massaroca não deixa de ser uma palavra curiosa também. O enrolado. Me remete a uma série de associações, do "enrolado para sair de casa," de nascer com o cordão umbilical enrolado no pescoço, de ser incomodado por meu cabelo enrolado, de "anjinho barroco", a terminar esta exposição falando em enrolar a coleira da minha cachorra no meu pescoço. Também me referi à biografia que estou escrevendo sobre W como uma massaroca. Já não me lembrava mais disso. São coisas que talvez eu guarde para uma próxima edição. A vontade agora é publicar o que já está escrito.)

Funcionar como uma corporação de ofício não contribuiu em nada para o desenvolvimento dessa "nova ciência", mas para F e N não é possível dizer o mesmo. Ambos garantiram uma posição de destaque no grupo, de um certo monopólio, um certo prestígio como "inversores veteranos".

Seria errado achar que o corporativismo é apenas autodestrutivo. Ele é fundamental para as lideranças, embora carregue contradições e tensões. Se não fosse, já teria sido abandonado. Mas o corporativismo deixa essa marca de estagnação e burocratização dos ofícios. A mesma que vemos nos conselhos de classe. Um aspecto incrustrado, uma falta de renovação e reciclagem, uma postura de velhos querendo controlar a atividade, dizer o que pode e o que não pode. Eventos e congressos sempre com as mesmas carinhas conhecidas, os rituais maçantes, as frases de efeito, as diplomacias. É a faceta decadente do associativismo.

Capítulo 27

A Assinvéxis começou dentro do IIPC. Lá por 1999. Era uma associação, não no sentido formal, oficial, mas que tinha seu lugar e fazia certas atividades. Ela tinha uma cara "jovem". Não me refiro à faixa etária em especial. Era um setor do IIPC que se permitia fazer experimentações. Seus cursos e eventos eram diferentes daquele padrão "aula expositiva". Essa face jovial do IIPC era querida pela maioria.

Mas a crise de identidade do IIPC aumentava. Instituição que vinha se afastando de sua missão inicial, que era a pesquisa da experiência fora do corpo. Conforme a conscienciologia tomava o lugar de destaque sobre a projeciologia, pipocavam atividades, eventos e grupos de pesquisa sobre "outras coisas".

O primeiro grupo que saiu do IIPC foi o de consciencioterapeutas. Não é acidental. O IIPC era um reduto de pessoas que sofriam algum processo de inadaptação, como é natural de um grupo que se organiza em torno de fenômenos paranormais. Muitas dessas pessoas inclusive não se sentem compreendidas por terapeutas oficiais. Esta demanda por atendimento terapêutico torna prestigiosas as profissões ligadas à saúde dentro de tais grupos. Nossa tendência é pensar nos psicólogos, mas o fato é que a classe médica é muito mais tradicional e forte. Assim também é no espiritismo. Há toda uma mística sobre os "médicos espíritas," que não existe a respeito de "psicólogos espíritas".

E sendo uma classe forte, fizeram valer sua força para criar uma instituição independente, para que ninguém "de fora da área" interferisse no trabalho. Ora se um médico vai aceitar ficar acatando decisões de não médicos! Vários voluntários fizeram uma segunda graduação em Psicologia para atuar juntos a esta nova instituição. Muito embora a psicologia, e não a medicina, pareça ser a área com mais proximidade da conscienciologia e da consciencioterapia, os médicos conseguiram manter seu prestígio diferenciado entre os consciencioterapeutas.

Com a Assinvéxis, a explicação era que, assim como o jovem precisa sair de casa para se tornar adulto, a Assinvéxis precisaria sair do IIPC para se tornar adulta. São representações cheias de simbologia que não explorarei aqui, mas parece que foi o que aconteceu. Apesar da faixa etária, a Assinvéxis foi perdendo o espírito jovem, que era sua marca registrada.

W tem uma formação científica limitada, mais influenciada por sua educação médica dos anos de 1950 do que pelos movimentos científicos posteriores. O que ele absorveu de ciência após terminar a educação formal foi de maneira autodidata e mais centrada no espiritualismo, que também costuma deixar a desejar em matéria de coerência científica.

A ciência do líder conscienciológico é linear e positivista, num sentido moral do termo. As coisas evoluem num sentido retilíneo em que o mais evoluído é melhor do que o menos evoluído. Não são processos orgânicos, onde precisamos observar a relação entre o todo e a parte, entre o indivíduo e o meio. Não são processos cíclicos. Tampouco são processos dialéticos. Nesta visão, as categorias jovem e adulto estariam numa espécie de hierarquia onde o adulto representa o "mais evoluído", o "maduro". A Assinvéxis "sair de casa" representaria o "amadurecimento". Um degrau a mais ultrapassado. Um degrau a menos para chegar no "ideal evolutivo".

Há muito mais na "evolução" do que essa visão de escadinha linear, de etapas a serem cumpridas. A contraposição entre jovem e adulto envolve outras representações e complementaridades. A complementaridade entre colocar limites e desafiá-los, entre falar "pode" e falar "não pode". Há um ciclo de renovação, no qual o adulto precisa gerar novos jovens. A Assinvéxis se tornou adulta e assim ficou igual às demais instituições conscienciológicas. Não havia mais um grupo com "cara de jovem" na conscienciologia para fazer este papel complementar.

Nós usávamos terno e gravata para ministrar eventos, num visual que era mais conservador do que o de outros grupos. E o poder de atração dos jovens era baixo. Muitos jovens não se identificavam

com a Assinvéxis e rapidamente se afastavam em direção a outras instituições. Nós racionalizávamos que era por que nossos assuntos eram realmente desafiadores. Não eram para "qualquer um". A denominação "jovem na conscienciologia" tinha um pouco esta conotação demeritória com a qual, discretamente, talvez até inconscientemente, tentávamos punir e constranger os jovens que não se aproximavam da Assinvéxis.

Este capítulo pode parecer um dos poucos que é fiel ao título do livro. *O que penso da conscienciologia*. Mas o leitor pode perceber que ele brotou do capítulo anterior. Quase como uma continuidade. E pode perceber que o capítulo 26 parece um muro de lamentações. O que os "fiscais de texto" considerariam: "não condiz com o título do livro". Mas acho que involuntariamente, acidentalmente, consegui mostrar um exemplo de como esses problemas e amarrações entre sujeito e objeto estão misturados, na consciência.

Eu poderia apenas mostrar o resultado, de preferência numa asséptica terceira pessoa. Seria uma encenação. Seria omitir todo processo, omitir a epistemologia, a metodologia de pesquisa.

Há um outro aspecto ainda mais importante, "consciencioterapeutico", já que tocamos no assunto. Quando comecei o capítulo 26, esta manhã, estava me sentindo um lixo. Não fosse estar me sentindo um lixo, possivelmente não me motivaria para escrever. Tinha uma pulsão de morte que mostrou o quanto pode ser produtiva. Terminei o capítulo 27 ao final da tarde me sentindo ótimo. Me sentindo motivado. Orgulhoso pelo conteúdo que consegui desvendar, descobrir pensando, parir dialogando comigo mesmo, ou melhor, com um outro, imaginário, que é o leitor.

Estou tão orgulhoso que quase tenho vontade de publicá-lo do jeito que está. Tenho muito mais coisa que poderiam ser faladas sobre a conscienciologia mas acho que pela primeira vez, após 27 capítulos, que eu sinto ter colocado algo para fora que finalmente precisava. Algo de uma expulsão. Como aquela última golfada de

vômito que faz passar o enjôo. Aquilo que parecia um naquinho minúsculo de bolo alimentar, mas ainda incodava, e que você agora olha no vaso sanitário e pensa consigo, "agora foi".



Posfácio da Segunda Edição

Esta edição começou com a luta contra uma interdição. Eu estava lutando contra uma das maiores corporações do mundo, que havia interditado a venda deste e-book. Ela também terminou com a luta contra outra interdição. No capítulo 26, era um bostinha que tentava me proibir de divulgar meu trabalho terapêutico. Ambos caracterizados como filhos da puta.

Ela inicia com a revolta contra um pretexto - o de que o conteúdo deste livro não condizia com o título - e também termina com a tentativa de justificar a concordância entre título e conteúdo (há um duplo sentido nesta última oração, o qual não consegui eliminar). Essa revolta desencadeou toda uma cadeia de pensamentos que gerou um livro inteiramente novo, mas que não recebeu um título novo. Apenas o status de *segunda* edição, uma revisão, uma ampliação.

Mas não foram estes dois conflitos atuais o tema central do livro, e sim um conflito antigo, também análogo. A dizer, a tentativa de interdição do meu livro *Teáticas da invexologia*, em 2011, por lideranças da comunidade conscienciológica. O pretexto principal também foi a incongruência entre conteúdo e título. Ou seja, não foram eventuais argumentações consideradas erradas, mas uma luta territorial. Estávamos falando de um território novo, a invexologia, e a motivação toda era dizer que aquele livro não era autorizado a circular naquele território.

Não foi apenas uma "tentativa" de interdição. A interdição foi bem-sucedida em partes. É por isso que estou escrevendo. Estou ainda recobrando e desinterditando aquele trabalho antigo. Aquele bolo alimentar que não foi expelido por completo. Aquele parto que saiu pela metade, ou com o cordão umbilical enrolado no pescoço. É por isso que ainda há um desejo de escrever sobre tudo o que aconteceu após a tertúlia, após minha expulsão. Revirar uma pasta que guardo a respeito desses eventos, etiquetada com a palavra "linchamento". Mas, apesar dessas coisas sobre as quais ainda quero

escrever, uma vontade de publicar os 27 capítulos acima é mais forte. É como se ocorresse o fechamento de um ciclo.

Quase um mês se passou antes que eu conseguisse reler o livro e escrever estes apontamentos finais. Ao longo deste mês, uma sensação muito boa, como se um naco de frustração existencial tivesse sido realmente expelida, expulsa. Realmente não sei. Escrever tem algo mágico para mim, mais do que científico. É como outras formas de arte, outras formas de experiência, outras formas de expressão. Impossível de ser explicada sem ser reduzida. Uma rosa é uma rosa é uma rosa.

Esta edição inicia com o alerta de um leitor. *Por que meu livro não estava mais disponível na Amazon.* Ao investigar, descobri que eu havia carregado um arquivo incorreto quando fazia uma atualização na plataforma. Confirmei também algo que já tinha notado - eu havia perdido o arquivo original. Estes fatos aconteceram ao longo da primeira quinzena de agosto.

No dia 23 de setembro eu já estava com os capítulos escritos, faltando apenas revisá-los, e entrei em contato com o rapaz, avisando que deveria publicar em breve. Isso foi às 16:57 e ele me respondeu em seguida, agradecendo. Não foi apenas um aviso. Eu expliquei que precisei refazer o livro, pois havia perdido o arquivo original.

Eu estava guardando algumas pastas e registros. Separando textos que ainda pretendia visitar, referentes a fatos que ocorreram posteriores à minha expulsão. Eu já estava pensando em escrever uma segunda parte dessa história. Olhava episódios como os das cartas abertas publicadas por instituições conscienciológicas, e também o relativo à minha denúncia aos Conselhos de Psicologia e Medicina. Foi quando resolvi procurar, no Messenger do Facebook, uma conversa antiga e curiosa, na qual um dos líderes da conscienciologia me procura, educadamente, pedindo para que eu retirasse as denúncias. Não encontrei a conversa, mas a pesquisa por palavras-chave me levou a outra, com uma ex-voluntária, a quem eu havia enviado o arquivo perdido! Lá estava ele.

Episódios assim são muito comuns de ocorrer comigo. Chegam a ser um pouco embaraçoso, já que não gosto de perder coisas. Não sou meticoloso mas costumo guardar minhas coisas em lugares específicos e lógicos. Fico atormentado quando não as encontro. É um golpe na minha autoimagem. E não é raro que estas coisas tenham relação com outras pessoas. Então entro em contato com elas e pergunto: "por acaso você não pegou tal objeto?", "por acaso deixei na sua casa?", "por acaso emprestei para você?" É um pouco constrangedor. E como num passe de mágica, poucos minutos depois de perguntar, eu encontro o objeto perdido.

Já se constatou através de hipnose que a memória retém registros inconscientes, ou seja, em algum lugar eu tinha registrado onde estavam essas coisas, por exemplo, onde estava o arquivo do livro. Evolutivamente, não há motivo aparente para o inconsciente ocultar uma informação dessas, deixando o indivíduo "perder tempo" procurando e refazendo tarefas. É por isso que lapsos de memória são normalmente tratados como "disfuncionais". Foi um "esquecimento", uma "falta de organização."

Mas o que explica os objetos perdidos serem encontrados quase que acidentalmente, instantes depois da comunicação do desaparecimento. Por que esse padrão? Estaria o inconsciente procurando comunicar algo? Jamais saberemos ao certo. Tudo o que podemos fazer é especular, através de associações e interpretações. A mensagem que faz sentido para mim é: "você precisa falar sobre suas perdas." Isso me remete à *dificuldade de falar o que penso*, no caso, *o que penso da conscienciologia*, já que a conscienciologia está associada à uma expulsão, a uma interdição, ou seja, algo que foi perdido.

Isso que chamamos de inconsciente, esta enormidade de funções mentais que acontecem sem nossa deliberação consciente, é análogo a outras funções orgânicas que acontecem permanentemente, sem nossa interferência. Assim como o coração bate, perpetuando a vida, a mente trabalha, perpetuando a vida. Alguns explicariam como parapsiquismo, amparadores, Deus etc. Não importa. Estamos

falando de uma experiência, portanto, no nível subjetivo, cuja funcionalidade está na perpetuação da vida, não na forma "religiosa" ou "científica" que a experiência tome. Desde que a roupagem faça sentido e faça o indivíduo agir em favor da sua continuidade, a função tende a se perpetuar ao invés de ser destruída. É um mecanismo simples também chamado de evolução das espécies.



Anexo I: Pareceres da Editares ao livro Teáticas da Invexologia

Observação: algumas mudanças na forma da exposição foram feitas para fins de concisão e padronização, porém, sem modificar o conteúdo dos textos aqui copiados.

Parecer de L, de 04.04.2011

Trafores da obra: escrita com coerência e profundidade; ausência de erros gramaticais e de concordância; ideias originais e associações inovadoras; densidade temática; metodologia utilizada de relacionar os itens conforme os atributos conscienciais do conscienciograma, utilizando assim um padrão, critério específico.

Aspectos gerais do livro que merecem atenção: - A parte da bibliografia toma cerca de 60% da obra, o que pode ser considerada como excessivamente vasta para o leitor. - Além de utilizar o conscienciograma para a matriz heurística, a obra utiliza a forma do livro “200 teáticas da Conscienciologia”. Seria importante em algum momento referir-se a essa obra, explicando o porquê de ter escolhido este formato. - É conveniente que a explicação do método utilizado (Cotejo conscienciométrico) seja colocada no início da obra, na introdução. - Há diversas otimizações e evitações em que não está clara a sua relação com a invéxis e o porquê isso seria importante para o inversor. Ex. antiegocentralidade (p. 30), clarividência (p. 47), democracia pura (p. 32), globalismo (p. 52), amor possessor (p. 131), compulsividade (p. 149), mundo virtual (p. 184), dentre outros. É importante ter ao menos um parágrafo que relacione a otimização ou evitação com a questão da invéxis, já que é o tema do livro, clarificando ao leitor a associação feita pelo autor em relação a isso. - Há alguns temas fundamentais em relação à invéxis que não são abordados como, por exemplo, curso intermissivo, egocarma,

policarma, proéxis dentr outros, são abordados alguns temas que parecem pouco relevantes como por exemplo, quadrinhologia.

Aspectos espcíficos do livro que devem ser revistos: - Folha “Antiinvéxis” (p. 133) fala mais sobre antagonismos, não explicitando o que seria antiinvéxis. - Folha “Euforia perdulária” (p. 161) passa uma ideia excessivamente rígida de perda de tempo do adolescente ao realizar atividades egocármicas ou sociais. - Folha “Opus Dei” (p. 190) traz uma linha da igreja católica mas na realidade há diversas religiões que agem desta forma. - Folha “Proselitismo” (p. 197) fala em vários parágrafos sobre o Opus Dei, o que já foi abordado em folha anterior. - Folha “Suscetibilidade” (p. 212) fala sobre homossexualismo, sem deixar claro a relação disso com o título. Aborda a homossexualidade de uma forma um tanto rígida e generalista. - Há algumas folhas que são muito parecidas, sugerindo-se que fique uma só, como, por exemplo, “Religiosidade” e “Opus Dei”, “Esquerdismo” e “Socialismo”.

Sugestões: - Fazer algum tipo de conclusão da obra. - Explicar (pode ser na introdução) algo sobr as “evitações” da invéxis, se são questões que dificultam ou descaracterizam a técnica da invéxis. - Colocar a folha “Invexometria” (p. 95) no início do livro. - Outras pequenas sugestões foram assinaladas ao longo do tempo.

Parecer de F, de 23.04.2011

O pré-livro *Teáticas da Invexologia*, autoria de Flávio Amaral, versão de fevereiro/2011, ainda não se encontra no estágio de publicação devido aos seguintes pontos, a qualificar:

Coesão: De um modo geral, a obra carece de coesão de conteúdo. No que diz respeito aos capítulos, existem diversos parágrafos desconexos, dificultando o entendimento da ideia chave que o autor discorre. Em termos de obra, existe uma diversificação de prisma na abordagem central, tais como conscienciológicas (com maior peso), hebeológicas e invexológicas.

Conteúdo: O livro possui erro de conteúdo ao apresentar o conceito de precocidade como sendo prematuridade (capítulos 87 e

101). Também distorce a invéxis no capítulo Desinvexibilidade. Tal abordagem força a barra com a prática da invéxis, colocando como condição de alguém que esteja coerente com a programação existencial, e não uma técnica proexológica.

Conteúdo-forma: A falta de coesão entre parágrafos passa a ideia de maior preocupação com a forma estilística em detrimento ao conteúdo do livro.

Definições: O livro aborda diversos temas complexos sem defini-los anteriormente. Sugere-se começar os capítulos com as definições, de modo a aclarar sobre o que será discorrido posteriormente.

Institucionalidade: O autor passa da esfera invexológica para a institucional no capítulo 28, Conscienciocentrologia, na medida em que propõe alteração em pré-requisitos solicitados por IC.

Introdução: Faz falta uma apresentação mais detalhada da técnica da inversão existencial no início do livro. Ter um capítulo Invéxis no interior do livro, como sendo um tipo de teática dela mesma, fica sem sentido.

Invexologia: Apesar do tema central do livro ser Invexologia, numa ampla gama de capítulos não é correlacionada com o tema discutido. Ao não debater as especificidades invexológicas, o livro tende mais para as *boas práticas conscienciológicas* do que as *teáticas da Invexologia*.

Juventude: Na obra existe um predomínio de associações temáticas com a fase juvenil, podendo se ampliadas as correlações com a própria técnica e a aplicação da invéxis nas demais faixas etárias da vida.

Público-alvo: É preciso definir com melhor exatidão o público-alvo do livro. O livro não está estruturado para leitores iniciantes na invéxis, porém, aborda muitos temas introdutórios. Contribui essa ideia o fato do autor dedicar a obra aos invexólogos e invexólogas, definindo como problema complementar a ser respondido, “como atravessar a fase adolescente da vida humana”.

Tridotação: Há uma supervalorização da intelectualidade, deixando um pouco de lado a comunicabilidade e parapsiquismo. As abordagens associativas podem ser mais equilibradas.

Parecer de I, de 29.05.2011

No livro existem vários capítulos, alguns inclusive muito bem escritos, que não fazem menção à invexologia, o que fica incoerente com o título do livro. Tal ponto merece reflexão: ou adequam-se os capítulos em relação a temática exposta no título, ou reformula-se o próprio título.

Existem capítulos com erros conceituais sérios, entre os quais: o capítulo sobre fobia social traz vários tópicos que são relativos a outros tipos de fobia e não são relacionados com a fobia social propriamente dita; no capítulo sobre compulsividade, nem tudo o que está colocado tem relação com o conceito de compulsão, já bem estabelecido na psicopatologia; o capítulo 131 coloca que o aborto, filhos e casamento não são necessariamente anuladores da invéxis.

Há capítulos que, na opinião deste parecerista, colocam polêmicas desnecessárias para a obra: colocar que as ICs deem ter como prioridade a produção de livros (cap. 28); o capítulo sobre redução de danos (cap. 177) faz críticas às políticas de redução de danos, entretanto a redução de danos é um assunto bem mais complexo e com outras facetas, além das que foram colocadas pelo autor; o capítulo 188 cujo título é suscetibilidade faz várias críticas aos “homofundamentalistas” pode criar polêmicas excessivas e desnecessárias, em especial quando fala que o homossexualismo ideológico é acolhedor das drogas e divulgador da promiscuidade.

Há no texto várias afirmações categóricas e até peremptórias. O autor coloca no capítulo 198 que inexiste trote solidário. A semântica da palavra corrobora a argumentação do autor. Entretanto, hoje existem diversas faculdades que praticam o chamado trote solidário, algumas com práticas assistenciais positivas. Penso que os fatos e as práticas sociais superam a questão da semântica. Há várias outras afirmações categóricas no texto.

Vale ressaltar o esforço intelectual do autor na construção da obra. Além do esforço intelectual, muitos capítulos estão bem escritos e com muitas ponderações e argumentações bem válidas.

Porém, são necessárias **sérias revisões** tendo em vista o que foi colocado acima.

Parecer de P, de 30.06.2011

O livro *Teáticas da Invexologia* apresenta conteúdo relevante para o desenvolvimento da ciência *Conscienciologia*. O conteúdo e forma do trabalho estão de acordo com a explicitação do título, assim como a divisão das seções está clara para o entendimento teórico-prático da técnica da inversão existencial.

Especificamente com relação à forma, o livro apresenta inovação nas publicações da *Conscienciologia*, assim como ousadia por parte do autor, demonstrando dedicação no estudo da ciência, facilmente observável na estruturação da obra, dos capítulos e também no estilo de apresentação das argumentações.

Com relação ao conteúdo o livro apresenta temas relevantes ao inversor existencial, sendo de fácil consulta e capaz de gerar reflexões ao interessado em conhecer a técnica da invéxis.

Revisões são necessárias para clarear algumas afirmações do autor, porém não comprometem o trabalho.

Com isso, dou meu parecer favorável a publicação do livro, recomendando como obra de referência ao estudo da inversão existencial.

Parecer de M, de 29.06.2011

Na opinião deste parecerista, a gescon *Teáticas da Invexologia* apresenta contribuições à *Conscienciologia* e enriquecerá a Ciência quando for publicado.

O autor demonstra bastante clareza na exposição de argumentos, boas associações de ideias, criticidade, abordagens

lúcidas em diversos momentos e apresenta um texto com rico vocabulário, inclusive poliglótico.

Para a publicação da obra, sugere-se ao autor a avaliação de alguns aspectos tendo em vista a qualificação da gescon:

1. Reavaliação do título do livro, considerando que são tratados temas da Invexologia e temas da Conscienciologia em geral, que em teste possuem relação não somente com a subespecialidade Invexologia, mas com diversas outras especialidades da Ciência.

2. Opção por um estilo de escrita que siga ou o vocabulário ortográfico do português corrente ou o estilo da Enciclopédia da Conscienciologia, já que ambas abordagens foram encontradas no texto.

3. Reavaliar o quesito “sequência dos capítulos” - apesar de o livro ter sido dividido em duas seções (otimizações e evitações), a apresentação em ordem alfabética poderia ser substituída por uma apresentação mais específica, por exemplo, por subseções, ao modo do livro 700 Experimentos. Provavelmente ficaria mais didático para o leitor.

4. Alguns poucos capítulos apresentam conceitos ambíguos ou incompletos (os quais poderão ser vistos no manuscrito revisado por mim).

5. Rever alguns temas de capítulos que não representam exatamente os assuntos realmente tratados no mesmo.

6. Ficou a dúvida se a extensa bibliografia do livro tem relação direta com o texto apresentado, ou seja, se embasa o teto ou se seria um complemento do tema abordado no capítulo?



Anexo II: Cartas pós-acareação

As três cartas a seguir foram escritas entre agosto e setembro de 2011, para três partes que estavam na “acareação” de 09.07.2011, onde exigiram o abortamento de meu livro *Teáticas da Inexologia*. Desisti de entregá-las, mas o texto reflete um pouco do que o autor pensava naquela época. Preferi manter apenas a inicial dos nomes neste anexo.

Carta à coordenadora da Assinvéxis

Estimada Coordenadora,

Em face aos recentes acontecimentos relativos ao ingresso do meu pré-livro *Teáticas da Invexologia: Otimizações e Evitações à Técnica da Inversão Existencial* no fluxo editorial, sinto a necessidade de dirigir-me a você, Coordenadora da ASSINVÉXIS, amiga e também colega de voluntariado ao longo de todo o meu trajeto nesta Instituição.

Na acareação de 09.07.11, da qual ambos fomos testemunhas, tivemos como resultado final, ordem inequívoca de W à Editares para que devolvesse os pareceres ao autorando e fosse engavetada a obra.

Obviamente não pretendo encerrar a pesquisa invexológica, muito menos morrer na praia, fazendo aborto de uma gestação consciencial em fase tão avançada e feita com tamanha dedicação. Não me parece ser este o desejo da maioria dos voluntários da ASSINVÉXIS, quando menos dos inversores em geral, com quem convivo, ainda que fosse um possível caminho a tomar, considerando a veemente acareação.

Tampouco pretendo voltar a sujeitar os destinos deste livro a um tipo de avaliação semelhante ao referido evento. Prefiro submetê-lo em ambiente onde todos estejam dispostos a fazer análise exaustiva da obra; onde quem opina ou decide, no mínimo, a tenham

lido; onde os debatedores estejam determinados a acolher e escutar uns aos outros; onde as discordâncias sejam entendidas como parte daquilo que precisa ser corrigido ou esclarecido, e não como fatos a serem utilizados contra o autor, a qualquer custo, para desencorajá-lo; onde discordar de um livro não seja razão suficiente para querê-lo engavetado.

Vieram à tona, ainda, posições que alimentam uma visão segundo a qual este autorando age subrepticiamente, criando intrigas, ignorando críticas – ainda que as opiniões não tenham sido veiculadas nestes termos, e ainda que não estivessem bem claras quais opiniões eram pessoais ou institucionais, e de quais pessoas, ou de quais instituições. Tomei conhecimento, também, nessa acareação, da existência de juízos sugerindo que o autorando era minidissidente, criava uma ASSINVÉXIS paralela, incorria em plágio nos escritos, era teimoso em aceitar críticas e poderia ser AVA.

Não me importo em ser chamado de tudo isso e muito mais. Entretanto, quando o problema passa a influenciar decisões de nível institucional da CCCI, e colocar-se como entrave ao bom andamento de um trabalho, devo me posicionar. Na eventualidade de invocar-se uma futura posição institucional da ASSINVÉXIS frente a esta querela, sou impelido a esclarecer determinados fatos, os quais evitei trazer em circunstâncias anteriores, para poupar exposições alheias, e tentarei reportá-los com a máxima fidelidade, para que tal posição institucional, se um dia precisar ser tomada, esteja assenhoreada do máximo de variáveis.

Não encerrei meu voluntariado na ASSINVÉXIS, ao final de 2008, para ficar atirando pedras à distância, nem criar litígio na surdina, tampouco para evitar críticas da instituição. Do contrário, quase um lustro de voluntariado junto a esta IC, somadas a outro quinquênio anterior de trabalho inseparável junto ao Grinvex, foram imprescindíveis para o desenvolvimento dos meus principais trafores, e indispensáveis para compor, na sequência, o livro em questão. Se visto por esta ótica, o desligamento do voluntariado foi um processo normal, após uma década de priorização ao

Voluntariado Invexológico, a qual seria coroada, dentro de 18 meses, com uma gescon escrita.

Ao longo de todo este período, e após, prezei pela opinião dos pesquisadores invexólogos, manifestando meu interesse e entusiasmo em compartilhar escritos com a ASSINVÉXIS. Tal iniciativa foi, gradualmente, se mostrando desmotivante e pouco frutífera, fato que também pesou na minha opção pelo desligamento. Não me considero credor destes fatos. Em autexame de consciência, também concluo que poderia ter agido de maneira melhor. Acredito que os voluntários envolvidos tiveram razões justificáveis para agir de tal modo. Entretanto, em contraste, portas mais abertas ao estímulo pesquisístico abriam-se alhures, mostrando-se como opções mais adequadas e cativantes a este pesquisador.

Por exemplo, entreguei um Curso Livre à IC, prontamente, a partir de pedido enfático do Departamento Técnico-Científico a todos os professores. Ao longo de um ano, insisti para poder dar aulas-treino deste curso. Sem resultado, tive entretanto espaço aberto, imediatamente, por outra IC, para avaliação do mesmo. Não obstante a aprovação da outra IC, a devolutiva verbal que recebi de um dos coordenadores departamentais da ASSINVÉXIS foi: “admita a hipótese de que o curso não seja mais prioridade institucional”. Entretanto, após 6 meses vim a itinerar com este curso por uma terceira IC. Foi marcante receber o tapete vermelho estendido por estas duas ICs, visto que o curso não fora desenvolvido dentro dos seus materpensenes.

Ao longo do voluntariado, muitas ideias frutificavam. Trouxe dezenas de páginas e capítulos sobre os temas mais diversos e encarava como desafio poder trabalhar junto a invexólogos experientes da ASSINVÉXIS. Entre os raros comentários que recebi, um deles afirmava não haver nada a ser aproveitado nos meus escritos – muito embora a maioria daqueles trabalhos subsidiariam artigos sobre invéxis em periódicos (Journal, Revista Conscientia), jornadas e congressos. Em fim, aprendi muito sobre invéxis ao longo

dessa etapa, mas meus textos vinham a ter mais utilidade fora da esfera institucional.

Convidei voluntários, inclusive em reuniões, para debater artigos meus em espaços suprainstitucionais, a exemplo do Conscienciografia em Debate e os Debates Dominicais. O interesse era escasso ou nulo. O público majoritário vinha de outras ICs. Cheguei a um ponto no qual desisti: se meu trabalho era bom, estava falando às paredes; se era ruim, recebia raras devolutiva e pouco estímulo para melhorar.

Mesmo assim, na iminência de algo tão importante quanto um livro, chamei a ASSINVÉXIS para debater, em duas oportunidades. Na segunda oportunidade, quando a obra estava pronta (no sentido de estar concluída para ingressar na Editares), tivemos pouquíssimos inscritos, apenas você da ASSINVÉXIS. Se o problema fosse data, ou preço, seria questão de negociar. Não considero ninguém obrigado a comparecer a qualquer evento, mas seria uma antessala mais amistosa do que uma acareação interinstitucional, para levantar discordâncias ideológicas.

Como não notar, ainda, a receptividade ao meu trabalho em cada IC? Ao mencionar intenção de realizar curso Heterocrítica de Pré-Livro Conscienciológico, o Técnico-Científico de uma IC falou efusivamente “nossa IC precisa estar junto, pode contar conosco!”. O Coordenador da IC também exclamou, “vamos fazer um megaevento!” e comprou a ideia. Outra pessoa, ainda, tornou-se voluntária da Editares, justamente para poder encabeçar a organização. Sempre comentei a ideia do curso a todos, mas aparentemente criava estranhamento quando a trazia dentro da ASSINVÉXIS. Alguns desconversavam; outro voluntário representativo perguntou: “mas essa versão do livro já está melhor do que aquela primeira?” Era impossível não notar as diferentes boas-vindas em cada ambiente.

Mesmo assim, nunca deixei de interagir com a IC e seus voluntários, depois de meu desligamento. Somei esforços em mutirões de limpeza, plantio de mudas, confraternizações e visitas

técnicas no Campus de Invexologia. Estimulei palestras e debates invexológicos nos espaços suprainstitucionais, a exemplo dos Debates Dominicais e a Expo Conscienciologia. Participei, a convite da IC, de Palestras Online e de entrevistas e debates junto ao Grinvex. Enviei artigos inéditos aos Cinvéxis e ao website institucional, sendo talvez o autor com maior número de artigos na seção www.assinvexis.org/artigos. Fomentei a publicação de textos de inversores no jornal local, destacando e divulgando o Grinvex e a IC. Continuei a trabalhar, em coautoria, no livro *Inversão Existencial: Autoconhecimento, Assistência e Evolução desde a Juventude*. Até hoje reviso diversos artigos por solicitação de invexólogos. Atendo agilmente às requisições institucionais, por exemplo, para enviar textos ao Jornal da Invéxis (tão agilmente, diga-se de passagem, que um dos coordenadores comentou que eu deveria estar com tempo sobrando para poder fazê-las com tamanha rapidez). Tenho feito campanha e participado dos estudos para criarmos uma passagem interna e curta entre Campus de Invexologia e CEAEC. Assinei cheques bancários em branco para a ASSINVÉXIS! Isso mostra que tanto pude contribuir com o trabalho da ASSINVÉXIS, quanto a IC também abriu portas ao meu trabalho.

O exposto logo acima não demandou grande esforço nem merece maior crédito. Entretanto, é apenas demonstra a intenção básica de manter política de boa vizinhança, suscitar intercâmbio intelectual, alimentar vínculos sociais de amizade criados ao longo do tempo, durante fase crítica, importante, marcante e gratificante na vida deste voluntário. Não creio que seja a melhor alternativa colocar estes laços a perder através de chamados ao AVA ou acareações impositivas. Morei a poucos metros da Sede da ASSINVÉXIS, e fui vizinho seu e do ex-coordenador, no escritório de trabalho. Não havia nada que uma boa conversa, honesta e amistosa, não pudesse resolver.

Procedi com intensa revisão da própria obra, a partir dos pareceres recebidos, visando correções, aprofundamentos e esclarecimentos quanto aos tópicos discordantes. Escutei e utilizei

todas as refutações e críticas recebidas. Nada tenho a perder recebendo contrapontos, que só me ajudam a ampliar a coerência do meu pensamento. Também tenho, entretanto, opiniões que não espero serem consensuais. Enquanto esta posição for tida por ameaçadora, as possibilidades de maior debate produtivo entre nós serão escassas.

Talvez me torne persona non grata ao publicar o livro, até acalmarem-se os ânimos e o espírito científico ressurgir, sobrelevando-se aos protecionismos intelectuais. São pedágios que às vezes precisam ser pagos, mas refletem o oposto da sinergia evolutiva. A richa fortalece apenas a autofagia; subsidia motivações para quem deseja desmerecer tanto a ASSINVÉXIS quanto o autor, alimentando permanente fogo amigo maquiavélico, em detrimento à Invexologia.

Escrevo esta carta para registrar a opinião de alguém que você pode ter na condição de amigo. Por amigo, entenda-se quem você pode confiar, pois suas ideias serão acolhidas mesmo quando discordantes. A melhor estratégia é encerrarmos estes juízos críticos ad hominem e essas reuniões onde o tema central é sempre colocar em dúvida a intenção dos opositores. Tais ações nada contribuem para o debate acolhedor, a Democracia Pura, a cientificidade imparcial, a liberdade do pensamento, tão preciosas à Invéxis. Esqueçamos se a pessoa é desta ou daquela IC. Admitamos a hipótese de não concordarmos com tudo que nossos colegas intermissivistas publicam. Aceitemos o universo ambivalente onde vivemos.

Determinados movimentos científicos se fortalecem através do debate constante entre posições diferentes – cabe observar – sempre que as partes envolvidas não se sintam fragilizadas por não deterem o controle sobre a totalidade argumentos. Trabalhemos juntos, aparando arestas, pois sei que não é fácil esse tipo de convívio. Tenhamos coragem de manifestar nossas divergências teáticas em arena científica e amistosa, sem censuras ofensivas próprias do patrulhamento ideológico. Com essa autestima intelectual dispensaremos recursos a instâncias suprainstitucionais de mediação,

que se vêem forçadas a tomar medidas drásticas, iguais ao pai quando encerra o jogo pois as crianças não se entendem no bate-bola.

Carta à Editares

Estimado Coordenador,

Após cuidadosa leitura aos pareceres técnicos recebidos no processo editorial, relativos ao pré-livro Teáticas da Invexologia: Otimizações e Evitações à Técnica da Inversão Existencial, procedi com intensa revisão da própria obra, visando correções, aprofundamentos e esclarecimentos quanto aos tópicos discordantes.

Embora considere o referido trabalho apto à entrada, ou reentrada, na produção editorial, também reconheço a existência de opiniões desfavoráveis à mesma, explicitadas com veemência na acareação de 09.07.11. Acredito que os juízos emitidos e a forma na qual foram veiculados contribuíram para o abortamento precoce do trabalho, engavetado antes da discussão mais exaustiva e possibilidade de defesa das teses propostas por parte deste autorando.

No meu entender, opiniões divergentes sobre a obra levaram o assunto à ASSINVÉXIS e a W, ao invés de chamar o autor para debater o livro, interpondo-se ao trabalho desenvolvido junto à Editares.

Pude observar, também, ausência de escrúpulos por parte de pessoas com representatividade institucional em sugerir, na surdina, que o autorando era minidissidente, criava uma ASSINVÉXIS paralela, incorria em plágio nos escritos, era teimoso em aceitar críticas e poderia ser AVA. Tais argumentos ad hominem nada contribuem para o debate editorial, e evidenciam interesse, não de corrigir-se o livro, mas desacreditar o autorando, a qualquer custo.

Nos 30 meses que sucederam ao meu desligamento da Coordenação Financeira e do voluntariado da ASSINVÉXIS, tive a oportunidade de: apresentar trabalhos em eventos institucionais; assinar documentos para a IC, inclusive cheques bancários, até a regularização do afastamento frente aos órgãos de fiscalização; participar de mutirões de limpeza, plantio de mudas,

confraternizações e visitas técnicas no Campus de Invexologia; estimular palestras e debates invexológicos, incansavelmente, nos espaços suprainstitucionais, a exemplo do Conscienciografia em Debate, os Debates Dominicais e a Expo Conscienciologia; participar de entrevistas e discussões, a convite do Grinvex; alimentar o website institucional com artigos originais, sendo ainda hoje o autor com maior número de artigos publicados à página www.assinvexis.org/artigos; ministrar Palestras On-line para a ASSINVÉXIS; revisar diversos artigos por solicitação de invexólogos; fomentar a publicação de artigos de inversores no jornal local, destacando e divulgando o Grinvex e a IC; ajudar na elaboração e realização de curso contínuo para qualificar os voluntários na produção de verbetes; manter-me dedicado à coautoria e editoração do livro *Inversão Existencial: Autoconhecimento, Assistência e Evolução desde a Juventude*; levar, em duas oportunidades, os originais do livro *Teáticas da Invexologia* para serem debatidos junto à ASSINVÉXIS.

Ressalte-se ainda: residi por todo este período a poucos metros da sede administrativa da ASSINVÉXIS, além de trabalhar ao lado de dois coordenadores da IC e participar semanalmente das dinâmicas parapsíquicas com integrantes da Instituição, mantendo contato quase diário e vínculo de amizade com os voluntários. Mesmo com as diferenças ideológicas, permanecia o convívio próximo, amistoso e produtivo.

Na minha experiência pessoal, o relacionamento sadio e o intercâmbio técnico ocorrem com relação à maioria dos membros da ASSINVÉXIS. Há, entretanto, voluntários considerando-se no dever de cercear o trabalho do autor e bloquear trâmites editoriais normais, quando discordem do conteúdo da obra, mesmo que para isso precisem suscitar um clima de constrangimento e desconfiança interinstitucional. Preferiram, ainda, veicular as discórdias diretamente a outras instâncias da CCCI, ao invés de buscar conversa prévia, franca, honesta, com o próprio autor acareado.

Sou grato à Editares por empenhar-se na busca de soluções amigáveis aos desentendimentos aqui elencados. Porém, não tenho expectativas quanto a este pré-livro estar em total acordo com tudo o que pensam aqueles que já tentaram, uma vez, embaraçar a publicação do trabalho. Tenciono levantar debates e discussões, importantes ao pensamento científico. Sinto que tal postura não agrada quem consideram tal iniciativa rele imaturidade própria da conscin intriguenta.

Aprecio o acolhimento e esforços incondicionais dispensados pela Editares, a meu favor, ao longo de todo o processo editorial. Sinto-me no dever de prestar este reconhecimento à Editares, e o desejo de trabalhar junto, em futuro próximo, na publicação de novas gestações conscienciais.

No que tange ao livro Teáticas da Invexologia, entretanto, face aos eventos elencados nesta carta, não posso deixar o livro sujeito, novamente, a procedimentos que, a meu ver, se interponham a uma avaliação científica, exaustiva, democrática, em clima de motivação, encorajamento intelectual e liberdade de pensamento, tão fundamentais à Invéxis. Prefiro buscar a editoração por via independente e, desta forma, assumir pessoalmente a responsabilidade e os ônus porventura gerados por esta publicação.

Carta à Assinvéxis

Caros Voluntários da ASSINVÉXIS,

Em face aos recentes acontecimentos relativos ao ingresso do meu pré-livro Teáticas da Invexologia: Otimizações e Evitações à Técnica da Inversão Existencial no fluxo editorial, sinto a necessidade de dirigir-me a vocês, pesquisadores e promotores da Invexologia. Minhas preocupações elencadas abaixo não são segredo para muitas pessoas. Entretanto, não parecem ter sido suficientes para evitar interesses que buscam, em síntese, abafar a publicação desta obra. Venho, portanto, trazer a questão a público, para que cada um possa tomar a sua posição tendo ciência destes fatos e argumentos.

Na acareação de 09.07.11, na qual a ASSINVÉXIS, entre outras ICs, estava representada, tivemos como resultado final uma ordem inequívoca de W à Editares para que devolvesse os pareceres ao autorando e fosse engavetada a obra.

Obviamente não pretendo encerrar a pesquisa invexológica, muito menos morrer na praia, fazendo aborto de uma gestação consciencial em fase tão avançada e feita com tamanha dedicação. Não sei se é este o desejo da maioria dos voluntários da ASSINVÉXIS. Com certeza não é o de todos os inversores.

Tampouco pretendo voltar a sujeitar os destinos deste livro a um tipo de avaliação semelhante ao referido evento. Prefiro submetê-lo em ambiente onde todos estejam dispostos a fazer análise exaustiva da obra; onde quem opina ou decide, no mínimo, a tenham lido; onde os debatedores estejam determinados a acolher e escutar uns aos outros; onde as discordâncias sejam entendidas como parte daquilo que precisa ser corrigido ou esclarecido, e não como fatos a serem utilizados contra o autor, a qualquer custo, para desencorajá-lo; onde discordar de um livro não seja razão suficiente para querê-lo engavetado.

Vieram à tona, ainda, posições que alimentam uma visão segundo a qual este autorando age subrepticamente, criando intrigas, ignorando críticas – ainda que as opiniões não tenham sido veiculadas nestes termos, e ainda que não estivessem bem claras quais opiniões eram pessoais ou institucionais, e de quais pessoas, ou de quais instituições. Tomei conhecimento, também, nessa acareação, da existência de juízos sugerindo que o autorando era minidissidente, criava uma ASSINVÉXIS paralela, incorria em plágio nos escritos, era teimoso em aceitar críticas e poderia ser AVA.

Não me importo em ser chamado de tudo isso e muito mais. Entretanto, quando o problema passa a influenciar decisões de nível institucional da CCCI, e colocar-se como entrave ao bom andamento de um trabalho, devo me posicionar. Na eventualidade de invocar-se uma futura posição institucional da ASSINVÉXIS frente a esta querela, sou impelido a esclarecer determinados fatos, os quais evitei

trazer em circunstâncias anteriores, para poupar exposições alheias, e tentarei reportá-los com a máxima fidelidade, para que tal posição institucional, se um dia precisar ser tomada, esteja assenhoreada do máximo de variáveis.

Não encerrei meu voluntariado na ASSINVÉXIS, ao final de 2008, para ficar atirando pedras à distância, nem criar litígio na surdina, tampouco para evitar críticas da instituição. Do contrário, quase um lustro de voluntariado junto a esta IC, somadas a outro quinquênio anterior de trabalho inseparável junto ao Grinvex, foram imprescindíveis para o desenvolvimento dos meus principais trafores, e indispensáveis para compor, na sequência, o livro em questão. Se visto por esta ótica, o desligamento do voluntariado foi um processo normal, após uma década de priorização ao Voluntariado Invexológico, a qual seria coroada, dentro de 18 meses, com uma gescon escrita.

Ao longo de todo este período, e após, prezei pela opinião dos pesquisadores invexólogos, manifestando meu interesse e entusiasmo em compartilhar escritos com a ASSINVÉXIS. Tal iniciativa foi, gradualmente, se mostrando desmotivante e pouco frutífera, fato que também pesou na minha opção pelo desligamento. Não me considero credor destes fatos. Em autexame de consciência, também concluo que poderia ter agido de maneira melhor. Acredito que os voluntários envolvidos tiveram razões justificáveis para agir de tal modo. Entretanto, em contraste, portas mais abertas ao estímulo pesquisístico abriam-se alhures, mostrando-se como opções mais adequadas e cativantes a este pesquisador.

Por exemplo, entreguei um Curso Livre à IC, prontamente, a partir de pedido enfático do Departamento Técnico-Científico a todos os professores. Ao longo de um ano, insisti para poder dar aulas-treino deste curso. Sem resultado, tive entretanto espaço aberto, imediatamente, por outra IC, para avaliação do mesmo. Não obstante a aprovação da outra IC, a devolutiva verbal que recebi de um dos coordenadores departamentais da ASSINVÉXIS foi: “admita a hipótese de que o curso não seja mais prioridade institucional”.

Entretanto, após 6 meses vim a itinerar com este curso por uma terceira IC. Foi marcante receber o tapete vermelho estendido por estas duas ICs, visto que o curso não fora desenvolvido dentro dos seus mampensenes.

Ao longo do voluntariado, muitas ideias frutificavam. Trouxe dezenas de páginas e capítulos sobre os temas mais diversos e encarava como desafio poder trabalhar junto a invexólogos experientes da ASSINVÉXIS. Entre os raros comentários que recebi, um deles afirmava não haver nada a ser aproveitado nos meus escritos – muito embora a maioria daqueles trabalhos subsidiariam, posteriormente, artigos sobre invéxis em periódicos (Journal, Revista Conscientia), jornadas e congressos. Em fim, aprendi muito sobre invéxis ao longo dessa etapa, mas meus textos vinham a ter mais utilidade fora da esfera institucional.

Convidei voluntários, inclusive em reuniões, para debater artigos meus em espaços suprainstitucionais, a exemplo do Conscienciografia em Debate e os Debates Dominicais. O interesse era escasso ou nulo. O público majoritário vinha de outras ICs. Cheguei a um ponto no qual desisti: se meu trabalho era bom, estava falando às paredes; se era ruim, recebia raras devolutivas e pouco estímulo para melhorar.

Mesmo assim, na iminência de algo tão importante quanto um livro, chamei a ASSINVÉXIS para debater, em duas oportunidades. Na segunda oportunidade, quando a obra estava pronta (no sentido de estar concluída para ingressar na Editares), só tivemos inscritos de outras ICs. Se o problema fosse data, ou preço, seria questão de negociar. Não considero ninguém obrigado a comparecer a qualquer evento, mas seria uma antessala mais amistosa do que uma acareação interinstitucional, para levantar discordâncias ideológicas.

Como não notar, ainda, a receptividade ao meu trabalho em cada IC? Ao mencionar intenção de realizar curso Heterocrítica de Pré-Livro Conscienciológico, o Técnico-Científico de uma IC falou efusivamente “nossa IC precisa estar junto, pode contar conosco!”. O Coordenador da IC também exclamou, “vamos fazer um

megaevento!” e comprou a ideia. Outra pessoa, ainda, tornou-se voluntária da Editares, justamente para poder encabeçar a organização. Sempre comentei a ideia do curso a todos, mas aparentemente criava estranhamento quando a trazia dentro da ASSINVÉXIS. Alguns desconversavam; outro voluntário representativo perguntou: “mas essa versão do livro já está melhor do que aquela primeira?” Era impossível não notar as diferentes boas-vindas em cada ambiente.

Mesmo assim, nunca deixei de interagir com a IC e seus voluntários, depois de meu desligamento. Somei esforços em mutirões de limpeza, plantio de mudas, confraternizações e visitas técnicas no Campus de Invexologia. Estimulei palestras e debates invexológicos nos espaços suprainstitucionais, a exemplo dos Debates Dominicais e a Expo Conscienciologia. Participei, a convite da IC, de Palestras Online e de entrevistas e debates junto ao Grinvex. Enviei artigos inéditos aos Cinvéxis e ao website institucional, sendo talvez o autor com maior número de artigos na seção www.assinvexis.org/artigos. Fomentei a publicação de textos de inversores no jornal local, destacando e divulgando o Grinvex e a IC. Continuei a trabalhar, em coautoria, no livro *Inversão Existencial: Autoconhecimento, Assistência e Evolução desde a Juventude*. Até hoje reviso diversos artigos por solicitação de invexólogos. Atendo agilmente às requisições institucionais, por exemplo, para enviar textos ao Jornal da Invéxis (tão agilmente, diga-se de passagem, que um dos coordenadores comentou que eu deveria estar com tempo sobrando para poder fazê-las com tamanha rapidez). Tenho feito campanha e participado dos estudos para criarmos uma passagem interna e curta entre Campus de Invexologia e CEAEC. Assinei cheques bancários em branco para a ASSINVÉXIS! Isso mostra que tanto pude contribuir com o trabalho da ASSINVÉXIS, quanto a IC também abriu algumas portas ao meu trabalho.

O exposto logo acima não demandou grande esforço nem merece maior crédito. Entretanto, é apenas demonstração da mera

boa vontade para manter política de boa vizinhança, suscitar intercâmbio intelectual, alimentar vínculos sociais de amizade criados ao longo do tempo, durante fase crítica, importante, marcante e gratificante na vida deste voluntário. Não creio que seja a melhor alternativa colocar estes laços a perder através de chamados ao AVA ou acareações impositivas. Morei a poucos metros da Sede da ASSINVÉXIS, e fui vizinho de dois coordenadores, no escritório de trabalho. Não havia nada que uma boa conversa, honesta e amistosa, não pudesse resolver.

Procedi com intensa revisão da própria obra, a partir dos pareceres recebidos, visando correções, aprofundamentos e esclarecimentos quanto aos tópicos discordantes. Escutei e utilizei todas as refutações e críticas recebidas. Nada tenho a perder recebendo contrapontos, que só me ajuda a ampliar a coerência do meu pensamento. Também tenho, entretanto, opiniões que não espero serem consensuais. Enquanto esta posição for tida por ameaçadora, as possibilidades de maior debate produtivo entre nós serão escassas.

Talvez me torne persona non grata ao publicar o livro, até acalmarem-se os ânimos e o espírito científico ressurgir, sobrelevando-se aos protecionismos ideológicos. São pedágios que às vezes precisam ser pagos, mas refletem o oposto da sinergia evolutiva. A richa fortalece apenas a autofagia; subsidia motivações para quem deseja desmerecer tanto a ASSINVÉXIS quanto o autor, alimentando permanente fogo amigo maquiavélico, em detrimento à Invexologia.

Escrevo esta carta para registrar a opinião de alguém que vocês podem ter na condição de amigo. Por amigo, entenda-se quem vocês podem confiar, pois suas ideias serão acolhidas mesmo quando discordantes. A melhor estratégia é encerrarmos estes juízos críticos ad hominem e essas reuniões onde o tema central é sempre colocar em dúvida a intenção dos opositores. Tais ações nada contribuem para o debate acolhedor, a Democracia Pura, a cientificidade imparcial, a liberdade do pensamento, tão preciosas à Invéxis. Esqueçamos se a pessoa é desta ou daquela IC. Admitamos a

hipótese de não concordarmos com tudo que nossos colegas intermissivistas publicam. Aceitemos o universo ambivalente onde vivemos.

Determinados movimentos científicos se fortalecem através do debate constante entre posições diferentes – cabe observar – sempre que as partes envolvidas não se sintam fragilizadas por não deterem o controle sobre a totalidade argumentos. Trabalhemos juntos, aparando arestas, pois sei que não é fácil esse tipo de convívio. Tenhamos coragem de manifestar nossas divergências teáticas em arena científica e amistosa, sem censuras ofensivas próprias do patrulhamento ideológico. Com essa autestima intelectual dispensaremos recursos a instâncias suprainstitucionais de mediação, que se vêem forçadas a tomar medidas drásticas, iguais ao pai quando encerra o jogo pois as crianças não se entendem no bate-bola.

As melhores energias,



Anexo III: Resposta a F. Colpo e I. Valente

Três meses após a tertúlia que decretou minha expulsão da comunidade conscienciológica, dois voluntários publicaram, na revista *Conscientia* (vol. 15, n. 3, pp. 504-526), que pertence ao grupo, um texto intitulado *Carta de esclarecimento à CCCI sobre o livro Teáticas da Invexologia*.

Um ano antes, meu livro *Teáticas da Invexologia* estava em processo de revisão na editora institucional, denominada Editares. O livro havia recebido parecer positivo dos revisores da editora. Sabendo disso, um dos membros do conselho editorial, com influência na Assinvéxis, mobilizou forças sobre a editora, e conseguiu incluir mais dois pareceristas no processo, Colpo e Valente.

Não satisfeitos com o movimento, continuaram se articulando nos bastidores e foram se queixar a Waldo Vieira. Só o que sei desta conversa é o que o próprio Vieira me comentou, algum tempo depois: “A turma da Assinvéxis esteve aqui e disse que você é cabeça dura e não aceita críticas.”

Como resultado, a devolutiva da editora com as revisões demorou muito mais do que os três meses previstos. O conselheiro editorial citado acima – que tem função apenas consultiva, não deliberativa – e os pareceristas, tinham medo que o processo editorial continuasse. Deixavam subentendido que não confiavam na competência da Editares para avaliar um livro sobre o assunto (inversão existencial). Por isso continuavam atrapalhando o processo, sem que eu tivesse qualquer conhecimento do que se passava.

Ao invés de receber as revisões e pareceres técnicos, fui chamado, pela Unicin, colegiado das instituições de conscienciológica, para uma “reunião de conciliação”, na qual o clima era constrangedor, de acusações infundadas, pressão psicológica e

um eu estava apenas como figurante. Não conseguia completar uma frase sem ser interrompido e, mesmo que conseguisse, era um jogo de cartas marcadas. A Editares foi constrangida a encerrar o processo editorial.

Minha expulsão não ajudou a resolver o assunto, já que da reunião participaram mais de 20 lideranças. Alguns me confidenciaram, posteriormente, que não concordaram com o que tinha sido feito. Porém, o risco de ir contra a determinação de Vieira e seus cães de guarda é muito grande.

OIC e Assinvéxis, instituições das quais Colpo e Valente participavam, escreveram duas “Cartas de esclarecimento”, que não ajudaram a pacificar o problema. Não satisfeitos com as consequências, os dois ex-pareceristas escreveram o referido artigo, tentando detalhar o assunto.

Tão logo tomei conhecimento, preparei minha resposta, que ficou disponível em meu antigo *website*, hoje desativado, Autopesquisas.com. Transcrevo-a a seguir:

Carta-resposta

Caros Profs. Filipe Colpo e Ivo Valente,

Escrevo em atenção a sua carta, com data de 18.04.12.

Proibido de voluntariar ou circular pelos ambientes institucionais, estou mais desatualizado que nunca sobre as discussões e publicações deste campus. Eis porque tomei conhecimento da carta apenas em 17.01.13, oportunidade na qual dediquei-lhe prioridade.

Considero que vocês cometeram julgamentos equivocados e possivelmente voltarão a cometê-los se a intenção for continuar a sustentar tudo o que puderem contra este autor, sem buscarem diálogo. Tanto quanto não desejam ver seus nomes vinculados a ideias com as quais discordam – assunto que abordarei na sequência

– não deveriam pretender vincular nomes a ações e intenções falsas, irreais.

Neste sentido, a carta apresentada por vocês ao público contém problemas quanto a subinformações, desinformações, distorções e fontes de consulta questionáveis, conduzindo os leitores a opinião demasiado tendenciosa, quando não, apriorista da questão.

Apesar de tudo, adianto meu agradecimento. Vocês apresentam algumas críticas pertinentes e outras que podem ser resolvidas se ambos formos capazes de conduzir o assunto de modo civilizado. Aplicaram dedicação ao texto e procuraram revista séria, a princípio neutra quanto ao assunto, preocupada em buscar a verdade, para levantar estas discussões. E sobretudo, vocês foram pareceristas durante o processo editorial interrompido, fato pelo qual lhes devo alguma satisfação.

Como se não bastasse, ambos tiveram vínculo direto com minha família, nesta vida, muito antes de nos conhecermos. Até onde sei, são os únicos com tamanha relação de sincronicidade.

Não foi por acaso terem sido vocês, entre os 5 pareceristas (e entre os 500 voluntários) a escreverem uma carta de esclarecimento. Aceito se quiserem de mim, hoje, distância. Aceito se tenham apenas desafinidades para apresentar. Procurarei respeitar tais vontades porém não é esta a visão da qual compartilho, e sou obrigado a reconhecer possuírmos laços cármicos de inigualável proximidade.

Esta carta é longa e precisa lê-la, para responder a um documento também longo e mencionar outros, recheados de acusações. Uma palavra errada exige, por vezes, 1 ou mais parágrafos para corrigi-la. Não se trataram de meras ponderações, questionamentos ou opiniões. Vocês fizeram acusações peremptórias e taxativas. Buscaram descrever fatos, construir enredos e emitir julgamentos de maneira a carregar ao máximo nas tintas contra o autor. Se querem inserir sua carta no campo da ciência – onde inclui-se a Revista na qual publicaram o texto – este domínio é público e comprometido com a verdade. Portanto, nele, a mentira e o erro são indesejáveis e precisam ser corrigidos.

Abordo a questão do “aval” e, na sequência, procuro nortear-me pela estrutura adotada na sua carta, repartindo-a em Histórico e Conteúdo Heterocriticável, e subtópicos.

De certa forma, estamos a fazer “lavação pública de roupa suja”, algo não ideal mas, por outro lado, uma vez que elegeram o espaço público e a internet para veicular o assunto, terei a oportunidade de corrigir, aos olhos dos leitores, mentiras, distorções e fábulas que permanecem, ainda hoje, intocáveis, quase tabus ou verdades absolutas a respeito deste episódio.

Vocês mostram um zelo quanto à própria exposição. Parecem ver, em toda exposição, ameaça potencial. Mas sentem-se justificados para expor tudo, no pior dos tons, sobre quem lhes desagrada. Esquecem apenas de que todo texto é, sobretudo, autoexpositivo. Suas críticas, quando justas, me auxiliam; quando injustas, prejudicam apenas a vocês. Apliquem a si mesmos um pouco da crítica com a qual julgam este seu oponente e tomarão consciência dos exageros cometidos por vocês.

1. Aval

1.1 Pareceristas

Mencionei “crédito de revisão aos pareceristas técnicos” a vocês e aos demais pareceristas, pois utilizei os pareceres para fazer alterações no texto. Não os mencionar seria faltar com reconhecimento para estas pessoas que auxiliaram, sim, na revisão do livro.

Vocês demonstram não compreenderem o fato acima quando afirmam terem sido citados na condição de *avalistas*. Vocês foram, sim, pareceristas técnicos. Não foram avalistas. Fazem confusão entre ambos papéis, difundem interpretação errada e acusam-me de ser o responsável. Mas bastaria ser fiel ao que se lê para concluir, repito, que não tiveram papel de avalistas mas pareceristas técnicos.

O aval de livro é função anacrônica, em desuso há mais de século, comparável, a meu ver, com o *imprimatur* católico. O avalista determinava a possibilidade de o livro ser impresso, em regiões onde a atividade literária era sujeita à censura. Desconheço maiores referências sobre o assunto mas, de fato, jamais encontrei livro com menção de avalistas posterior ao século XIX.

O parecerista, se compreendo, trabalha em parceria com a editora, durante o processo de revisão, podendo é claro ser contrário às ideias. Sem pretender esgotar o assunto, vejo a função do parecerista como a de mostrar críticas ao trabalho, não de autorizar ou avalizar a obra.

Situação não idêntica, mas análoga, a meu ver, é aquela de uma banca de pós-graduação, na qual sugerem-se inúmeras modificações, e a menção da banca à folha de rosto do trabalho é até obrigatória, independente de as recomendações terem ou não sido acatadas. A banca jamais é considerada “avalista” do que está escrito.

A função de avalista não faz qualquer sentido na atualidade, pois é praxe no mundo editorial contemporâneo e científico ser o conteúdo final responsabilidade do autor. Este fato é ainda mais evidente numa edição pessoal. Portanto, em 1º lugar, parem de dizer que os coloquei na função de avalistas ou, se quiserem sustentar tal afirmação, admitam que estão distorcendo a menção feita pelo autor.

Quanto à questão da menção, cabe lembrarmos: vocês somaram forças junto a pessoas determinadas a impedir o processo editorial. Não me foi permitido optar pela continuidade da revisão junto à editora. Além do mais, foi claro que vocês estariam dispostos a bloquear o trabalho sobre o livro. Se eu lhes perguntasse: “– Estou publicando por minha conta, você quer ser mencionado?” correria o risco de sofrer novas tentativas de bloqueio.

Havia 5 pareceristas. Um parecer, inclusive, favorável à publicação. Outros não se opunham à continuidade das revisões. Vocês dois mostraram-se satisfeitos com o abortamento do processo. Utilizei todos esses pareceres no meu trabalho. Eu tinha

conhecimento de que as revisões não seriam do agrado de todos mas o processo editorial havia sido encerrado, não por vontade minha.

Tendo, os opositores do livro, colocado uma pá de cal sobre a edição por vias institucionais, me restava a publicação pessoal. Não poderia escolher quais pareceristas citar. Seriam todos ou nenhum. Preferi não omitir o fato de ter utilizado os pareceres.

Vocês sabem que qualquer trabalho, mesmo institucional, é de inteira responsabilidade do autor e não representa a opinião de terceiros. Por isso consideraram irrelevante deixar isto claro. Sua carta não é para esclarecer sobre este ponto pacífico, mas para distorcer e gerar indignação.

Sabia ser uma condição longe da ideal. Imaginava que talvez viessem informar ao público suas opiniões diferentes quanto à inversão existencial. Tratarei mais acerca deste assunto posteriormente. Não esperava que considerariam preciso anunciar manifestações de repúdio de toda sorte.

Vocês jamais precisarão responder pelas ideias colocadas no livro. Inexiste lugar onde se afirme sua concordância com o mesmo. E sua carta deixa este fato muito claro, para os leitores – nas suas palavras – “desavisados” aos quais seu texto parece ser direcionado.

Dou-lhes razão sobre a questão do adesivo colocado sobre os nomes e percebi logo ser paliativo, tendo sido utilizado em talvez uma dúzia de exemplares. Se para vocês o problema não tem conserto, pelo menos, não o aumentem, dizendo que os incluí na condição de avalistas.

Vocês receberam uma carta de retratação a 20.01.12, citada em seu “Anexo 3”. Omitiram-se quanto ao óbvio: a carta foi tentativa de reatar a comunicação, visando tentar corrigir o que pudesse ser consertado. Vocês preferiram ignorar o todo e focar-se em uma parte, criticável, guardada para posterior exposição pública, na condição de elemento extra a ser incluído no seu julgamento condenatório. Parecem querer selecionar o que pode ser utilizado contra o autor e expô-lo da pior forma possível.

Precisam informar não serem contrários à liberdade de expressão do autor pois sua carta leva a concluir o contrário. Se dizem não serem contrários, deixam também explícito não serem favoráveis. Não está claro, afinal, qual intenção é real em vocês sobre esta liberdade.

Em *Considerações Iniciais*, seção B e subseção A-8 vocês se manifestam na condição de pareceristas técnicos, no direito, mais do que legítimo, de esclarecer ao público discordâncias quanto à obra. Nas demais seções, vocês assumem, no entanto, o papel de avalistas, ou seja, colocam-se na posição de dizer o que pode ser publicado. Assumem-se no direito de bloquear um processo editorial recém-iniciado, e isso não é incumbência nem de avalistas, mas de censores. E após a publicação, procuram divulgar, sobre autor e livro, a pior imagem possível, de modo quase persecutório e intimidador, função semelhante a de patrulheiros ideológicos.

1.2 Instituições

Sobre a acusação de a menção às Instituições Conscienciocêntricas, ao final, ser outra tentativa de insinuar avalização ou aprovação, novamente vocês concluem, erroneamente, e procuram atribuir a intenção a mim.

A menção é uma referência de endereços de contato para facilitar ao leitor buscar mais informações. Há inúmeras páginas de internet independentes, inclusive cujo conteúdo vocês discordariam, que também citam links às instituições. É um erro concluir insinuarem aprovação institucional. Ao menos desconheço manifestação formal de qualquer instituição solicitando tal remoção em sites independentes.

Além do mais, a informação é pública. Qualquer autor tem capacidade para fazer uma listagem de endereços das instituições de conscienciologia e publicá-la no próprio livro. Ele estará errado se falar em nome das instituições. Isso, vocês afirmam que eu faço,

erroneamente, e divulgam como um fato, apenas para desinformar sobre o livro.

Nenhuma instituição precisará responder pelas ideias expostas no livro. Do contrário, o endereço e telefone facilitam o contato do leitor com estas e, portanto, o esclarecimento de qualquer posição institucional bem como o convite para atividades.

Leiam o livro com atenção e perceberão, em vários momentos, explicitações quanto à inteira responsabilidade minha pelas opiniões ali expressas. Tais afirmações expressam muito melhor o conceito da obra do que as “aprovações de terceiros” que vocês dizem serem insinuadas. Continuar divulgando interpretações incorretas apenas desesclarece a questão.

1.3 Apoio

Vocês afirmam: “O livro não teve apoio das Instituições Conscienciocêntricas em função das várias incongruências apresentadas”. Esta frase, colocada de maneira peremptória, carece de ampla contextualização, inclusive ao longo do tempo. Por sinal, vocês aqui falam em nome das instituições conscienciocêntricas? Um conjunto bastante grande. Algumas sequer chegaram a tomar conhecimento da obra.

Em primeiro lugar, o livro não foi apresentado “às instituições conscienciocêntricas” mas, sim, à Editares, instituição especializada no trabalho de revisão, editoração e publicação. Esta instituição demonstrou todo o apoio em colocar o livro no processo editorial. Ela jamais afirmou que iria publicar, pois muito antes de poder chegar à decisão, muito antes de poder discutir com o autor pontos para revisão, foi

obrigada a devolver os originais e encerrar o trabalho, em reunião coercitiva chamada de “acareação”.

Há livros que, enquanto não são considerados aptos à publicação, são extensamente discutidos entre autor e editora, por meses ou anos. Era neste fluxo onde o autor pretendia entrar, o qual foi interrompido, não por vontade do autor.

Tal manifestação de apoio não é papel das instituições e, obviamente, após a determinação acima, nenhuma instituição pode manifestar qualquer apoio, independente do conteúdo, pelo fato de o mesmo estar fora das vias institucionais. Entretanto, antes do dito episódio, o livro, em fase de elaboração, recebeu sim, muito apoio, e o pré-autor também.

A primeira manifestação pública sobre o livro ocorreu a 21.08.10. O autor já havia dado entrada, pela 1ª vez, à Editora (<http://www.youtube.com/watch?v=fwb99fz7HFg#t=51m07s>):

“Estou vendo que o Flávio está aí (...) Eu estou impactado. E olha que eu não fico impactado facilmente. Sabem por que eu estou impactado? Eu li os originais do livro dele! (...) A turma está sabendo do seu livro? Já viram os seus originais? Uma porção de coisas a gente já havia falado para ele. Ele calculou da maneira dos 200 Teáticas [da Conscienciologia]. Mas o livro está impressionante. Os detalhes que ele colocou. (...) Está muito bom o livro. Ele precisa ainda de revisões, que tem palavra escrita com letra trocada, etc. Mas olha, quando é que sai o livro? Cadê o livro? [risos] (...) É impressionante! A invéxis, é um dos livros que eu deveria ter feito. Ele está suprimindo as minhas lacunas. Muito melhor do que eu [risos]. (...) O livro é impressionante, impressionante. O jogo de cotejos e condições que ele apresenta, de maneira acessível, que qualquer um pode entender. Mas tem que ler. Para entender, tem que ler. (...) O livro vale a pena (...). Você colocou muita coisa. De tudo o que já foi escrito até agora, é

o que tem mais dados, mais sucintos, para esclarecer a Invexologia. É a melhor coisa que já foi feita até agora. Eu quero saber do livro para falar dele aqui! [batendo na mesa] Quero ver o livro, vamos distribuir esse livro!”

Propôs-se também, junto a conversas com a Editares, a feitura de curso “Heterocrítica de Pré-Livro”, o segundo do gênero, ideia vista com bons olhos. Ao comentar a ideia a coordenadores de importante instituição, o autor recebeu acolhimento e apoio estrutural.

Um pesquisador, por quem mantenho maior apreço, passou a voluntariar junto à Editares para somar esforços a este planejado curso. Além disso, o autor recebia as portas abertas para divulgar seu trabalho junto à mídia conscienciológica. Recebi, portanto, sim, apoio, acolhimento, encorajamento, portas abertas, tapetes “arco-íricos”, exceto de alguns, que depois se imporiam para falar em nome de todos.

2. Histórico

2.1. Desligamento

Desligamento. Ao desligar-me do voluntariado na Assinvéxis, informei que continuaria a trabalhar com a Invexologia. Não era “objetivando trabalhar com esta especialidade”, conforme vocês afirmam, pois eu já trabalhava com ela, não apenas desde 2004, mas desde 1998, e institucionalmente, desde 1999, quando reativei e somei esforços no Grinvex Florianópolis e passei a priorizá-la.

Caro filipe, você agora não é mais voluntário da Assinvéxis. Não escreverá mais nada com foco na Invexologia? Sinceramente, se a resposta for sim, considero

isto uma pena. Vocês questionam por que sair da instituição especializada neste campo de estudo:

1. Pois pretendia priorizar, no momento, mais tempo para ler e escrever, inclusive para a Enciclopédia.

2. Pois pretendia colocar esforços no projeto de debates aos domingos, já existente no Ceaec.

3. Pois meus esforços para compartilhar trabalhos escritos, ideias e iniciativas, na Assinvéxis, assemelhavam-se, em muitos casos, a falar com as paredes. Surtiam resultado em congressos, artigos e palestras *online*, mas para isto, não era necessário ser voluntário.

Eu não tinha discordâncias quanto aos rumos e prioridades da instituição. Conhecia muito bem o ritmo de trabalho. Os voluntários estavam bastante ocupados e produtivos com projetos, cada um dentro da própria capacidade. Quando uso a expressão “falar com as paredes”, não considero que a Assinvéxis deveria mudar por minha causa. Eu tinha noção de que, com a carga de trabalho e prioridades existentes, mobilizar esforços para outros assuntos poderia ser mais dispersivo do que produtivo.

Troquemos a expressão “falar com as paredes” por sentirme, no que tange compartilhar temas e interesses de pesquisa, um “peixe fora d’água”. As principais devolutivas que recebia, quando deixava meus escritos com pessoas, eram o silêncio ou frases do tipo “não tem nada que preste nesse material”.

Se meu material era bom, morria na praia; se era ruim, tampouco havia quem se interessasse em ajudar. Eis porque, problemas ou discordâncias aconteceram. Se conhecerem algum lugar livre deles, avisem-me. Mas eu não podia querer impor a vocês outras prioridades, nem achava que era o caso fazê-las. Em nenhum momento pensei que devessem mudar a postura por minha causa.

Recorde-se, Filipe, dos minutos anteriores ao ponto de pauta onde trataríamos do meu pedido de desligamento. Você iniciou uma fala dirigida a ninguém específico, nem em referência a fato específico. Algo para quem se considerasse incluído, no qual deixava bem claro estar saturado e irritado com voluntários descontentes ou descomprometidos. Foi o discurso mais duro seu do qual me recordo. Encerrada a fala, todos os voluntários calados e, acredito, um pouco apreensivos, você disse: “– Agora eu passo a palavra ao Flávio”. Se você queria criar um ambiente favorável a críticas, abriu a pauta fazendo completamente o oposto.

Frase vaga: “informou que desenvolveria trabalhos com enfoques já trabalhados pela instituição em cursos e eventos científicos.” Queiram, da próxima vez, registrar por escrito ou em vídeo. O que posso afirmar é que tinha uma década de material acumulado e, obviamente, os utilizaria no meu trabalho futuro. Se eu fosse copiar, imitar ou plagiar cursos da Assinvéxis, certamente não teria pedido o desligamento e continuaria lá, trabalhando com estes.

Vocês enxergam inconsistência pois viram apenas por uma ótica (a qual divulgam): “saiu da instituição para pesquisar a especialidade da instituição”. A realidade é inversa: priorizei o grinvex (futuras sementes da instituição) por 5 anos e, em seguida, priorizei a Assinvéxis por mais 5, justamente para pesquisar a especialidade. Eu não acredito que vocês pensem que, para pesquisar uma especialidade, a pessoa precise ficar para sempre oficialmente vinculada à uma instituição respectiva.

Já havia diversas instituições de conscienciologia e inúmeras possibilidades de trabalhos interinstitucionais e multidisciplinares, realidade que nós (Filipe e eu, junto com

demais autores) manifestamos no livro *Inversão Existencial* (Editares, 2011, pp. 220-221):

“Gostaríamos de deixar o convite para que estes [inversores com mais de uma década] escrevam sobre as pesquisas e as experiências pessoais no campo da Invexologia, produzindo, além de artigos e conferências, livros com vivências e/ou pesquisas singulares. É claro que o convite se estende a qualquer interessado.

Por outro lado, desejamos apontar para possibilidades de reaproximação de muitos inversores veteranos (ex-integrantes de grinvex, hoje integrantes de outras ics) com a ASSINVÉXIS. Mais do que uma reaproximação, uma contribuição interassistencial, intelectual, com base na tares. Se a pessoa reconhece que é um(a) inversor(a) veterano(a), tem experiências e estudos que podem ajudar as novas gerações, a ASSINVÉXIS está de portas abertas. Há muitas tarefas ainda a serem feitas, que transcendem o voluntariado administrativo, incluindo a escrita de uma gescon invexológica. (...)

Esperamos que este livro seja o primeiro de muitos outros que virão sobre a técnica da invéxis. As mudanças sociais, político-econômicas e de valores culturais exigem, até certo ponto, uma atualização das abordagens e o aprofundamento de muitas subespecialidades ainda a serem desenvolvidas por outros pesquisadores.”

Este capítulo, elaborado por todos nós, deveria ser um marco para novas possibilidades e parcerias interinstitucionais. Lembre-se, Filipe, que continuei a somar esforços com a Assinvéxis de maneira interinstitucional, em muitas oportunidades (descritas à frente). Mas infelizmente, para

alguns, o convite supracitado não incluía o autor, que deveria procurar outro tema de estudo...

2.2 Protótipo

Vocês afirmam que, em 2010 (o correto é 12.12.09), eu *interrompi* reunião geral da instituição para informar e distribuir o protótipo da obra. Percebiam a maneira maldosa como retratam ocasião à qual solicitei ponto de pauta com uma semana de antecedência, informando motivo e deixando o horário a critério da instituição, e aguardei para ser chamado no momento específico (na qual você, Filipe, Coordenador Geral, estava presente). Por que a forma distorcida de retratar esse fato?

Em seguida, alegam em mais um parágrafo capcioso e incorreto: “– Até esta data, ninguém da instituição possuía conhecimento sobre a produção do livro (...) O material já possuía formatação atual, com 100 capítulos de otimizações e outros 100, de evitações.”

O livro era um esboço inicial com apenas a metade dos capítulos supramencionados, muitos dos quais foram inteiramente alterados ou deixaram de existir. A maioria estava rascunhada e sofreu inúmeras modificações.

Nenhuma das seções complementares existia, que viriam a compô-lo. Nenhum dos capítulos que vocês mais duramente criticaram existia ou sequer havia sido pensado pelo autor. Um exemplar com cento e poucas páginas, muito inferior ao resultado final, com 512, o qual, segundo vocês, praticamente não sofreu alterações relevantes.

Também afirmam que “o autor convidou todos para um debate sobre o pré-livro, que ocorreria no CEAEC, no dia 07.02.10.” O correto é que, durante a reunião, foi sugestão de

um dos voluntários, motivado com o assunto, fazemos um debate. A sugestão foi bem vista por todos, ocasião na qual você replicou: “– Se é para ter um debate, que seja uma iniciativa do autor, e não uma iniciativa institucional” (que receptividade!). Deixamos pré-agendado em data relativamente boa para todos e tratei de procurar auditório disponível, o que ainda me tomou alguns dias.

Por que você, Filipe, mostrou indignação com esta iniciativa? Era como se o trabalho precisasse passar por você antes de qualquer coisa. Olhe para sua postura e conclua por que motivo não lhe procuro para pedir críticas.

Quanto ao debate então agendado, se vocês tivessem o cuidado de comparar as versões, observariam que a mudança posterior não foi ínfima como afirmam. Vocês é que estão tendo uma visão deturpada, segundo a qual o livro equipara a invéxis ao seu conceito de “jovem lúcido na Conscienciologia”. O livro não afirma que ser jovem e participar das instituições significa aplicação da invéxis. Não afirma que a fase juvenil é o tema central da Invexologia. E jamais afirmará. Portanto, não utilizem esses argumentos como críticas a obra. Se é isso que entenderam, sua leitura está distorcida.

Se vocês querem fazer crer ao público que, entre 07.02.10 e 19.08.10 (data da primeira apresentação do livro à Editares), trabalhando por 3 horas diárias, e mais aos fins de semana, com pilhas de materiais a serem ainda digitados, passando tardes e mais tardes sobre o acervo do Holiciclo, o livro praticamente não sofreu alterações relevantes, irão depender de muita boa-fé dos leitores e estão a demonstrar habilidade reduzida de avaliação literária.

Houve ainda posteriores e inúmeras alterações. A obra permaneceu em espécie de *stand-by* na Editora, conforme

combinado, para organizarmos o curso *II Heterocrítica de Pré-Livro*, e o processo foi reiniciado em Fevereiro, 2011. Após aguardo, em 09.07.11, vocês (Filipe e outros) me dariam a segunda “devolutiva”, não exatamente como parte da revisão, mas para colocar a pá de cal sobre o ciclo de revisão entre autor e editora.

Fato não considerado por vocês é: entre a apresentação do protótipo inicial e a entrada do livro no ciclo editorial, o autor distribuiu a dezenas de pesquisadores versões do texto ou capítulos específicos. Cerca de 20 voluntários da Assinvéxis receberam estes trabalhos ao longo desses 18 meses. Nenhum retornou-me qualquer devolutiva, por escrito ou verbalmente, após aquele primeiro debate, à apresentação do esboço (houve outras “devolutivas” verbais que descrevo nesta carta).

Vocês informam que “várias pessoas fizeram críticas desde o debate de fevereiro de 2010, em momentos diferentes”. Uma das pessoas a divulgar esta meia-verdade compareceu apenas nesse debate, chegando atrasada, lendo apenas o índice, e acreditava estar fazendo críticas contundentes. Junto a outras, simplesmente ignoraram oportunidades de debates, amplamente divulgados, onde o autor apresentava partes do livro, dentre os quais o *Conscienciografia em Debate* (3 oportunidades), os *Debates Dominicais* (3 oportunidades) além de palestras, cursos e artigos publicados pelo autor.

A recepção foi justamente oposta a dos demais pesquisadores. Todos, sem exceção, responderam por escrito e verbalmente, com sugestões e críticas, e encorajaram-me para seguir em frente com o trabalho. Portanto, não venham convencer-nos de que as únicas críticas substanciais vieram daqueles que fizeram força para que o livro permanecesse engavetado.

Por exemplo, ao conversar sobre a ideia de um curso de heterocrítica de pré-livro, representantes gerais e científicos de importante instituição me apoiaram de maneira gratificante: “– Pode contar com a gente!”; “ – Vamos fazer um grande evento!” Na Assinvéxis, representante menos amistoso ao projeto replicava com ironia: “ – Mas esse pré-livro já está melhor do que o primeiro distribuído por você?”

2.3 Imagem

Vocês afirmam que tentei me apropriar da imagem da Assinvéxis para divulgar meu trabalho. Estão errados. Nunca foi minha intenção.

Quanto à entrevista dada à nossa estimada tv compléxis, publicada em 10.11.10, realmente sou descrito no youtube (não no vídeo) como sendo voluntário da Assinvéxis. Cabe lembrar, não me apresentei assim em momento algum e, nem por parte do entrevistador. Não fui eu e possivelmente, nem este, a editarmos e publicarmos o conteúdo. Há uma equipe, cujo tamanho desconheço. Essas coisas acontecem em qualquer mídia e são facilmente resolvidas.

Você, Filipe, poderia, a qualquer momento, tanto na condição de voluntário da IC quanto pessoalmente, por e-mail, ter informado o erro e até solicitado a mudança. Tenho certeza de que eles têm a maior disposição em atendê-lo, pois prezam pela fidelidade do material publicado.

É tão possível tais coisas acontecerem que outros sites de instituições conscienciocêntricas têm o currículo, não apenas meu, mas de vários voluntários, com base em dados não muito antigos mas já desatualizados, devido à rotatividade dinâmica de todos entre as instituições. Vários voluntários já passaram por experiências ao modo desta: “ – Olá Fulano, quanto tempo!

Como andam as coisas na instituição ‘x’?” “ – Não, eu agora estou na instituição ‘y’.”

Vocês têm absoluta razão quando, à edição, colocou-se o *website* e telefone institucionais enquanto eu falava que deixaria meus contatos, telefone, e-mail. Sou totalmente favorável à correção. Percebam, entretanto, que com esta legenda, o internauta entrará em contato com a Assinvéxis, que poderá esclarecer e informar o que bem entender. Nada impede à IC informar-lhe ser contra o livro e/ou recomendar outras coisas que considere mais adequadas. Se a legenda com os contatos prejudicasse alguém, seria a mim, não a vocês, inclusive quanto a propostas de ajudas financeiras ou traduções.

Vocês não cogitam a hipótese de que um voluntário da edição (ainda mais em outra cidade) pudesse achar que eu era voluntário da Assinvéxis. Nem vocês, nem ninguém, achou necessário informar a emissora para alterar as legendas. Estas posturas teriam sido tomadas por pessoas que visam a compreensão e a correção.

Para evidenciar a reduzida importância institucional dada ao assunto, que vocês carregam tão fortemente nas tintas, em 2010 (ou seja, um ano e meio após meu desligamento) apresentei artigos para a ASSINVÉXIS publicar no website (<http://www.assinvexis.org/artigos>). Nestes artigos, até hoje, sou mencionado como “30 anos, Economista, voluntário da ASSINVÉXIS.” Não fui eu quem enviou este currículo e tenho certeza que bastam alguns minutos para alterá-lo. A internet é dinâmica e não necessita carta acusatória para resolver esse tipo de informação desatualizada.

Se eu quisesse me passar por voluntário desta IC, o teria feito em algum dos mais de 30 textos publicados depois do meu desligamento. Pelo contrário, os únicos artigos nos quais

sou citado como sendo voluntário da Assinvéxis quando já não o era são os artigos publicados no próprio *website* institucional.

Ainda afirmam que, à entrevista, divulguei o livro antes de enviá-lo à editora. Isto é falso pois vocês possuem dados incompletos. Como se não bastasse, esclareci à entrevista, para que não se pensasse que a obra já estava pronta ou aprovada, ao contrário do que vocês fazem entender aos leitores (http://www.youtube.com/watch?v=CkmCQCb_tLM#t=8m00s).

Em outra entrevista, à CBN (<https://cutt.ly/rfCNh0M>), citam uma fala incompleta do entrevistador para dizerem que estou “divulgando um livro já no prelo”. Prestem atenção. O entrevistador pergunta: “– Este livro que você em breve estará lançando *tem quantas páginas?*” (o trecho em itálico vocês omitiram). Eu respondo: “–Tem 540, *esta versão, o rascunho dele*” (vocês também omitiram a resposta).

O entrevistador segue imediatamente para novas perguntas sobre a estrutura do livro, pois o espaço na mídia é de apenas 5 minutos. Entrevistas em rádio são rápidas e nem sempre é possível dar conta de falar tudo. Tampouco fui eu quem deu títulos às entrevistas. Por sinal, o mais prejudicado é o próprio autor quando deixa entender que o livro sairá em breve e o mesmo demora ou não sai. Não é risco com o qual vocês precisariam arcar.

Onde afirmo “versão rascunho” vocês entendem “livro no prelo”. Este e outros motivos, elencados nesta carta, mostram compreensão muito inferior a de todos os demais leitores com quem já pude interagir. Por que eu deveria seguir à risca os comentários feitos por vocês nos pareceres?

Não estou certo se vocês realmente não têm intenção de tolher liberdade de expressão, conforme afirmam. Considero que vocês reforçam clima de desconfiança e zelo excessivos

muito hostil à produção e divulgação das ideias conscienciológicas.

2.4 Curso

Vocês afirmam: “tentativa de ministrar curso de invéxis em outras ics, desaprovado anteriormente pela Assinvéxis por insuficiência de conteúdo e forma”. Vamos aos fatos:

Entreguei proposta de curso sobre afetividade e invéxis ao departamento técnico-científico (no início de 2008, se não me engano), 3 meses após o mesmo fazer apelo geral aos professores para produzirem cursos livres.

Fui o único a atendê-lo e, nas conversas com o responsável do setor, o mesmo não conseguia pessoas disponíveis para lerem, darem devolutivas ou ajudarem a aprimorar o material.

Com a passagem dos meses sem conseguir dar andamento às revisões, solicitei para que, então, agendasse aulas-treino com professores orientadores, nas quais o curso pudesse ser avaliado. Novamente, disponibilidade zero.

A única “devolutiva” que recebi foi de outro coordenador, em reunião: “– É bom você considerar que seu curso não é mais prioridade institucional”. Um balde de água fria.

Voltei a consultar o responsável do setor, propondo então, pela falta de disponibilidade ou prioridade, que eu pudesse submeter meu curso a avaliação de outras ICs. Nada mais justo; o responsável aceitou prontamente, de bom grado.

Este curso, que havia ficado por mais de 6 meses na geladeira, parado em alguma gaveta da Assinvéxis, foi imediatamente aceito para ingressar no processo de avaliação do IIPC, extremamente sério e acolhedor. Após várias aulas-treinos, revisões, tentativas, erros e acertos, chegamos à

aprovação do curso, cujo nome final seria Afetividade na Juventude. Logo o curso já possuía material de divulgação, *releases* de mídia e todos os *kits* necessários para sair às ruas.

Um posicionamento desta última instituição marcou-me profundamente. Perguntei a um dos professores orientadores: “– Se o foco de vocês é Projeciologia e Empreendedorismo, por que vocês recebem um curso sobre afetividade na juventude?” Ele prontamente respondeu: “– Se não apoiarmos a pesquisa dos professores, que tipo de instituição nós somos?” Observem a diferença desta postura para aquela mostrada alguns parágrafos acima.

A itinerância foi realizada em parceria com o CEAEC, outra instituição cuja abertura e multidisciplinaridade se destacam.

Acima das diferenças, vocês, Ivo e Filipe, não cogitaram que o curso fez assistência. Não lhes importou mais de uma centena de pessoas atendidas, espaço em mídias privilegiadas, divulgação conscienciológica em cidade sem atividades frequentes. Importou-lhes apenas desaprovar.

Procuram advogar em nome de IC, mas mostram postura de aparente ciúmes. Enquanto o curso estava em sua mão, caro ex-Coordenador, ninguém queria dar prioridade, possivelmente ninguém achava que o curso era importante à invéxis. Mas quando o curso anda de vento em popa, na mão dos outros, você critica o autor por estar ministrando curso de invéxis que você desaprovou.

Em outro exemplo que me parece manifestar inveja ou dor de cotovelo, perguntei a um “pesquisador” por qual motivo ele divulgava, pelas costas, que eu fazia uma “Assinvéxis paralela”. Prontamente me respondeu: “– Você está conseguindo mais espaço na mídia do que o departamento de comunicação da IC”.

Em 2004, quando fundamos esta estimada Instituição Conscienciocêntrica, com o intuito de fortalecer as pesquisas invexológicas, jamais pensei que seu ex-coordenador apregoaria, um dia, tamanho espírito monopolista. Além de terem desestimulado a proposição de iniciativas deste voluntário (não sei se, também, de outros), o que vocês reforçam hoje é o desencorajamento geral dos pesquisadores multidisciplinares “não aprovados”, numa espécie de feudalismo intelectual.

Filipe, nós dois já conversamos sobre o processo desse curso e ambos sabemos que você apresentar esta versão distorcida dos fatos ao público não pode ser com boa intenção. Filipe e Ivo, por que vocês não se atêm apenas aos motivos justos e suficientes para expressarem sua indignação? Por que não se contentam em apresentar seu pensamento sobre a invéxis e as diferenças ideológicas que possuímos? Para que vocês extrapolam o limite do bom-senso ao tentar transformar, a qualquer custo, críticas em condenações? Para que vocês abusam da confiança dos leitores, utilizando o relativo prestígio na comunidade para divulgar suas versões extremistas?

Tenham ciência do exemplo e jurisprudência que transmitem: quem se considera na função de desautorizar ideias e pessoas, e tem poder para tanto, possui agora mais motivos para adotar todos os meios alcançáveis para atingir tais propósitos. Por aí germina o fanatismo. Ou vocês acham que os *banners* do princípio da descrença os tornarão imunes a isto? Já ouviram falar em letra morta?

2.5 *Cenatin*

Criticam o verbete *Cenatin*, apresentado em Tertúlia (07.01.11). Vocês estão certos em afirmar sobre a falta de

referências (no verbete) ao Cenati – Centro de Atenção ao Inversor Existencial –, proposta sobre a qual já se falava há vários anos.

A letra “n”, ao final, sequer foi ideia minha, mas uma sugestão recebida e aceita entre as inúmeras devolutivas. Tão logo questionei um voluntário por que ele vinha divulgando na surdina que eu era um plagiador, e o mesmo informou-me tratar-se do Cenatin, fui atrás de referências e incluí o material que encontrei sobre o assunto, um texto não publicado. Esta referência seria atualizada à versão final do verbete, que precisa ser entregue, revisado, posteriormente à Tertúlia. Esta mesma referência encontra-se ao capítulo Cenatin, no meu livro (página 261), mas vocês insistem em acusar-me de plágio, “sem dar crédito algum aos autores ou à IC”.

Vocês são enfáticos em afirmar que o Serviço de Apoio ao Inversor Existencial não é o Cenatin, e que a proposta deste último está obsoleta e desatualizada. Não tenho como contestá-los. Entretanto, não devem se considerar no direito de excluir a proposição da ideia, como o fizeram.

Não estou apto para discursar sobre o Serviço de Apoio e jamais afirmei ambos serem “a mesma coisa”. Apenas julgava haver semelhanças relevantes, por isso o incluí nos sinônimos. Caso os responsáveis pelo Serviço informem não serem sinônimos, admitirei prontamente a correção.

Considerem o cenatin como um conceito, originário do cenati, devidamente referenciado à ASSINVÉXIS no livro (pág. 261), no qual incluo ideias consideradas úteis e passíveis de aplicação. Não estou propondo que as aceitem e é ótimo saber que vocês possuem ideias mais atualizadas para aplicar.

Ainda quando voluntariava, disponibilizei-me, sim, para ajudar no Cenati, enquanto debatíamos o fato de o mesmo estar parado há 3 anos. Você, Filipe, sentado à cabeceira da mesa,

conforme consigo me recordar, respondeu imediatamente: “– Não! Calma!” Isto foi imaginação minha? Ou vocês teriam aceito minha disponibilidade? Sobre o Cenati, vivia-se informando que “não apareciam voluntários com o perfil”, e talvez por isso ninguém era estimulado a ajudar.

Lamento quem julgue propor uma ideia, com base no princípio da descrença, relacionado a seu trabalho, como “ingerência”. Não lhes ocorre existirem reflexões, sugestões, subsídios? É como se “não vindo de nós e tendo relação conosco, só pode ser ameaça”. Qual o problema de informarem algo do tipo, “apesar do verbete do Flávio, nosso projeto, hoje, é diferente”?

Quanto à afirmação, feita no calor do debate, “não vou tirar nada só porque você acha importante”, explico: mostre-me com lógica! Dê-me bons motivos e seguirei a sua proposta! Com aquela afirmação não encerrei o debate. Iniciei a Tertúlia com duas folhas na mão (o verbete), e saí com vinte e duas laudas de anotações para revisá-lo.

Dois dias depois, reunimo-nos à ASSINVÉXIS, por algumas horas, à qual vocês selecionam uma frase para apresentá-la fora de contexto: “– Posso até estar sendo teimoso, mas é um direito meu. Se vocês discordam, façam o verbete de vocês.” Esta frase não foi dita com respeito às críticas em geral, e sim a apenas uma, específica, com a qual não concordei, mas vocês teimavam em obrigar-me. A frase aplicava-se à insistência para que eu mudasse o nome do verbete para Serviço de Apoio ao Inversor Existencial.

Filipe, você presenciou a reunião e sabe disso. Presenciou meus argumentos de que, para fazer um verbete com este nome, eu não era indicado. Poderia até colaborar mas haveria pessoas melhores para fazê-lo, obviamente, as envolvidas com o Serviço. O conceito de cenatin não precisa

desaparecer para que se produza um verbete sobre o Serviço de Apoio, o qual serviria muito para esclarecer as semelhanças e diferenças. É neste tipo de fórum que se esclarecem os malentendidos, e não nas manifestações e cartas públicas de repúdio.

Você também presenciou inúmeras anotações feitas, por mim, à reunião, cortando inclusive parágrafos. Você me entregou, em mãos, os seguintes documentos: “Críticas e Sugestões para o Verbetes CENATIN, autoria prof. Flávio Amaral”; “Pré-requisito para Invexólogo atuante no Serviço de Apoio ao Inversor”; e “Serviço de Apoio ao Inversor Existencial”. Ao final da reunião, eu possuía outras 13 laudas, para somar às 22 supracitadas, e revisar o verbete. Aceitei dezenas de críticas, com exceção de alterar o nome, pois é o mesmo que cancelar o verbete atual e fazer outro (e vocês mesmo salientam que ambos conceitos *não são* a mesma coisa).

Filipe, você não foi o único a presenciar a reunião, mas afirma e divulga afirmações de terceiros no seu Anexo I informando que “neguei-me a fazer qualquer alteração no verbete”, ideia que julgo, agora sim de modo peremptório, mentirosa. Se quiser, posso mostrar as 35 laudas de revisão acumuladas para alterar o texto.

Observem as distorções. Quando lhes convém, afirmam que os conceitos (cenatin e Serviço de Apoio) são diferentes. Quando também lhes convém, afirmam que proponho verbete sobre prática que é sua.

Não satisfeitos com a reunião realizada, continuaram a reclamar do verbete. Certamente, poderiam estender a reclamação à Equipe da Enciclopédia, pois também respondem pelos verbetes. Eis porque informei à Equipe, considerando a indignação manifestada: “acredito que seja melhor deixar o

verbeta Cenatin de fora da Enciclopédia (ou em *stand-by*, como preferir).”

Explicitação. Portanto, explicitemos melhor a afirmação de “ser o único autor com verbete excluído da Enciclopédia”. Fui o único autor a sugerir à equipe enciclopédica remover o próprio verbete, pois você, Filipe, junto com alguns colegas, *foram os únicos voluntários a reclamarem tanto* para chegarmos neste ponto.

2.6 Parecer

Caros pareceristas, Ivo e Filipe, vocês apresentam a seção de acontecimentos envolvendo o parecer, em síntese, da seguinte forma: (1) entregaram os pareceres à Editares informando “sérias revisões de que o livro carecia”; (2) “devido às discordâncias sobre o encaminhamento” a UNICIN convocou uma reunião de acareação para 09.07.11.

Esclareçam o que houve de fato, ao invés de apresentar o evento de modo tão vago. Quais “discordâncias” eram essas? Quem discordava? O que havia de errado no “encaminhamento”, estando o livro nas mãos de 5 pareceristas, cujo autor aguardava receber a 1ª devolutiva? Por qual razão ocultar a intenção “acareadora” ao autor, até o último minuto?

Re-ingressei com o livro à Editares, após o *stand-by*, em fevereiro de 2011, como já mencionei, e aguardei o retorno. Sequer me envolvi com o mesmo, pois estava ocupado em terminar dissertação de mestrado. Tais “discordâncias sobre o encaminhamento” devem ter sido causadas por outros, talvez na surdina, e até hoje não tenho conhecimento dos detalhes.

Talvez descontentes vieram reclamar alguma intervenção externa ou paternalista, dizendo: “– O Flávio não aceita críticas.” É apenas uma hipótese. Como a responsabilidade dos problemas, para quem se julga infalível, é dos outros, na assim

chamada “acareação” a culpa destas “discordâncias sobre o encaminhamento do livro” só podia ser minha. Ainda que eu estivesse ocupado, há 5 meses, não com o livro, mas com uma dissertação de mestrado, um condomínio conscienciológico enorme, a fundação de uma instituição dinâmica (Assipi), artigos semanais no jornal, palestras semanais no Shopping e meu sustento profissional.

A “acareação” foi-me apresentada como uma “reunião” para “esclarecer fatos[?] concernentes à obra”. A reunião vinha sendo organizada entre outras pessoas, sem meu conhecimento. Na véspera recebi o convite, com os seguintes dizeres: “Te mando o convite abaixo [cópia do e-mail trocada entre os envolvidos], pois penso que tua presença será importante nesta situação.”

Nenhuma pauta específica foi informada sobre tais “questões levantadas sobre a obra”, pelo menos para mim. Fui ingênuo. Acreditei estar entrando para responder a algum questionamento, mas descobri que, para o encaminhamento da reunião, eu era o réu e a culpa já estava definida, pois não houve interesse, entre os acusadores, para ouvir nada. A última coisa que pareceu relevante a todos foi escutar qualquer resposta da parte deste autor. Caros Ivo e Filipe, se quiserem defender maior transparência, comecem pelas reuniões das quais participam.

A palavra “acareação” foi utilizada, para mim, à primeira vez, dentro da reunião. Iniciou com reclamações entre Editora e 1 membro do Conselho Editorial. A Editora queria poder entregar os pareceres ao autor e discutir os pontos apresentados. Após cerca de 30 minutos, de súbito, eu era o culpado por tudo. Leu-se um parágrafo (entre os 10 mil parágrafos existentes) e determinou-se que a Editora deveria

“devolver o texto para o autor, mandar engavetar, dizer que o livro é uma droga e precisa ser queimado em praça pública”.

Apenas para lembrá-los, havia mediação, porém, eram os acusadores quem, após livre acesso à palavra, cortavam o autor com ordens do tipo “– Seja breve!” Se o autor discordasse, era “intriguento” e “não conseguia enxergar”. Na prática, acusadores e juízes eram os mesmos. A mediação ratificou a decisão destes.

Na minha opinião, chamar esse evento de “acareação” é um eufemismo e por isso aplico-lhes aspas. Se era uma reunião de conciliação, conforme divulgada, ainda precisar aperfeiçoar os próprios métodos. O que vocês manifestaram, lá, foi pressa para acabar com tudo, antes que editora e demais pareceristas pudessem iniciar o diálogo com o autor, com devolutivas em mãos, e formarem as próprias conclusões acerca da condução do trabalho.

Vocês, Ivo e Filipe, anexaram um documento onde o autor é acusado de “transgredir o ciclo editorial”. Meus caros, eu era o principal interessado em continuar no ciclo editorial, abortado não por mim, mas por estas pressões externas, de ingerência e intriga, sobre as quais a Editora tratava no início da reunião. Se querem identificar transgressores, procurem em outro lugar.

Devem ter achado conveniente o resultado pois “o tema sobre o livro parecia encaminhado”, segundo concluem. Afirmam que concordei com “as críticas” (a leitura de 1 parágrafo). Antes de eu falar qualquer coisa, já haviam determinado o fim do processo. Alguns já haviam se retirado do recinto. Se mal tive espaço para discutir, de onde concluíram minha concordância? Se eu tivesse concordado, por que não continuamos o processo? Ocorreu o oposto: determinou-se devolver o livro ao autor, dizer que não presta e

mandar engavetar. Um desfecho improvável quando se concorda com as críticas.

Vocês pareciam satisfeitos, pois conseguiu-se interromper o processo editorial, mas divulgam que “o autor se comprometeu a modificar a obra”, como se o processo editorial continuasse.

Divulgam ainda que todos foram contra, quando na verdade houve pareceres muito claros não se opondo à continuidade das revisões. Expressou-se, até com veemência, “favorável à publicação do livro recomendando como obra de referência ao estudo da inversão existencial”(!)

Duvido que os pareceristas se oporiam a continuarmos as discussões (na verdade, “iniciarmos as discussões”, uma vez que não foi dada oportunidade de sentarmos junto com a editora e tratarmos com serenidade sobre o livro e os pareceres). Há livros que permanecem por anos neste processo. Para que a pressão para interrompê-lo ainda no início?

Lamento não termos registrado em vídeo este evento, pois agora cada qual o apresenta conforme os próprios interesses. À minha opinião, esteve longe de ser atividade científica, imparcial, democrática ou em acordo com os conceitos mais nobres defendidos pela Conscienciologia.

Reclamam que eu aceitei fazer consciencioterapia em grupo e depois perdi o interesse. Em primeiro lugar, as únicas possibilidades oferecidas eram estas: (1) o livro será devolvido, engavetado, e (2) podemos fazer consciencioterapia em grupo. Aceitar a segunda não haveria de fazer mal. Mas para quê? Vocês queriam saber o quê? O motivo de ter dado entrada no processo editorial? Qual “doença” nos fazia não pensar igual em tudo? Honestamente, depois de refletir um pouco, não vi motivo para a mesma, ainda que agradeça a oferta.

Muito embora pudesse haver algum resultado positivo, hoje sou grato pela decisão, pois vejo que você, Filipe, que estaria lá, considera-se justificado para publicar questões do nosso histórico pessoal, com intuito atacante. Quem garante que, um dia, caso julgasse necessário, não publicaria tudo o que pudesse lembrar destas seções de terapia, quando quisesse me condenar perante o público?

À “acareação”, soube ainda que espalhavam imagem de o autor ser “minidissidente”, querer fazer “Assinvéxis Paralela” e talvez fosse “AVA”. Considerando que ninguém se opôs e, no futuro, reforçariam a ideia de um autor largando o piano e subindo em cima para fazer mais peso, acredito ser importante esclarecê-los dos seguintes fatos:

Desde meu desligamento da Assinvéxis, fiz questão de manter uma postura colaborativa. Somei esforços em mutirões de limpeza, plantio de mudas, confraternizações e visitas técnicas ao Campus de Invexologia. Estimulei e colaborei com palestras e debates entre voluntários da IC nos espaços suprainstitucionais, a exemplo dos Debates Dominicais e as palestras na cidade (ExpoConscienciologia). Participei, a convite da IC, das Palestras Online e entrevistas junto ao Grinvex. Enviei artigos inéditos aos Cinvéxis e à *webpage* institucional, sendo, ainda hoje, o autor com maior número de artigos nesta última (www.assinvexis.org/artigos). Fomentei a publicação de textos de inversores no jornal do cidade, destacando e divulgando o Grinvex e a IC. Continuei a trabalhar, em coautoria, no livro *Inversão Existencial: Autoconhecimento, Assistência e Evolução desde a Juventude*. Revisei diversos artigos por solicitação de invexólogos. Atendi agilmente às requisições institucionais, por exemplo, para enviar nossa entrevista sobre o supracitado livro ao Jornal da Invéxis (tão agilmente, diga-se de passagem, que um dos

responsáveis ironizou: “foi porque eu tinha tempo de sobra”). Fiz estudo para viabilizarmos passagem interna e curta entre Campus de Invexologia e CEAEC, através do Condomínio Villa Conscientia. Assumi nosso projeto de hotsite (<http://www.assinvexis.org/livro>). Ainda em Fevereiro de 2011, assinava Procuração Particular para a construção do Serenarium. Ajudei a elaborar, participei e consegui o espaço físico para os workshops institucionais de escrita de verbetes invexológicos. Tudo isso enquanto algum covarde dentro da instituição me retratava, na surdina, minidissidente, criador de “IC paralela”, que deveria “ser AVA”.

Residi por 2 anos a poucos metros da sede institucional e recebia seus voluntários com portas abertas em diversas horas do dia e da noite. Trabalhei, também por 2 anos, no escritório vizinho ao de 2 coordenadores, no centro da cidade. A casa de meus familiares serviu de residência para um voluntário, por vários meses, enquanto concluía seu mestrado em outra cidade. Mais próximos, impossível. Mas para vocês, já tinham tentado de tudo, o autor não tinha mais jeito. Nada podia ser resolvido em conversas. Eu era um “inimigo” cujo trabalho precisava ser barrado.

Após a “acareação”, deixei o livro de lado, até por outras ocupações, e segui a recomendação de dar um tempo. Cerca de 2 meses depois, quando retornei para olhar os pareceres e anotações sobre o livro, continuava estimulado com as ideias ali escritas e as possibilidades de aperfeiçoar o trabalho. Eu não concordava com algumas críticas (vejam minha resposta na seção Conteúdo Heterocriticável), mas estava escrevendo algo sincero, deixando clara a não-imposição das ideias, que representam, ainda, em essência, meu pensamento.

Deste dia em diante, nunca omiti a ninguém que me perguntasse, o fato de estar escrevendo um livro e ter intenção

de publicá-lo de maneira independente. Este fato circulou por outras pessoas.

Perguntem por aí e saberão o que muita gente estava ciente. Não divulguei pois, se o fizesse, quem garante não haveria tentativa de censurá-lo? Mas se vocês, psicólogos, portanto dotados de empatia, me perguntassem qualquer coisa a este respeito, ao invés de concluírem que eu estava satisfeito com a “cosmoética” determinação impositiva, eu teria dito a verdade.

Almocei com você na véspera, Filipe, e fui eu quem procurei saber como estava você. Conversamos sobre seu novo cargo no voluntariado; sobre estratégias para nosso livro em coautoria; sobre amenidades referentes a alimentação; até sobre você usar chapéu. E você, caro psicólogo? Suspeitou que eu tivesse abandonado 512 páginas e a Invexologia? Ou esperava-me dizer: “– Amanhã vou divulgar meu livro. Telefone para seus amigos e decidam o que farão comigo.”

Por que não perguntou algo sobre a questão do livro? Eu sabia que você não aprovaria mas acreditava que iria escrever esclarecendo suas discordâncias com as ideias, ou que poderíamos discutir em debates democráticos e, em última instância, convivermos pacificamente com o fato de não pensarmos igual. Jamais pensei que juntaria forças para construir imagem de um “inimigo psicótico a ser riscado do mapa”.

2.7 Distribuição

Analisemos os fatos por trás do que vocês chamam de “lançamento e distribuição do livro”, no qual autor tentou “impor o manuscrito através de edição gratuita”, “entre os voluntários desavisados sobre seu histórico”, tudo isso “sem solicitar autorização do CEAEC”.

O livro é gratuito por um simples motivo: não objetivei ganhar dinheiro com o trabalho. A Conscienciologia produz enorme volume de materiais escritos e em vídeo, em base diária, de maneira gratuita, irrestrita e amplamente veiculada, e jamais alguém cogitaria informar que se trata de uma tentativa de, nas suas palavras, “impor” este modo de pensar. Ainda mais com o princípio da descrença divulgado à exaustão.

A própria gratuidade lhes é conveniente, pois os leitores têm muito mais facilidade para se desfazerem da obra caso discordem ou a rejeitem por qualquer motivo, sem apego ao dinheiro gasto ou necessidade de solicitarem devolução da quantia.

Na condição de autor, dirigi-me à livraria anexa ao CEAEC, principal local a considerar o público-alvo, com o livro em mãos, e perguntei-os sobre o interesse de ter exemplares às prateleiras. Em seguida, ofereci uma cópia ao propositor da técnica e principal autor conscienciológico, Waldo Vieira.

Se, além destas apresentações, não impositivas, o CEAEC precisa autorizar o autor a tomar tal iniciativa, conforme vocês deixam transparecer, não é meu papel questionar. Mas, ao que me parece, são vocês dois que, muito além da posição de pareceristas técnicos, estão se atribuindo no papel de dizer o que pode ou não ser distribuído no campus. Vocês é que estão adotando a “postura autoritária e coercitiva” atribuída a mim.

Observemos com lógica: se o livro fosse, conforme afirmam, principalmente voltado à juventude, a condução teria sido completamente diferente desde o princípio. A estrutura e linguagem seriam diferentes. Eu procuraria uma editora e instituições cujo foco é a juventude. Talvez tivesse escrito um e-book. Divulgaria às redes sociais, escolas e livrarias dos

shopping centers. Deixaria alguns exemplares no CEAEC devido à minha proximidade com a CCCI, mas iria atrás do público-alvo.

Conhecendo agora o caminho das pedras, talvez seja mesmo mais frutífero para adquirir, cada vez mais cedo, maturidade consciencial planificada, pesquisar a juventude e evitar envolvimento com determinadas pessoas que tentaram, do começo ao fim, obstruir a pesquisa invexológica do autor.

Afirmam ainda que foi feita “solicitação para o autor comparecer, no dia seguinte, à Tertúlia, quando se faria uma apreciação do livro publicado.” Caso não saibam, esta “solicitação” para “apreciação” chegou a mim poucos minutos após distribuir o livro, nos seguintes termos: “– Diga para o Flávio aparecer na Tertúlia amanhã, que nós vamos acabar com ele e com o livro dele!”

Ao ler tal comentário preciso questionar se vocês sabem o real significado de um debate, de uma solicitação e de uma apreciação, ou apenas utilizam estas palavras como eufemismos para defender seus métodos atacantes, impositivos e acusatórios?

Pergunto-me se algum dos acusadores a se manifestarem àquele “debate”, ou nos anexos, teria coragem de travar uma discussão no estilo um-a-um, em campo neutro e com mediador isento, que reparta o tempo de argumentação equitativamente, sem depender de outros atacantes à retaguarda.

No seu Anexo I, outra “apreciação” também é feita, ao mesmo dia do lançamento, portanto, em tempo récorde de leitura e discussão a considerar a extensão do livro e quantidade de pessoas envolvidas.

Se no 1o movimento para abortar o livro o convite era para uma “reunião de conciliação” (já descrita), o que esperar

de um evento onde a intenção é “destruir” autor e obra? Sendo que tal posição fora tomada em 15 minutos, sem sequer reler-se o trabalho, o qual já havia sido elogiado publicamente a 21.08.10 e 14.01.12 (<http://www.youtube.com/watch?v=fwb99fz7HFg#t=51m07s>; <http://www.youtube.com/watch?v=ieeoQWZ1bKo#t=16m36s>).

Não mandei recado para ninguém sobre não comparecer, nem informei que “estaria assistindo através da internet”. Se alguém fez-se passar por emissário de tais recados, mentiu. Tratem de não acreditar em tudo o que escutam.

Todos sabemos que, para defender suas teses, os argumentos diferentes são facilmente interrompidos. Todos sabemos que parte do público já elegeu previamente em quem concordar. Todos sabemos que muitos, quando não concordam, não têm muito mais alternativas a não ser baixarem a cabeça e acatarem. Não é raro a pessoa ser repreendida por “estar defendendo” um ponto de vista, quando diferente. Não são raras posturas onde se pergunta em tom intimidatório se “alguém quer defender tal posição [contrária]”. Não me foi raro ser abordado ao final de eventos com frases do tipo: “– Nossa, como você foi corajoso em questionar aquilo”, como se o medo de questionar ainda existisse para certos participantes, ou alguma postura autoritária.

Tal qual a assim chamada “acareação”, tive fortes razões para supor que o evento seria mais um movimento para impor pontos de vista e fatos mentirosos apresentados por vocês, à minha presença, sem qualquer interesse naquilo que viesse a contrapor suas opiniões, inflexíveis e já construídas de antemão.

Identificam-se na posição de psicólogos, portanto, por que não se posicionam à luz do Código de Ética Profissional do Psicólogo, acerca da construção de diagnóstico psiquiátrico

público, ao vivo e online, em evento o qual presenciaram e se manifestaram? Seu código profissional é secundário nestes casos? (<http://www.crpsp.org.br/portal/orientacao/codigo.aspx>)

3. Críticas

3.1 Título

Capítulos. Vocês dizem que vários capítulos não abordam o tema sob a ótica da Invexologia. São vocês que não enxergam. Não é necessário a todo capítulo citar a especialidade Invexologia; tampouco é necessário repetir frases do tipo “para a invéxis, é importante...” Apresento esta especialidade como sendo a intenção principal do livro, para manter a concisão e deixar subentendido tratarem-se de tópicos otimizadores ou não e, na maioria dos casos, essenciais à inversão existencial.

Exemplo: no capítulo Bibliofilia, o primeiro citado por vocês, eu poderia tê-lo introduzido informando ser importantíssima para a invéxis, até *sine qua non*. Em seguida, faria as ponderações do capítulo. Mas observem, tal introdução é redundante. O leitor pode concluir isto por si só.

Vocês podem conhecer mais relações com a invéxis, que não são mostradas no livro, e provavelmente são desconhecidas pelo autor, mas isto não invalida apresentar assuntos e opiniões como sendo relevantes à invéxis. Por sinal, se conhecem estas relações, nada comentaram em seus pareceres. Apenas encerram frases prontas: “o livro não fala sobre invéxis”.

Observem que o livro não pode apresentar apenas o que seja exclusivo da invéxis. A maioria dos capítulos não se aplica apenas à inversão, mas são necessários à mesma. Se eu quisesse escrever um livro sobre “boas práticas

conscienciológicas”, conforme vocês afirmam, teria feito trabalho diferente, muito embora este universo de “boas práticas” sugerido por vocês provavelmente seja, também, otimizador da invéxis e mereça aparecer no livro.

Sua frase incompleta “na página 15 consta que o livro poderia se chamar ‘guia conscienciológico aos jovens’” serve apenas ao propósito de conduzir à sua interpretação, também errônea, segundo a qual o livro afirma ser “a fase juvenil o arcabouço fundamental da pesquisa invexológica.”

O autor informa que a publicação “também pode ser chamada: 1. Caderno de campo invexológico. 2. Compêndio crítico invexista. 3. Guia conscienciológico aos jovens. 4. Manual antiporão consciencial. 5. Inventário de argumentações inversivas. 6. Vade-mécum da inversão existencial.”

Exposição. A obra pode ser chamada estas 6 coisas, não uma delas exclusivamente. Mas tudo bem, eu poderia ter sido mais claro. A conclusão não é “para o autor, teáticas da Invexologia = guia aos jovens”. A conclusão é “para quem procura um guia conscienciológico aos jovens (ou alguma das outras 5 expressões supracitadas), este livro também serve”.

Eu mostro incongruência? Ou vocês demonstram interpretação muito rígida, típica, por exemplo, da consciência literal? (<http://67.223.248.71/tertulio/Verbetes/Consci%C3%Aancia%20Literal.pdf>)

Dou-lhes razão quanto à ficha catalográfica restritiva nas palavras-chaves. O fato, entretanto: o autor não é profissional do assunto e terceirizou-a para pessoa com formação na área. Entreguei, ainda, à profissional, um exemplar de nossa obra Inversão Existencial, informando serem ambos os livros sobre o mesmo tema.

O código de classificação (CDD) de ambas as obras é 159.922, relativo à área de psicologia do desenvolvimento

adolescente. Acredito ser, daí, a conclusão inferida pela profissional da catalogação.

Observem que, em bibliotecas, é comum a livros de áreas pouco exploradas serem classificados e referenciados (inclusive através de palavras-chave) em temas já consagrados por sistemas de consultas. Observem, também, em nenhuma parte do livro tentar-se reduzir ou colocar a Invexologia dentro da Psicologia do Desenvolvimento.

3.2 Fundamentos

Para afirmar que o autor “deturpa os fundamentos” da invéxis, não utilizam os vários capítulos onde o autor expõe as bases dos seus fundamentos, mas apenas 1 dos 200 capítulos, no qual o autor apresenta “condutas-exceção” que, “conforme o caso”, “em hipótese”, em “situações limítrofes” podem não ser anuladoras da invéxis.

Justamente por ser apenas 1(um) capítulo, segundo vocês “superficial e sem fundamentação”, que ele não se propõe a definir ou englobar a invéxis, muito menos fazer “alterações estruturais” na mesma. Vocês lêem o capítulo-exceção e procuram transformá-lo em capítulo-regra.

Passam batido por uma afirmação citada por vocês na carta: estas hipotéticas exceções “não invalidam os procedimentos invexistas básicos”. É só ler com atenção. Cortam ainda, convenientemente, o parágrafo onde o autor adverte o leitor para que não procure “exceções facilitadoras ou reconfortantes”.

Sou eu quem os parabeniza pela tentativa de alterar tão radicalmente a Invexologia afirmando, em conjunto com 2 anexos, a inexistência tão peremptória de exceções à invéxis.

Considero, porém, esta posição carente de bons argumentos para poder ser persuadido.

Só encontrei tal opinião antiexcepcionista em sua carta e anexos supracitados. Convenhamos, nenhum dos 3 textos se propõe a servir de fundamento à técnica. Afora estes, desconheço, em meus estudos, qualquer postulado peremptório a afirmar “não existirem exceções”, quanto menos artigo que desenvolva esta convicção.

Do contrário, desde o princípio, são admitidas exceções. Em *700 experimentos da conscienciologia* (1994), nos capítulos *Fundamentos Técnicos da Invéxis*, *Vantagens da Inversão Existencial* e *Teste das Diferenças entre Inversor e Reciclante*, encontram-se as seguintes afirmações: “casamento, se for o caso, só depois dos 40 anos.” (p. 690); “Fiz, pessoalmente, a invéxis. Só me casei aos 42 anos de idade.” (p. 692). “Se há casamento: após os 40 anos.” (p. 712).

Se vocês lessem estes capítulos com igual senso crítico poderiam vir a público com suas acusações peremptórias acerca de “frases soltas” em “páginas soltas no meio de um livro”, “superficiais e sem fundamentação”. Felizmente, só aplicaram a visão deturpada de suas convicções a um livro, o meu, e não ao *corpus* inteiro de referências Conscienciológicas.

É natural refletir sobre a existência de exceções em qualquer área de conhecimento (vejam bem, refletir e não afirmar ou determinar) – algo que vocês apresentam como um tabu, ou tentam desqualificar como sendo “querer popularizar”, “dar jeitinho”, para manter um “rótulo”.

O assunto já foi, inclusive, debatido em público, sem qualquer problema, à presença de inúmeros invexólogos, por exemplo, enquanto discutia-se sobre por qual motivo o matrimônio é evitação invexológica (<http://www.youtube.com/watch?v=on9cV-hzLV0>):

“Às vezes, no casal, os duplistas que não se casaram, é bom haver o casamento. Porque uma das pessoas está desenvolvendo a sua carreira dentro da universidade, da academia. Ela tem um processo do currículo, muito sério. O casamento chancela aquela condição social, perante esse povo que só pensa nele. Nesse caso, eu mesmo indico que as pessoas façam o casório. Isso aí é uma coisa séria, para ajudar a mulher, o homem. Esquece a união estável, eu estou falando é do problema da sociedade, em si e a condição do casamento perante a universidade, a academia. Perante a vida intelectual, a carreira da pessoa e a autobiografia dela (...) Qualquer casal que fique junto 3 anos já é igual ao casamento, os direitos são iguais. Agora, o que eu vejo, é que às vezes é bom ir ao cartório, registrar o processo e fazer o casório. São condições de exceção. Essa é totalmente de exceção. Mas eu assino embaixo. Aqui já houve vários casos assim.

– Professor, muitos pensam sobre invéxis, eu acho que tem que deixar claro o que é evitável, mas tem situações de exceção a serem mencionadas, por exemplo, você mora em outro país, e o parceiro não é cidadão daquele país.

– Pois é, mas isso todo mundo já sabe. O povo já faz isso há muitos anos. Tem outra coisa, às vezes é necessário fazer o casamento para ajudar um processo de uma pessoa crítica, de tares e tacon ao mesmo tempo. As pessoas iriam para os EUA e não podiam ficar lá, não tinham o Green Card. Às vezes é bom que ela case com alguém de lá para ela consertar. Eu tive amigo que indiquei para casar lá.”

Eu mesmo tenho dúvidas quanto à questão de casar para chancelar a condição acadêmica, quanto mais sobre o *Green Card* afirmado acima, e teria o maior prazer de discuti-la, mas em diálogo pacifista, não em cartas de repúdio peremptórias, onde a simples menção da hipótese é vista como um

“retrocesso” à pesquisa, onde tudo se resolve com determinações impositivas (*magister dixit*), onde a pessoa é condenada ou ridicularizada por levantar a questão.

3.3 Exceções

Vocês consideram como sendo o capítulo embaixador dos argumentos centrais, um capítulo, onde reflito sobre exceções minoritárias e hipotéticas (“uma folha solta”, nas suas palavras). Quando lêem os capítulos sobre aborto, casamento, maternidade (nos quais, obviamente, vou propor linhas gerais sobre o assunto), vocês concluem serem estes, incongruentes com a proposta do autor.

Ao invés desta leitura do avesso, sugiro que considerem algo óbvio, ou seja, os 3 capítulos supracitados são as linhas gerais sobre estes assuntos, nos quais deixo claro serem impeditivos à invéxis. Então, considerem, como uma suposição hipotética, divagação ou ensaio, aquela “folha solta” a qual vocês ojerizam.

Quanto a mim, estou longe de determinar, para a invéxis, proposta recente, ou qualquer outro assunto, a inexistência preemptória de exceções. Acredito que uma das tarefas do cientista é buscar exceções a fundamentos e não vejo por que deveria ser tabu, um capítulo entre 200 para levantar tais hipóteses (dada a necessidade de tratar temas mais importantes nos outros 199).

3.4 Críticas

Defensiva. Adotam postura avessa ao que, para vocês, se pareça com crítica. O autor é acusado de não aceitar críticas mas vocês fariam por bem olharem para si mesmos. Quando

leio seu texto, tenho impressão semelhante àquela de ouvir pessoa reativa, do tipo que, a todo momento, arregala os olhos, fica na defensiva e pergunta horrorizada: “– Mas isto é uma crítica?”

Por exemplo, quando o autor afirma que o presente livro “procura não ser mais do mesmo à invéxis”, vocês concluem que o autor considera ser a pesquisa invexológica “simplesmente mais do mesmo”, num “ciclo vicioso”, e deveria ter “fundamentado esta ideia em um dos 9 congressos de inversão existencial”.

Você, Filipe, presenciou-me argumentando sobre todas as conquistas da Invexologia. Manifestei esta opinião em entrevistas em video e por escrito, junto a você e nossos colegas co-autores. Desconheço se as entrevistas foram ao ar mas ilustro minha afirmação, a qual lhe copiei:

“Pudemos contar com uma verdadeira incubadora invexológica. Há também vários anais de congressos e antologias sobre a invéxis. Não trabalhamos em terreno árido. Havia IC, cursos, artigos, massa crítica sobre o assunto. (...) Ou seja, existia know-how prévio sobre a Invexologia e sobre o processo editorial.(...) Observe as conquistas: cursos, grinvexes, líderes conscienciocêntricos, instituição, congresso e jornal tradicionais, antologias, um campus, e agora, um livro. Isso tudo é megafoco. Quantas especialidades conscienciológicas reúnem tantas realizações?” (Trecho de entrevista enviada por e-mail ao Jornal da Invéxis, acerca da elaboração da obra, em coautoria, “Inversão Existencial”).

Conclusões. Antes de concluírem o que penso, perguntem-me, pois demonstram não serem capazes de concluí-lo ao lerem meu trabalho. A afirmação de não querer ser “mais do mesmo” é, sobretudo, autocrítica. Todos nós, ao

iniciarmos a escrita de assunto pouco dominado, estamos sujeitos a escrevermos “mais do mesmo”. O processo, em boa medida, faz parte dos primeiros passos e o autor não estava – e ainda não está – imune a ele.

Por sinal, submeti artigos para a maioria dos nove congressos, e muitos outros, com meu pensamento autêntico, sobre temas muito mais relevantes, e não com assuntos os quais vocês pensam – e afirmam – que eu pensava.

Caro Filipe, se não me falha a memória, você, com frequência, posicionava-se acerca de boa parte dos artigos escritos sobre inversão existencial, com a seguinte afirmação: “– São artigos de inversores falando sobre Conscienciologia, não de conscienciólogos falando sobre invéxis.” Se você pensava assim, por que não fundamentou e apresentou em um dos vários congressos sobre inversão existencial?

3.5 Redução de danos

Segundo sua visão, o autor, ao capítulo 177, “adultera conceitos” e “faz duras críticas às políticas públicas de redução de danos”. “Para ele, redução de danos seria o mesmo que dizer para os usuários de drogas se matarem com uma faca esterilizada.”

Se prestassem atenção, observariam que o capítulo é intitulado e fala sobre “rendição aos danos”, e que “toda terapêutica precisa passar pela minimização da patologia”, entretanto, “com frequência” esta rendição aos danos é aplicada no lugar da “expressão sadia, redução de danos”.

Portanto, não é um capítulo sobre as políticas de redução de danos. Não sou incauto de pensar que estas políticas não têm resultados positivos, e que dezenas de governos são simplesmente cegos em mantê-las. Vocês mesmo citam que,

para alguns autores, o problema surge quando se muda o foco, tratando dependentes mas mantendo o uso de drogas.

O capítulo utiliza esta “mudança de foco”, além de outros exemplos, como sendo casos da rendição aos danos. Mas vocês não fazem esta reflexão, pois não vêm a público para apresentar o “contraponto ponderado” o qual defendem. Que tal darem exemplo de redução de danos na sua postura intelectual, ao invés de partirem para o ataque com todas as forças contra o que não aprovam?

3.6 Fobia social

Criticam o fato de o autor apresentar um capítulo intitulado “Fobia Antissocial”, em primeiro lugar, pois dentro da Psicopatologia inexistir transtorno com este nome.

Qual o problema de um livro, não sendo específico de Psicopatologia, definir um conjunto de fenômenos como sendo fobia antissocial? A Psicopatologia é a única autorizada a falar sobre fobias? Ou, pelo visto, vocês reconhecem apenas as fobias catalogadas pela Psicopatologia?

Se é assim, preparem uma carta de esclarecimento posicionando-se sobre inúmeras fobias listadas nos textos conscienciológicos, cujos fundamentos não sei se foram escritos, acredito não reconhecidas pela Psicopatologia, e provavelmente nem por vocês, dentre as quais: autocriticofobia, autodisciplinofobia, autopesquisofobia, conscienciometrofobia, energofobia, evoluciofobia, projeciofobia, reciclofobia e outras.

Listagem. Podem criticar, ainda, a listagem de 100 fobias ao capítulo Consreus Fóbicas (Vieira, W. *Homo sapiens reurbanisatus*. CEAEC, 2004. pp. 675-679) e chamá-las de “pseudocategorias” por terem sido “definidas em apenas uma

linha” “sem nenhuma fundamentação sobre a ideia”, conforme seu modo de raciocinar.

Felizmente não o fizeram e controlaram tal senso crítico agressivo, belicista, até certo ponto fóbico.

Na sequência vocês partem para analisar a “Fobia Social”, reconhecida pela comunidade médica, como se fosse a isto o que o autor se refere. Com respeito à misofobia, criticada por vocês, considero-a, sim, uma fobia com repercussões antissociais. Lamento se isto, para vocês, não é motivo para que o autor denomine-a uma fobia antissocial.

Por que acreditam que tenho pretensões de escrever livro que seja referência à Psicopatologia? O argumento acima aplica-se também à menção do termo invexofobia, criticado por vocês.

3.7 Instituições

O argumento sobre o autor “criticar as instituições conscienciológicas” é afirmação bastante vaga. As instituições conscienciocêntricas, propriamente ditas, envolvem regimentos e documentos que orientam a sua condução. A prática é o trabalho realizado por pessoas, a conduzi-las. Fazer, realmente, crítica a instituições, requereria estudo sobre os regulamentos internos, base legal da mesma e demais documentos, o que foge ao escopo do livro. Não obstante, entendo seus argumentos e esclareço:

Ainda que tivesse feito críticas, nunca vi uma instituição informar ser contra críticas e, possivelmente, deixam claro até o oposto em seus regimentos e estatutos sociais. Por que vocês querem atribuir a instituições este modo reativo, seu, para lidar com críticas e diferenças de opiniões? Como pretendem, vocês, defenderem a Democracia Pura, ao condenar críticas?

Conforme concluem: “além das críticas às áreas da Saúde [megaexagero], o autor faz insinuações às Instituições Conscienciocêntricas”.

Releiam o parágrafo citado por vocês:

“...o pré-autor não raro observa, no imaginário coletivo, acepção segundo a qual o livro ainda não é voluntariado conscienciológico, embora a escrita seja bem recebida de modo geral.

...se o livro destaca-se entre as prioridades proexológicas, é razoável ser, também, prioridade da instituição conscienciocêntrica (IC), quando pretende ser incubadora de maxiproéxis.”

Ora, tenho motivos para acreditar que esta reflexão ajusta-se aos postulados das instituições. Para que afirmam, vocês, ser isto uma crítica, se basicamente parece convergente com ideia razoavelmente defensável por todos? Deixem-me adivinhar: “se ele falou das ICs, deve estar insinuando que as ICs fazem o contrário”. Parece ser este o raciocínio por vocês empregado.

Observo, informalmente, em corredores, como posturas individuais, não como políticas institucionais, pessoas que não consideram o livro como parte do voluntariado conscienciológico. Não venham dizer que o autor está atribuindo isto às instituições pois é falsidade sua.

Utilizam o mesmo raciocínio para informar que o autor “se impõe no âmbito institucional”, quando na verdade está refletindo quanto ao “debate sobre ser o grinvex, ou não, prerequisite do voluntariado em IC”.

Se querem informar minha real opinião sobre o grinvex, citem os capítulos 54 e 141, denominados “Grinvex” e

“Grinvex Desmotivado”. Se algum grinvex motivar-se para aplicar os propósitos e desafios destes 2 capítulos, alcançará produtividade muito boa e, acredito, desejável a qualquer voluntário.

Se o participante do grinvex não está fazendo jus ao mínimo necessário para ser considerado voluntário, o que ele anda fazendo no grinvex? Em outras palavras, se o grinvex, na prática, não está no nível de ser considerado voluntariado, deve não estar servindo de exemplo para o que se considera voluntariado. Se o inversor se propõe a fazer assistência mais cedo, e o grupo de inversores não está dando exemplo de assistência mais cedo, aí sim, realmente, não é para ser considerado voluntariado, mas, na minha visão, tampouco é para ser considerado Grinvex (com “G” maiúsculo).

Estas são minhas reflexões, as quais, segundo vocês, estou tentando “impor no âmbito institucional”. Não se preocupem. Em última instância, a lógica se impõe por si. Se as ideias acima forem irracionais, mais cedo ou mais tarde perecerão.

Para imporem ao público uma visão sua, deturpada, sobre as afirmações supracitadas, preferem chamá-las de “críticas veladas”. Na prática, estão a procurar pêlo em ovo. Também esquecem o principal: contra os 4 parágrafos citados por vocês como “contendo críticas veladas às ICs”, há outras dezenas fazendo defesa aberta, sincera, apologia sadia e direta a instituições e/ou práticas valorizadas por estas. Cito, além dos 2 capítulos sobre o grinvex, os capítulos Campus Invexológico, Empresa Conscienciocêntrica, Polivalência, Voluntariado e o Epílogo, mas vocês encontrarão muitos outros.

Caros críticos, não teria motivo para criticar instituições. Ao meu entender, todas elas fundam-se sobre marco legal exemplar para o tipo de organização desejada neste Século, a

dizer: democrática, científica, ética, assistencial, voluntária, com distribuição equilibrada de poderes. Hoje, entretanto, tenho sim motivos para criticar práticas estranhas aos fundamentos estatutários e princípios básicos preconizados pela pesquisa conscienciológica, das quais vocês aparentam ser defensores.

Sua carta vai na direção de desmotivar a proposição de críticas por voluntários e dá subsídios e exemplos a quem desejar empregar métodos censuradores contra textos dos quais discordam. Isto vai de encontro ao que defendemos no princípio da descrença, em inúmeros textos conscienciológicos e sintetizado com propriedade na máxima trivocabular *louvemos os críticos* (Vieira, W. *Manual dos megapenses trivocabulares*. Editares, 2009. p. 155).

3.8 Estrutura

No primeiro protótipo, vocês estão certos, o público-alvo não estava claro, ao contrário da versão final, a qual vocês citam, novamente, criando confusão onde não há. O livro é dedicado aos invexólogos e invexólogas, pesquisadores da ciência Invexologia, estudo da técnica da inversão existencial (invéxis). Para vocês, parece só haver duas possibilidades: “invexólogos com veteranismo teá tico” ou “inversores existenciais jejunos”. Julgam não haver invexólogo iniciante ou intermediário?

Não posso escrever o livro para pessoas que pesquisam a invéxis, basicamente o que defino à introdução? O livro contém o escopo do conceito de “invexólogo” o qual sou capaz conceber (entre iniciante e avançado, mas cujo centro é meu próprio nível), e não haveria como ser diferente.

Não satisfeitos com a definição do público-alvo, afirmam que o autor faz “confusão total” quando diz ser objetivo complementar, discursar acerca de como atravessar a fase adolescente da vida humana (“sob o enfoque consciencial invexológico”, mas vocês preferiram omitir estas últimas palavras para promover a confusão total). Onde vocês lêem “objetivo complementar”, entendem “arcabouço fundamental”. É assim que deve agir o parecerista?

Se é esperável do inversor pesquisar a invéxis, para aplicá-la a partir da adolescência, por que um livro sobre invéxis não há de ter como objetivo complementar tratar desta fase da vida humana?

Na sequência, sugerem que o livro, por ter muitos leitores iniciantes ao tema, deveria conter capítulo sobre a invéxis no início. Filipe e Ivo, não sei o quanto significa “muitos” para vocês, mas em meu entendimento, a maioria dos leitores deste livro dispensa tal necessidade ou, no mínimo, não será prejudicada em seguir à página indicada.

Reclamam da “rigidez na forma”. Observem a rigidez nas interpretações feitas por vocês, ao longo de toda a carta. Por exemplo, há o capítulo “invéxis” na seção de otimizações, em livro chamado teáticas (teorias e práticas) da Invexologia (ciência que pesquisa a invéxis). Para vocês, isso não pode acontecer, e o autor que o fizer não tem menor ideia de como estruturar um livro.

3.9 Interesse

Terminam por determinar, sempre peremptoriamente, como falso um parágrafo introdutório do livro (o qual citam com erros): “Leitor ou leitora, sua heterocrítica severa a este trabalho é digna de nossos sinceros agradecimentos

antecipados. Está acima da aprovação por parte da pessoa simpatizante que, um dia, espera dedicar-se ao tema. Queira enviar este exemplar para o autor, marcado a tinta por seus comentários, críticas, sugestões, opiniões e demais escarificações conscienciográficas, e outro novo ser-lhe-á remetido em seguida, sem ônus, se assim desejar.”

Vocês enviaram o exemplar para o autor? Ou se informaram sobre quem o fez? O que estão a criar é um apriorismo baseado na própria verdade que insistem estabelecer. Adiantam-se para desencorajar o envio de críticas pois lhes custa muito confiar no bom senso dos seus leitores. Vocês não podem enxergar o que contradiga suas afirmações absolutas, portanto, só lhes resta considerá-las palavras vazias.

Caros pareceristas, este autor fez modificações com base em suas críticas ao livro, no 1º debate, (esboço com participação de Filipe, apenas), e por escrito, com a entrega dos pareceres e do livro grafado. Por que vocês adotam a postura de, se o autor não aceitar tudo que querem, “nunca alterou nada substancial no conteúdo do livro”? Com que onisciência levam a crer não ter havido nada substancial dito ou escrito por cerca de 25 pessoas a darem alguma devolutiva direta a este autor, particularmente ou em cursos, em algum dos 7 debates públicos realizados, diretamente voltados ao livro (dos quais Filipe esteve apenas em uma ocasião), além de outras oportunidades onde o autor apresentava outras pesquisas, as quais viriam a compor o livro?

Como pode alguém que, para vocês, tem visão deturpada e não aceita críticas, ter sido professor, orientador e itinerante do IIPC e da ASSINVÉXIS? Coordenar por 2 anos os debates semanais do CEAEC e as colunas semanais no jornal local, sem colher reclamação neste sentido? Publicar artigos em eventos, à Enciclopédia e 2 principais periódicos institucionais

(Journal of Conscientiology e Revista Conscientia)? Ter sido revisor para artigos desta revista e eventos específicos? Auxiliar por várias vezes, informalmente, solicitações de invexólogos para revisar trabalhos escritos? Como poderia ter sido, na verdade, elogiado e apoiado em todos estes trabalhos?

Considerações finais

Sua abordagem avaliou meia dúzia de páginas, 1% do texto. O restante dos argumentos giram em torno da seguinte lógica: “o livro é ruim pois não autorizamos a publicação” ou “o livro é ruim pois não gostamos das atitudes do autor”.

Caros Ivo e Filipe, vocês confiam na capacidade esclarecedora de sua carta? Se sim, acredito que serão a favor de as ICs e filiais terem carta branca para discutir meu livro, tal como podem discutir qualquer outro trabalho escrito. Admitem isso? Ou vocês temem que os leitores continuem incapazes para estudar o material sem a presença totalitária do seu estilo intervencionista?

Enquanto vigorar sua maneira de fazer “ciência” e “debate”, duvido que haja pessoa ou veículo reconhecidos por vocês como confiáveis dispostos a questionar este autor numa entrevista, por exemplo. E isto é por medo de colocar em dúvida sua versão da história.

Cogitei submeter esta carta à Revista Conscientia, à qual desejo sucesso. Mas desisti, ao perceber que, outrora, você, Filipe, foi autor de outra carta de esclarecimento, nesta revista, criticando um artigo enviado e não publicado pela mesma. Não publicam o artigo e, em seguida, publicam as críticas? Com todo respeito, “incluam-me fora dessa” maneira de debater. (<http://www.ceaec.org.br/conscientia/index.php/conscientia/article/viewFile/288/281>).

Não tencionam criar um *index librorum prohibitorum* mas somam esforços semelhantes a caça às bruxas. Não são contra a liberdade de expressão do autor mas seu texto e ações são prato cheio para estimular quem quiser banir trabalhos ou agir igual a censor. Semelhante a autocratas, explicitam considerarem a obediência um valor muito mais importante do que a aplicação de qualquer princípio conscienciológico. E conforme a prática de regimes autoritários, suas ações precisam ter caráter muito mais “pedagógico” e preventivo do que conciliatório e reparador.

Neste sentido, o que fazem é muito eficiente e deixa claro o imperativo de não nos envolvermos em seus domínios quando quisermos pesquisar e escrever de maneira independente. O verdadeiro alerta de sua carta é sobre a exigência de acatarmos relações autoritárias e peremptórias quando quisermos nos embrenhar em pesquisas dentro do seu raio de influência.

Os seus esforços não coíbem exatamente a liberdade de expressão do autor, mas a liberdade de expressão dos voluntários submetidos a vocês. Se apresentam no direito de impedir (*a priori*) e condenar (*a posteriori*) publicação que não lhes agrada. Para estes fins, consideraram-se justificados a adotar quaisquer meios, independente de quaisquer consequências.

Demonstram ser bastante complacentes consigo mesmos e absolutamente imperdoadores com este autor. Apresentam conclusões suas como sendo afirmações minhas. Dizem que afirmo ideias as quais não defendo. Tais posturas geram mais desentendimento do que esclarecimento.

Fazem afirmações taxativas, absolutas. Mostram não admitir quaisquer conclusões além das suas. Assim, conduzem menos a discussão e reflexão, e mais ao convencimento e

inculcação. Inculcação e desentendimento são combustíveis do conflito, e seu texto emana conflitividade do começo ao fim.

São extremamente preocupados com possíveis interpretações erradas dos leitores a respeito da invéxis e da Conscienciologia. Até hoje, os leitores com quem mantenho contato têm compreendido muito bem o livro e as especialidades, enquanto as interpretações erradas partem de vocês mesmos.

Enquanto manter-se postura controladora, precisarão constantemente de intervenções, por exemplo, online, em fóruns extrainstitucionais, para justificarem suas ações, geradoras de crescente desentendimento aos olhos do público. Que esclarecimento é este que produz tanto desesclarecimento?

Perguntam o que fazer com os exemplares distribuídos. Os leitores, hoje dotados de esclarecimentos, quer tomem partido a seu favor ou não, têm informações para decidirem. Não me oponho se vocês os influenciarem nessa decisão. Penso, no entanto, ser mais importante preocuparem-se com os milhares de acessos ao seu artigo e documentos por ele referenciados. Não por minha causa, mas por vocês. Explico:

Toda exposição, inclusive heterocrítica, é antes de tudo, autoexpositiva e autobiográfica. Antes de falarem acerca deste autor, estão a esclarecer sobre si próprios, seus métodos e sua forma de pensar. Se não escutaram nenhuma crítica a suas posturas, devem estar veladas, talvez porque vocês mesmo as intimidem ou as rejeitem.

Mantenho a suposição acima devido ao fato de que, vez por outra, vêm a meu contato pessoas diferentes, a emitir opiniões exageradamente negativas sobre a Conscienciologia, não porque leram meu livro mas por terem assistido às manifestações de vocês e alguns de seus colegas. No final das contas, eu, que teria motivos para ficar revoltado com tudo

isso, preciso acalmar os ânimos dos outros. As atitudes de vocês só podem estar provocando efeitos contrário sobre muita gente.

Vocês poderiam simplesmente manifestar, até com indignação, suas discordâncias no papel de pareceristas, às ideias contidas no livro. Tal manifestação teria sido perfeitamente legítima. Mas precisavam ir mais longe. Precisaram fazer crer, ao público, que era necessário trazer todo o histórico repudiado por vocês, para permiti-los entenderem a sua posição de pareceristas. É como se, sem o histórico, até vocês pudessem ter concordado com as ideias publicadas.

Afirmam: “Apenas com o histórico dos fatos e heterocrítica do conteúdo da obra, você, leitor, terá dados para compreender nosso total repúdio à conduta de Amaral” É como dizer ao público: “– Escute o que nós pensamos sobre o autor, para que você possa ler o livro ou opinar corretamente.” Vocês agregaram à posição de pareceristas do livro, a posição de *pareceristas do autor*.

Não lhes bastava dizer “discordamos disto ou daquilo”. Precisaram criar imagem do autor absolutamente malévolo e livro absolutamente discordante, para justificar seu repúdio total e induzir o público a um olhar unilateralmente reprobatório. Não apenas isto, mas também para justificarem a manifestação da hostilidade máxima possível, como se algo na face da Terra ainda pedisse a adoção de comportamento belicista por parte de consciências lúcidas.

Para cumprirem este propósito, tentaram concluir o que o autor pensava e interpretar o que o autor escreveu. Acrescentaram, modificaram, distorceram, omitiram e falsificaram fatos e argumentos, conforme procurei expor. Estavam obstinados em provar suas teses inflexíveis. Quiseram

conduzir o público de modo absoluto, e assim, não poderiam explicitar a totalidade dos fatos ou do pensamento autoral.

Retribuíram exposição com exposição. Tomaram dores alheias e decidiram devolver na mesma moeda. Mas foram além do princípio de talião, aplicando-lhe juro e multas de impressionar o mais usurário dos banqueiros.

Não apóio a lei de talião, mas se tivessem-na aplicado seria um progresso, comparada à maneira como agiram. Façam um favor a todos nós e apliquem a supracitada lei. Escrevam livro sobre invéxis, permitam-me dar parecer e, em seguida, publiquem seu pensamento real. Registrem minha condição de parecerista e se preferirem, incluam meus contatos ao final do livro. Terão pago na mesma moeda.

Caro Ivo, não estive presente em vários episódios descritos por esta carta. Não acompanhou o voluntariado, nem o Curso Livre, nem o desligamento, nem as interações posteriores. Não participou dos debates sobre o pré-livro. Não se envolveu com as discussões sobre o Cenatin. Se os fez, foi apenas indiretamente e por meio de terceiros, sem jamais discutir nada diretamente com este autor.

Não obstante, assinou embaixo das afirmações, submetendo-se ao risco de divulgar falsidades. A indignação superou-lhe o benefício da dúvida conferido pelo princípio da descrença.

Pessoas de representatividade, vocês parecem orgulharem-se de exibir arsenal bélico, não se importando caso contaminem com intimidação e medo uma cultura de intenções progressistas. A Democracia Pura, rastejante, passa longe de vocês.

Vocês suspenderam os limites da agressão para defenderem pontos de vista. Posso estar errado porém não posso apenas trocar um erro por outro, acatando suas

afirmações como verdadeiras apenas porque vocês as querem forçar a todos.

Mesmo se fosse verdade a afirmação sobre este autor ser avesso às críticas substanciais, estaríamos quites. Duvido que vocês aceitem críticas às suas noções de invéxis. A única diferença é que não tenho objeção à sua liberdade de expressá-las, onde e quando quiserem.

Enquanto isso, deixo a seu critério definirem o que é, ou não, referência em Conscienciologia ou Invexologia. Esta nunca foi minha pretensão.

Não sei o que é sentir ou querer expressar tamanho repúdio por alguém. Mesmo se você causa prejuízo, não vejo necessidade para aversão nesse estilo 8 ou 80, ou manifestações públicas ao modo desta. Mas em fim, temos maneiras diferentes de pensar.

Caro Filipe, trabalhamos juntos por 5 anos e continuamos a interagir nos 3 seguintes. Apesar deste nosso desentendimento, se eu tivesse que apresentar seu histórico ao público, por iniciativa própria, a vontade sincera é elaborar texto tão longo quanto este, apenas para explicitar todas as realizações, conquistas, vitórias, aprendizados e demais experiências gratificantes que vivenciei com você nesse período, além de todas as qualidades que admiro em sua personalidade. Afinal de contas, elas foram muito mais relevantes à evolução do que nossas discordâncias.

Caro Ivo, nosso histórico é menor, até onde sei, mas também não tenho motivos para considerá-lo digno de repúdio. Desde quando estudou junto com meus familiares, às histórias compartilhadas por voluntários do IIPC-FLN, às palestras e cursos seus por mim assistidos, ao que conheço do seu trabalho, sempre me pareceu alguém de ótimo caráter,

acessível, engajado, assíduo, didático, detalhista, sério mas bem-humorado.

Mas se vocês consideram ser este o preço justo a ser cobrado, quem pode contestar? Na certa, leram esta carta na íntegra. Não sei, apenas, com que interesse. A mim, interessa, sobretudo, não ter sido injusto nem faltar com a verdade, para poder identificá-la em vidas futuras como referencial seguro, a tempo de não repetir os mesmos padrões.

Falem o que pensam sobre a invéxis e faremos ciência. Tentem convencer-me do que pensam e farão doutrinação. Induzam leitores a apriorismos sobre trabalhos não autorizados e tornar-se-ão líderes sectários.

Estimados críticos, se escolherem seguir em frente com a mesma conduta, tenho certeza de sua intenção ser abrir os olhos do público. Portanto, estamos juntos nesta luta. Porém não esqueçam: ao abrir os olhos, a pessoa quer ver em todas as direções. Olhará para vocês também e, quando este dia chegar, não adiantará a melhor heterocrítica pois será preciso, mesmo, autocrítica.

Se a pessoa malinformada pode até criticar os Serenões por serem anônimos, passarem-se por mendigos ou portarem corpos oligofrênicos, o que 2 escritores com boa capacidade argumentativa não são capazes de dizer a respeito de alguém de nível evolutivo bastante inferior?

A escolha é sua. A maturidade alcança a todos nós. Há dois desfechos possíveis em qualquer relação interconsciencial: a Paz (harmonia) ou o conflito (desarmonia, pseudo-harmonia). Quando considerarem já estarmos maduros para abordar nossas diferenças de maneira pacífica, minhas portas estão escancaradas. Mesmo não sendo referência em nada, serei sempre um apologista sadio da Conscienciologia e demais ideias ou práticas nas quais encontre propulsores evolutivos.

Quanto à heterocriticidade, guardo-a para onde vislumbre chances de mudança positiva e não impositiva.

Aos que considerem autor e obra incompatíveis com o paradigma consciencial, farão por bem tratá-los como descartáveis. Aos demais, permaneço inteiramente aberto ao que possa ser útil. Minha gratidão não se reduz em absolutamente nada por todas as realizações e aprendizados destes quase 5 lustros. Desejo a todos, os melhores augúrios na construção do saber conscienciológico e votos de completismo existencial.

17 de março de 2013



Anexo IV: Comentários aos coordenadores da Assinvéxis

Prezados(as) Alexandre Zaslavsky, Alex Beltrame, Felipe Scheidt, Kelly Wheires, Laiza Pâmela, Marcio Aoki, Natalia Amêndola e Viviane Fernandes,

Gostaria de tecer observações a respeito de sua Declaração, publicada em http://www.assinvexis.org/declaracao_da_assinvexis_sobre_o_livro_teaticas_da_invexologia.pdf, também denominada Declaração da ASSINVÉXIS sobre o livro Teáticas da Invexologia.

1. EXCEÇÕES

Ao item 1 (Relativização), demonstram considerar que “admitir exceções” signifique “distorcer” um conceito ou técnica. Queiram fundamentar esta ideia, pois colocada como está, não tem conexão lógica.

Considero falha sua interpretação, uma vez que chamaram de distorção a reflexão questionadora, nada peremptória ou taxativa, de uma página a qual cita “condutas de exceção”, “conforme o caso”, “em hipótese”, “situações limítrofes”. Omitem, ainda, a frase mais assertiva do capítulo: “tais exceções não invalidam os procedimentos invexistas básicos,” e que o leitor não deve utilizá-las como subterfúgios facilitadores ou reconfortantes quanto à técnica. Ignoram também vários capítulos onde proponho diretrizes gerais sobre evitações invexológicas.

Na sequência, concluem o parágrafo com outro argumento desconexo, que em nada se opõe ao livro: “Invéxis não é direito a ser defendido, mas técnica a ser aplicada. A alternativa à técnica da invéxis é a técnica da recéxis.” O que vocês fizeram foi apresentar o livro de maneira distorcida (“considera a invéxis um direito a ser defendido”), e apresentar a invéxis de maneira distorcida (não admitem exceções).

Se vocês estão propondo que a invéxis não admita exceções, queiram fundamentar a lógica deste argumento, pois até agora não há publicação fazendo tal sugestão. Lembro-os, ainda, que na própria obra propositiva 700 Experimentos da Conscienciologia (páginas 690, 692 e 712) além de debates públicos (por exemplo, <http://www.youtube.com/watch?v=on9cV-hzLV0>), a ponderação sobre exceções é bastante evidente e faz parte da discussão.

2. OBJETIVO

No seu item 2 (Incoerência), vocês igualam os conceitos “objetivo complementar” e “interesse central”. A incoerência está, portanto, na sua interpretação e construção argumentativa.

3. CRÍTICAS

No item 3 (Refratariedade), é preciso tecer uma série de considerações. Na reunião chamada por vocês de “acareação”, não foram “feitas heterocríticas em diversos pontos do texto”, e sim, foi lido um parágrafo. Aquela reunião não foi uma discussão sobre o livro, mas uma imposição para fazer-se valer o desejo expressado por vocês: “a ASSINVÉXIS posicionou-se contra a publicação do texto”. A reunião determinou o fim da publicação, antes mesmo de o autor conseguir discutir com a editora e pareceristas sobre qualquer modificação no trabalho.

Apenas 2 dos signatários de sua carta estavam presentes à dita reunião. Tenho dúvidas se a Assinvéxis posicionou-se contra a publicação, ou os voluntários representantes utilizaram a Assinvéxis para veicular a própria contrariedade ao livro. Se a primeira opção é válida, queiram esclarecer onde, no estatuto social da instituição, é papel da mesma interferir sobre processos em andamento entre autor e outra editora (Editares).

As heterocríticas apresentadas no evento se resumiram à leitura de um parágrafo que levou os acusadores, aos gritos, a determinarem à Editares “devolver o livro do autor, mandar engavetar, dizer que não presta e precisa ser queimado em praça pública”. Mal houve interesse em escutar qualquer coisa dita pelo autor. Este só se pronunciou após o veredito, quando alguns participantes já haviam se retirado. Parece ser esse tipo de crítica, no estilo “cale-se e acate”, que vocês julgam ser importante para subsidiar uma obra baseada no princípio da descrença.

No debate de 07.02.2010, participou, se não me falha a memória, apenas 1 (um) dos 8 signatários da sua Declaração. Os demais, novamente expõe-se a ratificar ideias com base em versões bastante errôneas dos acontecimentos.

Em 1o lugar, nenhum dos assuntos criticados em sua declaração existia àquela data, a dizer: os capítulos citados em seu item 1 e 4, o objetivo complementar ao item 2, o título alternativo ao item 5 e o apontamento relativo ao item 6. Não havia como estas “heterocríticas a diversos pontos do texto terem sido feitas”, pois os pontos mencionados no texto não existiam.

Em 2o lugar, a “refratariedade” definida por vocês como não ter aceito estas críticas é melhor do que tê-las aceitado, uma vez que, conforme demonstro aqui, as mesmas possuem vários pontos falhos. Aceitar ou rejeitar críticas não é nem

virtude nem defeito; é decisão correta quando baseada no juízo racional e coerente.

Vocês ignoraram as várias heterocríticas feitas ao autor, desde 07.02.2010 até a data da publicação, que foram atendidas e fundamentais para levar um esboço ao resultado final. Ignoraram, também, no mínimo outros 7 debates abertos, divulgados, onde o autor explicitamente apresentou capítulos da obra. Ao que me recordo, apenas o prof. Marcio participou do evento em questão, e junto com a profa. Laiza, esteve na “acareação”? Portanto, onde estavam os demais, Alex, Felipe, Kelly, Natalia e Viviane? Quais críticas fizeram vocês ao livro, ao longo de todo esse período?

4. CENATIN

Se vocês consideram como sendo “ingerência” apresentar ideias sobre um conceito, no caso, o cenatin, dentro do debate científico, estão enganados. Ingerência é interferir em sua propriedade, mas as ideias sobre as quais tratamos pertencem ao domínio público.

Sinônimos são ideias com semelhanças relevantes. Portanto, não “atribuí funções” ao Serviço de Apoio ao Inversor Existencial mas, sim, citei-o como sinônimo de cenatin. São coisas diferentes. Se vocês ou pessoas diretamente ligadas ao Serviço afirmarem não serem sinônimos, admitirei a correção imediatamente.

Observem a distorção em sua afirmação: “o autor defendeu o verbete ‘Cenatin’ publicando ideias desatualizadas em relação ao atual Serviço de Apoio ao Inversor Existencial”. Aqui, são vocês a fazerem ingerência. Estão deixando claro que sou obrigado a escrever aquilo que vocês querem. Deixam explícita a mensagem de que vocês se consideram detentores do que há de mais atualizado, e de que pessoas interessadas em

escrever sobre invéxis são desencorajados a apresentarem qualquer coisa sem a sua anuência.

Quando informam: “em 09.03.2011 a ASSINVÉXIS chamou o autor, expôs francamente as crítica e solicitou adequação do verbete ao que é praticado no Serviço de Apoio ao Inversor Existencial”, mostram novamente que a intenção de ingerência é sua, não minha.

À ocasião (na qual, se me recordo, de todos vocês, apenas Felipe participou) fiz dezenas de marcações, inclusões, cortes e alterações no verbete, e recebi ainda, de suas mãos, material extra para trabalhar em casa. No total, eram 13 folhas de anotações para trabalhar na revisão do verbete. É mentira afirmarem: “O autor negou-se a fazer qualquer mudança em seu verbete.”

Em outra tentativa de ingerência, tentaram me obrigar a modificar o título do verbete. O que vocês tentavam impor era que o autor, ou escrevesse sobre Serviço de Apoio ao Inversor Existencial, ou não escrevesse nada.

Esta postura intransigente manteve as reclamações, após a reunião – motivo pelo qual sugeri à equipe da Enciclopédia deixar o verbete de fora, ou em *stand by*, como preferissem. Vocês deveriam estar satisfeitos. Atendi seu pedido. Dei carta branca para excluírem o verbete cenatin.

Se eu me considerasse apto para escrever um verbete chamado Serviço de Apoio ao Inversor Existencial, escreveria, mas acho que essa tarefa é melhor desempenhada pelos responsáveis do mesmo.

Portanto, as ingerências têm sido praticadas por seus representantes, pressionando e interrompendo a editoração de 1 livro e de 1 verbete, em postura que duvido realmente representar os preceitos estatutários da Assinvéxis.

Sugiro, também, evitem dizer que “não existe o referido Centro [cenatin]”, pois o mesmo consta das funções estatutárias

(http://www.assinvexis.org/pi/users_uploads/estatuto.pdf).

Pode ser o caso de consultarem a Assembleia Geral sobre alterações oportunas acerca desta questão.

5. TÉCNICA

Cito o parágrafo criticado: “esta publicação também pode ser chamada: 1. Caderno de campo invexológico. 2. Compêndio crítico invexista. 3. Guia conscienciológico aos jovens. 4. Manual antiporão consciencial. 5. Inventário de argumentações inversivas. 6. Vade-mécum da inversão existencial.” Sim, a obra presta-se para estas 6 finalidades. Concluir, entretanto, que isto é apresentar a invéxis como “condição de comportamento juvenil espontâneo” é resultado da interpretação falha. É maneira rápida, apressada, atropelada, para convencer o público quanto à sua determinação sintética: “o livro minimiza a invéxis, sendo desserviço à mesma e uma regressão nos debates sobre o tema”.

Sua postura frente à obra é que minimiza a invéxis, pois vocês a transformam em verdade absoluta. Observem as opiniões alheias a respeito dos “inversores” e perceberão os desserviços que prestam da maneira como agem. Utilizam a Assinvéxis para “autorizar” o que pode ser dito ou escrito, inclusive à revelia de outras instâncias editoriais. Isto, sim, é regressão nos debates sobre o tema.

6. REVISÕES

Sua declaração possui mais conflitividade do que qualquer página da obra criticada, portanto, não atribuam tal postura a mim.

O parágrafo no qual cito a “inversão normativa” está inserido na construção de argumentos inteiramente ligados à forma e ao estilo do livro. Vocês demonstram querer gerar apenas incompreensão, revolta, indignação, quando dizem que estou aplicando “justificativa ao ato transgressor de publicar texto sem revisões, independente do ciclo de editoração necessário à publicação”.

O texto conteve revisões, inúmeras, derivadas de *feedbacks* escritos e verbais de aproximadamente meia centena de pessoas. Apenas vocês oito (alguns dos quais jamais revisaram uma vírgula) se apresentam como se fossem oniscientes, julgando conhecer o processo de críticas e revisões, e também como se fossem onipotentes, deixando claro que apenas as críticas de vocês são relevantes.

Lembro, ainda, que o livro estava inserido no ciclo editorial, interrompido por um ato transgressor que, ao que me consta, partiu de seus representantes e alguns colegas, clamando por intervenção impositiva, paternalista, suprainstitucional, julgando que a Editora e seus 5 pareceristas eram incapazes de continuar auxiliando o autor no trabalho em andamento.

No dia seguinte à publicação de sua carta, como bem sabem, a mesma serviu de combustível para uma Tertúlia que fala por si (<http://www.youtube.com/watch?v=buNI2kStx-k>). Seus coordenadores gerais nela se manifestaram, demonstraram cumplicidade ao que se dizia e foram, em boa medida, coadjuvantes do evento, o qual só é defendido por uma microminoria, mas é acatado em silêncio por muitos discordantes. Serve também de lenha na fogueira para pessoas belicistas, contra um ou outro lado da estória, mas é considerado deplorável por qualquer indivíduo com bom senso razoável e despojado de acrobacias retóricas.

Eis por que, em acordo com sua afirmação de a invéxis buscar anticonflitividade, a reação de vocês e conivência à reação de outros está longe do que posso considerar invexológica.

7. DECLARAÇÃO

Sua declaração foi publicada no dia do lançamento do livro. Este foi apresentado ao público em torno das 13:00, dando-lhes no máximo 11 horas para ler, discutir e redigir o parecer.

Não é à toa que suas críticas pontuais fazem menção a uma página e outros 4 parágrafos. O restante se resume a afirmações vagas, peremptórias e distorcidas, que mais evidenciam a intenção atacante do que a apreciação do livro em si. Como pretendiam fazer uma análise não precipitada de um trabalho em poucas horas?

Em geral, vocês “deram de ombros”, durante vários meses, para depois tentarem colocar um ponto final aos gritos através de “acareação” e, por fim, tencionam resolver assuntos tão sérios em carta escrita às pressas, que agora faz parte de um contexto impositivo, onde imperam tabus, sobre os quais duvido algum voluntário debater sem ser repreendido. Avaliem a maneira como envolvem a Assinvéxis em atos que nada têm a ver com os princípios estatutários da instituição, e que só ajudam a desestimular a imagem de uma entidade aberta, receptiva, democrática, científica, não dogmática, e outros tantos valores que possui na base legal.

8. REFERÊNCIA

Por fim, teço comentários acerca de sua afirmação: “a Assinvéxis não reconhece a obra como referência à ciência Invexologia.”

Para que o livro não fosse extensivamente apreciado, vocês colocaram este ponto final no assunto. Eu lhes pergunto: conhecem algum livro que tenha se tornado referência na área, poucas horas depois de publicado? Para mim, isto é impensável no meio científico. A referência é algo que se constrói e se transforma ao longo das discussões dinâmicas.

Na ciência o que ocorre é justamente o contrário. Todos estamos acostumados com observações do tipo “o texto desta publicação é de responsabilidade do autor e não reflete opiniões desta instituição.” Portanto, não cabe a mim escrever o que vocês consideram como referência em Invexologia. Esta incumbência é sua. Na ciência, cada um escreve aquilo que julga ser referência no assunto em pauta, e quando honesto, não tem a pretensão de receber esse status de mais ninguém.

Do contrário, que as referências surjam naturalmente dentro do trabalho da comunidade científica, e não com cartas apressadas de pessoas falando em nome de instituições.

Eu me sentiria preocupado caso esta obra, ou qualquer outra, logo após a publicação recebesse manifestação oposta: “a Assinvéxis reconhece-a como referência”. Isto sim seria uma espécie de *imprimatur* ou aval religioso.

Vocês parecem julgar que a Instituição precisa defender a “verdade oficial” sobre invéxis, ao invés de fomentarem o debate democrático, o acolhimento de iniciativas, o encorajamento de diálogos extrainstitucionais, o fomento ao pensamento divergente.

Prezados coordenadores, nem a invéxis, nem a Invexologia são status a defender. A carta de vocês é uma briga por status a qual não me interessa. Vocês mostram acreditar que compete ao Colegiado Executivo dizer o que é referência em Invexologia. E além disso, mostram acreditar que compete a este mesmo colegiado dizer quem ou o que pode ser publicado.

Quando publiquei a obra, fui acusado de citar pessoas na condição de avalistas. Pois bem, vocês, coordenadores da Assinvéxis, estão a defender, nesta declaração, o direito deste colegiado executivo agir na condição de avalista – papel já anacrônico e ultrapassado há séculos. Querem tornar a coordenação desta IC um pré-requisito através do qual obras e verbetes invexológicos precisem passar. Isto, sim, considero retrocesso à pesquisa.

A invéxis, igual a qualquer proposta conscienciológica, é definida e também transformada ao longo do tempo conforme o exemplo coerente das pessoas engajadas à mesma, e não é “condição a ser defendida” por pessoas que detém esta ou aquela posição institucional. Portanto, não queiram atribuir ao Colegiado Executivo, autor da “Declaração”, papel que não lhes compete.

Se vocês, no papel de coordenadores, quiserem definir ou não o que é referência em Invexologia, o próximo passo é determinar os critérios. É referência estar de acordo com os 700 Experimentos? É referência não admitir exceções? É referência ser publicado pela Editares? É referência ser aprovado pelos coordenadores gerais? Como percebem, entrarão em beco sem saída. A Instituição não será um “conselho de classe”, pois não faz sentido defender o status de obra invexológica, mas tampouco será uma “entidade de pesquisa”, pois a pesquisa já começará pré-condicionada.

A declaração revelou muito mais acerca de vocês, e muito pouco acerca do livro criticado. Procuram falar em nome da Assinvéxis e como resultado estão a utilizá-la como escudo para ficarem menos sujeitos a questionamentos. Gostaria de saber se algum de vocês tem disposição para falar tão só em nome de si mesmo e debater com o autor qualquer tese apresentada no livro criticado?

Defenderam evento no qual seus coordenadores gerais pressionaram pela interdição de um livro então inserido dentro do processo editorial, e outro evento no qual pressionaram o autor para alterar conteúdo e título do verbete. Portanto, sua defesa relativiza o papel da Editora e o papel da Equipe de Revisão Enciclopédica, na competência destas para determinar a qualidade de um trabalho.

Se afirmam representar a Instituição, aceitam disponibilizar no site institucional o livro que motivou sua declaração, e/ou esta carta, ou respectivos *links*, como o fiz com a sua declaração? A Instituição “visa promover, divulgar e debater sobre a técnica da inversão existencial e temas afins, por exemplo: adolescência, planejamento de vida desde a juventude, evolução íntima, parapsiquismo, desenvolvimento da intelectualidade, convivialidade sadia, carreira profissional e programação existencial” (<http://www.assinvexis.org/assinvexis.php>). Para promover debate é preciso apresentar argumentos de ambos os lados, a não ser que desejem apenas a liberdade de expressão que fale a seu favor.

28 de março de 2013

Anexo V: Comentários aos coordenadores gerais da OIC

Prezados(a) Roberta Ferreira e Leonardo Paludeto.

Apresento meus comentários a respeito de sua Declaração, publicada em http://www.assinvexis.org/declaracao_da_oic_sobre_o_livro_teaticas_da_invexologia.pdf, intitulada *Declaração da OIC sobre o livro Teáticas da Invexologia*.

1. REUNIÃO

Não ficou esclarecido o papel desta instituição na “reunião de 09.06.11” mencionada em sua declaração. Submeti um livro à Editares. Faz parte de qual trâmite, antes de a própria editora dar devolutiva ao autor, a OIC intervir favorável ou contrariamente à publicação? Percebam que nem a Editares havia se posicionado sobre publicar, pois a tramitação do livro estava apenas no começo.

Conforme sua declaração, “a OIC se posicionou contrária à publicação” e na reunião “ficou decidido que o livro não seria publicado pela Editares”. De que serviria, então, conforme afirmam, a OIC “oferecer *feedbacks* para a correção de equívocos”? Se vocês queriam “corrigir equívocos”, por que apoiaram o cancelamento do processo editorial, se justamente o processo editorial é estruturado para aperfeiçoar a obra?

2. EQUÍVOCOS

É muito fácil apresentar sentenças taxativas do tipo: “uma série de conteúdos equivocados e contrários à Invexologia e à Conscienciologia” ou “a OIC questiona algumas dessas menções [à Consciencioterapia] em momento oportuno serão publicadas as heterocríticas referentes a esses conteúdos.”

Passou-se 1 ano desde a publicação de sua carta e nada mais falaram a esse respeito (a não ser que considerem a Carta do prof. Ivo Valente uma representação da opinião da OIC). De qualquer modo, o livro cita a especialidade Consciencioterapia em 39 capítulos, além de fazer correlações com a saúde em outros tantos. Até o presente, não recebi heterocríticas da OIC em relação a estes capítulos, nem à “série de conteúdos equivocados e contrários à Invexologia e à Conscienciologia.”

3. EXCEÇÕES

Vocês não fundamentam o argumento de que refletir sobre exceções hipotéticas à invéxis com respeito ao matrimônio, à maternidade, ao aborto e a tantos outros significa um “erro sério”.

Vocês afirmam: “Exemplo de erro sério está na página 155, quando o autor declara que aborto e casamento não são necessariamente anuladores da Inversão Existencial, quando na verdade ambas as condições são totalmente incompatíveis com a Invéxis”.

Esta afirmação demonstra que vocês: (1) não leram o referido capítulo de maneira cuidadosa; (2) optaram por descontextualizá-lo do restante do livro; (3) não estão atentos ao fato de que são discutidas, sim, exceções, em outras publicações da CCCI; (4) querem encerrar discussões em estilo peremptório; e (5) consideram-se no direito de barrar um livro com o qual não concordam, em nome da OIC.

4. PARECERISTA

Não era o caso de o prof. Ivo Valente autorizar a colocação do seu nome na condição de parecerista técnico da publicação. A menção das pessoas e fontes utilizadas para elaboração de obra é dever do autor. Ainda mais uma posição tão séria quanto a de parecerista. Lhes asseguro que o prof. Ivo não precisará responder pelo conteúdo da obra. Em momento algum é afirmada a concordância do mesmo com o trabalho. Todos sabemos que o responsável por qualquer obra é o autor.

5. CASO

Profa. Roberta, à Tertúlia de 15.01.12 você esteve presente e se manifestou. No evento buscou-se elaborar diagnóstico público, ao vivo, online, segundo o qual o autor era, entre outras coisas, psicopata. Alguns pesquisadores da consciência procuraram contribuir com opiniões a esse respeito.

No evento você se manifesta “em nome da OIC” informando que a instituição vinha “acompanhando o caso há cerca de um ano e meio” (<http://www.youtube.com/watch?v=buNI2kStx-k>).

Gostaria de conhecer quais informações vocês levantaram ao longo desses 18 meses. Como foi feito este “acompanhamento de caso”? À distância? De maneira indireta? Gostaria, realmente, de conhecer a “ficha” que vocês tinham. Qual a utilidade de acompanharem um caso durante 18 meses, sob total desconhecimento da pessoa acompanhada, para depois simplesmente divulgarem a público o que fizeram, e não mencionarem nada mais a esse respeito?

6. LIBERDADE

Vocês afirmam corretamente: “A OIC não é contra a liberdade de expressão.” Mas vocês são, e nesta carta, falam em nome da OIC para dar força à sua postura censuradora. Quando não forem contrários à liberdade de expressão não precisarão informá-lo, pois seus atos darão o exemplo.

28 de março de 2013